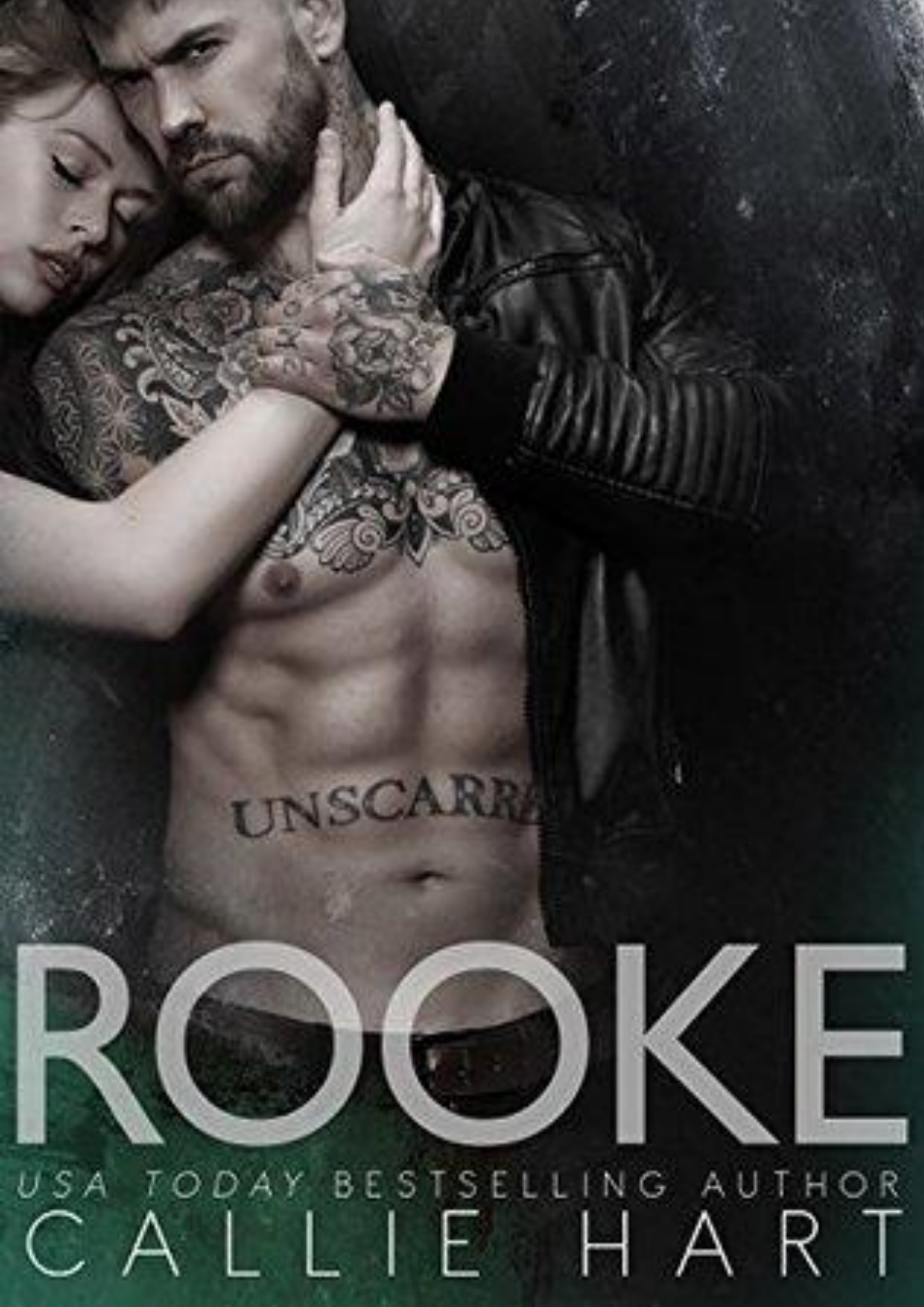
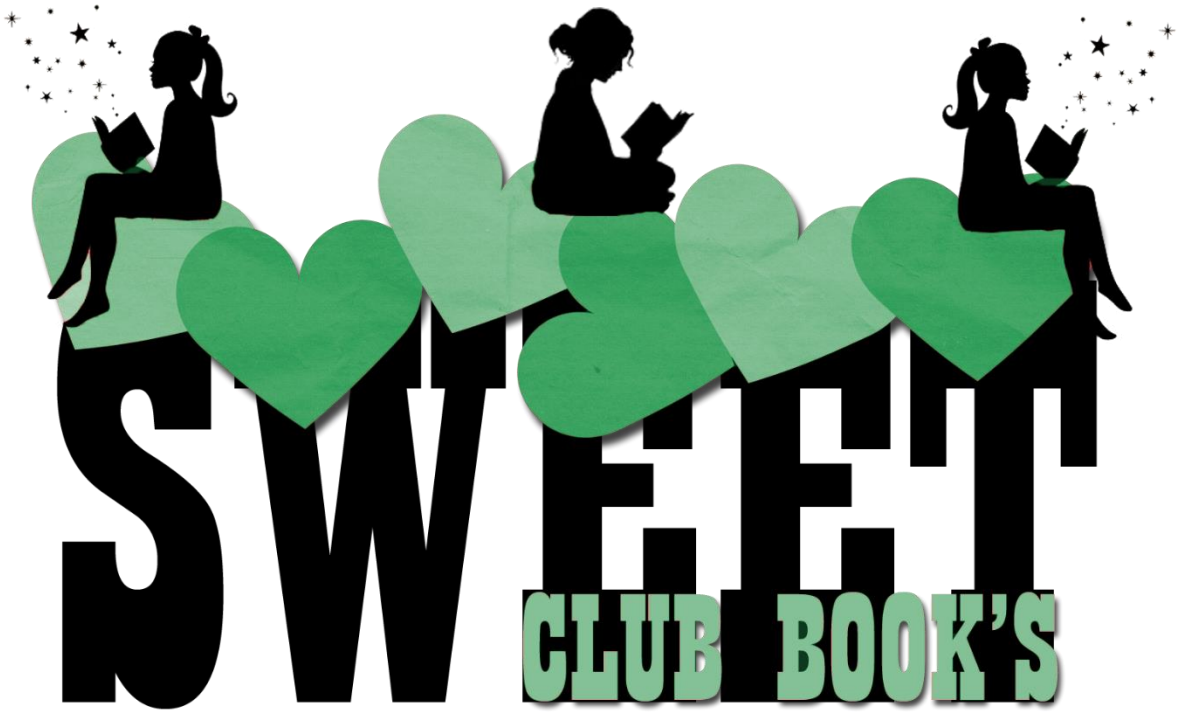


ROOKE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

CALLIE HART



Disponibilização: Eva

Tradução: Bianca

Revisão Inicial: Callie, Angelita, Bia, Luciana, Nane

Revisão Final: Nane

Leitura Final: Logan

Conferência: Jane Marple

Formatação: Eva

Março/2019

RELOJOEIRO. LADRÃO DE CARRO. EXTRAORDINÁRIO DESTRUIDOR DE CORAÇÕES.

Rooke Blackheath passou tempo suficiente no reformatório para saber que realmente não quer ir para a cadeia. A comida é uma porcaria, as roupas pinicam e não há absolutamente nenhuma mulher à vista. Bem... Pelo menos, nenhuma que ele queira foder.

Ele provavelmente deveria parar de roubar carros, mas o dinheiro é astronômico e a adrenalina é coisa de outro mundo. E por que ele deveria virar as costas para algo que deixa sua alma em chamas?

A resposta para essa pergunta vem de uma forma inesperada: um pequeno foguete de um metro e meio chamado Sasha, que não lhe dá a menor bola, não importa o quão enfeitiçado ele esteja.

Rooke não é facilmente dissuadido, no entanto. Assim como os relógios que constrói a partir do zero, sabe muito bem como as mulheres funcionam. As mulheres são um jogo para ele. Um jogo que sempre vence.

Sasha não tem chance.

***

A vida de Sasha Cross saiu dos trilhos permanentemente desde que seu filho morreu há cinco anos. Você não saberia só de olhar para ela, é claro. Ela tem um ótimo trabalho, uma bela casa e amigas atenciosas. Toda semana organiza um clube de livros com as histórias mais românticas e sensuais do planeta, e se apaixona por um novo cavalheiro fictício de armadura brilhante.

Homens fictícios são perfeitos. Eles não machucam, não partem seu coração, não te traem depois que seu filho morre e raramente deixam o tampo do vaso sanitário em pé.

Quando Rooke Blackheath aparece no local de trabalho de Sasha, fica claro que não é nada como os homens que enfeitam as páginas dos livros favoritos dela. Perigoso, arrogante, de língua afiada e sarcástico, Rooke não é o tipo de cara que ela precisa em sua vida. Sem mencionar o fato de que é onze anos mais jovem.

Eles não vivem em mundos diferentes. No que diz respeito à Sasha, Rooke vive em uma galáxia diferente. Ela gostaria de continuar assim, mas o destino parece ter outros planos.

Quando Cinderela perdeu o sapato, o Príncipe Encantado apareceu na porta dela.

Quando Sasha Cross perde seu livro, um tipo totalmente diferente de trapaceiro aparece.





“Eu não sou jovem o suficiente para saber tudo.”

Oscar Wilde



CAPÍTULO 1

TERAPIA

SASHA

Afogamento é uma maneira pacífica de morrer.

Há o pânico no começo, é claro. Seus pulmões gritam por oxigênio, sua mente se revolta, flashes de luz roubam sua visão, todos os músculos do seu corpo vão queimando, enquanto suas células começam a morrer. E então o terrível momento em que não pode mais manter os lábios fechados, já não pode negar o desejo primordial de inspirar, e você faz isso, abre a boca, sabendo o que significa: a água fria inundará seus pulmões: *Este é o fim.*

É quando tudo diminui. Uma espécie de calma toma conta de você, e o pânico e o medo se dissolvem, é quando seus membros começam a ficar dormentes. Não demora muito. A agonia acaba. O martelar nos seus ouvidos para. As coisas mundanas e bobas que atormentam sua vida cotidiana não são mais importantes. E então você simplesmente... vai embora. Pelo menos foi assim para mim, de qualquer forma. Toda noite, quando fecho os olhos, revivo a manhã de cinco anos atrás, quando o caminhão da Chuck Holloway Moving Co., com o para-brisa estilhaçado e com um pedaço de corda segurando a maçaneta da porta do motorista, atravessou a autoestrada batendo no meu sedan, fazendo meu carro cair do outro lado da ponte do Brooklyn, comigo dentro dele. Lembro-me da rapidez da queda e do terror quando a frente do carro bateu na água, depois o frio e a violenta corrida para escapar.

Eu não estava pronta para morrer. Além do mais, não estava preparada para o meu filho de seis anos, preso no banco de trás do carro, morrer. Sabia que tinha que chegar lá atrás antes do carro submergir, soltá-lo, arrastá-lo para os meus braços, forçar a porta a se

abrir e nos levar para longe do naufrágio. Não foi possível, no entanto.

"Comece de novo, Sasha. O que você fez no momento em que o carro bateu no rio?"

Mais uma vez, estamos passando por isso. Mais uma vez, devemos refazer os mínimos detalhes, avaliando e medindo cada uma das minhas ações. O Dr. Hathaway sorri suavemente enquanto fico tensa no meu lugar. É um assento muito confortável, admito, mas desprezo esta cadeira. Ter que sentar nela uma vez por semana, cinco anos após o acidente, é uma sentença de prisão auto imposta da qual nunca estarei livre. O Dr. Hathaway, com quarenta e tantos anos, seu cabelo grisalho ainda espesso, sua camisa imaculadamente apertada, e os óculos de marca com grossa armação, cruza as mãos no colo e espera que eu comece.

"Bem. Eu bati minha cabeça no volante. Isso realmente dificultou a visão adequada".

O Dr. Hathaway acena com a cabeça. "O que você estava sentindo quando a água começou a encher o carro?"

"Eu estava com medo. Mais do que assustada. Não conseguia respirar. E Christopher..." Olho para o outro lado, para fora da janela do décimo sétimo andar de seu escritório em Manhattan, sem realmente ver os outros arranha-céus ou o frio e azul-claro do inverno de Nova York do outro lado do vidro. "Christopher estava gritando", digo baixinho. "Ele sempre foi tão quieto. Nunca fez nenhum som real, mas *naquele* dia... Christopher era surdo. Ele nunca entendeu muito bem que quando abria a boca e respirava, as cordas vocais produziam som, então nunca fez isso. O dia em que nosso carro passou pela ponte e entrou no rio foi a primeira vez que o ouvi gritar desde que era um bebê."

O silêncio paira sobre nós como um cobertor sufocante no escritório do Dr. Hathaway. Sei que ele não vai me cutucar mais. Ele não vai me fazer mais perguntas. Cabe a mim passar por cada fração de segundo do acidente até chegar ao fim agora. Quanto antes

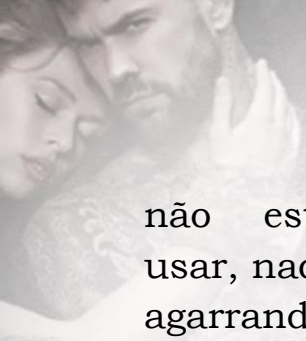


começar, mais cedo tudo estará terminado. Eu limpo minha garganta.

"Ele estava gritando. Eu não podia pensar direito por um momento. Estava tão aturdida por ter batido a minha cabeça que fiquei sentada lá, tentando descobrir o que diabos estava acontecendo. E então tudo começou a cair de lado e percebi que algo realmente ruim estava acontecendo. Algo extremamente ruim. Ainda posso sentir o peso daquela terrível percepção se instalando em meu estômago. Sinto isso pelo menos três ou quatro vezes por dia, não importa o quão bem eu possa estar."

Eu continuo a contar a minha história, experimentando tudo de novo enquanto revivo a água escura engolindo o carro. "Eu soltei meu cinto de segurança. Era difícil subir para a parte de trás do carro. Parecia que o carro estava girando quando afundou na água, como se estivesse invertido. Foi difícil me mexer. Meus braços e pernas pareciam estranhos e eles não queriam trabalhar corretamente. Christopher estendeu a mão para mim. Ele estava com tanto medo e continuou fazendo sinais para mim uma e outra vez. Ele estava tentando sair de sua cadeira sozinho, mas nós compramos um assento de carro realmente bom para ele. Andrew insistiu que conseguíssemos algo forte, algo resistente. Algo de onde ele não pudesse sair. O botão era realmente duro. Ele não era capaz de pressioná-lo. Seus dedos não eram fortes o suficiente. Eu finalmente consegui me puxar para trás, e o soltei. Ele subiu em meus braços. Eu não sei quanto tempo isso levou. Parecia que foi muito tempo. Muito tempo. O corpo de bombeiros disse que não poderia ter sido mais de dez a quinze segundos, porém, o carro não poderia ter afundado tanto se ainda pudesse ver as luzes da ponte sobre as janelas traseiras, mas eu não via, parecia uma eternidade."

"Então tentei abrir a porta do carro. Aquela ao lado da cadeirinha de Christopher. Estava bloqueada, no entanto. Não abria e eu não podia fazer nada para movê-la. Chutei a porta. Usei os dois pés para tentar quebrar o vidro. Eu vi um programa que dizia que você deveria usar a fivela do seu cinto ou algo assim, e deveria enrolar o cinto no sapato e usar a parte de metal duro para abrir o vidro, mas



não estava usando cinto. Não encontrei nada duro para usar, nada. Christopher estava frenético. Estava tremendo inteiro e se agarrando a mim, enterrando o rosto no meu ombro. Eu continuei gesticulando para ele que tudo ia ficar bem, mas sabia que não ia. Sabia que estava mentindo, e me senti... senti-me tão culpada. Eu falhei com ele. Não pude salvá-lo. A água continuava entrando no carro e eu não conseguia impedir. Não demorou muito para que o carro estivesse quase cheio. Christopher...” Engasgo com o nome dele. Essa parte da história é sempre tão difícil de reviver. A ponta afiada da dor que flui através de mim é o suficiente para roubar meu fôlego, mesmo agora, depois de ter passado tanto tempo.

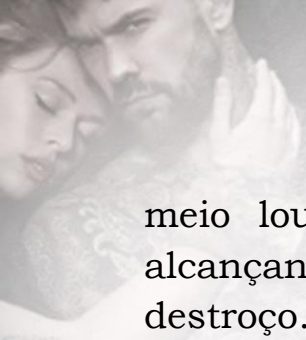
“Christopher me beijou na bochecha e gesticulou que me amava. Ele tinha seis anos e sabia que ia morrer. Uma criança não deveria ter que... Deus, nenhuma criança deveria ter que enfrentar esse conhecimento. Não está certo.”

Hathaway acena com a cabeça. Sua expressão é impassível. Não há julgamento em seus olhos. Nenhuma emoção. Apenas uma vez desejo que ele deixe algo escapar. Eu gostaria de poder ver a condenação em seus olhos. A pena e o nojo que deve sentir sempre que falo sobre quando permiti que meu único filho morresse.

“Eu segurei a mão dele”, sussurro. “Estava tão fria. Ele estava congelando. Eu o segurei muito apertado. Quando a água subiu sobre nossas cabeças, eu o esmaguei em mim, e disse a ele que o amava também. E então... tudo ficou preto.”

“Você não se lembra do policial que saltou do barco de patrulha para a água atrás de você? Não se lembra dele quebrando a janela traseira?”

Balanço minha cabeça lentamente. “Eu me lembro de relaxar. Eu me lembro de esperar ver Christopher novamente. Isso é tudo.” Eu conto essa mentira toda vez que me sento na frente de Hathaway. Parece errado admitir que eu vi a forma sombria do homem nadando em direção ao carro. Lembro-me com perfeita clareza de como ele repetidamente batia e se debatia contra a janela do carro, até que finalmente conseguiu quebrá-la com uma pedra afiada. Eu estava



meio louca por prender a respiração, mas lembro de suas mãos alcançando o carro e me tirando, tentando me arrastar para fora do destroço. Eu não me empurrei para fora do veículo, no entanto. Não fiz nada para ajudar o cara a me salvar. Neste momento eu já sabia. Eu já sabia que Christopher estava morto. Também sabia que não poderia viver um dia nesta terra depois de desapontá-lo tão terrivelmente.

Nunca em todas as nossas sessões juntos, admiti a Hathaway que queria morrer. Queria ficar dentro do carro cheio de água, do carro que tinha desde a faculdade, e que queria ir com meu filho. Eu lutei contra o homem corajoso que estava tentando salvar minha vida. Tentei me afastar dele, me libertando de suas mãos fortes; fechei meus olhos e abri a boca. Eu queria que minha vida se fosse.

Foi quando tudo ficou negro de verdade. *Foi aí* que perdi a consciência e permiti que o vazio me levasse.

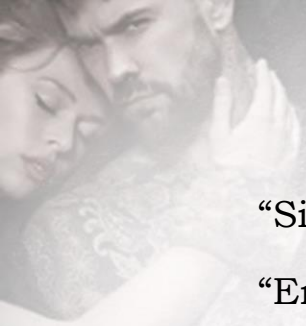
"Acordei no hospital dois dias depois sofrendo de hipotermia e com uma clavícula quebrada", digo. "E foi isso. Christopher estava morto."

Eu sempre acho tão difícil dizer essas palavras. Dizê-las é admitir o fato de que nunca mais vou segurar meu filho. Reconhecer o fato de que ele nunca verá seu sétimo aniversário, ou seu décimo, ou seu vigésimo primeiro. Ele nunca crescerá e terá aventuras na Europa, nunca terá filhos que farão seu coração explodir de calor toda vez que ele os vir sorrir.

"E o que você acha que poderia ter feito diferente, Sasha? O que acha que poderia ter feito para salvar Christopher? Para evitar o acidente em primeiro lugar?"

Olho fixamente para o chão. Minhas mãos estão rachadas do frio. Esqueci minhas luvas mais uma vez, e o vento lá fora tem sido pesado há semanas. "Eu não sei", digo baixinho. "Se eu não tivesse ficado tão confusa depois de bater a minha cabeça..."

"Os médicos disseram que foi um milagre você ter consciência, não foi? Eles não disseram que a força do golpe deveria ter quebrado o seu pescoço?"



“Sim. Eles disseram isso.”

“Então, como você poderia ter estado mais alerta?”

Não digo nada.

“O quê mais? O que mais poderia ter feito para salvar Christopher?”

“Eu poderia ter feito um caminho diferente para deixá-lo na escola.”

“A escola primária de Christopher era no Brooklyn, não era? Você tinha que atravessar a ponte para levá-lo até lá. Não havia outra maneira.”

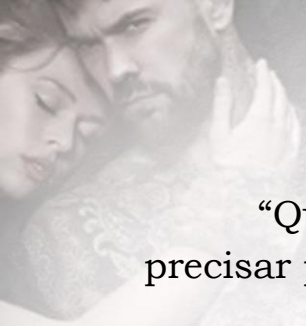
Mais uma vez, eu não digo nada.

“O quê mais?”

Existem milhares de maneiras pelas quais eu poderia ter alterado os eventos daquele dia a cinco anos, mas sei o quão ridículas elas soam para uma pessoa razoável. Elas são acontecimentos, e se apenas a premonição divina pudesse ter ocorrido: eu deveria ter tido alguma sensação de que algo terrível iria acontecer. Se eu tivesse, poderia ter saído mais tarde para deixar Christopher na escola. Poderia tê-lo mantido em casa. Poderia ter ligado e dito que ele estava doente, e poderíamos ter ficado em casa o dia todo, lendo, enfiados debaixo de um cobertor, fingindo sermos guerreiros espaciais ou robôs.

O Dr. Hathaway suspira, batendo a ponta da caneta contra a escrivaninha. “Você sabe que não foi responsável pela morte do seu filho, sabe no fundo do seu coração que foi apenas um terrível acidente. A polícia e o corpo de bombeiros disseram que não havia nada que você pudesse ter feito.”

“Quantas vezes nós temos que fazer isso?” Pergunto, finalmente olhando de volta para ele. “Quantas vezes você vai dizer isso antes de podermos mudar para outra coisa?” Sou rude. Meu tom é agudo e zangado, mas Hathaway simplesmente balança a cabeça.



“Quantas vezes precisarmos, suponho. Quantas vezes você precisar para perceber que é a verdade. Para *sentir* que é a verdade.”

Eu pisco para ele, pressionando minha unha na pele fina sobre o dedo indicador, prendendo a respiração. “Eu nunca vou me sentir assim.”

Hathaway coloca sua caneta na mesa na frente dele, seguida por seu caderno. Ele não parece incomodado com minhas palavras. Não parece ser afetado por elas de uma forma ou de outra. “Então acho que vamos fazer isso por um longo tempo.”



CAPÍTULO 2

CORAÇÕES SANGRANDO

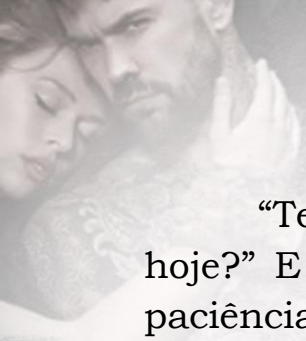
SASHA

"Por que você não vende? É tão grande. Deve custar uma fortuna só para aquecer esse maldito lugar. Está aqui sozinha, não precisa de quatro quartos."

"Não vou vender a casa, Ali." Hoje parece ser um dia para conversas repetitivas. Não lembro quantas vezes minha melhor amiga tentou me convencer a me separar do meu sobrado em Brownstone, e não consigo lembrar quantas vezes suspirei e disse a ela que isso não aconteceria. "Eu cresci aqui", digo, jogando um saquinho de chá na caneca lascada que acabei de tirar do armário. Estou de costas para Ali, então ela não pode ver o olhar tenso no meu rosto, ou o quão franzida está a minha testa. Não preciso disso hoje. Não aguento discutir se tenho necessidade ou não de quatro quartos. É claro que poderia facilmente reduzir o tamanho para um lugar de dois ou até mesmo um quarto, e sim, isso significaria que poderia comprar outra coisa e ainda ter cerca de um milhão de dólares para fazer o que diabos quisesse, mas ela não entende. Este lugar está cheio de lembranças. Dei a luz a Christopher no maldito corredor, pelo amor de Deus. Entrei em trabalho de parto prematuramente e antes que Andrew pudesse chegar em casa passei por tudo sozinha. Fui a primeira pessoa a vê-lo, levá-lo aos meus braços, segurá-lo junto ao meu corpo. Seu quarto está como ele o deixou — caminhões de brinquedo e Legos espalhados por todo o chão, seus lençóis desarrumados e empurrados, exatamente do mesmo jeito como ele deixou quando se levantou da cama na manhã de sua morte.

Não vou deixar o lugar dele. Eu *nunca* vou sair daqui.

Faço para Ali uma xícara de chá e a entrego, indo da cozinha até a sala de jantar formal.



“Tem certeza de que está com disposição para o clube do livro hoje?” E cuidadosamente toma um gole de sua bebida. Ela não tem paciência, sabe que o líquido quente vai queimar sua boca, e ainda assim nunca pode esperar que seu chá esfrie antes de beber. Pego um abridor de garrafas da prateleira atrás de mim, colocando-o ao lado das três garrafas de Malbec que comprei mais cedo na loja de bebidas.

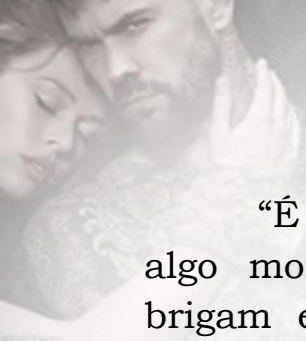
“Tenho certeza. A distração me fará bem.”

Ali faz uma careta. “Eu nem entendo porque estamos lendo este livro. Isso categoricamente não faz sentido.”

“É claro que o livro faz sentido, Al.”

Minha amiga mostra a língua. Ela tem trinta e três anos, a mesma idade que eu, mas às vezes age como uma menina de doze. Realmente parece mais jovem do que é. Seu cabelo vermelho grosso está sempre selvagem e maluco, como se ela tivesse colocado o dedo em uma tomada elétrica e, na maior parte, sua maquiagem parece que foi feita por uma adolescente — blush rosa brilhante e um batom colorido, provavelmente chamado de chiclete ou algodão doce. Ela está sempre me criticando sobre a minha maquiagem, ou a falta dela. Acha que eu deveria pintar meu cabelo longo e escuro de loiro. Se ela tivesse espaço, eu deixaria meus jeans e suéteres e usaria saias e tops muito mais curtos. Nós nos conhecemos na faculdade, quando éramos adolescentes e ainda muito parecidas. Costumávamos nos comportar mal todos os dias, metendo-nos em problemas com os meninos e enchendo nosso mundo de trabalho, até que conheci Andrew, um executivo de negócios, e sosseguei. Acho que ela passou os últimos onze anos tentando recuperar sua velha amiga.

“Como isso faz algum sentido?” Ela joga o livro sobre a mesa que estou tentando preparar para os membros do nosso clube do livro, que chegarão em menos de meia hora. Quase bate em uma tigela cheia de biscoitos variados e faço uma careta para ela. Pego o livro, coloco-o de lado e reorganizo o prato de queijo.



“É um romance. Você sabe. Garoto conhece garota. Garoto faz algo monumental para acabar com o relacionamento deles. Eles brigam e seguem caminhos separados. Garoto trabalha duro para recuperar sua confiança e seu amor, e eles vivem felizes para sempre.”

“A vida real não é assim. Bem, exceto a parte do garoto fazendo algo para foder o relacionamento. Isso é bem perto da vida real. Mas que tipo de cara vende tudo o que possui para provar algo para sua namorada vadia rica e mimada? *O Caminho de Gabriel* é muito exagerado. Gostaria de nunca ter lido.”

“Guarde isso para o clube do livro”, digo a ela. “Se começar a reclamar sobre isso agora, não terá nada a reclamar quando as outras garotas chegarem aqui.”

“Oh, eu ainda terei muito que reclamar, confie em mim. Esse livro é horrível. Não entendo porque deixamos Kika escolher mais livros. Eles são sempre tão românticos.”

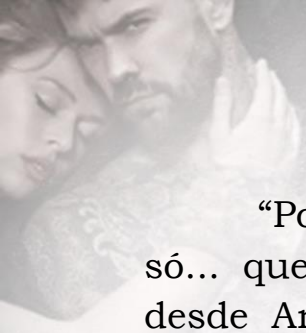
“Somos um clube de romance. Estes livros destinam-se a nos tirar da realidade, nos fazer desmaiar e sentir aquela onda de amor pela primeira vez novamente. O que você espera, mais romantismo?”

“Existem outros tipos de histórias de amor, Sasha. Algo um pouco mais sombrio de vez em quando não mataria nenhuma de nós.”

Eu coloco uma pilha de pequenos pratos junto com um par de pequenas facas de queijo, e noto minha mão tremendo. Está tremendo desde que saí do escritório de Hathaway, seis horas atrás, e provavelmente não vai parar de tremer por alguns dias. Algumas das minhas sessões com ele são mais difíceis do que outras, não importando o fato de sempre falarmos sobre a mesma coisa toda vez que nos encontramos.

Ali bebe mais chá, fazendo uma careta quando se queima ainda mais. “Eu nem sei por que você ainda está dirigindo este clube do livro.”

Minha mão continua na faca que estou segurando. “Por que eu não o faria?”



“Por que... eu não sei. Eu não quero dizer nada além isso. Eu só... quero dizer, *romance,* Sasha? Você não olhou para um homem desde Andrew. E entendo, realmente entendo. Não espero que você esteja fora da cama e tendo o melhor momento de sua vida. Só estou surpresa que ainda esteja interessada nisso tudo.”

“Não sou freira.”

“Sei que não é uma freira. As freiras conseguem mais ação do que você.”

“Ha! Você percebe quão absolutamente ridícula foi sua última declaração, não é?” Ela apenas levanta as sobrancelhas. “Minha vagina ainda não é uma relíquia velha e empoeirada. Eu namoraria se encontrasse o cara certo. Talvez.”

Ela bufa.

“O que? Eu namoraria.”

“Não, não faria. Você mudaria o número se um cara o pedisse agora e sabe disso.”

“Trabalho muito para sair em encontros. Esse é o problema.”

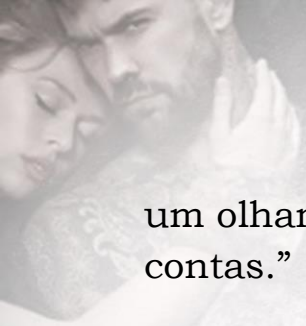
“O problema é que você tem medo de sua própria sombra.”

“E eu suponho que você teria me apresentado caras em cafés, perguntando se eles querem se conectar mais tarde ou algo assim?”

“Seria um passo na direção certa. Ou talvez configurar uma conta em um ap...”

“Não *me* diga para criar uma conta em um aplicativo de namoro. Vou perder a cabeça se me disser para criar uma conta em um aplicativo de namoro.”

“Seria realmente tão ruim? Está agindo como se eu quisesse que você fosse vasculhar os becos do gueto atrás de alguma diversão. Os caras da maioria desses sites são profissionais. Estão com pouco tempo, assim como você. São normais, ganham um salário.” Ela me dá



um olhar severo. “Muitos deles até usam ternos e pagam suas próprias contas.”

“Tenho certeza que sim. Tenho certeza de que todos são ótimos caras. Eu não quero apenas cair na cama com alguém, no entanto. Como é que uma conexão sem sentido será benéfica para mim?” Tenho que colocar o copo de vinho que estou segurando na mesa com o maior cuidado; se não fizer isso, sou capaz de esmagar a coisa.

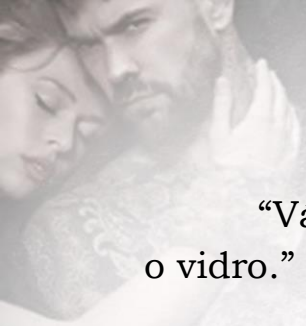
“Então está procurando por algo mais sério? Quer encontrar um cara para se casar e ter uma ninhada de filhos? É isso?”

Eu pulo uma terrível agonia sem fim me atingindo, profunda como uma ravina, larga como o oceano. O copo de vinho que acabei de pousar tão cuidadosamente é derrubado. Ele rola, caindo da borda da mesa antes que eu possa pegá-lo, bate no chão e quebra em mil pedaços. Meu coração está tropeçando em todo o lugar, gaguejando como um motor quase sem combustível. “Eu nunca vou ter outro filho, Al. Como você pode até sugerir...?”

Dor pisca no rosto da minha amiga. “Por que não? Ainda é jovem. É uma ótima mãe. Não há motivo para você não...”

“Tem *toda* razão...”

A campainha da porta nos interrompe, o som alegre ecoando pelos corredores mais baixos da casa. Eu agarro a borda da mesa, tentando me acalmar. Ali e eu nos encaramos, e posso ver que ela sabe agora exatamente o quão dolorosa sua sugestão foi. Eu posso ver o remorso escrito nas linhas do rosto dela, mas há desafio também. É um olhar familiar para ela. Depois que Christopher morreu, ela cuidou de mim, assim como todo mundo fez, trouxe refeições, limpou minha casa, minhas roupas e meu corpo quando não pude nem mesmo reunir a energia para fazer isso por mim mesma. Mas chegou um ponto, meses após o acidente, quando ela decidiu que já era o suficiente e me desafiou a começar a fazer as coisas sozinha novamente. Essa parece uma daquelas vezes, mas ela está indo longe demais.



“Vá e atenda a porta”, diz ela, quebrando a tensão. “Vou limpar o vidro.”

Há milhares de coisas que prefiro fazer a abrir a porta agora, mas é melhor que ficar parada aqui, continuando esta conversa. Pulo a bagunça no chão e corro pelo corredor, limpando nervosamente as palmas das minhas mãos no jeans. Posso ver as formas embaçadas de três cabeças através do vidro fosco na porta da frente, mesmo antes de abri-la. Kika, Kayla e Tiffanie: sempre na hora e sempre juntas, não importa o que aconteça. O clube do livro existe há muito tempo, talvez sete ou oito longos anos. Não houve uma única vez em que essas três mulheres não tenham aparecido juntas.

Tiffanie grita quando abro a porta; passa a frente, batendo palmas. “Oh. Meu. *Deus.* Estou tão animada. Este livro foi *vida*. Eu não posso esperar para mostrar-lhe a resenha que publiquei no Goodreads. Onde está Ali?”

“Ela está lá dentro.”

Tiffanie passa por mim, sorrindo de orelha a orelha. Kayla e Kika seguem logo atrás. Kayla dá um beijo na minha bochecha, enquanto Kika aperta meu braço, parando e permitindo que as outras duas mulheres continuem à nossa frente.

“Você está pálida”, ela me diz. “Já comeu alguma coisa hoje? Vou ser bem sincera, querida. Você parece uma merda.” Esta é totalmente Kika: muito perspicaz, mas também muito direta. Eu gosto disso nela, mas outros são conhecidos por serem menos apreciadores de sua honestidade.

“Estou bem. E sim, eu comi; muito obrigada, Madre Teresa.”

“Ei. Não me ofereci para cozinhar uma refeição nem nada. Acabei de salientar que você provavelmente poderia comer algo. Não vá me dar mais crédito do que mereço.”

“Não sonharia com isso.”

“Bom. Vamos. Vamos beber um galão de vinho e nos encher com queijo.”



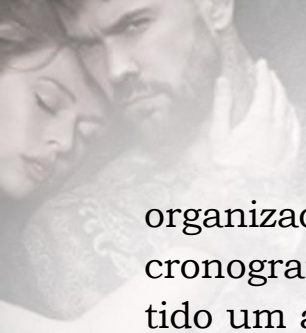
CAPÍTULO 3

PÁGINAS AMARELAS

SASHA

Ser curadora do Museu Americano de História Natural pode não parecer emocionante para a maioria das pessoas, mas eu adoro isso. Os dioramas, as exibições de dinossauros, dos crocodilos e a exposição espacial. Cada um dos andares do museu tem algo de interessante para mim. Fico animada toda vez que subo os degraus em direção à grande entrada, evitando turistas e pessoas fazendo fotos encostadas nas colunas e posando com os topiários de dinossauro acesos. O trabalho é tudo o que me empolga ultimamente. É uma coisa triste, triste de admitir. Houve um tempo em que as férias em família e as viagens pelo país me deixavam animada, emocionada com a perspectiva de aventura, com a perspectiva de experimentar algo novo. O Natal era minha época favorita do ano, e a primavera na cidade me deixava delirante com a promessa do clima propício para camisetas, taças de Sauvigon Blanc gelado e churrascos no terraço. Agora as estações parecem se confundir. Não saio de Nova York há anos.

Enquanto subo os degraus, evitando uma fila de pessoas vestindo casacos, chapéus e cachecóis, que parecem estar em uma vitrine, penso no dia que virá. Reuniões matinais são inevitáveis, assim como responder a uma infinidade de e-mails. No meio da manhã, tenho que realizar três entrevistas com a esperança de encontrar um substituto para Shun Jin, minha estagiária, que basicamente salvou minha vida nos últimos seis meses. Deus sabe como vou encontrar alguém para ocupar seu lugar. Shun Jin é o tipo de garota que avalia uma situação e julga se preciso ou não me envolver. Se a resposta é não e é algo que pode resolver por si mesma, então faz exatamente isso sem sequer mencionar. Ela não se preocupa com as pequenas coisas. Sei que minha agenda está totalmente



organizada em suas mãos, juntamente com todos os meus cronogramas de exposição. Não posso lamentar o fato de ela ter tido um aumento salarial e uma posição júnior dentro do museu, além da recomendação, dada por mim, para o cargo depois de tudo, mas agora que estou tendo que encontrar alguém tão diligente e profissional quanto ela, estou começando a sentir como se tivesse me sabotado totalmente.

No meu escritório, uma pilha de envelopes foi deixada na mesa pelo serviço de correio interno do museu. Penduro minha bolsa na parte de trás da porta junto com a jaqueta e, em seguida, folheio a correspondência, descarto material publicitário na lixeira e separo as faturas que encontro. O último papel é um pequeno envelope branco. Minhas mãos ficam imóveis enquanto olho para o meu nome escrito em tinta preta e espessa acima do endereço do museu. Reconheço a caligrafia. Lembro-me da primeira vez em que vi aquela caligrafia desajeitada, sem sentido e meio infantil. Foi há anos atrás, na faculdade, quando um garoto colocou uma nota dentro do meu livro de Belas Artes do século XX. A nota dizia:

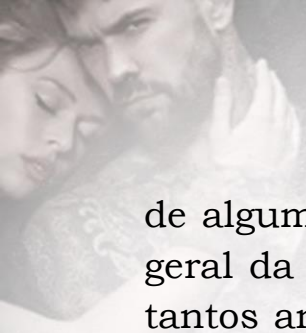
Se precisar de um modelo vivo, fique à vontade para me ligar.

310 962 5177

Embaixo do número, o menino desenhou uma carinha sorridente, que parecia estar piscando e colocando a língua para fora.

Guardo o envelope na gaveta da minha mesa, engolindo em seco. Minha boca está estranhamente seca de repente.

“Sasha? Ahh, Sasha, aí está você. Fico feliz por ter te encontrado.” Oscar Blackheath, o mais antigo curador da equipe do museu, entra no meu escritório sem bater, um redemoinho de cabelos brancos, blazer de lã marrom e uma garrafa de água Davidoff. Ao observá-lo na rua, você estaria certo de se tratar de um octogenário, contudo, ao falar com ele, começa a suspeitar que esteja sendo vítima



de alguma pegadinha. Sua atitude, seus níveis de energia e sua visão geral da vida estão mais de acordo com a de alguém em seus vinte e tantos anos. Ele é especialista em tecnologia, mas seu senso de moda é inexistente. No verão, sua roupa é uma camisa de abotoar, combinada com um par de shorts cáqui que expõem seus joelhos fantasmagóricos, incrivelmente salientes. Além de educado, ele fala como um cavalheiro vitoriano de Saville Row, Londres, mas sei que nasceu e cresceu em Nova York.

"Está procurando por mim, Sr. B?" Pergunto.

"Estou de fato. Perguntava-me se você poderia estar por aqui esta tarde? Eu gostaria de pedir sua opinião sobre o novo material de Teoria da Evolução que usaremos ano que vem. Vários programas escolares expressaram preocupação sobre algumas das exposições planejadas."

"Preocupação?"

"Sim. Bem, acredito que várias escolas católicas e batistas estão chateadas por publicarmos a palavra *'teoria'* em nossos panfletos promocionais."

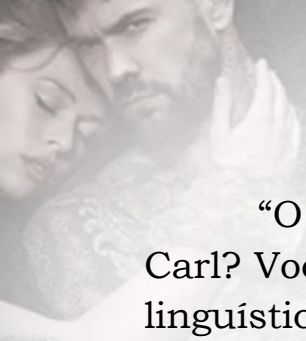
"Oh Deus."

"Sim. Exatamente. Eu escrevi um e-mail muito expressivo em resposta às suas mensagens, mas adoraria que você os revisasse antes de clicar em enviar. Não quero incomodar ninguém desnecessariamente agora."

Eu rio. "Claro. Posso ir ao seu escritório por volta das três, se estiver bom para você?"

"Excelente." Oscar desaparece, deixando para trás uma nuvem de colônia e um par de pegadas molhadas nas tábuas polidas do chão, onde ele estava de pé a um momento atrás.

***



“O que o fez se candidatar ao emprego aqui no museu, Carl? Você diz que está interessado principalmente em linguística. Percebe que não será capaz de progredir nesse campo aqui?” O garoto em frente a mim me olha sem expressão, como se eu estivesse falando em suaíli. Irônico, já que ele deveria ser capaz de me entender mesmo se estivesse, na verdade, falando suaíli. Seu currículo diz que tem um conhecimento prático dessa língua.

“Eu sei. Honestamente, apenas pensei que poderia ser divertido. Tenho alguns meses antes das aulas recomeçarem. Achei que seria interessante fazer algum trabalho de meio período aqui”

“Meio período? Esta é uma posição de tempo integral, Carl. É por seis meses no mínimo.”

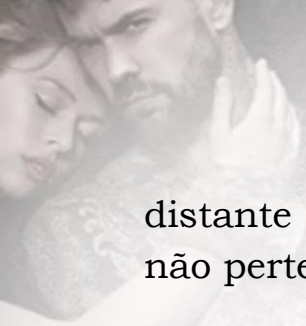
“Oh, sério? Pensei que talvez fosse flexível ou algo assim.”

“Definitivamente à sério. Definitivamente não é flexível.”

“Hã. Bem, ok então. Obrigado por me receber, eu acho.” O punk de vinte anos se levanta, enfiando os braços em sua jaqueta, pegando sua bolsa incrivelmente moderna e me dá um sinal de positivo. “Foi muito bom conhecê-la de qualquer maneira, senhorita Connor.”

Eu o vejo ir, tentando não deixar meu queixo cair no chão. O que diabos foi isso? *Um polegar para cima? Foi bom me conhecer de qualquer maneira*? Que se dane tudo isso. Das três entrevistas que acabei de ter, nenhum dos candidatos era adequado. Nem mesmo perto. A primeira garota foi rude e continuou mascando o chiclete. O segundo garoto foi muito tímido, a ponto de não ouvir uma palavra que ele murmurou em resposta às minhas perguntas. E meu terceiro entrevistado, Carl, bem... Carl obviamente era algo completamente diferente. Eu fecho meu laptop, suspirando pesadamente.

Ouço homens e mulheres conversando em grupos, a conversa alta e animada de crianças e o interminável som de passos nos corredores movimentados do museu, com piso de mármore. Esses sons têm sido um conforto para mim por tanto tempo. É o ruído de fundo de uma vida que sempre tive, uma vida que agora parece



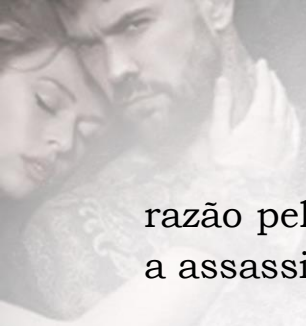
distante e estranha, como se eu fosse uma visitante aqui e realmente não pertencesse mais.

Aqui, entre as estantes e as prateleiras altas, carregadas de tesouros de exposições anteriores — coiotes empalhados, medusas em tamanho natural, mapas celestes — acho que ainda *sou* eu mesma. Quase.

Minhas entrevistas foram inúteis e uma perda de tempo, mas de alguma forma parece que demoraram uma eternidade. Perdi o almoço, é bem depois das duas da tarde, então pego um café em vez disso. No meu escritório, tomo o líquido preto-escuro lentamente enquanto me dou o luxo de uma pausa de dez minutos. Na minha bolsa, a nova escolha do clube do livro me encara com malícia, ocupando muito espaço. Deus sabe por que Kayla escolheu este aqui. *As sete vidas secretas de James P. Albrecht.* Não parece um romance para mim. A sinopse no verso do livro também não revela nada. Apenas que o protagonista masculino da história é um cleptomaníaco e um ladrão que vai à loucura quando seus crimes se tornam mais perigosos.

Eu não consigo ver nada sobre uma mulher na descrição da história. Não faz sentido que James P. Albrecht seja resgatado de sua vida de crime e insanidade por algum bondoso benfeitor. É o que espero. É o que desejo quando leio esses dias, porque o cavaleiro de armadura brilhante nunca deixa a princesa cair. A heroína redentora e atenciosa nunca falha com seu namorado quebrado. Esses livros são minha fuga da vida real. Porque sabe o que? A vida real é uma merda.

O livro começa devagar: um homem de trinta e poucos anos, tentando descobrir onde está no mundo, agora que o amor de sua vida o deixou. A linguagem é triste e, francamente, um pouco estranha em alguns trechos. Descrições bizarras de uma paisagem de Chicago que claramente não existe na vida real. Alguns breves monólogos emocionais internos que me parecem estranhos, uma vez que, até onde posso dizer, James não é nem apático nem simpático. No final do primeiro capítulo, estou convencida de que James é um sociopata e a



razão pela qual o amor de sua vida o deixou é porque ele, na verdade, a assassinou e enterrou o corpo em seu quintal recém-pavimentado.

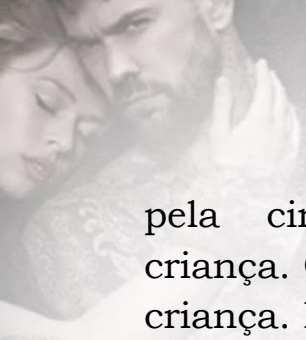
Estranho, no entanto. Eu sou sugada. Quando olho para o relógio já são três e dez. Merda. Meu compromisso com Oscar. Estou atrasada. *Odeio* estar atrasada, especialmente quando concordei em ajudar alguém. Saio correndo do meu escritório, fecho a porta atrás de mim, e só quando chego ao outro lado do prédio percebo que trouxe meu livro comigo em vez de guardá-lo na bolsa.

Passo despercebida pelo mar de gente dentro do museu, os olhos das pessoas patinando sobre mim com indiferença enquanto me deparo com grupo de avós e intercambistas, judeus hassídicos e pais com seus filhos. Eu poderia muito bem ser invisível; o crachá que estou usando na minha camisa, simples, preto e imperceptível, me deixa misturada aos outros frequentadores do museu. Sou uma funcionária, um membro da equipe e, portanto, nem mesmo um ser humano comum. Faço parte do grandioso diorama do museu, a maior exposição. As pessoas não me incomodam, especialmente quando parece que estou a caminho de algum lugar como estou agora.

O escritório de Oscar é um caminho de obstáculos, projetado para manter os indignos afastados. Seu escritório está no terceiro andar, escondido atrás da exposição de crocodilos, por uma série de corredores que estão sempre cheios de caixas de papelão, tão velhas e podres que espalha seus conteúdos no piso de terracota.

Passo por uma pilha torta de listas telefônicas, sorrindo quando vejo por meio de partes rasgadas quando foram impressos (1981-2002, respectivamente), deparando-me com outro o obstáculo, desta vez da variedade humana. Deixo cair o meu livro quando bato na pessoa à espreita por trás das listas telefônicas, gritando enquanto estendo a mão para me equilibrar. Muito pouco atraente e certamente não graciosa.

“Uau. Puta merda. Você está bem?” Uma mão se estende e me agarra, no momento exato. Eu não caí desde... Não me lembro à última vez que caí, foi há muito tempo. Estou salva da indignidade de fazê-lo agora, mas apenas pela graça do homem forte que me segurou



pela cintura. Eu me vejo olhando para o rosto de uma criança. Cabelos escuros, olhos escuros... Não, espere. Não é uma criança. Na verdade não. É jovem, mas fez a transição através daquele estágio adolescente e desajeitado que faz os jovens parecerem tão desconfortáveis dentro de sua própria pele. Ele tem ombros largos e suas mãos parecem enormes em mim. Seu cabelo está raspado nas laterais, penteado para trás em um corte tão na moda que quase todos os jovens de vinte e poucos anos em Nova York parecem estar usando nos dias de hoje. Sua mandíbula é marcada por um pouco de barba por fazer e seu dente esquerdo da frente é deliciosamente torto. A falha não é algo que eu teria notado normalmente, mas estando tão perto de seu rosto acho que tenho uma visão privilegiada para além de seus lábios carnudos, e seus dentes estão bem na minha linha de visão.

"Da última vez que verifiquei, assassinato ainda é um crime", ele rosna.

"O que?"

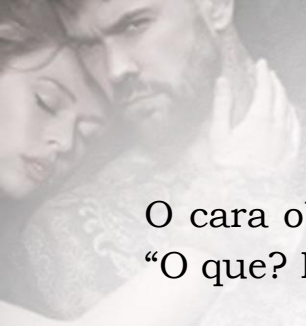
"Esmagado até a morte por uma pilha de páginas amarelas", continua ele. "Não é assim que planejo morrer."

"Desculpe, eu não queria..."

Ele ri barulhenta e surpreendentemente, me assustando pra caramba. Não parece o tipo de cara que ri assim, como se não se importasse com quem o ouve. Ele me solta, levantando ambas as sobrancelhas enquanto claramente me verifica. "Eu só estou brincando", diz. "Não se preocupe com isso."

"Oh. Fico feliz em ouvir isso." Balanço a cabeça, recuperando um pouco de equilíbrio enquanto endireito minha camisa. "Por que você está espionando no corredor aqui atrás? Está esperando alguém?"

O cara, esse estranho com o estilo de James Dean cujos olhos escuros brilham maliciosamente na minha direção, faz uma arma com seus dedos e atira em mim. Sopra a fumaça imaginária do final de seu dedo indicador. "Meu avô. Minha mãe disse que ele precisava me ver".



O cara observa minha boca enquanto luto contra a vontade de sorrir. “O que? Por que isso é engraçado?”

Eu o olho de cima a baixo. “Bem. Acho que você provavelmente fez um grande esforço para parecer tão... desgrenhado...”

“*Desgrenhado*?” Ele sorri um sorriso imprudente. Um sorriso perigoso e predatório. Um sorriso que indubitavelmente o coloca em uma enorme quantidade de problemas.

“Sim.”

“Por quê? Por causa dos meus jeans rasgados? Ou por que minha camisa está desbotada?” Diz isso em palavras lentas e medidas. Porra, sua voz é tão profunda. Posso ouvir a diversão nisso, embora ele esteja tentando esconder. Está gostando demais disso.

Eu estou no meu lugar. “Sim. Porque seu jeans está rasgado e sua camisa está desbotada.”

“Justo. E daí?”

“Você está obviamente tentando demonstrar ser um tipo de pessoa malvada, se vestindo desse jeito, e então está pelos corredores do museu, obedecendo a sua mãe.”

Ele olha para mim de um jeito que faz minhas entranhas se contorcerem. “Todos os bons filhos não fazem o que as mães lhes dizem?”

Uma pontada aguda me atinge no peito. Não deveria ter citado mães e filhos. O que estava pensando? Faço o meu melhor para esconder o desconforto olhando para o chão. “Não, na minha experiência não.”

“Então você passou um tempo com alguns caras realmente idiotas”, ele me informa.

Oh, quão pouco ele sabe. Nos últimos cinco anos, não passei tempo com nenhum cara. Não é como se estivesse evitando contato apenas com homens. Acabei por evitar o contato com todos, ponto final. Isso não é algo que você diz a um estranho, no entanto. “Estou

assumindo que Oscar é seu avô?" Pergunto, evitando seu comentário. Oscar é o único membro da faculdade com idade suficiente para ter um neto, apesar de não ser muito velho.

"Parabéns, Sherlock."

"Bem, o escritório dele está três portas à frente. Agora você está do lado de fora..." Olho por cima do ombro dele. "Está do lado de fora de um banheiro desativado."

"Estou plenamente consciente", James Dean me diz. "Estou me preparando."

"Preparando-se para o que? Oscar é o homem mais doce do mundo."

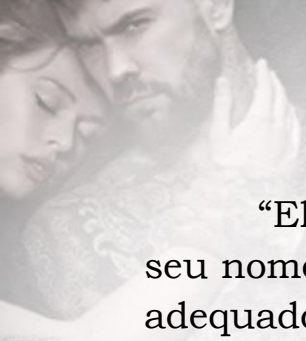
"Talvez para você. Mas para netos rebeldes que não visitam com muita frequência e que causam..." ele pigarreia, "*problemas* regularmente, ele pode ser exatamente o oposto, juro a você."

"Talvez devesse causar menos problemas." Não sei por que estou me envolvendo com esse garoto assim. Não é da minha conta como ele se comporta ou se se comporta *mal*. E certamente não há como deixar escapar sugestões óbvias como a que acabei de dar a ele. O cara apenas sorri, embora, aparentemente, não perceba o quão estranha ou mandona estou sendo.

"Onde a diversão estaria?" Pergunta ele.

"Rooke?" Uma voz soa pelo corredor, ecoando vagamente. "Ah, sim, Rooke, pensei ter ouvido alguém rir como um louco aqui. Você está adiantado em uma hora." Oscar entra pelo corredor em nossa direção. Suas calças estão tão altas que seu cós deve roçar seus mamilos, e seu cabelo está ainda mais confuso do que antes; parece uma pequena nuvem de algodão no alto da cabeça. Ele me avista e acena com a cabeça.

"Vejo agora porque está atrasada. Deveria ter sabido que *você* estava por trás disso de alguma forma." Ele lança um olhar contundente, embora carinhoso, na direção de seu neto.



“Ela tentou me matar, na verdade”, ele diz suavemente. Rooke, seu nome é Rooke, e por algum motivo acho o nome instantaneamente adequado. É a peça torre do xadrez, mas também é uma espécie de corvo. Escuro, misterioso, esperto, astuto e descarado. Já posso atribuir todos esses traços à torre ao meu lado e só o encontrei um segundo atrás. “Pensei que teria que me defender. Agora você está aqui, tenho certeza de que estou a salvo” ele diz, mordendo um sorriso.

“Bom deus, Sasha”, exclama Oscar. “Pensei que fosse uma mulher capaz? Que negócio é esse de ‘*tentando matá-lo*’? Se precisar de alguma ajuda para fazer o trabalho, ficarei mais do que feliz em ajudar.”

Rooke finge rosnar baixinho. “Traidor. Você deveria estar do meu lado.”

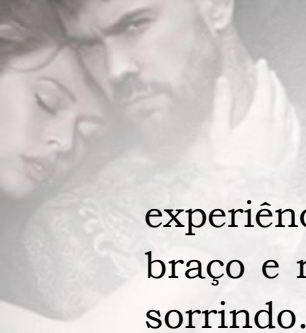
Oscar para na nossa frente, bufando um pouco. Ele pega um óculos com armação de arame extraordinariamente frágil do bolso da camisa e engancha as alças estreitas sobre as orelhas. Apertando os olhos, ele avalia seu neto, sua boca ligeiramente aberta enquanto faz um balanço dele. “Você ficou mais alto”, diz.

“Você ficou mais baixo”, retruca Rooke.

“Sim, bem, suponho que a gravidade tenha sido um pouco culpada.” Oscar lentamente alcança e coloca as mãos nos ombros de Rooke. Parece emocionado de repente; sua voz está grossa quando fala. “Estou muito feliz em te ver. E estou muito feliz, apesar da minha brincadeira com Sasha aqui, que você não foi insensível e friamente assassinado momentos atrás.”

Começo a sentir que estou invadindo um momento familiar profundamente pessoal. “Você sabe o que? Rooke está adiantado e estou atrasada. Acho que talvez eu deva voltar...”

Oscar balança a cabeça violentamente. “Que absurdo. Nosso encontro não demorará muito. Rooke, por que não espera lá em cima na loja de presentes? Devo demorar apenas quinze minutos mais ou menos. Sasha venha agora. Aprecio você compartilhando sua



experiência comigo por um tempo.” Ele enfia a mão na curva do meu braço e me leva para seu escritório. Posso sentir o cara atrás de mim sorrindo. Posso sentir sua diversão de alguma forma, queimando nas minhas costas, ficando sob minha pele, fazendo meus ouvidos queimarem, e por um breve momento eu me viro. Por que uma criança pelo menos dez anos mais nova me faz sentir tão... *estranha*?

“Foi um prazer conhecer você, Sasha”, ele fala atrás de mim, aquela voz enlouquecedora e profunda ecoando no corredor. “Tenho certeza que vamos nos ver por aí.”

Lanço um olhar apressado por cima do ombro, considerando que tipo de resposta seria apropriada. Por alguma razão desconhecida, parece que deveria dizer a ele para ir se foder. Enquanto as palavras que compunham a sua despedida foram bastante civilizadas, parecia que ele estava zombando de mim, e agora eu sou tomada pela necessidade de dizer a ele aonde diabos ir. Em vez de ir até a loja de presentes, Rooke se apoia fortemente contra a parede, colocando as mãos nos bolsos, sorrindo para mim, e sinto a carranca rasgando minhas feições.

Oscar aperta meu braço. “Não se preocupe. Não precisa atirar adagas afiadas para ele. O garoto tem o hábito de carregar corda suficiente para se enforcar, além disso, não voltará ao museu. Vou me certificar disso.”

“Me desculpe, não queria ser rude. Só fui pega de surpresa. Ele tem... bastante personalidade”.

Oscar ri. “Personalidade. Atitude. Chame do que quiser. Eu amo muito o garoto, mas ele é seu pior inimigo. Tenho certeza que é a idade. Um dia ele vai amadurecer, tenho certeza disso. Até lá, receio que o mundo tenha que tolerar a loucura e o machismo de Rooke Idlewild Blackheath da melhor maneira possível.”



CAPÍTULO 4

MERDA ESCURA

ROOKE

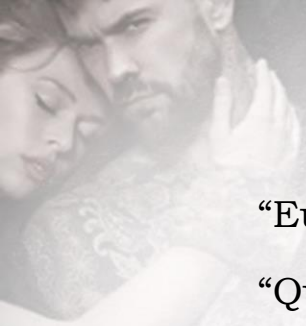
Ele a puxou para mais perto, a envolvendo com seus braços. Ela sentia perder-se dentro de seu abraço, como se pudesse se desmaterializar a qualquer momento, e isso a assustou. Tinha sido dele por um tempo muito curto. Nem meses. Nem semanas. Ele a possuía por uma questão de dias, ainda assim a perspectiva de continuar com sua vida sem ela fez um peso frio e mortal apertar por dentro. Não havia vida sem Isobel. Não havia rima ou razão, em nenhum sentido. Faria o que fosse necessário para se certificar de que ela estivesse a salvo dos homens que a caçariam e a machucariam. Mais que isso; faria o que fosse necessário para que ela fosse sua para sempre.

"Que porra você está lendo, mano?"

Quase deixo cair o livro que estou segurando, o som da voz divertida de Jacob me assustando. O filho da puta sempre se esgueira, sempre tentando me fazer pular. Eu odeio isso nas melhores situações, mas agora? Ser pego com um romance em minhas mãos? Isso não é bom. Considero lançar o livro em sua cabeça, mas então desisto. Há um cara seminu na capa do livro, pelo amor de Deus. Por que dar mais munição a Jacob para zombar de mim? Dobro as páginas para trás, invertendo a capa do livro para que possa esconder a imagem do cara com o abdômen sarado acariciando o perfil do rosto de uma mulher anônima.

"Nada que seja da sua conta." Pego uma meia suja (dele) do chão e atiro. Ele evita o míssil, rindo como uma hiena.

"Perdoe-me", diz. "Só não sabia que você era capaz de ler."



“Eu leio. Leio muito.”

“Quadrinhos *não* contam como leitura, meu amigo.”

“Claro que contam.”

Jacob balança a cabeça, pegando uma camisa (também dele) do chão da sala e cheirando-a estranhamente. “Meus pais chegarão em alguns dias. Quanto tempo acha que precisamos para que o apartamento esteja apresentável para a visita?”

A casa é normalmente organizada. A única bagunça na sala agora é de Jacob, e planejo queimar o que ele não arrumar logo. “Para os pais de qualquer outra pessoa, diria que seríamos rápidos. Mas para os seus... vou dizer que levará mais tempo do que temos de nascidos.”

“Nossa. Obrigado pelo voto de confiança.”

“Faço meu melhor.”

Jacob dá um jeito de sair do que está vestindo e veste a camisa preta de botões que acabou de recolher do chão. Enquanto abotoa os botões, olha para mim como se estivesse tentando ler minha mente. “O que há de errado com o seu rosto?” Pergunta.

“Do que diabos está falando?”

“Estou falando sobre esse estranho e culpado tremor que você está tendo.”

“Não tenho um tremor estranho e culpado.”

“Oh, você tem. Me dê o livro.”

“Foda-se, idiota.”

Ele estende a mão. “Não me faça brigar com você por isso.”

Solto uma gargalhada. “Se acha que pode tirar de mim, venha até aqui e tente.” De jeito nenhum ele será capaz. Durante todo o ensino médio Jacob tentou suplementos alimentares, proteína em pó, basicamente qualquer coisa que tivesse acesso, que pudesse ajudá-lo



a ganhar um pouco de músculos. Basta dizer que nada funcionou. Ainda é tão magro quanto sempre foi. Ele estava convencido de que pesaria oitenta e seis quilos quando tivesse vinte e um anos, no entanto, aqui estamos nós, ambos com vinte e quatro anos, e ele não pode pesar mais do que uma nota de um dólar molhada.

Jacob revira os olhos. “Bem. Se quer ser todo culpado e estranho, então que seja. Mas saiba que se esse pedaço de literatura em suas mãos tem algo a ver com aqueles psicopatas em trajes de garçons distribuindo testes gratuitos de personalidade na cidade, então você e eu não somos mais amigos.”

“Não estou me juntando a um culto, cara. É apenas um livro que uma mulher deixou cair. Não é nada.”

“Uma mulher? Que mulher?” Ele estreita os olhos novamente.

“Não sei. Uma garota que trabalha no museu. Ela era meio quente.”

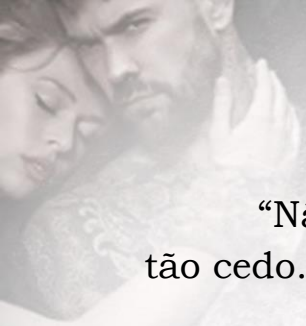
“Oooh. Do tipo bibliotecária. Gosto disso. Ela está estagiando ou algo assim?”

Jacob parece ter ignorado completamente a parte em que chamei Sasha de *mulher* e não de *menina*. Escolho não repetir a informação, no entanto. “Não sei. Talvez. Nós só falamos por alguns segundos.”

“E roubou o livro dela?”

“Como eu disse. Ela deixou cair.”

Ele move as sobrancelhas de um jeito cômico. Seu rosto é feito de elástico. Tem que ser, como pode contorcer e manipular do jeito que faz. Se quisesse, poderia facilmente ser o próximo Jim Carrey. Jake está mais interessado em se tornar o próximo Damien Rice, no entanto. “Entendi. Você está lendo a coisa do início ao fim para que possa entregá-lo e impressioná-la com seu conhecimento do conteúdo, certo?” Ele diz.



“Não. Não vou vê-la novamente. Meu avô não me quer de volta tão cedo. E, além disso... ela não é exatamente... adequada.”

Recolhendo seu abridor de garrafas e avental da mesa de jantar, Jacob faz um som irônico. “O que diabos isso quer dizer, cara? Ela é uma garota, certo? Você acha que ela é gostosa. Seja natural. Leve-a para tomar algumas bebidas. Encante-a com essa porra ridícula que é sua cara. Traga-a para casa e transe com ela. Fim.”

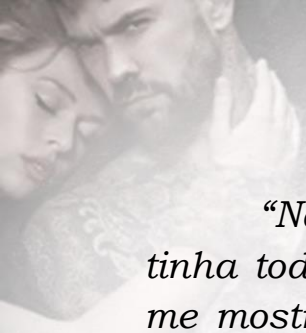
Poderia dedicar um tempo para explicar que Sasha não é do tipo que leva para casa e fode, mas Jacob não entenderia. Não até que também explique que ela deve estar em seus trinta e poucos anos, que parece que tem muita merda acumulada, e que transar com um cara como eu é, sem dúvida, muito baixo em sua lista de coisas para fazer. Em vez disso, dou ao meu amigo o sorriso sujo e libertino que espera de mim e dou de ombros. “Sim, você está certo”, digo. “Eu tenho uma cara fenomenal, não é?”

“Vou me atrasar para o trabalho. Tenho um turno bem cedo. Se quiser trazer esse mistério quente para o bar do hotel, tenho certeza que posso dar um par de martinis grátis para vocês.”

Jacob trabalha no The Beekman em Lower Manhattan; é elegante, o tipo de lugar que eu provavelmente levaria uma mulher como Sasha, se estivesse planejando levá-la para um encontro. Já que Jake está lá todas as noites, fazendo uma quantia obscena em gorjetas e flertando escandalosamente com qualquer um que se sente no bar, independentemente de seu sexo ou orientação sexual, não vou fazer isso em breve.

“Sim, cara”, digo a ele, mentindo através dos meus dentes. “Pode ser.”

Jacob sai. Volto ao livro em minhas mãos, alisando as páginas, flexionando a brochura, tentando não rir da capa descaradamente sexual diante de mim.



"Não se atreva a me machucar", Isobel falou ferozmente. Ela tinha todo o direito de me avisar sobre ferir seu coração. Dificilmente me mostrei estar perto de ser confiável desde que nos conhecemos, e ainda assim suas palavras doíam um pouco. Como ela não podia ver o que significava para mim? Como poderia não saber que rastejaria por cima do vidro quebrado por ela? Que a defenderia sempre. Até morreria por ela se precisasse?

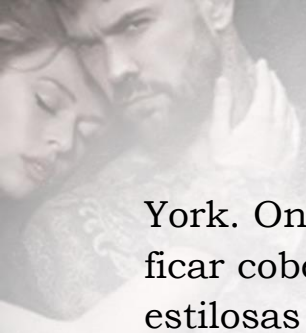
A proximidade de seus seios contra o meu peito foi o suficiente para me deixar louco de desejo. Minha ereção era sólida e dolorosa. Eu estava com muita necessidade de liberação, mas meus desejos físicos não eram nada comparados com a necessidade intensa que senti no fundo do meu peito. Isso que é amar alguém? Em toda a minha vida, nunca havia experimentado uma sensação como essa antes. Quente, envolvente e reconfortante, mas aterrorizante ao mesmo tempo. O sentimento era uma droga, um vício, um desejo que só se intensificava toda vez que eu respirava perto dela.

Essa mulher tinha o poder de me possuir. Ela tinha o poder de me destruir se quisesse. Lutar parecia inútil.

***

Meus pais compraram o apartamento de dois quartos no Brooklyn Heights, onde moro, em meados dos anos 90, quando a região não era tão cobiçada. Na verdade, naquela época, a área era irregular e mais do que um pouco degradada, e não era inteligente andar pelas ruas sozinho depois de escurecer. Durante anos eles o alugaram até que completei vinte e um anos e "recebi minha herança" como diziam. Tenho a impressão de que me dar um imóvel no que consideravam uma área violenta era uma maneira sutil de dizer o que pensavam: que eu não valeria muito a pena; que achavam que eu tinha certo destino; que eu não significaria nada.

É irônico que o Brooklyn Heights esteja rapidamente se tornando uma das áreas mais procuradas para morar em Nova



York. Onde imóveis dilapidados com janelas rústicas, que costumavam ficar cobertas de sujeira, agora há lojas de chá Kombucha com garotas estilosas de óculos grossos de aro preto, fazendo o comércio se destacar. Onde antigamente existiam brechós vazios e restaurantes de sopa, agora são vendidas bicicletas, kits de manutenção de barba e linhas de roupas peculiares e unissex que parecem feitas para alienígenas andróginos.

Enquanto caminho para o trabalho, indo para o norte em Williamsburg, penso no maldito e-mail que recebi da minha mãe hoje de manhã:

Rooke,

Papai disse que você foi vê-lo como disse que faria. Obrigada. Já é hora de você fazer um esforço para encontrar mais a sua família. Quando chegar o Natal, vou preencher um cheque pelos seus esforços. Enquanto isso, não roube nada se for até a casa dele.

Mamãe.

Não roube nada? Não *roube* nada? Do meu avô? E está planejando me dar um cheque? A cadela pode enfiar seu cheque especial do Bank of America onde o sol não brilha. Quando li a breve mensagem esta manhã, quase arrebentei minha mão na tela do meu laptop. A única coisa que me impediu foi o conhecimento de que laptops não são baratos e certamente não caem inesperadamente da porra do céu, então mordi o interior da minha bochecha, rosnando para as palavras diante de mim.

Para ser justo, suponho que algumas pessoas possam dizer que ela tem todo o direito de dar um aviso como esse. *Tenho* sido conhecido por roubar coisas no passado. Carros, principalmente. Passei dois anos no *reformatório* por pegar emprestado um veículo que não me pertencia e desde então venho sendo Rooke o ladrão, Rooke a influência ruim, Rooke a ovelha negra. Meu pai nem



me olha nos olhos. Cinco anos e nem me lembro como é ser tratado adequadamente pelo homem. Não que isso seja um grande acontecimento. Ele sempre foi um idiota. Ser ignorado por ele é uma bênção, não um problema.

Entro na loja às oito e meia com um café quente na mão. Estou meia hora adiantado, mas gosto de abrir e me preparar para o dia antes que alguém chegue. Gosto do silêncio. Gosto de sentar tranquilo e organizar as ferramentas que preciso para o dia, certificando-me de que tenho tudo o que necessito. Se há um mecanismo particularmente difícil que preciso consertar, posso ter uma vantagem e ver se consigo o relógio pronto no momento em que Duke, o dono da loja, chega, assobiando alto enquanto reclama sem entusiasmo sobre a temperatura.

"Você é um solucionador de problemas, garoto", Duke sempre diz. "*Seu cérebro não funciona como o de qualquer outra pessoa. Você pode dizer o que há de errado com um relógio só de segurá-lo nas mãos. Tenho administrado esta loja por quase dezoito anos e nunca conheci ninguém assim."*

Não são apenas relógios. Consigo consertar praticamente qualquer coisa mecânica ou elétrica, depois de algumas horas e um barril de café para me manter alerta. Antes do reformatório, papai estava me preparando para um lugar no MIT. Ele estava convencido de que me formaria cedo e que projetaria naves espaciais para a Nasa quando tivesse vinte e poucos anos. Então, quando fui preso, todas as esperanças de frequentar uma escola tão prestigiada saíram voando pela janela, assim como o interesse que ele tinha por mim.

Vou para minha mesa, folheando rapidamente os pacotes de papel que estão transbordando da minha bandeja, cada pacote fechado, grampeado e marcado com a caligrafia confusa, quase ilegível de Duke: *tela rachada; remova quatro conexões; danos causados pela água; trocar bateria; igualar a pressão.* A maioria são correções



fáceis, relógios novos que simplesmente precisam de um pouco de manutenção. Tarefas chatas que podem ser concluídas sem minha total atenção. Procuro por algo um pouco mais interessante para trabalhar nesta manhã. Algo que me desafie, que permita exercitar minha mente, por assim dizer. Trabalho duro. Um mecanismo lento. Alguma coisa que levará mais do que cinco minutos para terminar.

Não há nada que me desperte, então me conformo com um lindo e antigo relógio de bolso prateado que uma senhora trouxe no início da semana. Ele só precisa de um serviço, uma limpeza do funcionamento interno e um tratamento no metal — coisas cansativas e chatas que normalmente acharia sem graça, mas a beleza da peça torna a tarefa compensadora. No momento em que Duke aparece, eu tenho o relógio de bolso desmontado, colocado diante de mim em um pano de veludo, e meus dedos estão limpando com agilidade.

"Está congelando lá fora", Duke afirma assim que aparece pela porta principal da loja. "Con-ge-lan-do. Acho que não posso lembrar um novembro tão frio, vamos ver, deve ter pelo menos 25 anos." Ele está sempre tentando lembrar a última vez que foi tão frio, a última vez que foi tão ventilado, ensolarado ou chuvoso. Até onde sei, faz vinte e cinco anos que Duke consegue se lembrar da maioria, se não de todos os eventos meteorológicos que estão ocorrendo. Pessoalmente, lembro que estava frio *ontem*. Duke desenrola um grosso cachecol cinza do pescoço, revelando ainda outro cachecol por baixo, vermelho desta vez, com uma fina listra branca. Este vermelho ele mantém, cobrindo suas orelhas, aconchegando o queixo, como se estivesse tentando se aquecer.

Sua família veio de Antígua para os Estados Unidos, quando ele era apenas um bebê. A única língua que já falou é o inglês e, no entanto, seu discurso é fortemente acentuado, como se não fosse sua língua materna. "Bem, olhe para você, já trabalhando duro e tudo. Eu me perguntei se viria hoje", me diz.

"Por que não viria para o trabalho?"

Duke bate as mãos nos meus ombros, rindo. “Porque é seu aniversário, jovem rapaz. As pessoas não deveriam ter que trabalhar em seus aniversários”.

Por um momento fico atordoado, um olhar de choque se espalhando pelas minhas feições. E então... “Não é meu aniversário. Meu aniversário é em março.”

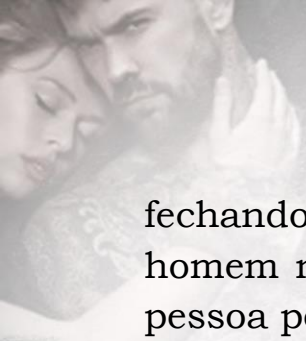
“Oh. Oh meu.” Duke esfrega a nuca com as duas mãos, andando de um lado para o outro. Paro o que estou fazendo, cobrindo o mecanismo interno do relógio de bolso com um pedaço de veludo, e então viro a cadeira giratória para encará-lo.

“Que porra é essa, cara? Você está pirando.”

“Minha memória está falhando”, geme. “Definitivamente é aniversário de alguém hoje. Se não é seu, então não sei de quem é!” Ele está praticamente chorando. Em seu blazer de veludo cotelê verde e suas calças cinza escuro, lembra uma figura bastante teatral conforme forma um buraco no tapete, andando freneticamente de um lado da sala para o outro.

“Foda-se, cara. Pare *aqui.”* Minha jaqueta de couro está pendurada no encosto da minha cadeira. Eu enfio a mão no bolso e pego o pequeno envelope branco que guardei antes de sair de casa. “Feliz aniversário, seu buceta miserável. Espero que você tenha tomado café da manhã nesta manhã.”

Maldito Duke, quase arrebata o envelope das minhas mãos, os olhos cheios de emoção. Natal, Ano Novo, seu aniversário: Duke é como uma criança quando se trata de celebrar feriados de qualquer tipo. Ele abre o envelope, fazendo um pequeno trabalho no papel. Dentro de seu cartão de aniversário, ele pega os dois ingressos para o musical Livro dos Mórmons que comprei para ele, segurando-os no ar como se fossem dois ingressos de ouro para a fábrica de chocolate de Willy Wonka. “Sim!” Ele grita. “Foda-se *sim*! Agora ele não pode dizer não. Agora o miserável do meu namorado Grinch *tem* que ir comigo ver um show. Obrigado doce rapaz. Obrigado, obrigado, obrigado”. Ele salpica beijos na minha cabeça e eu dou de ombros,



fechando os olhos, rosnando alto. Duke se toca e para. Ele é o único homem no mundo que se safaria fazendo algo assim. Qualquer outra pessoa perderia um fodido testículo.

"Você sabe o que ele me deu?" Ele lamenta. "O homem com quem vivi por quase quinze anos? O homem para quem eu cozinho e limpo diariamente? O homem que me faz cortar suas unhas dos pés, porque as costas dele estão muito ruins para ele alcançar seus próprios malditos pés?" Duke faz uma pausa. Ele claramente espera que eu adivinhe.

"Eu não faço ideia."

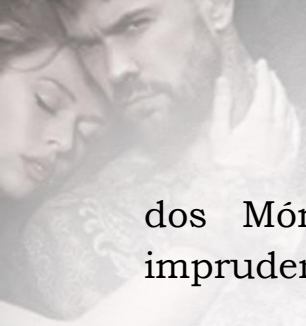
"Ele... *me* deu... uma torradeira. A porra de uma maldita torradeira. Ele sabia que eu queria um novo par de sapatos de couro vermelho. Em vez disso, me deu algo que nunca usarei. Quero dizer, quem usa uma maldita torradeira hoje em dia? Vá para o Subway, seu pão duro, miserável, ingrato, meio surdo."

Duke continua a reclamar da inépcia geral de seu namorado em linguagem muito colorida por pelo menos mais cinco minutos. Eu sento e finjo que estou ouvindo, enquanto estou realmente o observando agitar seus braços ao redor descontroladamente como um maníaco. Como diabos conheci um ser humano tão bizarro, estranho, maravilhosamente exagerado?

"E então", diz inclinando-se para frente, enfiando um dedo no meu rosto. "Ele me diz que tenho que levar meu próprio maldito carro para uma troca de óleo hoje. *No meu maldito aniversário*. Você acredita nisso? Você acredita sinceramente e honestamente nisto homem?"

"Eu sincera e honestamente não acredito."

"Obrigado. *Obrigaaaadooo*. Mmm. Pensei que ia ter um ataque cardíaco no caminho até aqui esta manhã. Troca de óleo minha bunda. Você gostaria de uma recarga de seu café, querido?" Nos dias em que estou ranzinza e mal-humorado, Duke me chama de Bisonho; ele diz que sou como o burro triste nos livros do Ursinho Pooh. Nos dias em que compro ingressos para ele para o musical Livro



dos Mórmons e o consolo pelas dores de ter um parceiro tão imprudente, sou chamado de querido.

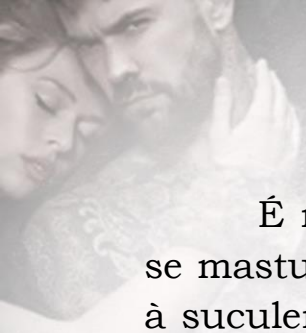
"Isso seria ótimo", digo a ele, estendendo minha xícara de café. "Obrigado."

Duke deixa seus braços flácidos caírem ao lado do corpo, minha caneca balançando na mão. Sua cabeça cai para trás enquanto seus olhos se voltam para o teto. "Senhor tenha piedade. Não consigo me *lembrar* da última vez que Simon disse obrigado para mim."

Tenho vontade de sugerir que poderia ter sido há vinte e cinco anos atrás, mas Duke sai da sala tempestuosamente em uma rajada de braços e cachecol antes que eu tenha a chance.

***

Ela podia sentir seu gosto em cima dele. Foi um sabor inconfundível que fez sua cabeça girar. Por que isso foi tão emocionante? Por que degustar sua buceta por toda a boca dele fez seu coração bater tão rápido? Não fazia sentido. Caras tinham caído sobre ela muitas vezes. Ela se debruçou sobre suas listas de tarefas e pensou sobre os mantimentos que precisava comprar no dia seguinte, e quando os caras terminaram, ela lhes disse muito obrigada e depois agradeceu a Deus ainda mais quando a experiência acabou. Nunca foi divertido. Mas com James, tudo se inclinava em seu eixo quando sua cabeça estava entre suas pernas. As coisas que ele podia fazer com sua língua eram criminosas. Ela tremia só de pensar na profundidade insondável de seu orgasmo um momento atrás. Ela não tinha ideia de que era possível o corpo dela reagir dessa maneira, tremendo e convulsionando, suas mãos arranhando a pele de suas costas. Isso a deixou mais do que ofegante, e agora, beijando-o, provando seu prazer em seus lábios, ela já podia dizer que...



É realmente difícil virar a página de um livro quando você está se masturbando. Não sabia disso até hoje, quando finalmente cheguei à suculenta parte do livro de Sasha. Jacob ainda está no trabalho, e desde que cheguei em casa eu não fiz nada além de folhear as páginas de *As Sete Vidas Secretas de James P. Albrecht* e acariciar meu pau. É absolutamente doido. Eu assisti meu quinhão de pornografia, deixe-me dizer-lhe, mas não tinha absolutamente nenhuma pista de que a leitura sobre sexo poderia ser excitante. Isso me fez sentir meio idiota no começo, lendo cenas que continham palavras como *buceta molhada* e *pau latejante*, mas depois de pouco tempo percebi que estava ficando duro. A próxima coisa que soube foi que minhas calças estavam desabotoadas e eu estava tendo que me impedir de gozar.

Não posso deixar de me fazer a pergunta: é isso que Sasha faz quando lê livros assim? Ela se serve de uma taça de vinho e senta em seu sofá, ficando cada vez mais quente sob o colarinho enquanto os personagens se aproximam um do outro? Ela finge que o cara, James, está beijando *sua* boca com o gosto de *sua* buceta nos lábios? Isso a deixa molhada? Isso faz com que se toque, lentamente deslizando a mão por baixo da calcinha para que possa provocar seu clitóris enquanto lê? Porra. A imagem é muito quente para palavras. Me chame de ignorante, mas eu não tinha ideia que esse tipo de coisa existia. Eu sei que garotas ficam com tesão. Sei que ficam excitadas o suficiente para que te linchem por sexo às vezes, especialmente se beberam um pouco, mas isso é diferente. Esta é uma mulher adulta, uma mulher sexy, buscando seu próprio prazer. E foda-me se isso não está me deixando louco.

Uma hora depois, ainda estou me provocando quando recebo um texto:

Esquina da 2ª com a 5ª. Mercedes preto. APAREÇA APÓS A MEIA-NOITE.



São 11:15 agora. Bem, merda. É isso então. Parece que minha diversão acabou. Eu lanço o livro debaixo do meu travesseiro e pego minha mochila debaixo da cama. Voltarei para terminar o que comecei aqui, mais tarde. Do lado de fora, enormes poças de água inundam a calçada, refletindo a queimadura de sódio das luzes da rua. O local que foi enviado para o meu telefone não está longe, mas eu geralmente gosto de vigiar um pouco antes de me comprometer. Inteligente para esperar, inteligente para assistir. Você nunca sabe se alguém vai aparecer de repente e perguntar por que diabos você está abrindo o lado do motorista do seu carro. Começa a chover novamente enquanto estou andando. Quando chego a esquina da 2ª, fico nas sombras de uma porta, levanto a gola da minha jaqueta de couro.

As pessoas me veem encostadas na porta, mas fingem que não. As conversas param quando olhos nervosos me veem. A jaqueta. As tatuagens. *Especialmente* as tatuagens. Hipsters em toda a cidade têm os braços cheios nos dias de hoje, mas a garganta cheia de tatuagens? Mãos cobertas de tinta? Isso exige certo nível de dedicação que a maioria dos garotos menospreza. Os transeuntes me notam e reconhecem o perigo. Eu não sou uma pessoa segura para reconhecer. Até mesmo um bando de gangue deixa de gritar em seu celular e acelera um pouco quando ele me vê.

Eu pairo e espero. É quase meia noite quando decido que é seguro fazer a minha jogada. A Mercedes está exatamente onde o texto dizia que estaria. É um novo modelo, fadado a ter alarme, então não vou pelo óbvio. Eu me impeço de deslizar o pé de cabra pelo espaço entre a janela e a porta e, em vez disso, uso uma faca de lâmina longa para forçar a abertura do capô. Leva menos de um segundo para cortar os elementos elétricos necessários e fechar o capô novamente. *Agora é* hora de abrir a porta.

Dizer que tenho experiência nisso seria o eufemismo do século. Há tolos lá fora que levam trinta segundos para abrir um carro. Eu, por outro lado? Dois segundos. Três talvez, se estiver enferrujado. Um espectador vendo eu me aproximar do lado do motorista de um carro veria o dono do veículo entrar e sair dirigindo. Eu sou bom *pra caralho*.



Faço um pequeno trabalho no sistema elétrico da Mercedes. O motor ronrona quando eu a ligo. Dirijo calmamente, com responsabilidade, como uma pessoa normal dirigiria. Trinta minutos depois, paro do lado de fora do meu destino, sentindo-me muito presunçoso. Passei por três carros de polícia no caminho e nenhum desses bastardos me deu nenhuma atenção.

Uma figura alta e sombria emerge da garagem que estou estacionando em frente, o capuz o protege da chuva e dos olhos curiosos. Um toque na janela.

"Jericho não está aqui, cara", o homem da janela me diz. Alto. Magro. Alto pra caralho, pela aparência das coisas. Ele se contrai nervosamente. "Ele me disse para dirigir o carro quando você chegasse aqui, disse que ele te pagará amanhã se aparecer às quatro."

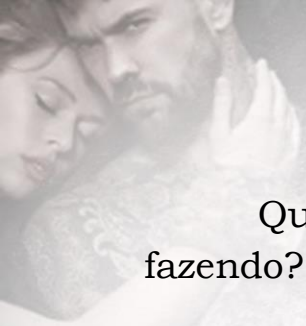
Eu estreito meus olhos, olhando para o cara. Ele se contorce um pouco mais, depois esfrega o nariz com a palma da mão, tremendo. "Ok, cara." Claro. Saio do carro e me preparo. Sei exatamente o que vem a seguir.

Às vezes, não sou a única pessoa a receber um texto como o que recebi anteriormente. Às vezes, a mensagem é enviada para duas ou três pessoas, dependendo do trabalho. Se alguém aparece em um impulso depois que alguém já chegou, espera-se que vá em frente e encontre outro trabalho. Cortesia comum entre ladrões, se você quiser.

Esse cara não me parece familiar, eu não o vi na esquina da 2ª com a 5ª , mas estou disposto a colocar dinheiro no fato de que ele estava lá. Ele me viu e fugiu; só que não queria se afastar do pagamento. Ele imaginou que viria aqui e esperaria por mim, então tiraria o trabalho bem debaixo do meu nariz. Não é a primeira vez que isso acontece. Não será a última também, tenho certeza.

Ele está desesperado.

Eu faço questão de virar as costas para ele quando fecho a porta do Mercedes — *não tenho medo de você, filho da puta.*



Quando viro, ele não parece feliz. “Ei cara, o que você está fazendo? Eu te disse que tenho que dar uma volta por aí.”

“Eu não vou te dar o carro, seu idiota estúpido. Vou dar- lhe três segundos para dar o fora daqui, e se ainda estiver aí, quando eu terminar de contar, então vou bater em você com tanta força que seu rosto vai desmoronar.”

O cara de capuz zomba. Seus dentes estão uma bagunça. Seus olhos estão vermelhos. Ele precisa de uma solução e precisa disso. A última coisa que vai fazer é se afastar de mim. Ele enfia a mão no bolso e lentamente tira uma longa faca, a prata da lâmina perversamente afiada brilhando na escuridão. “Menino rico e impetuoso. Você acha que não sei quem você é? Este é o *meu* trabalho. Eu já disse a Jericho que faria isso.”

Eu olho a faca. É uma coisa selvagem. Parece que é nova, nunca foi usada. Ou isso ou este viciado cuida excepcionalmente bem de suas armas. “Como você vai enfiar essa coisa em mim?” Pergunto.

Ele franze a testa. “O que?”

“Como? Como exatamente você vai usar essa lâmina em mim? Você vai tentar me esfaquear nas costelas? Pescoço? Estômago? Como esta próxima parte vai acontecer? Estou interessado.”

“Eu não sei, idiota. Vai afundar onde encostar. Onde eu te acertar com isso, você vai acabar morto. Melhor você apenas se afastar.”

Se há uma coisa que aprendi no reformatório é que você não sai de uma briga. De jeito nenhum. É estúpido, estou ciente de que é estúpido, mas meu orgulho simplesmente não permite isso. Eu dou um passo à frente e o viciado ri. É um som feio que ecoa pela rua abandonada.

“Tudo bem, cara. Tudo bem. Se é isso que você quer...”

Eu vou para frente, meus dedos indicadores e médios dobrados na primeira junta, a mão estendida. É um movimento rápido e agudo,



um golpe que pega o cara de surpresa. Meus dedos penetram profundamente em sua garganta, esmagando sua laringe em um breve e explosivo movimento. Veja, esta é a coisa. Esses idiotas dão uma olhada em mim e veem esse cara enorme, de ombros largos e tão fodidamente quieto, ainda *excepcionalmente parado*, e fazem suposições. Eles acham que sou lento. Eles pensam: 'cara, esse vai cair duro'. O único problema é que sou realmente muito rápido. Eu não sou o que eles esperam. Eu sou como uma maldita cobra, quando bato geralmente é fatal.

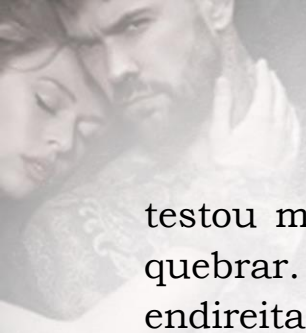
O viciado cai. Sua cabeça faz um som de rachadura nauseante quando se conecta com a calçada. Eu respiro fundo através dos dentes, balançando a cabeça. “Ooooh. Isso soa como se doesse.”

“Foda-se... cara.” Ele não consegue respirar direito, está agarrando sua garganta, e me vejo imaginando distraidamente se causei algum dano sério. Você pode colapsar o esôfago de um homem se bater nele com força suficiente na garganta. Ele pode sofrer danos sérios que o deixarão comendo através de um tubo pelo resto de sua vida. Eu me importo se esse bastardo precisa de uma traqueostomia agora? Minha consciência está me incomodando? Isso é um inferno retumbante, não.

“Ajude-me..., cara”, ele sussurra.

Cruzo meus braços sobre o peito e o estudo por um segundo. Ele está se debatendo de costas como um inseto. A faca que estava segurando há pouco está no chão a um metro de distância, ainda balançando no cabo quando as gotas de chuva atingem a lâmina. Não há sentido em atingi-lo. Ele está bem e verdadeiramente caído e fora de combate. Eu dou um passo para frente e estendo minha mão. Ele pega, e enquanto eu o coloco de pé, ele faz algo profundamente estúpido. Ele balança descontroladamente o outro braço, rosnando como um lobo, mirando uma direita desajeitada na lateral da minha cabeça.

Eu o solto e bloqueio seu ataque, então estou em cima dele. Ele deveria ter aceitado a ajuda e desaparecer, porra. Ele deveria ter se salvado e classificado isso com uma experiência ruim. Em vez disso,



testou minha paciência. Eu bato forte o suficiente para sentir o osso quebrar. As pernas do viciado se dobram, mas ele consegue se endireitar e permanecer de pé. Não por muito tempo, no entanto. Eu bato meu punho em seu rosto novamente, e ele cai no chão, apagado. Eu lentamente fico em pé sobre ele, e considero segurar um punhado de seu cabelo e bater repetidamente sua cabeça contra o concreto.

"Rooke?" Olho para cima. O braço direito de Jericho, Raul, está de pé na porta agora aberta da garagem, olhando para mim de boca aberta. "Que porra é essa, cara? Você está chutando a merda de alguém aqui fora? Coisa ruim do caralho."

Eu cuspo, encolhendo meus ombros. "Algumas pessoas simplesmente não sabem quando ir embora sozinhas. Isto é sobre ele."

Raul suspira, franzindo as sobrancelhas. Ele joga uma bolsa preta de zíper na minha frente e a pego no ar. "É melhor sair daqui antes que o chefe veja", diz ele. "Ele não está de bom humor esta noite. Eu vou cuidar disso. Continue. Vá."

Eu saio a pé, dez vezes mais rico, absorvendo a chuva.



CAPÍTULO 5

AUTODESTRUIÇÃO

SASHA

Não há nada mais frustrante do que comprar o mesmo livro duas vezes. Depois que saí do meu encontro com Oscar há quatro dias estava muito envergonhada para ir caçar naquela enorme pilha de listas telefônicas por *As Sete vidas secretas de James P. Albrecht*, então agora tenho que parar em um Barnes and Noble no caminho para casa. O bom é que sou uma leitora rápida. Faltam apenas dois dias entre hoje e sexta-feira quando o clube do livro se encontra, e não posso simplesmente *não* ler o livro. Kayla levaria para o lado pessoal, ela não é o tipo de pessoa que perdoa assim facilmente. Iria supor que odiei a escolha do livro, que estaria tentando insultá-la pessoalmente não apenas por não completar a leitura, mas também por perder minha cópia. Nada nesta situação seria bom. A coisa é que realmente odeio comprar romances em livrarias. Sempre há um estudante de inglês com cara cheia de espinhas no caixa, pronto para julgá-la silenciosamente por sua escolha de leitura, quando eles têm prontamente à mão esses maravilhosos, inspiradores volumes que ganharam o prêmio Pulitzer. E não me fale sobre os rastejadores que espreitam ao redor da seção erótica da loja, esperando para atacar no momento em que você pega algo que parece ser um pouco sacana. Uma livraria é o melhor lugar para perguntar a alguém se gostaria de ir brincar com você e sua esposa? Acho que não, senhor.

Então encontro o livro e compro. Ando até o cara estranho de vinte anos, atrás do balcão, com o longo cabelo branco preso em um rabo de cavalo, usando o que parece ser um pijama branco, e ignoro o julgamento do seu olhar de pena. Recuso a oferta de uma sacola plástica, e enfio o romance em minha bolsa junto com o recibo, e a próxima coisa que sei é que estou do lado de fora no ar fresco e calmo

da noite, olho para cima para ver que a chuva que tem persistido nos últimos dias, agora se transformou em neve.

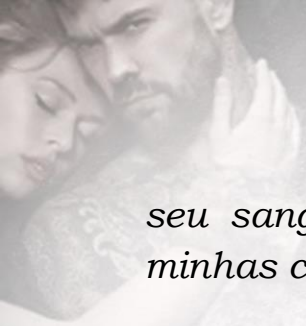
Uma mulher usando alegremente um chapéu de Papai Noel toca um sino, sacudindo um balde do Exército da Salvação, sorri para mim calorosamente enquanto dança uma música de Natal que soa em um alto-falante portátil. Dou-lhe o troco do livro, três dólares e um centavo, e desço a rua na direção de casa.

Quando chego, pego uma salada que sobrou na geladeira e a como enquanto estou no balcão da cozinha, olhando para minha bolsa. O livro está lá, esperando que eu o termine. Estou na metade, mas simplesmente não consigo reunir a energia para abri-lo agora. Não é como se odiasse a história ou algo assim. Só não sei. Não estou focada quando tento ler. Minha mente viaja. Vejo-me revisitando eventos do passado, em vez de ver as palavras na página, e o passado não é um lugar que quero passar meu tempo livre. O passado é perigoso, cheio de buracos e escuridão. Perder-me é prejudicial.

Horas depois, estou na cama quando finalmente pego o maldito livro. Não posso evitá-lo para sempre, e o par de taças de vinho que bebi enquanto assistia televisão parece ter me entorpecido confortavelmente.

Ela apertou o copo, e pedaços do vidro quebrado cavaram em sua pele. Pequenas gotas de sangue desabrochavam do nada, aumentando de tamanho até ficarem grandes demais, pendendo como lágrimas antes de cair na terra. "É isso que quis dizer?", ela me perguntou. "É este o tipo de dor que me lembrará que estou viva?"

Assenti. O vento chicoteava balançando o casaco e o cabelo dela; o sangue continuava caindo no chão. "Não sou talhada para isso", ela sussurrou; sua voz trêmula. Podia ver facilmente as lágrimas em seus olhos. Talvez devesse ter dado a ela uma rota de fuga neste momento, teria sido a coisa cavalheiresca a fazer, mas eu não era um cavalheiro. E a visão de suas emoções brotando, da mesma forma que



seu sangue estava saindo, por algum motivo fez meu pau duro em minhas calças. "Preciso que você me leve para casa", ela sussurrou.

"Não, Isobel. Não, você não vai para casa". Dei um passo à frente e, como um espelho dos meus movimentos, Isobel recuou. Ela parecia com medo.

"Não sou sua propriedade", ela me disse, sua mão tremendo, os dedos ainda enrolados em volta do vidro. "Não pode me fazer ficar."

"Não preciso fazer você ficar. Você quer *ficar."*

Ela engoliu em seco. "Está errado. Tenho que voltar para..."

"Para o seu marido? O homem que bate muito em você todas as noites da semana?"

Isobel corou; suas bochechas avermelhadas contra o frio e a dor aguda das minhas palavras. "Não sabe do que está falando. Não tem ideia de que tipo de homem..."

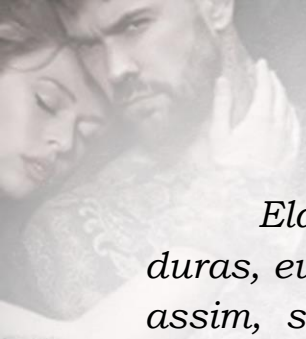
"Sei exatamente *que tipo de homem ergue o punho para sua mulher. Um covarde. Um pedaço de merda que não merece o direito de andar pelas ruas."*

A mão dela se curvou ao redor do copo quebrado. "Não quero mais fazer isso, James. Nós terminamos, ok? Eu só tenho que ir para casa."

"E eu te disse..."

"Deus, por favor. *Apenas me deixe ir. Não aguento mais isso. Estou sendo despedaçada. É muito para lidar agora. Talvez com o tempo..."*

"O que? O passado de repente não importará mais? Acha que chegará um momento em que não acordará gritando no meio da noite? Que não estará olhando por cima do seu ombro toda vez que andar por uma rua desconhecida?" Rio, balançando minha cabeça. "Estou decepcionado. Pensei que seria corajosa. Pensei que estaria pronta para esquecer tudo o que aconteceu."

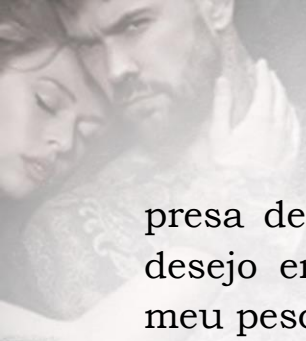


Ela visivelmente se encolhe diante de mim. Minhas palavras são duras, eu sei, mas ela precisa ouvi-las. Ela não pode continuar vivendo assim, sempre que um tiro sai pela culatra.

Fecho o livro, cerrando lentamente os olhos. Está se tornando claro porque Kayla escolheu este livro específico. Ela não é particularmente conhecida por sua sutileza. A protagonista no livro não perdeu seu filho, ela foi sequestrada e mantida contra sua vontade por um homem demente que escapou da prisão, e ainda assim há semelhanças surpreendentes entre eu e a garota fictícia do livro: ela é assombrada por seu passado; não consegue recuperar a vida após o que aconteceu; pesadelos persistentes atormentam-na toda vez que fecha os olhos; e ela acha difícil confiar nos homens. Especialmente o trapaceiro de cabelos escuros que se recusa a parar e desistir de persegui-la.

De alguma forma, acho que Kayla está tentando me mostrar que um idiota sarcástico na minha vida é exatamente o que preciso para me tirar da melancolia. Não consigo entender sua lógica. E quem é ela para falar, afinal? Está solteira nos últimos três anos, desde que pegou seu ex-marido fodendo a secretária no porão de sua casa, e eu a perturbei sobre suas escolhas de vida pessoal? Não, não perturbei. Não julgo. Não comento as decisões, erros ou peculiaridades gerais de outras pessoas. Tudo o que peço é que me deem o mesmo tratamento. Com Kayla, nunca importa o que as pessoas querem. Ela fará o que achar certo, independentemente de quem possa irritar.

Deixo de ler o livro, pensando no cara principal da história, James. Ele é de um lar desfeito. O pensamento de ter um relacionamento longo e comprometido com uma mulher nunca lhe ocorreu até que conhece Isobel, a mocinha, é claro. Ele é um criminoso depravado, um tipo perigoso e armado que você não gostaria de encontrar em um beco escuro. Tem muito pouco a seu favor quando se considera como namorado em potencial, e mesmo assim, quando penso nele, quase posso sentir o toque de seus dedos contra a minha boca. Quase posso imaginar como seria a sensação de estar



presa dentro de seus braços, meio com medo e meio derretendo de desejo enquanto ele respira pesadamente contra a pele sensível do meu pescoço.

Por que a ideia de um homem imprudente e assustador como ele é capaz de fazer meu coração disparar e, no entanto, a ideia de um sensato banqueiro de investimentos de Hoboken me faz querer vomitar?

Talvez seja porque Andrew era um banqueiro de investimentos de Hoboken. Talvez homens sensatos e confiáveis, sem tendências psicopatas, me lembrem dele e do que perdemos. Ou talvez seja o fato de que homens perigosos, sombrios e mal-humorados com passado secreto são ruins para mulheres como eu, e apertei meu botão de autodestruição há muito tempo.



CAPÍTULO 6

DIA DO PAGAMENTO

ROOKE

Outra mensagem de texto esta manhã, outro carro. Desta vez, o roubo é fácil. “Quinze mil. Você não receberá mais um centavo de mim, Rooke. Não preciso te lembrar do quanto você me enganou na outra noite, não é?”

“Não estou exatamente levantando o capô para checar os motores, Jericho. Se ele liga quando cruzo os fios, pego a porra da coisa. Não pode me culpar se os veículos que trago não estiverem em boas condições de funcionamento às vezes.”

Aparentemente, a Mercedes era um fracasso. Ele queria, no entanto. Foi quem me disse especificamente onde estava. Jericho usa a unha do dedo mindinho para coçar o canto da boca, franzindo a testa profundamente. Amaldiçoa em voz baixa, usando uma linguagem que faria um marinheiro corar. “Que tal uma aposta? O dobro ou nada, meu amigo. Apimentar as coisas um pouco.”

“Não, obrigado. Vou ficar com os vinte que você prometeu.” Aprendi minha lição com Jericho. Ele nunca coloca uma aposta que sabe que não pode ganhar. Suas moedas são de dupla face. Seus baralhos estão empilhados. Se escolhesse ficar cara a cara com ele toda vez que ele propusesse uma aposta, eu seria o ladrão de carros mais pobre da região tri-estadual.

“Tudo bem, cara. Vinte”, diz. “Mas estou lhe dizendo agora, se eu perder dinheiro com essa coisa, vou atrás de você para resolver. E não quero ter que pegar um ônibus para o Brooklyn, idiota. Isso seria péssimo.” Apesar de seu papel como mecânico e vendedor de carros usados, Jericho detesta dirigir carros. Prefere sentar-se no banco de trás de um ônibus sempre que tem que se locomover, geralmente adormecendo com a boca aberta e perdendo sua parada algumas

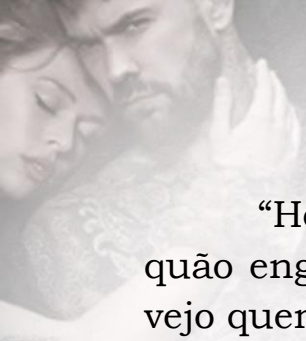
vezes. Não há lógica com esse homem, no entanto. Seria mais conveniente usar um dos muitos carros que tem em mãos em sua garagem, mas ele se recusa a ceder, não importa quantas vezes eu tente convencê-lo.

"Como sou parado por policiais se estou no maldito ônibus? Como sou pego por alguma merda estúpida como excesso de velocidade, só para ser arrastado para a delegacia em uma ordem pendente, se estou cuidando da minha própria merda nos fundos do Q54, huh, Cuervo?"

Ele me chama de Cuervo porque acha que sou ignorante para o que significa corvo em espanhol. Não tem ideia de como passei meu tempo na detenção juvenil. Minhas pernas grandes se espremiam debaixo de uma mesa para criança enquanto estudava os livros de ensino médio de língua espanhola, pronunciando as traduções para frases, verbos, adjetivos e substantivos em silêncio. Meus olhos pulavam avidamente pelas páginas. Sou muito fluente hoje em dia.

"Não terá que vir procurar por mim", asseguro a ele. "É perfeito. É o modelo do ano passado. Sem problemas com a junta mecânica, prometo. E mesmo que houvesse um problema, poderia sempre levá-lo para um centro de serviços. Tem menos de um ano. Tenho certeza de que ainda está na garantia."

O mexicano largo, levemente acima do peso, encostado na porta do motorista, lança-me um olhar fulminante que fez com que homens menores corressem com o rabo entre as pernas no passado. Ele não diz: *como devo levar um carro para o centro de serviço de um fabricante se foi roubado e não tenho nenhum documento?* Apenas direciona o olhar para mim por um momento, os fazendo falar por ele. Provavelmente estou recebendo queimaduras de sol com a intensidade de seu brilho.



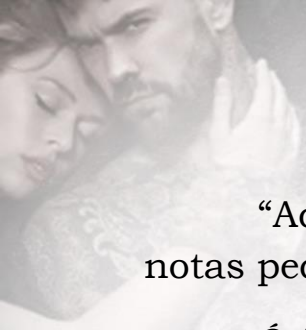
“Homem engraçado”, diz eventualmente. “Sempre esqueço o quão engraçado você é. E então você aparece aqui e me lembra, e me vejo querendo esquecer novamente.”

“Isso é um pouco duro.”

Ele encolhe os ombros. “Você é engraçado. Eu sou duro. Todos nós temos nossas cruzes para carregar.” O sigo enquanto deixa o Land Rover azul metálico que roubei e se dirige para o fundo da garagem, onde seu escritório está localizado. Passei metade da minha vida em lugares como este... Oficinas mecânicas, estocadas com peças de carros, tudo coberto de óleo, fedendo a suor e fumaça de cigarro. O local de Jericho é diferente, no entanto. Não há fotos de mulheres nuas nas paredes. Não há um único cartaz. De acordo com Raul, Jericho tem sete irmãs mais velhas que o criaram depois que sua mãe morreu, e como tal não aceita uma palavra mal pronunciada contra uma mulher. Ele bateu em um cara com um roda de ferro uma vez porque o cara em questão chamou uma prostituta na rua de *puta de* esquina.

Dentro do escritório, Jericho faz um gesto para eu me sentar. Vira as costas para mim enquanto abre seu pequeno cofre na parede, digitando números em um teclado escondido atrás de uma fotografia antiga de um cara mexicano de aparência severa, com um bigode e roupa militar completa. Porfirio Diaz. Sei o nome do cara porque cometi o erro de perguntar a Jericho sobre ele uma vez. Quarenta minutos depois, eu estava bem informado da história de Diaz, incluindo o fato de que ele serviu sete mandatos completos como presidente do México e morreu em 1915. Jericho não parece ter superado a tragédia disso ainda.

Posso ouvi-lo contando para si mesmo enquanto separa meu pagamento para o Land Rover. Meu telefone vibra no meu bolso, mas deixo onde está. Jericho e eu estamos em bons termos, embora um pouco desconfiados. Ele é um cara que exige toda a atenção, no entanto. Mensagens de texto em seu escritório seriam, sem dúvida, consideradas desrespeitosas de minha parte.



“Aqui”, diz virando-se. “Vinte mil. Infelizmente eu não tenho notas pequenas.”

Ótimo. Notas de cem dólares são um pesadelo para se livrar. Tente pagar com um Benjamin na maioria dos estabelecimentos que Jacob e eu frequentamos e terá no mínimo um olhar desconfiado ou a conta será devolvida e será avisado para ir trocá-la em outro lugar. Na pior das hipóteses eles vão chamar os policiais. Ainda assim, dinheiro é dinheiro. Não é como se estivesse planejando gastar de qualquer maneira.

Pego a pequena bolsa preta que ele está empurrando para mim. “Alguma ideia do que você pode querer em seguida? E não diga a porra de um Tesla.” Normalmente não resmungo, mas foda-se. Isso é tudo o que ele parece pedir, e esses carros são praticamente impossíveis.

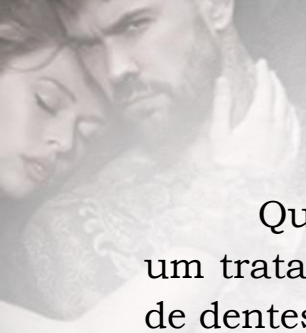
Jericho semicerra os olhos para dar a impressão de que está pensando profundamente nas coisas. “Ferrari. Bugatti”, diz lentamente. “Carros esportivos. Tenho pessoas me pedindo carros esportivos.”

“Ninguém dirige um Bugatti na cidade. Qual seria o ponto? A velocidade média que um carro anda aqui é de vinte e cinco quilômetros por hora, isso se você tiver sorte.”

Jericho balança a cabeça tristemente, contornando a mesa, que está transbordando de papéis e xícaras de café vazias. Desce os dois degraus de seu escritório e caminha entre a frota elegante de carros caros que estão estacionados na sua garagem. “Perguntou-me o que eu gostaria e eu te disse. Espero que me traga um Bugatti? Não, não espero que me traga um Bugatti. Espero que me traga um Prius ou algum outro básico.”

Filho da puta atrevido. “Eu *nunca* trouxe um Prius.”

“E então o que? Talvez seja fácil vender um Prius.” Ele parece indiferente quando me aponta na direção da saída. “Vai me trazer algo que eu possa vender, tenho certeza. Obrigado pela visita, Cuervo.”



Quando sorri para mim, percebo pela primeira vez, que ele fez um tratamento dentário: uma chapa banhada a ouro sobre sua fileira de dentes. Na sua grade, a palavra: *Arrepiente*.

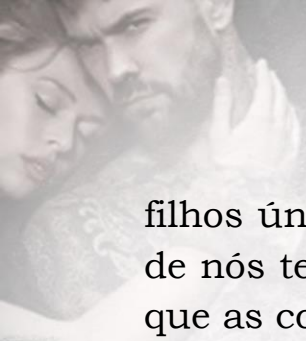
Arrependa-se.

***

Vinte mil em uma sacola plástica preta. Vinte mil batendo contra a minha perna enquanto atravesso a ponte do Brooklyn. Os longos suportes dos fios parecem dedos longos e finos que se estendem em direção ao céu. O sol já está descendo há horas, e a espessa camada de nuvens acima da cabeça dispersa ocasionalmente, revelando o breve ponto brilhante de alguma estrela desconhecida. Está tão frio que dói respirar. Penso em muitas coisas quando atravesso a ponte.

Começo pensando no que vou fazer com o dinheiro balançando na minha mão enquanto ando para casa. Seria muito fácil sinalizar um táxi e pagar para ser levado para a minha porta quando eu sair da ponte, mas sei que não vou. O frio parece que está ativando meu coração, e andar sempre ajuda a clarear minha mente.

Jacob. Poderia dar o dinheiro para ele. Ele está soterrado em dívidas estudantis assim como todos os outros, e lutar para se tornar músico em Nova York é praticamente o mesmo que lutar para se tornar um ator em Los Angeles. Nove em dez vezes isso não vai acontecer. Se der o dinheiro para Jacob, ele vai querer saber de onde tirei. É muito curioso. Nunca ficaria satisfeito em saber que é dele, que é um agrado, sem importar de onde veio. Haveria perguntas, perguntas que obviamente não poderei responder. Acabaríamos discutindo ou nos afastando, e nenhum de nós precisa de drama em nossas vidas. Se eu tivesse um irmão, um irmão ou uma irmã, poderia dar-lhes um pouco do dinheiro. Mergulhar na ideia de ter um irmão mais velho para cuidar, uma irmã mais nova para proteger é estranhamente reconfortante. Somente aqueles que nascem como



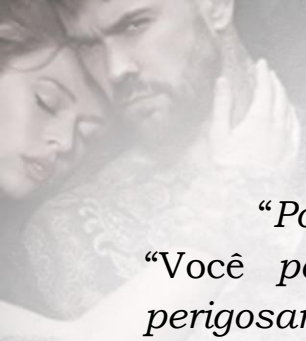
filhos únicos podem conhecer e compreender a vontade que a maioria de nós tem de um irmão ou irmã. Sou um adulto, e até agora gostaria que as coisas fossem diferentes.

Penso em Lola, a última garota que fodi. Gastaria esse dinheiro com Lola se *ainda* estivéssemos juntos? Provavelmente. Eu a levaria para jantar. Talvez comprasse algumas flores para ela. Faria coisas clichês, inúteis, como levá-la para ver um filme, e depois pegaríamos pretzels quentes salgados de uma padaria perto da minha casa. Desapareceríamos em um avião para a América do Sul juntos, para nos aventurarmos pela Argentina e pela Patagônia? Absolutamente não. Ela não era esse tipo de garota.

Bicicletas e jaquetas pretas passam por mim em borrões de luzes vermelhas piscando. Não ouço buzinas tocando. Ouço uma lista pesada de rap no meu celular, fones de ouvido bloqueando o mundo, e tenho um daqueles bizarros momentos fora do corpo, *como é a minha vida?*

É realmente um tipo de vida surreal, sabe. Coisas estranhas e inesperadas acontecem o tempo todo. Vinte mil continuam batendo contra a lateral da minha perna enquanto atravesso a ponte, devagar, sem pressa, embora todos pareçam estar correndo como se suas vidas dependessem disso.

Demoro duas horas para voltar para casa. Vejo-me olhando para o prédio da calçada, observando a luz amarelada que está na sala de estar, brilhando na escuridão. A voz do meu pai ecoa dentro da minha cabeça, um pouco desgastada, como se não pudesse realmente decidir por que está se incomodando em fazer a pergunta que fez. *Por que, Rooke? Você tem tudo que poderia precisar. Por que faria isso? Por que roubaria o carro de alguém?* O bastardo não estava realmente bravo por eu ter sido pego roubando. Estava envergonhado por eu ter sido pego roubando carros especificamente, que cometi um crime tão vulgar. Se tivesse sido descoberto em flagrante negociação ou executando algum outro delito de colarinho branco, teria sido menos humilhante para ele.



"*Porque os carros são sólidos",* eu disse a ele naquela época. "Você *pode maltratar um carro. Pode dirigir muito rápido. Muito perigosamente. Pode arranhar a pintura. Pode derrubá-lo em um córrego. Pode incendiá-lo, até que seja apenas uma casca irreconhecível e queimada.*"

Meu pai ficou pálido com o quão incivilizado me tornei. Ele, em suas camisas recém passadas, brancas como a neve, e o conjunto de sete gravatas simples e conservadoras que escolhia dependendo de que dia da semana estava.

Eu sabia disso então; nunca iria agradá-lo, não importa o que fizesse. Ele queria conformismo. Obediência. Respeito.

E tudo que eu queria era algo que pudesse destruir.



CAPÍTULO 7

FILHO DA PUTA

ROOKE

5 anos atrás.

Centro de Segurança Goshen

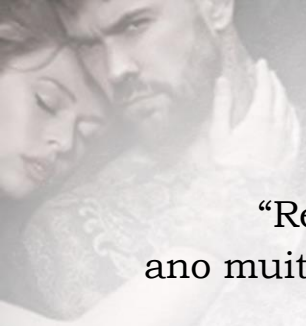
"Você perdeu peso."

Olho para minha mãe, sentada do outro lado da mesa, e tenho que literalmente segurar o riso. Ela acha que isso aqui é o Ritz Carlton? "Estou em uma detenção juvenil. Sim. A comida aqui é merda de cachorro. Os guardas não estão exatamente dando folga também."

"Tudo bem. Não precisa ser rude."

Há todos os motivos para ser rude. Disse a ela para não vir. Quando me trancaram aqui há dezoito meses, falei muito especificamente para não vir me ver. Ela atendeu ao meu pedido todo esse tempo, então por que diabos apareceu agora? Sei que minha mãe é uma mulher atraente. Tive amigos me dizendo por toda a minha vida que gostariam de transar com ela. Então, tê-la vindo aqui, onde meus companheiros de cela não têm nada para fazer o dia todo, a não ser tentar encontrar maneiras sacanear uns aos outros, é perfeito pra caralho. Honestamente. Sei exatamente o que vai acontecer no momento em que voltar para o xadrez. Alguém vai dizer alguma coisa. Alguém vai fazer algum comentário sugestivo sobre minha mãe e eu vou matá-los.

"Onde está o papai?" Pergunto baixinho.



“Receio que não podia fugir do trabalho. Esta é uma época do ano muito ocupada, Rooke. Sabe disso.”

Sim. Sei. Sei que ela não teria sido capaz de arrastá-lo aqui pacificamente nem se sua vida dependesse disso. Richard Blackheath é um homem teimoso. Se ele disser que pretende nunca mais vê-lo, é melhor acreditar que estará te evitando pelo resto de sua vida. Balanço minha cabeça, rindo baixinho. Sim intencionalmente me ignora. “Seu avô quer visitá-lo. Quer vir a cada duas semanas jogar xadrez. Disse a ele que não o queria aqui, mas...”

“Pode vir.”

Ela parece chocada. “Ele pode vir, mas eu não tenho permissão?”

“*Ele* não olhará para mim como se eu fosse um criminoso, quando ocupar a cadeira em que está atualmente sentada.”

”Você *é* um criminoso, Rooke. Como deveria estar te olhando?”

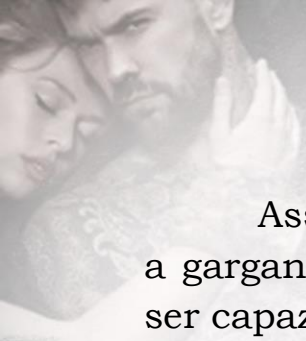
“Não sei. Como seu filho? Como um ser humano?”

Ela brinca com o fecho da bolsa. Inabalável. Provavelmente está pensando em seu trabalho, o que precisa fazer quando voltar para seu escritório. Isso ou apenas contando os segundos até que possa sair. “Vou avisá-lo”, diz. “Enquanto isso há algo que eu possa fazer por você? Posso tentar falar com o juiz Foster. Ver se ele consegue...”

“*Não.*” A palavra sai de mim como um tiro, violento e alto. Apoiando-se contra a parede a três metros de distância, Rawly, um dos guardas mais gentis, coloca a mão no cassetete, dando-me um olhar de advertência. “Não. Deixe-me aqui”, digo. “Não quero sua ajuda. Só quero cumprir isso, sair e recomeçar. É isso aí. Sem mais recursos. Sem mais advogados. Sem mais juízes. Apenas *não*.”

Ela não entende. Posso ver nos olhos dela. “OK. Se é o que quer...”

“É isto.”



Assentindo, ela empurra a cadeira para trás da mesa, limpando a garganta. “Adicionei algum dinheiro à sua conta interna. Você deve ser capaz de conseguir o que precisar, quando precisar.”

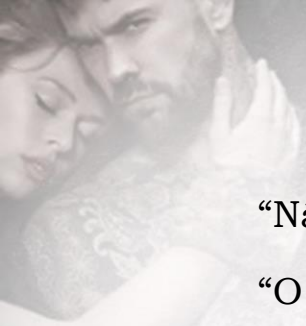
Ela não tem acesso à minha conta, então não pode ver que não gastei um centavo do dinheiro que depositou. Agora há mais de dois mil economizados. Impressionante considerando que só é permitido depositar cem dólares por vez. Prefiro doar o dinheiro a me beneficiar disso. Ficarei sem cigarro, lanches e todas as demais besteiras antes de deixá-la pensar que está de alguma forma cuidando de mim aqui.

É raro que um membro da família vá embora antes do final da visita, mas não tento impedi-la. Recuso-me a pedir para que fique. Ela me lança um olhar quase lisonjeiro, depois sai da sala de visitas, seus saltos estalam ruidosamente enquanto se afasta. Certo número de caras a seguem com seus olhos enquanto ela passa por suas mesas. Tento não notar. Odeio a mulher na maioria dos dias. Vou me ressentir até o dia da minha morte do fato de que não tentou me defender quando os policiais vieram me prender. Mas foda-se. É minha mãe. Parece que tenho lâminas de barbear arranhando minhas costas por ver esses bastardos olhando-a do jeito que estão agora.

Rawly me acompanha de volta por uma série de longos corredores sinuosos e estreitos com uma mão no meu ombro. “Não deixe isso te perturbar, garoto”, diz. “Até meus pais são idiotas.”

Não digo nada. Ele tranca a porta assim que entro no meu quarto, e então somos apenas eu e eles... outros trinta adolescentes que bateram em seus professores do ensino médio, atearam fogo em prédios municipais, ou roubaram carros e os incendiaram como eu.

Na maioria das vezes ninguém mexe comigo aqui. Tenho um pavio curto, então todo mundo se distancia. Todos, exceto Jared. Jared Viorelli, dezoito anos, cumprindo três anos por agressão. É tão alto quanto eu. Tão forte quanto. Tão temperamental quanto. Talvez seja por isso que ele não vai desistir de tentar foder comigo. É como se tivesse um ponto a provar. Ele me vê do outro lado da cela e se levanta do jogo de pôquer que estava jogando, indo direto para mim.



“Não comece Viorelli.”

“O que?” Sorri, mostrando os dentes irregulares. “Só queria parabenizá-lo. Vi sua mãe no...”

Meu punho se conecta com seu rosto antes que possa terminar a frase. Sabia que ia acontecer. Eu *sabia* disso. Poderia ter apostado dinheiro que seria Viorelli fazendo os comentários também. Meus dedos se machucam quando o acerto novamente. O sangue espirra pelos azulejos limpos e Viorelli cai, batendo forte no chão. Ouço o barulho satisfatório de um daqueles dentes desiguais quando voa de sua boca.

“Ahhh! Foda-se, Blackheath. Você é um maldito homem morto.” Viorelli vira a cabeça e cospe sangue. Rawly está de volta. Batendo em mim com seu cassetete, me atingindo entre as omoplatas, e caio de joelhos.

“*Deita, deita, deita! Deita no chão, Blackheath!*”

Obedeço, porque deitar no chão é muito mais agradável do que outro golpe do cassetete que tem em suas mãos. Jared continua cuspindo, xingando e me xingando, mas não o escuto. O som trovejante das botas dos outros guardas que se apressam para ajudar Rawly a me deter, está ausente. Estou surdo aos gritos e exclamações dos outros detentos. Na minha cabeça, tudo fica em silêncio. Tudo é pacífico. Estranho como a violência é a única coisa que vai acalmar a tempestade furiosa dentro de mim. Sinto que estou me afogando em sangue e não me importo nem um pouco.

Jared continua a gritar ameaça após ameaça para mim. Sorrio para ele quando sou levantado do chão e levado embora; meu sorriso se alarga ainda mais quando vejo que não é qualquer dente que tirei de sua boca. São os dois dentes da frente.

Isso mesmo, filho da puta. Veja que porra acontece ao provocar um cara encarcerado sobre sua mãe.



CAPÍTULO 8

INTRUSO

SASHA

Duas taças de Sauvignon Blanc no clube do livro, a campainha toca. Alison, Kayla, Tiffanie e Kika estão discutindo sobre o status de anti-herói de James — é ou não é um personagem resgatável — nenhuma delas pareceu registrar a campainha da porta. Estamos todas aqui. Não estamos esperando mais ninguém, e sou atingida por uma onda de ansiedade. Isso não é bom. As pessoas não sobem os degraus da minha casa e tocam a campainha. O lugar é muito imponente e austero do lado de fora para que os vendedores tentem a sorte oferecendo suas mercadorias e, depois de muitos anos de batidas em porta fechada, de "não-obrigada", as Testemunhas de Jeová nem tentam.

"Ouviu isso?" Faço a pergunta incrédula, meus olhos arregalados, apertando a haste da minha taça de vinho. Ali olha por cima do livro surrado que está segurando, arqueando uma sobrancelha para mim.

"Ouvir o que?"

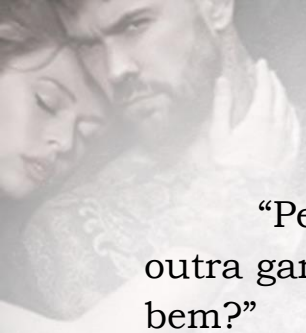
"A campainha. A campainha tocou."

"Foi?" Confusão aparece em seu rosto.

Aceno com a cabeça.

"Bem, vá e atenda, sua maluca."

"Definitivamente não. Vou ignorar..." A campainha toca de novo, quase intuitivamente, como se quem estivesse em pé na porta da frente soubesse do meu jogo e não planejasse me deixar sair ilesa.



“Pelo amor de Deus, Sasha, apenas vá e atenda a porta. E pegue outra garrafa de Ridge&Sons branco quando estiver voltando, está bem?”

Fico de pé, sem saber o que vai acontecer a seguir. Faz muito tempo desde que interagi com pessoas nesse tipo de situação. Não tenho mais ideia de como ser educada. Tenho a mesma probabilidade de gritar com quem está na porta ou convidá-lo para uma xícara de café. Meu tremor de mão está de volta quando alcanço a maçaneta da porta. Esperava que talvez essa interrupção no clube do livro fosse um caso de crianças da vizinhança brincando de bater à porta e correr, mas posso ver claramente não é o caso, quando observo a forma alta e sombria esperando do outro lado do vidro fosco.

Abro a porta com o coração acelerado dentro de minhas costelas — a sensação mais desagradável e preocupante. E lá, esperando intransigentemente no capacho, está um rosto que não achei que voltaria a ver. Rooke Blackheath? Neto de Oscar? Parece mais velho do que quando o vi no museu. Seu cabelo está penteado para trás novamente, e está vestindo uma camisa preta com as mangas arregaçadas, revelando uma confusão de tinta colorida em seus antebraços. Calça preta. Botas pretas. Sem jaqueta. Há uma garrafa de vinho tinto aninhada embaixo do seu braço direito. Quem diabos aparece em uma casa às oito e meia da noite de novembro, em Nova York, sem casaco? ”Que diab...”

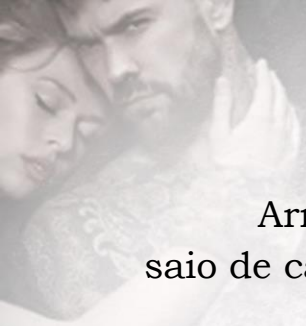
Ele sorri inesperadamente, inclinando a cabeça para um lado, como se estivesse esperando por mim para dizer alguma coisa. Quando não digo, encolhe os ombros e os olhos, olhando para a esquerda, descendo a rua.

“Rooke?”

“Sim, meu nome é Rooke”, responde. “Bem lembrado.” Ele aponta a garrafa de vinho para mim acusadoramente. “Você é Sasha.”

“Sasha. Com um A. Não H.”

“Não pronunciei com um H.”



Arranco a garrafa de vinho da mão dele, passando pela porta e saio de casa. “Você disse. Eu pude ouvir”, digo.

Seu rosto se contorce como se estivesse tentando não sorrir. “Minhas desculpas, então. Posso entrar?”

Pisco para ele, totalmente confusa. “Por que entraria? Estou com um clube do livro aqui hoje à noite. Não é... *espere, como sabe onde moro*?”

Uma névoa se eleva no ar quando Rooke ri. Tinha me esquecido de sua gargalhada alta e desavergonhada. Posso sentir isso nas solas dos meus pés. Ele levanta a outra mão e nela está *As sete vidas secretas de James P. Albrecht.* “Seu endereço está dentro”, informa. “Na...” Ele vira o livro e mostra a primeira página. “... etiqueta de coração do *clube de leitura* que está colada dentro. Também tem seu nome e um número de telefone para fazer contato. Pensei que aparecer sem avisar seria melhor do que estragar a surpresa.”

“Onde conseguiu isso?” Tento pegar o livro, mas estou segurando a garrafa de vinho tinto, além da minha taça, então a ação é totalmente impossível.

“Você o jogou em mim no corredor, lembra? Em frente ao escritório do meu avô?”

“Não joguei em você. Deixei cair.”

“Posso ter me enganado.”

“Deveria ter devolvido já que encontrou.”

“Estou devolvendo. Estou devolvendo *agora*. No clube do livro.”

“Sasha, quem...” Ouço passos no corredor, e então Ali está observando por cima do meu ombro, tentando dar uma olhada em Rooke. Ele parece extremamente entretido com toda essa situação. “*Quem* é seu amigo, Sasha? Jesus, meu jovem, você não está vestindo um casaco. Deve estar congelando. Entre antes de morrer de pneumonia.”

“Ele não vai morrer de pneumonia. Vai para casa antes...”



Ali suspira me tirando do caminho. Seus olhos estão fixos no romance nas mãos de Rooke, e ela parece satisfeita. “Espere um minuto. Leu isso? É um novo membro do clube do livro? Diga que sim.”

Rooke sorri, batendo o livro na palma da mão. “Eu li. Esperava que Sasha pudesse me deixar entrar no grupo. No entanto, ela não parece muito feliz por eu estar aqui.”

Ali vira para mim, seu queixo quase chegando ao chão. “Não. Não, não, não. Não fará esse pobre homem ir para casa sem casaco no frio, tendo lido o livro e querendo se juntar ao clube. *Qual é a porra do seu problema*?” Há muita coisa nas entrelinhas de “*Qual é a porra do seu problema.*” Ela acha que Rooke é gostoso. Acha que eu estava esperando por ele. Está imensamente aflita por eu não parecer disposta a deixá-lo entrar, e também está ameaçando fisicamente se eu não o fizer.

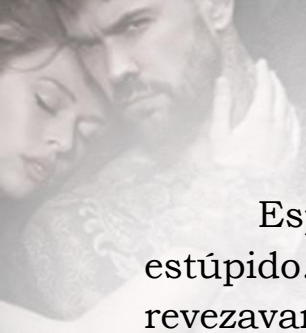
Basicamente, estou ferrada.

Desistindo, libero a passagem da porta. De repente, estou exausta e sem vontade de gastar mais tempo tentando descobrir como esta situação bizarra aconteceu. “Tudo bem. Entre. Mas este é um clube do livro. Haverá muitas perguntas sobre a leitura. Você estará em apuros se realmente não leu.” Pretendo me certificar disso.

Ele apenas sorri, acenando com a cabeça enquanto entra na minha casa como se já tivesse vindo mil vezes. “Não se preocupe”, diz por cima do ombro. “Estou pronto para você.”

***

“A primeira cena do beijo. O que achou?” Kika pergunta, inclinando-se na mesa de jantar em direção a Rooke. “Não foi *tão* romântico?”



Espero que Rooke pareça desconfortável. Espero que diga algo estúpido. Esperei pelos últimos trinta minutos, enquanto as garotas se revezavam para torturar o cara, mesmo que por pura surpresa que estivesse aqui, e ele não fez nada além de comer queijo e responder todas as perguntas facilmente e sem constrangimento.

"Romântico?" Pergunta mastigando. "Não foi romântico. Foi terrível. Estavam em algum beco escuro e fedorento. Havia sacos de lixo saindo dos latões, e ah... oh meu Deus. Os ratos!"

"Os ratos!"

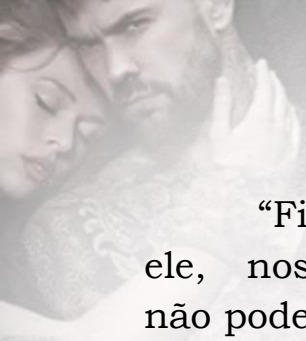
Kika e Rooke dizem "os ratos" ao mesmo tempo, ambos rindo, e quero fazer um buraco na mesa. Quem diabos é essa estranha criatura alienígena que invadiu minha zona de conforto, e quando está planejando sair? Adoraria saber, mas não posso perguntar por que todas as outras quatro garotas parecem estar completamente apaixonadas.

"Quantos *anos* você tem?" Kayla pergunta. Ela parece perplexa, como se não pudesse acreditar nesse jovem sentado à mesa com a gente, espalhando patê em torradas de alho e ervas e bebendo Pinot Noir como se fosse um maldito adulto.

"Tenho vinte e três anos", responde. "Quase vinte e quatro, se quiser ser específica."

Deus. Lembro-me dos dias em que também queria arredondar a minha idade. Parece que foi há uma eternidade. Kayla pressiona as mãos contra a mesa de jantar; é uma coisa estranha de se fazer, quase como se estivesse tentando se impedir de tocar Rooke, de vinte e três anos de idade. "Essa é uma ótima idade", diz ela, rindo. "Estava namorando um tecladista incrível quando tinha vinte e três anos. Ele me disse que sua banda seria famosa. Tinha o pior corte de cabelo de *todos os tempos*. Mas acreditei nele. Fizemos sexo no cinema enquanto minha mãe e a amiga estavam sentadas nos bancos à nossa frente. Foi muito excitante e fodido."

"Kayla!" Ali parece atordoada. "De jeito nenhum você fez isso."



“Fiz. Jeffrey Saunders. Meu pai disse que se me casasse com ele, nossos filhos seriam mentalmente comprometidos e que não poderíamos usar a casa de praia nos Hamptons por causa da tatuagem da banda Depeche Mode em Jeffrey, então o larguei.”

Assisto a conversa como uma partida de pingue-pongue, as garotas disparando perguntas para Rooke e ele respondendo todas com segurança, como se ser encurralado por três mulheres em seus trinta e poucos anos não fosse assustador. Definitivamente não é como presumi que o clube do livro seria esta noite.

“Com o que trabalha?” Alison pergunta.

“Sou um mecânico de relógios. Na verdade, *reparo* relógios antigos, às vezes, também os faço. Se algo está quebrado demais para consertar, ou o dono não retorna para buscar os relógios, posso retirar as peças para criar algo novo”.

“Por que alguém não voltaria para buscar o relógio?”

Rooke fala mastigando. “Eles morrem. Os idosos possuem relógios antigos. Eles têm um jeito peculiar para caírem mortos a maior parte do tempo.”

O silêncio cai sobre a mesa. Então, uma a uma, as garotas pegam suas taças de vinho. Quem *são* essas pessoas, e o que fizeram com minhas amigas?

“Foi para a faculdade?”, Ali pergunta.

Rooke balança a cabeça. “Não. Estava no caminho certo para a admissão no MIT, mas então fui preso e as coisas explodiram.” Diz isso de forma tão trivial que quase me esqueço de processar. *Mas então fui preso...*

Alison fica boquiaberta. “Por que foi preso?”

Rooke foi cuidadoso de não olhar na minha direção — tenho prestado atenção em quantas vezes seus olhos encontram os meus do outro lado da mesa — mas agora seu olhar pisca para mim e



permanece, e eu tenho a sensação de que ele está desconfortável pela primeira vez. “Fiz algo estúpido. Peguei algo que não pertencia a mim.”

“O que pegou?”

“Um Audi R8. Roubei-o do estacionamento do Estádio Dodger. Quarenta e cinco minutos depois bati em uma viatura estacionada do lado de fora de uma farmácia no Bronx.” Desta vez, ninguém ri. Rooke não parece se importar. Ou talvez simplesmente não perceba. Toma um gole generoso do seu vinho. “Não se preocupe. Ninguém ficou ferido. Eu era um garoto idiota de dezesseis anos que estava revoltado com o pai. Amadureci desde então.”

Dezesseis anos parece muito tempo, mas na verdade para Rooke foi apenas há sete anos. Bebo meu vinho e limpo minha garganta. “Por que não discutimos o final do livro? Isobel decide manter o bebê. Quem mais achou isso muito imprudente da parte dela? James dificilmente é o modelo de pai do ano.”

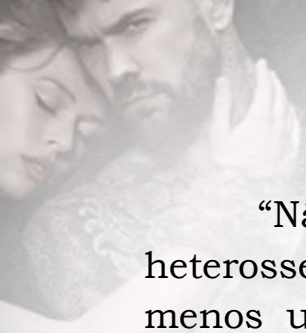
“Realmente acho que era a única maneira que poderiam ficar juntos”, Rooke diz. “James ainda estava muito duro. Muito danificado pelas coisas que lhe aconteceram quando era criança. Amava Isobel, mas era só uma questão de tempo antes que fizesse alguma coisa para foder o relacionamento. Como pai, foi obrigado a se recompor. Em sua mente, *nunca* poderia decepcionar seu próprio filho.”

Ninguém fala. Lentamente, Alison se apoia sobre a mesa e pergunta com muita seriedade: “Rooke? Você é gay?”

“Não. Eu pareço gay?"

Alison inclina a cabeça para um lado. “Costumava ser mais fácil de identificar. Não tenho tanta certeza atualmente. Mesmo caras heterossexuais dedicam muito tempo arrumando o cabelo. Mas não, você não parece ser gay.”

“Isso é uma coisa boa ou ruim?” Ele parece genuinamente interessado, nem um pouco ofendido por ela estar perguntando sobre sua sexualidade.



“Não é nenhum dos dois. Não conheço muitos homens heterossexuais de vinte e três anos que gostam de ler romances. Muito menos um rapaz de vinte e três anos que tenha tido tempo para analisar tanto o enredo.”

“Admito, não é um gênero que eu leria normalmente”.

“Então por que leu? Por que veio?” Pergunto. Não posso me impedir. É a primeira coisa que digo há um tempo, e parece que minhas bochechas estão em chamas. Por um momento, todos estão olhando para mim como se eu tivesse três cabeças. Rooke coloca sua taça de vinho e só... *olha* para mim.

“Li o livro porque queria saber mais sobre você. O que te interessa. O que te excita. Vim aqui esta noite porque queria te ver novamente. OK?”

Estou de pé. Minhas pernas tremem, mal conseguindo sustentar meu peso. “Não. Não está tudo bem, como você poderia pensar que estaria?” Acho que não conseguirei sair da sala antes de começar a chorar. Meus olhos estão ardendo, queimando, me cegando. Bato meu quadril no batente da porta enquanto me esforço para escapar da dor que vem através de mim. Subo as escadas de dois em dois degraus, não paro a minha corrida frenética até estar no meu quarto, minhas costas pressionadas contra a porta fechada com o coração batendo ruidosamente no peito.

Ninguém me segue.

Ninguém chama meu nome.



CAPÍTULO 9

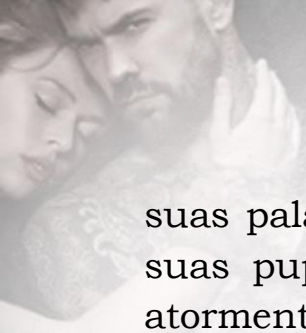
DILIGÊNCIA DEVIDA

ROOKE

As pessoas sempre dizem que querem saber a verdade. Fazem grandes discursos sobre o quanto é importante para eles e falam sobre as consequências do engano, mas quando se deparam com a verdade, de repente não querem mais. A verdade exige que você seja corajoso. A verdade exige que enfrente situações embaraçosas. A verdade exige que permaneça firme, não aguente, não fuja e se esconda dela.

Foi o que Sasha fez. Ela correu. Eu também não tenho ideia do por quê. Teria sido muito fácil para ela me dizer educadamente que não está interessada em buscar um relacionamento romântico comigo. Porra, eu não estava nem sugerindo para *termos* um relacionamento romântico. Não a conheço. Não sei uma única coisa sobre ela. Estava apenas tentando mudar isso. Eu também estava apenas dando a ela uma resposta direta à sua pergunta. Poderia ter mentido, inventado alguma desculpa para viajar pela cidade para vir vê-la, mas teria sido inútil. Por que mais um cara leria um romance de merda que uma linda mulher deixou cair na frente dele?

Lá embaixo, posso ouvir Jake tocando violão. Ele é bom pra caralho, toca desde que o conheço, e isso já faz dez anos. Ele fica triste quando toca, então dou a ele espaço e fico no meu quarto. Não estou com vontade de ter uma conversa amigável e sem importância. Estou *chocado*. Minha mãe me diz que aperfeiçoei a arte, mas Sasha Connor está me levando a dominar minha técnica. Como ela pode ser tão fechada? Justo, ela é mais velha. Onze anos, para ser exato. Mas o que diabos a idade dela importa? Ela é uma mulher linda e eu sou seriamente atraído por ela. Há algo nela, algum olhar, uma atração que continua me atormentando, exigindo que eu pense nela, e não posso colocar meu dedo nela. Pode ser algo tão simples quanto o seu perfume. Pode ser o jeito que seus lábios franzem quando forma



suas palavras. Poderia ser algo mais complicado, como a forma como suas pupilas se fixam e dilatam enquanto me ouve falar. Está me atormentando dia e noite, e me conheço. Não vou ser capaz de deixar a ideia dela pra lá até que entenda porque estou tão atraído por ela. Para fazer isso preciso saber tudo o que há para saber sobre ela.

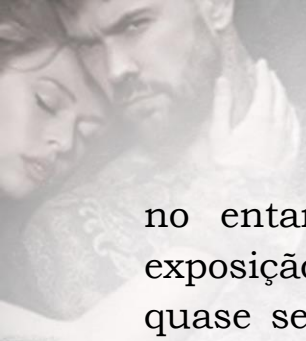
Abro meu laptop. Se ela não se sentar em uma mesa comigo, vou ter que fazer as coisas de maneira dissimulada. Facebook. Twitter. Instagram. MySpace, se ela costumava ter uma conta. Vou vasculhar todos os perfis de mídia social que ela tiver online, se for preciso. Vou vasculhar as fotografias da família dela. Vou passar o nome dela em um mecanismo de busca. Não vou parar até encontrar o que estou procurando, e quando encontrar, aquela coisa que está me atraindo tão intensamente para ela, descartarei isso de mim mesmo e não vou me importar com a mulher, não mais.

Porém, descubro que Sasha não tem conta no Facebook. Nenhum Twitter ou Instagram. Como isso pode ser possível? Nesses dias e com essa idade, todo mundo tem um punhado de perfis de mídia social, todos. Até Oscar está no Instagram e no Snapchat; o velho tem o feed mais engraçado que eu já vi, porra. Então, como Sasha pode ser uma entidade completamente não on-line? Deve haver um erro. Tento o Facebook novamente, percorrendo as fotos de perfil de um milhão de Sasha Connors antes de finalmente ter que aceitar a derrota e desistir.

O Google também não tem nada dela. Ela é como um maldito fantasma. Estou prestes a desistir de tudo quando em um raio de inspiração, decido digitar o nome dela junto com o nome do museu:

Sasha... Museu Americano de História Natural, New York City.

Oito milhões de respostas retornam. Que merda. Isso é um monte de respostas. Há apenas três links que parecem ser relevantes,



no entanto. O link no topo é um artigo acadêmico sobre uma exposição de fotografias do Universo que foi realizada no museu há quase seis anos. Sasha Varitas, no entanto. Nome errado. Eu pulo e clico no segundo link abaixo: *Como as espécies se adaptam e evoluem. Uma nova teoria da evolução que faz com que os cientistas repensem a engenharia por trás do olho humano.*

A conexão com a internet aqui não é estelar. Enquanto meu laptop pensa em carregar a página, tomo um gole da cerveja que tenho ao meu lado pela última hora. Quando a informação aparece na tela na minha frente não me incomodo em ler o texto. Desloquei o cursor até chegar ao fim da página, à procura de dados de referência, ou talvez até uma fotografia do autor. Com certeza, assim como eu esperava, uma pequena foto profissional de Sasha me encarou da tela. Seu cabelo escuro está muito mais curto, quase cortado em um corte de menino, e ela estava usando um batom vermelho brilhante que aparece contra sua pele pálida e lisa. Sua boca está puxada em um sorriso estranho que faz parecer que ela tem um segredo, que está tentando esconder. Seus olhos brilham de um jeito completamente estranho.

Sasha Varitas, curadora do Museu de História Natural, lançou recentemente seu primeiro romance, Biomecânica e a Origem do Homem. Ela estará autografando cópias na livraria Red Letter em Tribeca nesta quinta-feira, 17 de Setembro as 19:00h.

Hum. Então seu sobrenome era Varitas. Ela é divorciada, então. Isso me surpreende, não deveria — ela tem idade suficiente para se casar e se divorciar, mas isso nunca me ocorreu. Ela não parece ter a idade que tem. Ela parece mais jovem do que realmente é, suponho.

Sasha Varitas. Sasha Varitas. Digito esse nome na barra de ferramentas do mecanismo de pesquisa e, dessa vez, sou recompensado com uma página inteira de resultados. Página após página de resultados, de fatos, e todos os links têm o nome de Sasha.



Curadora do AMNH em trágico acidente.

Sasha Varitas, 29 anos, perde o filho em colisão fatal.

Christopher Varitas, 6, se afogou. Mãe e pai disseram estar devastados.

Carro derrubado da ponte do Brooklyn. Mulher é resgatada do carro submerso, enquanto o filho se afoga.

Meus olhos examinam os resultados, a parte de trás do meu pescoço se arrepiando como se espetada por alfinetes e agulhas afiadas. Isso é fodido. Tipo, *seriamente* fodido.

Aproximadamente às 7h50 da manhã de hoje, uma mulher dirigindo com seu filho deficiente, através da ponte do Brooklyn, e indo para a Escola para Pessoas Profundamente Surdas de Carl Gallson, foi atingida por um grande veículo refrigerado, lançando seu sedã pela grade de proteção contra o água, doze metros abaixo. Os motoristas alegaram que o tráfego parou imediatamente, e os espectadores que atravessavam a ponte a pé gritavam em pânico. O oficial de patrulha do porto local, Keaton Banks, por acaso estava na margem e perto no momento do acidente, e viu a coisa toda acontecer. Sem pensar muito em sua própria segurança, Banks entrou no congelante East River mergulhando em busca do veículo submerso.

Uma mulher informou à CWT News que estava convencida que Banks estava morto. Ninguém emergiu da água durante noventa segundos. Multidões de espectadores consternados estavam em pânico e chorando abertamente no local. Eventualmente, Banks apareceu com o corpo de uma jovem mulher em seus braços. Banks, então, concentrou-se em manter a si mesmo e a mulher intermitentemente consciente acima da água, enquanto seu navio de patrulha se colocava em posição e realizava um resgate.

As traineiras da polícia recuperaram o veículo submerso no final da tarde e confirmaram a descoberta de uma criança deficiente no



banco de trás. A vítima foi identificada como Christopher Allan Varitas. A mãe de Christopher, Sasha Varitas, está atualmente se recuperando no hospital, tendo sofrido uma séria lesão na cabeça, uma clavícula quebrada e várias costelas fraturadas. Banks foi tratado por pneumonia leve e deve ser liberado do hospital dentro das próximas vinte e quatro horas.

O Pai do falecido filho e marido de Sasha, Andrew Varitas deu uma declaração comovente do lado de fora do hospital nesta noite, agradecendo Keaton Banks por suas ações heroicas. O Sr. Varitas chorou abertamente quando pediu às equipes de reportagem e fotógrafos que respeitassem o pedido de espaço da família para que pudessem lamentar a morte do filho.

A polícia identificou Reginald D. Whits como o motorista do caminhão refrigerado que colidiu com o carro dos Varitas na ponte, e também confirmou que Whitson dormiu ao volante. Muitos motoristas que dirigiam na ponte relataram que o grande caminhão de tração nas dez rodas estava se movimentando erraticamente, momentos antes do acidente. Ainda não se sabe qual recurso será tomado contra Whitson, embora Helen Underwood, promotora do estado, tenha nos avisado anteriormente que, em casos como esses, a pena em toda a extensão da lei é quase sempre aplicada.

Eu escaneio o artigo, procurando por uma data, e encontro o que estou procurando na parte inferior da página. Junho de 2012. Cinco anos atrás. Porra. Sasha perdeu seu filho há cinco anos no que parece ser a mais horrível provação que se possa imaginar. Ser atingida por um enorme caminhão, caindo da ponte, batendo na água e provavelmente vendo o filho afogar-se? Puta *merda*. Não fica pior do que isso. Meu peito parece que tem um elefante sentado nele; dói fisicamente respirar, e não tento dominar o sentimento. Eu quero saber, experimentar, para poder entender. Se posso sentir apenas apontar um por cento da dor que Sasha sentiu no dia em que perdeu seu filho, posso ser capaz de entendê-la agora.



Eu não posso segurar a dor por muito tempo, no entanto. É grande demais para suportar, mesmo essa parte pequena, microscópica e distante, e tenho que me livrar dela. Fecho meu laptop e o coloco na cama ao meu lado.

Como ela se recuperou de algo assim? Como? Parece inconcebível que uma mãe pudesse se curar de um evento tão trágico e brutal. E mesmo antes de tudo isso, o filho dela era surdo? Como ela lidou com *isso*? Como ter um filho que não podia ouvir afetou sua vida?

De repente, acho que entendo porque estou muito atraído por Sasha desde que a conheci na semana passada. O conhecimento me atinge com força — uma coisa muito real e muito perturbadora. Estou atraído por aquele olhar oco nos olhos dela. Fico comovido com sua tristeza, o modo como ela parece pulsar visivelmente com isso, mesmo quando nada nela sugere que possa estar infeliz. Eu sou atraído pela profunda dor em sua alma, porque é algo que posso entender. Algo que parece real para mim.

Essa merda é seriamente fodida.



CAPÍTULO 10

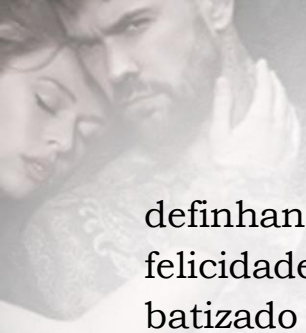
AGORA É TARDE DEMAIS

SASHA

Nunca acreditei em Deus. Nem mesmo quando era uma garotinha e minha mãe costumava me levar à igreja todos os domingos. Religiosamente. O trocadilho é proposital, com certeza. Gostava da atmosfera dentro da igreja — o cheiro do incenso; o som ecoante de pessoas pisando no vestíbulo com seus sapatos com neve; os baixos sussurros de conversa antes que o padre aparecesse para dar sua homilia; a maneira como a luz assumia uma textura em diferentes formas dos grandes vitrais de cima quando se inclinava sobre os bancos. Maria, Mãe de Deus, chorando por todos nós. Jesus Cristo, salvador do mundo, garantindo seu rebanho de cordeiros. São Pedro, chorando pelos pecados dos ímpios. Nunca realmente investi nas histórias que ouvi lá. Nunca as levei comigo.

À medida que envelheci, a atmosfera dentro da igreja passou por uma trágica metamorfose, e a conversa acabou sendo fofoca. O pisar de neve no vestíbulo provocava o terrível estalo de tiros e a homilia do padre me deixava cada vez mais raivosa e furiosa a cada semana. Os cristãos não deveriam ser gentis e santos? Não foram eles destinados a pregar aceitação e perdão, não medo e ódio? E comecei a entender o que estava sendo ensinado na escola dominical. Eu li a Bíblia, e isso não fez sentido para mim. Havia partes dela que eram boas, claro. Eu amei as partes sobre a condução de uma vida moralmente boa. Eu sabia que era certo respeitar os mais velhos, ser sempre honesto, compartilhar e ajudar e ser sempre gentil. Mas as outras coisas? Uma divindade desconhecida que vive no céu? Olho por olho? Apedrejando e inferno? Danação eterna e punição?

Se eu tenho que acreditar em tudo que a Igreja Católica me contou quando estava crescendo, meu filho de seis anos agora está



definhando no purgatório, para nunca conhecer a verdadeira paz ou felicidade, porque *eu* não o batizei. Andrew queria que ele fosse batizado puramente para agradar seus pais católicos muito rigorosos, mas eu tinha o pé no chão. Parecia estúpido participar de algum ritual desatualizado apenas para acalmar duas pessoas que só víamos uma vez por ano no Natal.

Não coloquei o pé no chão quando enterramos Christopher, no entanto. Estava muito fraca e quebrada para registrar o que realmente estava acontecendo, e por isso ele estava enterrado na Igreja Católica de St. Thomas, a cinco quarteirões de casa, menos de uma semana depois de se afogar. Tenho que passar por St. Thomas todo maldito dia. Não hoje, no entanto. Saio de casa e atravesso para o outro lado da rua, virando à direita e não à esquerda. Nunca atravesso a ponte do Brooklyn. Nunca pego a balsa, então só tenho uma opção para me transportar para Williamsburg: o trem.

O som dos rodízios nos trilhos me entorpece muito bem. Quando chego à minha parada, estou realmente me sentindo melhor do que quando acordei hoje de manhã, o que é impressionante, considerando para onde estou indo e o que estou prestes a fazer quando chegar lá.

O*deio* me desculpar. É estranho admitir que havia benefícios em ficar presa em um sofrimento tão devastador, mas é verdade. Houve benefícios. Um deles foi que eu nunca tive que me desculpar por nada. Estar atrasada. Chateada. Suja. Com o cabelo bagunçado, ser grosseira, estar bêbada. Tudo que você pensar. Todos os pecados são perdoados quando você perde um filho. Não tenho que dizer que sinto muito por isso. O tempo passou, porém, e essas regras não se aplicam mais. Alison fez questão de me dizer isso ontem à noite, depois que fez todo mundo sair e veio até o meu quarto. Aparentemente, você tem que começar a se desculpar depois de cinco anos se safando de constantes reclamações e alarido. Aparentemente, desculpar-se é o que um membro da sociedade, sensato, responsável e funcional faria, então aqui estou eu, arrastando-me pela oficina de relógios antigos em Williamsburg, imaginando o que diabos vou dizer para Rooke.



Desculpe-me por ter feito você se sentir mal na minha casa? Desculpe-me, eu gritei com você? Desculpe-me, eu arruinei o clube do livro, e sinto muito por não ter pedido desculpas imediatamente quando agi de forma inapropriada? Vai parecer forçado, com certeza. Ele não foi convidado e só veio criar um espetáculo. Ainda não gosto dele ter feito isso.

O céu é um canhão de metal cinza e pesado sobre os telhados de Red Hook enquanto eu lentamente arrasto meus calcanhares em direção ao que parece ser meu destino iminente. Continuo virando as moedas no bolso do meu casaco, pressionando a ponta do polegar contra suas superfícies planas, tentando contá-las enquanto ando. Também continuo imaginando o rosto de Rooke quando entro no seu local de trabalho, e a sensação presunçosa de satisfação que sei que vou sentir é muito perturbadora. Ele não está me esperando. Agora que se colocou no lugar do outro, como ele vai reagir?

A frente da loja Lebenfeld e da Schein Antique Jewelry, da Watch Repair & Curios é exatamente o que você esperaria que fosse — interiores pouco iluminados atrás de janelas cobertas com pelo menos duas décadas de sujeira. Letras douradas desbotadas descrevem o longo e complicado nome da loja, e a pintura — vermelho ferrugem — que deve ter parecido bastante chamativa no passado, está lascada e escamada em todo o lugar. O vidro está frio embaixo da minha mão enquanto coloco a palma contra a porta. Não quero apenas entrar aqui sem planejar o que vou dizer primeiro. Vai parecer um tanto patético se entrar como o gato que bebeu o leite, só para abrir a boca e não sair nada. Poderia rapidamente dizer-lhe que me sinto mal por gritar com ele e sair. Curto e grosso, direto ao ponto. Essa seria a coisa mais inteligente a fazer, então eu posso começar a trabalhar e todo esse ridículo desastre terminará.

“Se você ficar aí por muito mais tempo, minha querida, sua mão vai congelar no vidro.” Eu me viro, rapidamente removendo minha mão e a enfio no bolso do meu casaco verde. Um homem alto, estranhamente vestido, está atrás de mim, segurando uma xícara de café para viagem em uma das mãos e as alças de uma bolsa Louis



Vuitton na outra. Precariamente equilibrado em sua cabeça, um chapéu-coco de pele de cervo está encaixado em um ângulo elegante, e uma estola de Vison falso está enrolada confortavelmente em volta do pescoço, dobrada sob o queixo. Ele me mostra um sorriso de um milhão de dólares. Gostaria de dizer que reúno meu juízo e devolvo o gesto, mas a verdade é que abro a boca e fico boquiaberta com ele.

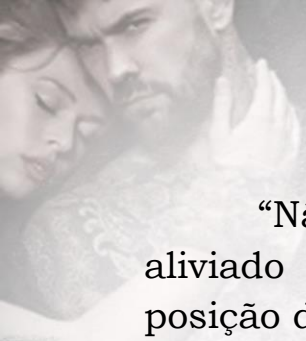
Ele ri. “Em circunstâncias normais, eu não me importaria de um ornamento de porta adorável como você, querida, mas as vendas não foram ótimas este mês e realmente gostaria de pagar meu aluguel. Se você quiser entrar, tenho certeza de que encontraria algo muito bonito para usar com esse seu tom marfim de pele.”

“Na verdade, estou apenas... na verdade estou procurando alguém.”

O sorriso escorrega do rosto do cara como manteiga de uma faca quente. “Oh senhor. Bem, é melhor você entrar então.” Ele me aperta, empurrando a porta com um quadril, a bolsa dele batendo contra o vidro, e fico congelada no local, me perguntando se posso graciosamente fazer uma fuga sem parecer muito estranho. Na fantasia em que eu aparecia no local de trabalho de Rooke, envergonhando-o e fazendo-*o se* sentir desconfortável, não havia nenhum dono de loja extravagante envolvido. Agora tenho que pedir desculpas a Rooke, por fazê-lo sentir-se mal ao mesmo tempo, enquanto um estranho, estranhamente vestido supervisiona o processo? Isso não é o ideal.

Entro na loja, imediatamente sou atingida pelo cheiro mofado e familiar de móveis antigos e livros que parecem ser os mesmos, não importa em qual loja de antiguidades você possa ir.

O cara joga sua mochila em uma cadeira atrás de uma mesa velha e desgastada e tira o casaco. “Eu sou Duke”, diz ele. Seu tom implica que eu já deveria de alguma forma conhecer essa informação. “E desde que meu menino Rooke é a única outra pessoa que trabalha aqui em seu empório de maravilhas, presumo que seja ele que você está procurando? Ah, merda. Ele não engravidou você, não é?” Duke franze o nariz, balançando a cabeça. “Isso seria lamentável.”



“Não, ele não fez isso.” Devo ficar ofendida por ele parecer aliviado quando digo isso? Acho que ficaria aliviada se estivesse na posição de Duke, embora isso diminua um pouco. “Só queria falar com ele brevemente, se ele estiver por perto. Prometo que não vai demorar.”

Duke me olha com curiosidade aberta e ardente. “O lugar já está iluminado e aberto. Ele deve estar lá trás, deixe-me ir e encontrar o menino para você. Enquanto isso, dê uma olhada ao redor. Você nunca sabe o que pode encontrar.” Ele desaparece através de uma cortina de veludo roída por traças, no que suponho ser o quarto dos fundos, e eu nervosamente olho para o chão, esperando que ele volte com Rooke.

A loja é um lugar estranho, Duke a chamou de um empório de maravilhas. Não tenho certeza se iria tão longe, mas certamente tem algumas coisas bizarras e incomuns: uma boneca de porcelana de estilo vitoriano, cujos olhos desbotaram; uma taxidermia muito arrepiante de algum tipo de criatura, meio macaco, meio monstro marinho; uma réplica da estátua do Homem de Lata do Mágico de Oz; uma prateleira inteira de garrafas de tintura empoeiradas com rótulos descascados e amarelados. Gotas de Cocaína para dor de dentes. *Cura instantânea! O melhor xarope de minhocas do Dr. Wilson. Elixir para tosse de cloridato de heroína de Robertson, garantido para acalmar sua tosse em instantes!*

Sim, não é brincadeira. Cloridrato de heroína? Aposto que acalma a tosse em instantes. E também torna os pacientes geralmente inconscientes ou mortos.

Enquanto ando por aí, olhando para os vastos armários de anéis e colares, passando minhas mãos pelas prateleiras, virando as coisas em minhas mãos, tentando descobrir o que são; não consigo imaginar Rooke em um lugar como este. Sua presença aqui não faria qualquer sentido. Com o cabelo penteado para trás, tão intimamente raspado nas laterais, suas tatuagens no pescoço e suas camisas modernas, sua jaqueta de couro e sua atitude de garoto mau, só não consigo imaginar sua pessoa em um lugar tão incomum como este. Ele deveria ser um barista em uma pretensiosa cafeteria DUMBO. Ele deveria ser um



designer de roupas em um espaço de trabalho cooperativo em Tribeca. Ele deveria ser um fotógrafo ou algum tipo de poeta.

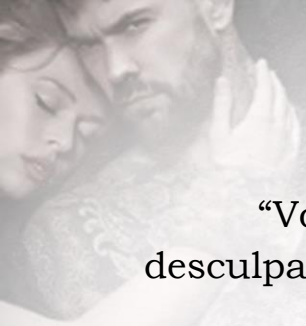
“Sasha.”

O som do meu nome acalma minha mão no globo de neve rachado que estava inspecionando. A voz de Rooke está abafada no espaço estreito e apertado da loja, mas parece encher o lugar de cima a baixo, acomodando-se pesadamente nos cantos da sala. Eu me viro e ele está parado na frente da cortina de veludo com as mãos nos bolsos de seus jeans rasgados. Segundos atrás, eu não conseguia entender a ideia dele trabalhar aqui. É engraçado como uma ideia pode mudar tão rapidamente no espaço entre os batimentos cardíacos. Ele pertence aqui. Sua postura relaxada, a calma como se segura diz que ele passa longas horas aqui. Este é o seu habitat natural. Não importa que a Lebenfeld e a Schein Antique Jewelry, a Watch Repair & Curios, seja repleta de antiguidades e curiosidades que são provavelmente três ou quatro vezes mais antigas que Rooke. Ele se encaixa aqui da maneira mais inesperada que eu não consigo imaginar.

“Oi.” Fico ali, olhando para ele. Havia uns bons quatro metros de distância entre nós, para não mencionar uma mesa surrada e batida, e mesmo assim ele se aproxima de mim de qualquer maneira. Ele sorri incrivelmente devagar, desviando os olhos enquanto olha para o chão.

“Eu meio que me lembro de você gritando que nunca mais queria me ver de novo a menos de doze horas atrás. Pode ver como você aparecendo aqui pode ser um pouco confuso.”

Eu aceno devagar. “Posso entender isso. Acho que eu só...” Todo o desejo de envergonhá-lo e fazê-lo se sentir mal sai pela janela. Olho para ele corretamente pela primeira vez desde que nos encontramos no corredor do lado de fora do escritório de Oscar, e posso dizer que ele está prendendo a respiração um pouco. Ele é arrogante. É um valentão de várias maneiras, mas também tem 23 anos tentando descobrir sua merda.



“Você só ... o que?” Pergunta ele. “Você veio aqui para se desculpar por ter gritado comigo?”

“Sim. Vim. Desculpe-me.”

Rooke balança a cabeça. “Foi um momento impulsivo, aparecer em sua casa daquele jeito. Eu deveria ter *agido com um pouco mais de decoro*.” Ele fala como se estivesse pegando emprestado as palavras de outra pessoa, como se tivesse ouvido essa frase algumas vezes antes. “Eu prometo que não vou aparecer sem aviso prévio de novo.” Ele balança em seus calcanhares, me dando um sorriso tímido.

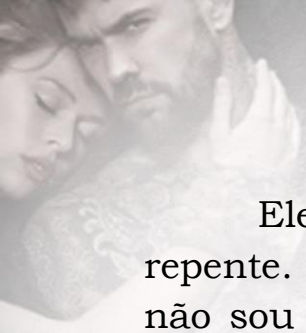
“Eu não estou... eu nem estou acostumada a falar com caras mais, Rooke”, eu falo apressadamente. “Não é algo em que já fui boa. E você é...”

“Tão jovem?” O olhar em seu rosto é amargo agora.

“Sim. Você *é* jovem. Muito mais novo que eu. Você vem a minha casa, leu aquele livro estúpido... e depois dizendo o que disse... isso me desequilibrou por um segundo. Ok, foi mais de um segundo. Isso me desequilibra até agora, na verdade.”

Rooke suspira. Ele se inclina para frente, colocando os cotovelos sobre a mesa, apoiando o queixo nos punhos. Ele está usando outra camisa preta de botões, dessa vez com jeans desbotados. Eu presto mais atenção às tatuagens dele dessa vez; parece que há um par de compassos iguais na parte inferior dos seus antebraços, ambos gravados em preto com intrincados padrões geométricos espiralados saindo deles. “Bem, eu estou feliz em saber que você não está mais sofrendo de vertigem”, diz ele suavemente. “O que aconteceu há um segundo para fazer a sala parar de girar? Apenas para acalmar minha curiosidade.”

Eu forço uma risada nervosa. Ele parece tão sério agora que eu não sei como levá-lo. “Eu acabei de perceber isso, eu não sei... eu estava sendo idiota. Você não é uma pessoa endurecida. Você é inofensivo, é apenas um cara jovem, se divertindo, e por um breve momento a ideia de me ter foi interessante para você.”



Ele se levanta ereto, as costas rígidas, a testa enrugada de repente. “Eu tenho mais do que cinco segundos de atenção, sabe. Eu não sou criança, Sasha. Não sou um adolescente que se distrai com coisas brilhantes e bonitas a cada dois segundos do dia.”

Eu o ofendi. “Eu não quis dizer isso assim. Eu só quis dizer que você é um cara, e você dificilmente está ficando grisalho, está? Eu sei o que é ter vinte e três anos, Rooke.”

Ele cruza os braços sobre o peito. Tento não notar o quão forte e definido são seus músculos, ou quão ridiculamente grandes são seus bíceps. “Como foi quando você tinha vinte e três anos?” Ele pergunta.

“Bem. Os caras pareciam ter muito menos cuidado com eles do que tem nos dias de hoje”.

“Eu quero dizer o que você estava fazendo? Você terminou a faculdade, certo?”

“Sim.”

“E teve relacionamentos sérios com os caras, certo?”

Meu estômago revira desagradavelmente. “Sim.”

Rooke inclina a cabeça para um lado, estudando-me intensamente. “Você estava bem no seu caminho para se casar, eu aposto. Provavelmente já possuía aquela sua casa chique. Estava trabalhando no museu quando tinha vinte e três anos?” Eu não respondo a ele. Não quero admitir que ele está certo. Sobre qualquer coisa. Ele vê a verdade em meus olhos, e continua. “E você está aqui, fazendo com que eu seja incapaz de manter o foco por mais de um minuto? Acho que você acabou de esquecer o que é ter vinte e três anos. Se fosse 1863 eu provavelmente estaria casado há sete anos e teria três filhos.”

“Se fosse 1863, sua pobre esposa teria que te aturar dormindo com três ou quatro amantes e ela não seria capaz de fazer nada sobre isso. E você provavelmente também morreria de sífilis.”

Isso parece diverti-lo. “Então agora eu estou cheio de DSTs?”



“Eu não disse isso.”

“Eu não tenho. Só para você saber.”

“Bom para você, Rooke. Bom para você.” Nossa conversa parece estar tomando um rumo para o pior. Senti-me nobre em relação a ele há pouco, mas estou me sentindo cada vez menos generosa à medida que os segundos passam. Quantos anos ele realmente pensa que tenho? Como ele pode dizer que esqueci como é ter vinte e três anos? Isso é absurdo. “De qualquer maneira, me desculpe, eu gritei com você, ok?” Eu digo de uma maneira cortada. “Tenho que começar a trabalhar agora. Adeus, Rooke.”

“Se você não acha que eu sou uma ameaça, não se importará de ir a um encontro comigo, não é?” Ele casualmente joga as palavras, me impedindo de ir para a porta.

“*O quê*?”

“Um encontro, Sasha. Jantar, especificamente.”

Frustração borbulha dentro de mim. “Não sou um alvo apropriado para você se concentrar, eu te garanto.”

O desafio brilha em seus olhos. “Porque você é dez anos mais velha que eu?”

“Por várias razões diferentes. Muitas razões para listar. Eu tenho que ir, Rooke. Já estou atrasada. Eu...”

“Você está assustada.”

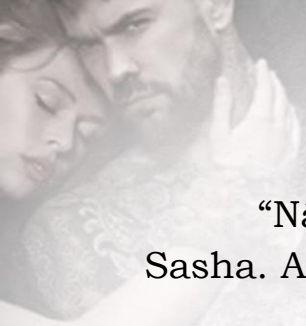
“O que?”

“Você não vai concordar em sair comigo porque está com medo.”

“Eu *não* estou com medo. Eu estou...”

“Aterrorizada? Você deve se esforçar tanto contra um jantar grátis com um cara atraente.”

“Meu Deus. Como você atravessa pela porta todas as manhãs com o seu ego?”



“Não mude de assunto. Venha jantar comigo, Sasha. Amanhã. Eu vou me comportar.”

Não posso acreditar no que está acontecendo agora. Como acha que pode me incitar a um encontro com ele é pura loucura. Mas então, uma parte de mim admira sua determinação. A maioria dos caras desistiria. A maioria dos caras iria embora. Rooke parece ser cortado de um tecido diferente.

“Amanhã”, ele repete. “*Venha*.”

Um rubor intenso bate em mim, arrepiando todo o meu corpo. Por que o jeito que ele fala isso é tão sexual? Abro minha boca para dizer não, definitivamente não vou sair com ele, mas pego o desafio em seus olhos. Ele está me desafiando. Na verdade, me *desafiando* a ser corajosa o suficiente, bastardo presunçoso. “OK. Bem. Vou jantar com você. Mas depois disso, isso para, ok? Nada mais de ir ao clube do livro. Nada mais de ir ao museu. Agora, se isso é tudo, eu realmente tenho que ir. Eu vou estar lá...”

Ele levanta a mão, cortando-me. “*Vá*.”

Eu giro nas pontas dos meus pés e saio da porta antes que qualquer um de nós possa dizer outra palavra. O frio me dá um tapa no rosto quando saio para a rua varrida pelo vento, mas mal sinto a pontada. Minhas bochechas já estão pegando fogo, de qualquer maneira.



CAPÍTULO 11

FIQUE LONGE

ROOKE

"Posso apenas dizer, acho que foi *muito* bem?"

"Cale a boca, Duke." Vejo Sasha desaparecer de vista, seu longo cabelo cor de chocolate balançando de um lado para o outro enquanto desce a rua, e aperto meu queixo. *Oh você estava certa, menina. A sua ideia é* muito *interessante para mim.*

"Vai dizer quem é aquela jovem deliciosa, ou vai me deixar curioso?" Duke pergunta, tomando um gole de sua xícara de café. Suas sobrancelhas estão tão altas em sua testa que quase atingem a linha do cabelo.

"O nome dela é Sasha Connor." Eu me recuso a dar mais informações sem lutar.

"Mmm. Ela parecia muito zangada", observa ele. "O que você fez com ela?"

"Devolvi um livro que ela perdeu. E dei uma garrafa de vinho para ela."

"Terrível. *Maneiras terríveis.*" Duke ronrona. "Como você *pode* ser tão rude?"

"Exatamente meus pensamentos."

"Venha garoto. Sente-se. Abrir um buraco na porta não vai ajudar em nada agora, sim? Ela já se foi e minhas pernas estão cansadas. Por que não tiramos uma folga enquanto me explica esta interessante virada de eventos um pouco mais detalhadamente?"



“Não há mais detalhes. Devolvi o livro. Levei o vinho para ela. Comi um pouco do seu queijo. Ela gritou comigo e me disse para ir embora. Isso é tudo que aconteceu.”

Duke mostra uma expressão conhecedora. “O queijo. Você não deveria ter tocado o queijo.”

“Um grave erro da minha parte, claramente.”

***

Jake olha para mim como se eu estivesse completamente louco quando explico o que aconteceu depois do trabalho. Sento-me no bar do Beekman Hotel, segurando uma bebida contra o mármore frio e polido, e ele anda de um lado para o outro, tentando não rir da aparência das coisas.

“Você? *Você* foi a um clube do livro? De romances?”

“Fui.”

“Eu sabia que você não estava bem no outro dia. Eu *sabia* disso.”

“Tudo bem, tudo bem. Foda-se, cara. Não há necessidade de aproveitar muito isso. Me dê outro duplo.” Deslizo meu copo pelo balcão para ele. Ele balança a cabeça, sorrindo, enquanto levanta uma garrafa de uísque em meu copo vazio.

“Você é um cachorro manhoso, cara. Então, de que tipo de bagagem estamos falando aqui? Você disse que ela tinha 'coisas' acontecendo. 'Coisas' nunca são boas.”

“O filho dela morreu.” Tomo o uísque rapidamente, batendo o copo no balcão. Não quero olhar para Jake. Já antecipei a expressão em seu rosto e não quero ter que lidar com isso. Ou defender o curso de ação que já estou planejando na minha cabeça.

“Rooke…”



“Eu sei, ok. Isso é fodido. *Ela* provavelmente *está* fodida.”

“Como ela te contou? Sobre o garoto?”

“Ela não contou. Descobri online. Está em toda a internet.”

“Não. De jeito nenhum. Você nunca mais vai ver essa mulher, cara. Ela é muito velha para você, e nem te contou sobre alguma coisa obscura que passou. Não posso te deixar fazer isso. Você tem que ficar longe. Sério, olhe para mim. Não estou brincando. *Fique. Longe.”*

“Ok.” Dou-lhe um sorriso doce e doentio.

“Droga. Você é um bastardo. Por que está interessado mesmo? Tem garotas te atirando buceta de todas as direções toda vez que sai pela porta da frente da casa.”

“Já te ocorreu que uma buceta que está sendo *jogada* em mim é uma buceta que eu poderia não querer aproveitar?” Bato no meu corpo, pedindo mais uma dose.

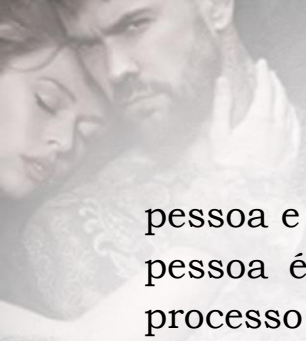
“Tão ingrato. Alguns de nós não podemos obter qualquer buceta, expulsos ou não. E você está lá fora, perseguindo a buceta danificada e inatingível. Isso é muito foda, cara. E, quero dizer, como? Ela disse que isso nunca vai acontecer. E ainda está planejando ler um livro sexy para donas de casa desesperadas? Está fodido na cabeça. Eu não sei como pode fingir ler essa merda.”

“Não estou fingindo. Estou lendo.”

Jake se afasta do bar e levanta as mãos, balançando a cabeça novamente. “Você precisa de uma intervenção? Porque posso totalmente organizar uma. É a minha coisa favorita pra fazer. Prometo que farei uma boa.”

“O que há de errado com um cara lendo um romance?”

“*Tudo* está errado com um...” Ele para, olhando ao redor, como se estivesse procurando por alguém para apoiá-lo. Infelizmente para Jake, o bar do hotel está deserto. “Só quero que se escute por um momento. Ouça atentamente. Você está falando de uma mulher de trinta e quatro anos. Uma mulher casada. Ela tinha o filho de outra



pessoa e esse garoto *morreu*. Como pode pensar que perseguir essa pessoa é uma boa ideia? Estou realmente tentando entender o seu processo de pensamento, mas está total e completamente além de mim. Você tem que me ajudar aqui, cara."

Olho para as minhas mãos, agarradas em torno do copo, que parece estar iluminado por dentro com um líquido âmbar brilhante e luminoso. "É simples", digo a ele. "Não *é* nenhum processo de pensamento. É só o que está acontecendo e estou bem com isso."



CAPÍTULO 12

A COZINHA DO DIABO

SASHA

Estou nervosa. Estou estranhamente nervosa. Posso estar lendo romances há anos, mas faz tanto tempo desde que realmente pensei sobre minha própria vida amorosa. Esta não é de forma alguma uma situação de encontro ideal; afinal de contas, meu encontro de hoje tem vinte e três anos. Honestamente, tudo isso parece uma piada. Sinto que esta é uma brincadeira que está sendo jogada em mim, e por alguma razão realmente estou indo junto, mesmo que possa ver como isso é ridículo.

Escolho um vestido de lantejoulas dourado e meus saltos pretos favoritos, e aplico maquiagem suficiente para deixar uma Kardashian orgulhosa. Uso brincos de argola dourados, me surpreendendo quando descubro que os buracos não fecharam — faz mais de um ano desde que lembrei de usar joias e enquanto me examino em frente ao espelho de corpo inteiro no meu quarto, fico chocada. Olhando para o meu reflexo, vejo o pouco que mudei nos últimos cinco anos. Sou uma pessoa diferente desde que Christopher morreu. Além de diferente. Nem sou a mesma espécie de ser humano que costumava ser antes do acidente. Parece estranho que aparecesse do lado de fora, para todas as intenções e propósitos, como se não tivesse envelhecido e muito menos me transformado da maneira mais monumental.

Lentamente coloco um cacho solto atrás da orelha, me estudando. O que Rooke vê quando olha para mim? Uma estranha para conquistar? Uma mulher mais velha para encantar? Um desafio a superar? Uma casca quebrada de um ser humano, fácil de aproveitar? Nem sei o que ele vê, mas seu interesse parece fora do comum.



Faço algo que me faz questionar minha própria sanidade. Desço as escadas, diretamente para o armário de bebidas que Andrew costumava manter trancado, e pego uma garrafa de vodca. Abro a tampa, e levo a borda de vidro da garrafa aos meus lábios e bebo. Isso não é apenas uma dose de coragem holandesa. Isso não é nem de coragem holandesa. É um desfibrilador para o meu coração, o álcool queimando intensamente enquanto flui pela minha garganta, se reunindo em uma poça de fogo na boca do meu estômago. Sou boa em beber assim. Sou realmente muito boa nisso. Quando Christopher morreu, me tornei uma especialista, na verdade. Durante longos meses, eu ficava no pequeno banheiro do andar de baixo com uma garrafa de algo e a pressionava na minha boca, devorando o líquido. Andrew nunca disse nada. Nunca comentou sobre o fato de que eu estava literalmente tropeçando em minha própria vida como uma estranha desgrenhada e meio morta. Um cadeado simplesmente apareceu na porta do armário de bebidas um dia, e essa era sua insinuação não tão sutil de que eu tinha levado as coisas longe demais.

A coisa sobre Andrew era que ele nunca pensou fora da caixa, no entanto. O álcool mora no armário de bebidas, se ele trancar o armário, não posso beber nada. Não levou em consideração que o álcool poderia ser mantido em uma despensa. Ou em uma caixa de sapatos. Ou debaixo da pia da cozinha, onde ele provavelmente nunca olharia.

Meu problema com a bebida nunca chegou a um ponto crítico. Apenas desapareceu lentamente, junto com o resto de mim. Depois de tanto tempo lutando para sair da cama pela manhã, encontrar energia para beber acabou se tornando muito difícil.

Não pareço ter problemas agora. Só paro de beber da garrafa quando minha cabeça começa a zumbir por dentro. Coloco a tampa de volta e a coloco de volta no armário, depois endireito meu vestido como se nada tivesse acontecido.

A campainha toca às cinco para as sete. Ele está adiantado, um bom começo. Atendo a porta, tentando não tropeçar e enrolar meu



tornozelo nos meus saltos. Rooke está vestido todo de preto, jeans rasgados, outra camisa de botão com um símbolo preto costurado no bolso do paletó e um par de sapatos de couro preto altamente polidos. Seus olhos estão escuros e tempestuosos quando encontram os meus; não consigo decifrar sua expressão além do fato de que parece estar zangado. Ele segura um buquê de flores pequeno e discreto. Nada tão óbvio como rosas. As flores são simples e bonitas, flores silvestres, do tipo que seria realmente difícil de conseguir no meio do inverno em Nova York.

Eu as tomo dele, segurando-as distraidamente no nariz, elas cheiram bem. Nem sei quando foi a última vez que ganhei flores. Elas me lembram de funerais. Estas, no entanto, são muito frescas, inocentes demais para trazer de volta memórias dos lírios, íris e orquídeas que as pessoas entregaram à nossa porta quando Christopher morreu.

"Vou colocá-las na água." Caminho rapidamente para a cozinha, colocando as flores em um vaso alto e enchendo com água. Rooke me segue pela casa. Posso senti-lo atrás de mim, sua presença queimando na minha pele. Sei que está me observando; posso sentir seus olhos queimando minha pele. O cabelo na parte de trás do meu pescoço se arrepia.

"Você está linda, sabe", ele diz baixinho. "Linda pra caralho. Este vestido..."

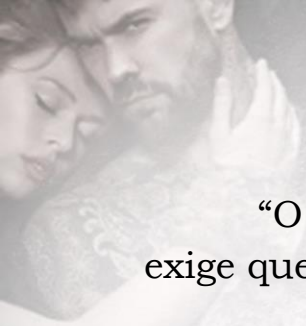
Eu me viro e inclino contra a pia, respirando fundo. Preciso acalmar meus nervos. "Não é nada especial", digo.

Rooke me dá uma olhada crítica. "Oh, mas *você está* usando." Ele está olhando para mim como se pudesse ver através do maldito vestido, o que faz eu me mexer de forma desconfortável.

"Não", digo a ele.

"Não o que?"

"Olhe para mim assim. Não faz parte do acordo."



“O acordo em que você passa pelas próximas horas, e então exige que eu nunca mais entre em contato contigo novamente?”

“Sim.”

Rooke suspira baixinho, olhando para a cozinha. “Você e eu sabemos que isso é besteira. Você vai me ver de novo, Sasha. Vai querer me ver de novo em breve.”

Oh, ele vai ficar triste quando perceber que estou falando sério sobre o acordo. Mantenho minha boca fechada, no entanto. É só um jantar. Como ele disse, posso passar pelas próximas horas. Eu posso. Só porque ele é o cara mais gostoso que já vi, não significa que vou abaixar minha calcinha para ele e esperar que me ligue todos os dias. Tenho certeza de que é com isso que está acostumado, mas não desta vez.

A voz de Rooke é calma quando fala. “Traga um casaco. Vou te acompanhar de volta para casa e está frio.”

“Você não vai me acompanhar de volta para casa.”

“Eu fodidamente vou.”

“Posso pegar um táxi.”

“Sei que pode, mas não vai. Vou te trazer de volta e vou te beijar aqui antes de me convidar para tomar café. Nós dois sabemos que café significa sexo. Pela sua cara, você obviamente não acha que isso vai acontecer, mas posso te garantir... *vai acontecer*.”

Tenho que morder o riso atordoado. “Você é *tão* cheio de si. Como acabou assim? Tão malditamente seguro de si o tempo todo?”

Ele encolhe os ombros, coçando o lábio. A ação me faz focar lá, na boca dele; sei que meus olhos demoram um pouco demais, mas não consigo forçar meu olhar em outra direção. “Experiência”, diz ele lentamente. “Muita experiência em abrir meu próprio caminho. Eu sou um garoto rico e mimado, afinal de contas.” Ele lambe os lábios e posso sentir o sangue correndo para o meu rosto. Ele fez isso de propósito. ”Você está com fome?” Pergunta ele.



“Claro.” Não estou, minha barriga está cheia de vodca. Vodca e borboletas e as cadelas estão bêbadas.

“Bom.” Rooke atravessa a cozinha, me oferece seu braço. “Sabe como essa coisa funciona, certo? Você não grita comigo em público. Nós aproveitamos uma boa refeição juntos sem você tentar sabotar a noite toda hora.”

Seria tão fácil atirar de volta algo cáustico e horrível, mas parece que ele está cem por cento sério. “Eu sei como me comportar em um encontro”, digo.

“Ótimo. Sinta-se livre para desmaiar em cima de mim. Sei que fico muito bem de preto.”

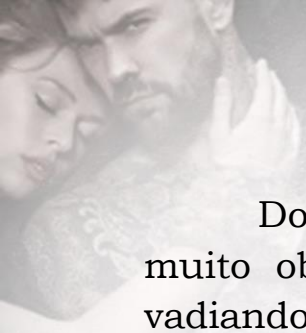
***

ROOKE

Guio o motorista do taxi para o restaurante, pois este não é um local que você encontrará no Yelp. Ele não tem site. Você não pode ligar e reservar uma mesa. Mesmo o próprio presidente dos Estados Unidos não seria capaz de obter uma reserva a menos que conhecesse alguém que conhecesse alguém. Não há placas enormes e grandiosas do lado de fora do prédio. Não há porteiros destacando-se no frio com seus colarinhos levantados, esperando para lhe dizer que o lugar está cheio.

Há apenas uma pequena cruz de néon azul iluminada ao lado do armazém escuro e sombrio de um prédio, mais alta do que a média das pessoas poderia olhar, e uma pequena grade de metal em uma porta pesada de enrolar de aço. Sasha parece nervosa quando saímos do táxi e caímos na chuva.

“Eu realmente não acho que há lugares para comer por aqui”, diz ela. “Tem certeza de que tem o endereço certo?”



Dou uma gorjeta ao taxista e ele se afasta para a rua sem um muito obrigado; isso realmente não é uma área segura para ficar vadiando depois de escurecer. Se você tem conexões, no entanto... Se está na lista de convidados em *La Cucina del Diavolo*, ninguém ousará tocar em você. Acontece que *estou* na lista de convidados. Quando a família Barbieri precisa de um carro sem identificação ou algo rápido para levá-los do ponto A para o ponto B, me ligam. Eles pagam bem, e pagam na entrega, o que significa que atendo suas chamadas sempre que vejo o número deles se iluminando no celular. Uma das vantagens de trabalhar ocasionalmente para uma das famílias mais perigosas de Nova York é que tenho acesso a lugares como este.

A mão de Sasha aperta meu braço. Ela tem um olhar nebuloso no rosto. “Acho que devemos encontrar outro táxi, Rooke. Este é um bairro de merda.”

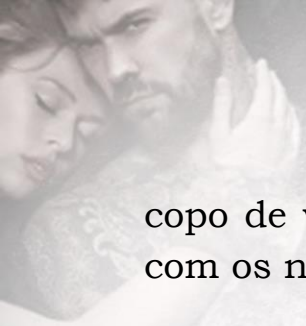
“Está tudo bem. Não vou deixar nada de ruim acontecer com você. Apenas espere um segundo e estaremos lá dentro. Vai ver por si mesma.” Ela fica chocada quando ando até as portas do armazém à nossa frente — posso ver quão instantaneamente ela está preocupada. Alguém desliza para trás a grade de metal na porta do obturador, e um italiano severo e de cara azeda, com quase 50 anos, nos observa, primeiro eu e depois Sasha.

“Nome”, ele exige.

“Blackheath”

Ele nem sequer pisca. Do outro lado da porta do obturador, certo número de parafusos desliza livremente e, em seguida, o obturador está voando para cima, banhando-nos em um eixo de luz neon azul claro. “Siga em frente”, diz o italiano pesado. “Segundo cômodo. Nós temos um evento privado nesta noite. Recomendo que você não entre em nenhuma porta marcada com um X.”

“Entendi.” Pego a mão de Sasha novamente e a levo para frente antes que possa objetar. Isso provavelmente é assustador para ela agora, mas não será por muito tempo. Uma vez que estivermos sentados e olhando para um menu, a experiência será familiar. Um



copo de vinho vai acalmar seus nervos, e então poderemos continuar com os negócios da noite.

Atravesso outra porta pesada de aço e, de repente, o ar está cheio de fumaça e o som de muitas conversas acontecendo de uma vez. A primeira sala de jantar está lotada, cheia da elite criminosa subterrânea de Nova York. Os homens usam ternos italianos caros e fumam charutos nas mesas; as mulheres estão escassamente vestidas com olhos esfumados, pingando diamantes que nem um xeique árabe poderia pagar. As pessoas nos observam enquanto atravessamos o espaço, indo em direção ao cômodo dos fundos.

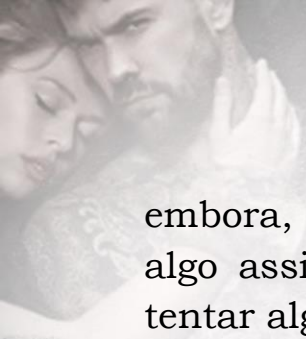
Mais uma porta pesada e cravejada...

Um longo e escuro corredor se estende diante de nós, portas de ambos os lados. Estes são as que o porteiro nos advertiu. Pequenas cruzes azuis como a do lado de fora do prédio brilham vagamente pelas maçanetas das portas. Sasha puxa meu braço, finalmente tentando me parar. "Que lugar é esse?" Ela sussurra. "Não acho que deveria estar aqui, Rooke. Esta é realmente uma má ideia."

Ela realmente *não* deveria estar aqui. Esta não é uma parte da cidade que teria encontrado antes. Sem dúvida, nunca teria encontrado se não tivesse comigo. Ela me encontrou, e quero que saiba disso.

Talvez eu esteja doente, e esteja iludido, mas tenho pensado muito sobre isso. Vou contar a ela tudo sobre mim. Vou contar todas as coisas nefastas e ilegais que fiz durante a minha vida, assim como todas as coisas nefastas e ilegais que provavelmente farei no futuro. Vou contar tudo isso hoje à noite enquanto jantamos. Vai ser uma incógnita. Ela provavelmente vai se levantar e sair daqui sem sequer considerar o que estou dizendo. Mas, por outro lado... ela pode não levantar. Ela pode ouvir o que tenho a dizer e decidir que não é uma coisa tão grande. Isso não seria um pontapé de merda?

"Veja. Você está cem por cento segura agora, ok?" Digo a ela. "Eu disse que ia cuidar de você e vou. Se realmente quiser ir



embora, no entanto, vou te levar para a The Cheesecake Factory ou algo assim e podemos ter uma noite perfeitamente chata. Se quiser tentar algo novo, algo excitante, pare de se preocupar e siga-me."

É um risco, pedir-lhe para me seguir. É o mesmo que pedir que confie em mim, e ela não tem absolutamente nenhum motivo para fazer isso. Ainda não, de qualquer maneira. Até o final da noite, isso terá mudado, mas por enquanto...

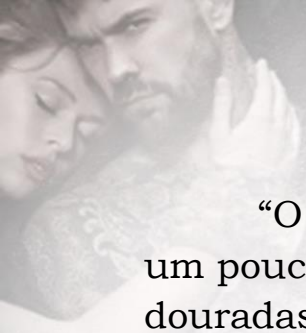
Sasha olha ao redor. Estamos sozinhos no corredor. O neon azul das cruzes nas portas reflete sobre as lantejoulas douradas de seu vestido, enviando chuvas de luz verde-clara por todas as paredes, toda vez que se move. Seus olhos estão arregalados. Suas pupilas estão três vezes maiores do que deveriam. Ela abre a boca para falar, depois franze a testa. "OK. Certo. Tenho problemas para enfrentar. Não faça isso de novo. Combinado?"

"Combinado."

O segundo é menos ocupado que o primeiro. Aprendi com o tempo que isso significa que um dos membros da família Barbieri deve estar aqui, realizando uma reunião ou jantando. As cabines revestem as bordas externas, todas escuras e sombrias. Não há fumaça aqui, graças a Deus. O espaço cheira a comida, comida *deliciosa* e o sabor doce do álcool. Sasha examina o mármore cinza polido sob os pés, os lustres pendiam como uma cascata de águas, e as fileiras de talheres brilhando nas mesas. Ela não parece tão dominada pelo medo. Ainda está hesitante, porém, isso é muito claro.

Um garçom em um terno impecável de três peças nos acomoda a uma cabine. Sasha parece querer dar um soco na cara dele e correr quando tenta pegar a bolsa dela.

"Se você não se importar, madame. É nossa política que todas as malas, bolsas e telefones celulares sejam verificadas pelo *concierge*, enquanto nossos clientes aproveitam suas refeições. Isso colabora para uma noite mais segura e agradável."



“O que acha que tenho aqui?” Ela ri, mas o som está desligado, um pouco vazio. O garçom considera sua pequena bolsa de lantejoulas douradas.

“Bem. Uma berretta caberia muito bem aí. Ou facas de arremesso?”

Sasha pisca para ele como se fosse um lunático. Coloco minha mão sobre a dela, limpando minha garganta até que ela libera a bolsa. “Tudo bem, senhora”, diz o garçom. “Vou garantir que seus itens pessoais não sejam adulterados de qualquer forma.” Ele se vira para mim, estendendo a mão. Coloco meu celular, carteira e chaves na palma da mão sem dizer uma palavra. Ele se curva e então se afasta.

“Facas de arremesso?” Sasha assobia. “Que diabos? Por que alguém levaria facas de arremesso para um restaurante?”

“Para proteção.” Parece óbvio para mim. Levo todos os tipos de armamento comigo onde quer que vá. Deixei minha arma em casa hoje à noite, no entanto. É desaprovado ter algo assim com você quando passa pelas porta do *La Cucina del Diavolo.* O garçom volta e dá a Sasha um cardápio, nos fala do especial, oferece uma taça de vinho Sangiovese, e por um momento tudo parece normal. Sasha estuda o cardápio, escolhe o que quer, pede, e eu faço o mesmo. Quando o garçom tira os cardápios da mesa, pego dentro do meu bolso um pedaço diferente de papel, desdobrando-o e deslizando-o pela mesa na direção dela.

“O que é isso?” Ela estuda a impressão com suspeita.

”Leia e descubra.” Dou um sorriso maligno enquanto ela olha para a tinta preta na página. Já sei o que diz: Gonorréia: negativa. Clamídia: negativa. Hepatite C: negativa. HIV: negativo. A lista é grande e conclusiva. Estou limpo como um apito.

Sasha dobra o pedaço de papel e o entrega de volta para mim, sua mandíbula se aperta em uma linha fina, e indiferente. “Você acha que é muito engraçado, não é?”



“Na verdade, acho que sou bastante incrível. Não há nada mais romântico do que um cara voluntariamente tendo um cotonete empurrando seu pau por você.”

“Como fez isso tão rápido?”

“Suborno.”

Ela ri — seca, contundente — como se estivesse considerando meu comentário como um exagero. Não é, no entanto. Paguei quinhentos dólares ao técnico da clínica de planejamento familiar para processar meus resultados da noite para o dia. “Você e eu temos ideias muito diferentes de romantismo, Rooke. Este restaurante, por exemplo…”

“Você ainda está brava que eu te trouxe para um restaurante da máfia?”

“Você me trouxe para um restaurante da *máfia*?”

Estou surpreso que já não tenha percebido essa parte. Ela não tem parte neste mundo, no entanto. Sem experiência. Nenhum ponto de referência. Não pode ser culpada por sua ingenuidade. Eu não permito que minha expressão pisque. “Trouxe.”

“*Por quê*?”

“Porque gosto do bife?”

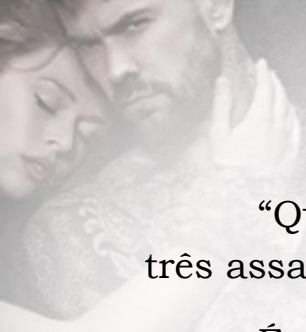
“*Rooke*.”

“Tudo bem. Eu te trouxe aqui para que pudesse ver como é minha vida. Então saberá onde está se metendo. Então pode experimentar algo fora do comum. Você odeia isso?”

Ela se recosta pesadamente em seu assento, seus olhos vagando loucamente pela sala. “Eu *odeio* isso? Que tipo de pergunta é essa?”

“Uma simples.”

“Quantas dessas pessoas aqui são assassinas? Quantos são criminosos?”



“Quase todos são criminosos. Duvido que haja mais de dois ou três assassinos reais, no entanto.”

É difícil ver se ela ficou pálida, mas estou com a impressão de que todo o sangue saiu do seu rosto, descendo para algum lugar na região daqueles saltos assassinos que está usando. “Não entre em pânico. Ninguém vai *te* matar por comer o jantar aqui.”

Ela fecha os olhos, resmungando baixinho. “Deus, não posso acreditar que isso está acontecendo.”

“Você está fazendo um grande estardalhaço por nada. Este é um restaurante. Eles servem boa comida. Os proprietários são encantadores, contanto que não os roube, todo mundo se dará bem.” Eu deixo de contar a ela sobre o tempo que o restaurante *foi* incendiado. Eu não acho que essa informação servirá muito bem à minha causa.

“Nós poderíamos ter ido a qualquer lugar. Há literalmente milhares de lugares incríveis para comer nesta cidade, e você me traz aqui. E deu seu nome na porta. Aquele cara apenas te deixou entrar, como se soubesse exatamente quem você era. Que porra foi essa?”

“Ele sabe quem sou. Sabe que trabalho para os donos deste lugar de vez em quando.”

Sasha fica quieta. Pega sua faca de manteiga e a gira repetidamente na mão, encarando a lâmina cega como se tivesse respondido a perguntas sobre as quais ela nem pensou ainda.

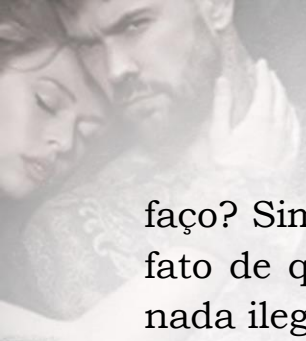
“Pergunte-me”, digo a ela. Ela não vai olhar para mim. “Faça a pergunta. Pergunte-me o que faço para eles.”

“Não quero saber.”

“Sim, você quer.”

“Eu realmente não quero.”

“Roubo carros. Às vezes dirijo um carro de um ponto a outro, e não faço perguntas sobre o porquê, ou quem, ou onde. Bato nas pessoas? Não, não por dinheiro. Mato pessoas? Não. Sou bom no que



faço? Sim, definitivamente sou. Como essa linha de negócios afeta o fato de querer namorar você? Não afeta. Nunca vou envolver você em nada ilegal. Nunca vou colocá-la em uma posição comprometedora."

"Além desta aqui? Além dessa posição *incrivelmente* comprometedora?"

"Jantar?" Dou uma olhada em volta. "Essas pessoas estão apenas curtindo suas refeições, Sasha. Não há acordos dissimulados em curso. Você não está se encontrando com ninguém para discutir segredos de estado. Ninguém está sendo estrangulado em sua mesa, ao estilo *O Poderoso Chefão*."

Isso é muito para colocar sobre ela agora. Posso fazer isso outra hora, mas parece que mostrar minha mão agora é o melhor. Esconder isso dela, saber até onde quero levar isso, seria desonesto, e a desonestidade não faz parte das minhas muitas falhas. Pelo menos não no que se refere à mulher com quem quero forjar um relacionamento. A polícia, minha família, a maioria dos meus amigos — eles mentem regularmente.

"Isso é loucura", Sasha sussurra. "Não posso acreditar que isso está acontecendo." Ela inclina a cabeça, o olhar fixo na mesa, como se fazer contato visual com qualquer outra pessoa na sala pudesse levar a fatalidades. Suponho que sim, mas é altamente improvável.

"Você quer ir embora."

Ela me dá uma careta de lado. "Como podemos nos levantar e sair daqui agora, sem comer nossa comida? Vai parecer suspeito. Seria pior do que ficar e comer."

"Você está sendo ridícula. No entanto, se for esse o caso e quiser ficar, deve relaxar e apreciar o vinho. É realmente bom pra caralho."

"Você sabe muito sobre vinho, né?"

Ela está no modo foda-se completo agora. Inclina a cabeça para um lado, fixando-me um olhar hostil. Não posso culpá-la por estar com raiva de mim. Provavelmente quer me mastigar por admitir o que faço para complementar minha renda, mas ela é uma mulher



inteligente. Estamos no covil da víbora. Gritar comigo por trabalhar para a família Barbieri seria extremamente mal aconselhado quando sentados no restaurante da família Barbieri. Então é isso: ela vai protestar contra qualquer outra coisa que eu disser para demonstrar o quão puta está comigo. Suspiro, abaixando meu copo.

"Sei o suficiente para saber o que é bom e o que não é. Não deveria saber nada sobre vinho porque sou apenas uma criança?"

"Você mal tem idade para beber."

"Tenho quase vinte e quatro anos, Sasha."

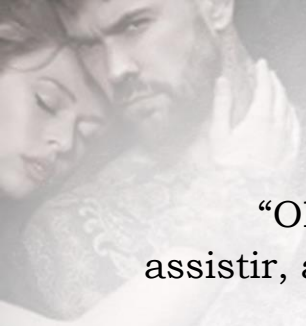
Dois garçons chegam, brandindo pratos embaixo de panos, panos brancos cruzados sobre os braços. Nossa conversa acaba quando eles nos servem nossa comida e o vinho. Assim que eles se vão, coloco meus cotovelos sobre a mesa e me inclino para mais perto de Sasha, falando em voz baixa.

"Você pensa que a quantidade de dias que eu estive vivo neste planeta tem alguma influência real em quão bem eu posso te foder? Acha que a data da minha carteira de motorista significa que não poderei fazer você gozar? Que não vou poder te amar? Que não serei capaz de te fazer feliz ? Se for esse o caso, então *você* é a criança aqui, não eu. Você está se agarrando a essa besteira de idade como se fosse um bote salva-vidas que está te salvando de se afogar, Sasha, quando é a única coisa que te arrasta para baixo. Este momento, aqui e agora... *esta* é a única vez em que as nossas idades vão realmente importar. Você é onze anos mais velha que eu. Aceite isso. Deixe pra lá. Você está lutando contra uma força incontrolável, Sasha. Estou ficando impaciente ... e faço muitas, *muitas* coisas precipitadas quando fico impaciente."

"Uma resposta muito madura."

Tomo outro gole de vinho, apreciando a textura do líquido na minha boca. "Vou colocá-la sob os meus joelhos e espancá-la em breve. É isso que quer? Na frente de todas essas pessoas?"

"Você não ousaria, porra."



“Oh, realmente *ousaria*. E ninguém aqui se importaria de assistir, asseguro-lhe.”

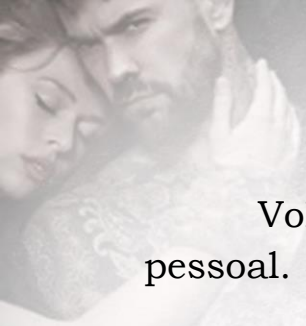
Ela eriça-se como um gato escaldado. “Essa coisa de bravata é realmente um pouco maluca. Se está tentando me impressionar com o quão viril e dominador você é, não está funcionando. Posso ver através da charada.”

Sorrio. Como um homem que sabe alguma coisa. Sorrio como um homem que acaba de receber um desafio. Quando não digo nada, Sasha se agita em seu assento, franzindo a testa. Pega o garfo e aponta para mim, apunhalando na minha direção. “Não estou jogando, Rooke.”

“Nem eu, Sasha. *Nem eu.”*

Comemos no que alguns podem chamar de silêncio tenso pelos próximos quinze minutos. Não acho a ruptura na conversa desconfortável, no entanto. Acho isso muito divertido, especialmente porque Sasha parece tão quente com todo aquele sangue em suas bochechas. A maneira como ela enfia o garfo no bife é admirável. Acho que provavelmente poderia se defender razoavelmente bem em uma briga de rua em virtude de pura crueldade. Estou a ponto de falar quando outro garçom aborda a mesa. Somente que quando ele chega até nós, não é um garçom, mas Roberto Barbieri, chefe da família Barbieri. Extremamente magro e excessivamente alto, o cara sempre me lembrou de uma caricatura — uma versão exagerada do que um chefe da máfia italiana pareceria se fosse um vilão em um quadrinho. E, no entanto, aqui está ele, em carne e osso, maior que a vida. Ele me dá um sorriso cheio de dentes, cruzando as mãos na frente de seu estômago enquanto olha para as nossas refeições semiacabadas.

“Ah! O bife. Sim, fazemos um bom bife. É maravilhoso ver você, Rooke. Estava começando a pensar que nunca traria ninguém aqui para se deleitar em nossa companhia. Todos os meus outros... *amigos*... fazem bom uso deste lugar sempre que podem. Você, por outro lado...”



Volto o seu sorriso de lábios apertados. “Não leve para o lado pessoal. Simplesmente não tenho muitos amigos.”

“Ora, ora. Não acredito nisso nem por um segundo.”

“Não, é verdade. Essa é a sua personalidade irritante”, diz Sasha. “Ninguém tolera estar perto dele por mais de cinco minutos de cada vez.”

Não posso me segurar; rio alto. Ela deve saber que esse cara não é brincadeira. Quem mais se aproximaria de uma mesa e começaria a conversar com os convidados em um lugar como este? *Especialmente* em um lugar como esse. E ele sabe o meu nome... Ele só pode ser o chefe.

Parece que Sasha Connor está com raiva o suficiente para arriscar me atrair na frente do mais perigoso dos homens, afinal. Ela é um maldito tesouro. Roberto sorri para ela, balançando a cabeça, divertido com o tom dela. “Mas você é feita de coisas mais severas, eu vejo. Você está sentada aqui com ele há pelo menos uma hora. Só pode ser amor.”

“Este é nosso primeiro encontro, na verdade. Definitivamente não é amor.”

“E ainda assim quando você olha para ele, eu vejo fogo em seus olhos.”

“Pode parecer fogo, mas garanto que está mais perto de ódio neste momento.”

Roberto encolhe os ombros com indiferença. “Se queima, mi amore... queima.”



CAPÍTULO 13

DESASTRE

SASHA

A sobremesa, provavelmente a mais perfeita *panna cotta* já criada e ainda tem gosto de serragem em minha boca. Engulo algumas mordidas, e então descarto minha colher, empurrando o prato para longe.

"Isso é um sacrilégio", diz Rooke. Ele, claro, comeu sua sobremesa em tempo recorde.

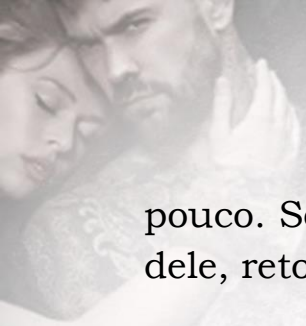
"Não estou com fome."

"Estenda a mão."

"Perdão?"

"Você me ouviu. Estenda sua mão." Ele coloca sua própria mão em cima da mesa, alcançando a minha. Fico olhando por um momento. Por que eu deveria fazer o que ele está me pedindo? Por que deveria jogar este jogo? É um jogo imprudente, que pode me machucar incompreensivelmente. A última coisa que devo fazer é dar a ele a minha mão, mas estou cansada e o álcool nas minhas veias está me dizendo para ceder por um segundo. É apenas um segundo. Quanto dano poderia ser feito em um segundo? E, além disso, estamos em uma sala cheia de pessoas. Não é como se segurar a mão dele levasse a um sexo cru e animalesco na mesa.

Coloco minha mão na dele. Assim que nossa pele entra em contato, percebo o meu erro. Mesmo no meu estado ligeiramente bêbado e entorpecido, posso sentir a eletricidade entre nós. A conexão é inegável. Seus dedos se enroscam com os meus, enredando-se, e posso sentir minha resistência vacilando. Mesmo depois do que me disse esta noite, estou indo em direção a ele e me perdendo um



pouco. Sem realmente pensar fecho meus próprios dedos ao redor dos dele, retornando a pressão.

“Nós nos encaixamos bem juntos”, observa Rooke. “Acho que o resto de nós vai se encaixar bem também.”

“Rooke, não vou dormir com você...”

“Por que não? Você não gosta de diversão?”

“Gosto de diversão. Adoro diversão. Sexo não é apenas divertido para mim, no entanto. É um compromisso que você faz com seu corpo.”

“Você é super religiosa?”

“Não. Não sou descuidada com o meu corpo. Tem valor, se o desse a todos, isso significaria cada vez menos.”

Ele desliza o polegar para cima e para baixo no meu dedo indicador enrolado, e uma onda de adrenalina surge através de mim. É muito louco como ele faz minha cabeça girar. “Está bem então. Posso entender porque você se sente assim, mesmo que eu não concorde. Mas estou disposto a propor uma solução para esse problema.”

“Que é?”

“Uma proposta.”

“Entendi. Mas de que tipo?”

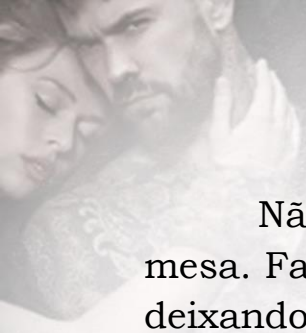
“O tipo normal”, ele responde. “Uma proposta de casamento.”

“Casam...” Não posso nem terminar a palavra. Ele *não* pode estar falando sério. Pode? Ele parece que está. Tento sair da cabine circular, seguindo o longo caminho para evitá-lo, mas ele ainda segura minha mão e não a solta.

“Onde você está indo?” Ele pergunta calmamente.

“Para longe de você. Você é um louco.”

“Tudo bem, tudo bem. Devagar, porra. Eu estava brincando.”



Não desacelero. Me liberto dele e jogo meu guardanapo sobre a mesa. Faço uma saída completamente deselegante da cabine, deixando Rooke para trás para pagar a refeição. Foi ele que me trouxe para este lugar esquecido por deus para começar, então não me sinto nem um pouco mal em fazê-lo gastar o dinheiro do jantar.

Saio da área de jantar, passando pela mesma porta que entramos e me vejo de volta ao corredor escuro. Não estou prestando atenção para onde estou indo. Corro cegamente em direção à saída, empurrando uma porta marcada por uma cruz de neon azul brilhante...

...e paro de andar.

Meu erro é instantaneamente óbvio.

Corpos...

Há corpos por toda parte, nus, roupas espalhadas pelo chão. A sala está cheia de uma luz branca e azul que realça a curva do peito nu, o arco de uma forte e musculosa parte de trás. A cena diante de mim não é nada que eu já tenha testemunhado. Fico congelada, meu coração, um aperto, subindo na minha garganta. Um homem se vira e me enfrenta, e faço o melhor para encontrar seus olhos. É difícil, porém... o *pau* dele está duro, e ele está apontando para mim.

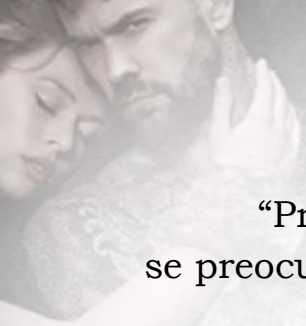
"Se você vai entrar, *bella*, feche a porta atrás de você."

"Uh — eu — eu não vou..."

"Ela não vai entrar, está com medo. Ela não pode fazer sexo até que esteja casada." Uma mão circula o topo do meu braço, e eu sou puxada para trás com força. Quase tropeço, mas Rooke me segura, me equilibrando para que não possa sair correndo da sala. Ele fecha a porta atrás de nós, sorrindo maliciosamente.

"E aqui estava eu pensando que você era uma puritana, senhorita Connor."

"Jesus. Há cerca de cem códigos de saneamento sendo quebrados lá."



“Provavelmente mais. Porém não acho que os Barbieris precisam se preocupar com visitas repentinas do inspetor sanitário, não é?”

Uma espécie de histeria se eleva dentro de mim, se reunindo até que não consigo mais pensar direito. Este é o encontro mais estranho que já tive, com o homem mais estranho. Bato minha mão sobre a boca, tentando conter o riso que está ameaçando se libertar, mas isso não é bom. Ele escapa de qualquer maneira.

“Acho que alguém bebeu demais”, diz Rooke, apoiando as costas na parede, colocando a mão nos bolsos.

“Não é verdade. Tinha a quantidade certa de vinho para me fazer passar por essa noite bizarra.”

Rooke balança a cabeça. “Se você diz. Mas acho que está um pouco debilitada, Sasha.”

“Não estou.”

“Posso provar que está.”

“Como?”

“Poderia te beijar. A Sasha sóbria nunca permitiria que isso acontecesse, certo?”

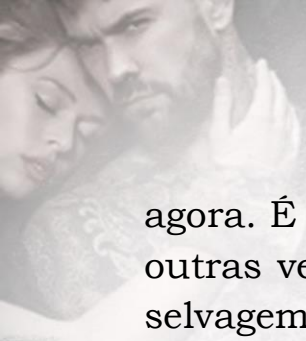
“Droga, ela não deixaria.”

Ele se afasta da parede, seu rosto ficando muito sério. Oh, Deus, ele está sério. Ele realmente vai tentar me beijar. Minha risada morre nos lábios. “Não, Rooke.”

Ele está a dois metros de mim. Um metro.

“Rooke, quero dizer isso. *Não* tente me beijar.”

Menos de um metro agora. Eu me pressiono contra a parede, tentando me fundir à alvenaria, mas isso não acontece. De repente, seu peito está pressionado contra o meu, e suas mãos estão em mim, agarrando meus quadris, me puxando para ele. Seus olhos escuros nem piscam, prontos, fixados em mim com uma paixão que me faz querer desviar o olhar. Não entendo o jeito que está olhando para mim



agora. É como se ele estivesse se segurando antes. Como se todas as outras vezes em que olhou para mim com aquele sorriso brincalhão e selvagem em seu rosto, só mostrou uma parte de si mesmo para mim. Aqui e agora, ele parece estar se revelando, mostrando-me quão feroz e perigoso ele realmente é.

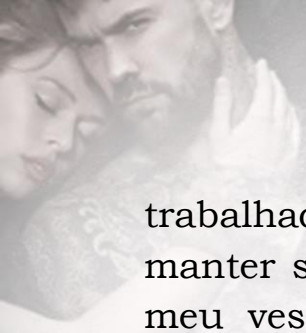
"*Rooke...*" Eu soo sem fôlego, completamente diferente de mim. Levanto uma mão, plantando-a no centro do seu peito, empurrando um pouco para mantê-lo afastado, mas minha força não é nada comparada à dele. Sinto-me fraca e vulnerável, diminuída por ele quando se inclina sobre mim, com a cabeça baixa e a testa a poucos centímetros da minha.

"Só vamos fazer isso uma vez", diz ele. "Então, realmente pense por um segundo, Sasha. Vou te beijar. Se não quer minha boca na sua, meu corpo contra o seu, então diga agora e eu *nunca* mais te ligarei. Mas se quer isso, se a perspectiva de minhas mãos em seu cabelo e minha língua em sua boca faz seu coração bater um pouco mais rápido, então isso é uma besteira e tem que parar. Você me ouve? Você entende?" Ele parece zangado. Olho para ele. Minha mão ainda está presa entre nossos corpos, pressionada contra o peito dele, e posso sentir a firme e determinada tatuagem de seu coração batendo em suas costelas. Sinto como se tivesse um beija-flor preso dentro do *meu* peito, e ele está batendo freneticamente em sua gaiola, tentando sair.

"Sim", sussurro. "Compreendo."

Rooke se curva sob mim, me puxando para mais perto dele. Ele se inclina, sua testa está contra a minha e estou paralisada. Devo pará-lo? Devo dizer a ele para me soltar? Só no último minuto mudo de ideia. Não quero que me solte. Quero sua boca na minha e suas mãos no meu cabelo. Quero mais que isso. Deus me perdoe, mas quero.

Estou com muito medo de fechar os olhos. Rooke continua de olhos abertos também. Encaramos um ao outro enquanto seus lábios encontram os meus. Um longo momento se passa e nenhum de nós se move. Lentamente, Rooke exala pelo nariz. Sua respiração é



trabalhada, trêmula. Posso dizer pelo som, que ele está lutando para manter sua compostura. Ele cava os dedos na minha pele através do meu vestido, e é isso. Tem sido exaustivo tentar manter distância desse cara. Ele me desestruturou em um curto espaço de tempo. Não só isso, mas ele repetidamente volta para mais. Então eu o beijo. Fecho meus olhos e me derreto nele. Enrolando meus braços em volta do seu pescoço, fico na ponta dos pés e me entrego.

Ele geme na minha boca quando a abro para ele. Ele tem um gosto doce, todo o açúcar da sobremesa cortado pelo tanino do vinho que bebemos. Ele respira com força na minha boca enquanto me beija, sua língua saboreando e explorando minha boca também, e minha cabeça gira fora de controle. Parece impossível que eu deveria estar sentindo isso. Faz anos que não penso na magia do primeiro beijo. Isto é anos-luz além de mágico, entretanto. É sublime. É incendiário. É apocalíptico. Parece que o mundo está acabando. O céu está caindo. Estou perdida no frenético bater do meu coração e na sensação dos meus seios esmagados contra seu peito.

Eu o quero.

Maldito seja ele e eu também!

Isso vai ser um desastre.



CAPÍTULO 14

CORDA BAMBA

SASHA

Eu me atrapalho, derrubando minhas chaves, e Rooke se abaixa para pegá-las. Não sinto meu corpo neste momento específico do tempo. Adoraria culpar o álcool — seria bem fácil — mas nem me sinto bêbada. Apenas sinto que estou fora do meu corpo de alguma forma, testemunho do que está acontecendo, mas não estou realmente participando. Rooke olha através das chaves e para a fechadura, depois seleciona a chave correta, usando-a para abrir a porta da frente.

“Como sabia?” Pergunto.

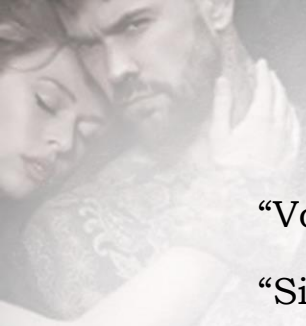
“Sei como as coisas funcionam”, diz ele. “É meu trabalho saber.”

Desajeitadamente sinto que é exatamente isso que ele fez comigo: deu uma olhada longa e curiosa em mim e me desvendou. A maneira como ele estuda as coisas, incluindo as pessoas, é bastante perturbadora. Ele olha além da superfície, além do que você pode querer que os outros vejam, e se aprofunda. Não tenho certeza se gosto disso. Há partes de mim mesma que trabalhei duro para manter escondidas. Partes de mim que nunca veriam a luz do dia.

Rooke empurra a porta aberta, ficando parado para que eu possa entrar primeiro. Ele é um cavalheiro, vou dar isso a ele. No entanto, assim que caminho para o corredor, sou empurrada contra a parede, minha bolsa cai no chão com um baque, e estou rapidamente reavaliando esse pensamento. Rooke se inclina contra mim, as mãos nos meus quadris, os dedos rangendo na minha pele, sua boca tão, tão perto da minha.

“Você já foi fodida neste corredor?” Ele rosna.

“Não. Não foi..."



“Você faz controle de natalidade?”

“Sim.”

“Bom”. Ele cobre o lado do meu rosto com a palma da mão, e então me beija. Não é um beijo sutil. É um beijo feito de fogo e ferro. É um beijo selvagem que rouba minha respiração e uma parte da alma junto com ela. Abro minha boca, permitindo que entre, e sua língua patina sobre a minha, provando-me como antes. Trabalho minha boca contra a dele, e ele geme sob sua respiração. “Porra, Sasha. Você beija como se já estivéssemos fodendo”, ele fala.

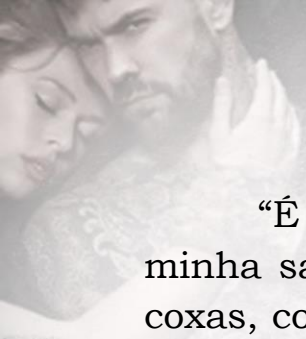
Poderia dizer o mesmo dele. Não tenho fôlego para fazer isso, no entanto. Estou sem ar pela intensidade do momento, pela maneira como suas mãos tocam enquanto viajam por todo o meu corpo. Posso sentir como ele está ligado. Sua ereção está pressionada firmemente contra o meu estômago, e o material do meu vestido não é muito grosso. Nunca estive tão intimidada em toda a minha vida. Ele parece... *grande*.

As mãos de Rooke se movem suavemente para baixo, até que ele está amassando e apertando meus seios. Não estou usando sutiã, então parece que suas mãos já estão em mim, trabalhando sobre a minha pele. Ele se abaixa, beija minha mandíbula, chupando o lóbulo da orelha em sua boca, depois vai mais para baixo ainda, até que está beijando meu pescoço.

Vi mulheres em filmes antes perderem a cabeça por causa de um cara beijando seu pescoço. Sempre me perguntei o que estavam sentindo. Quando Andrew pensou em beijar minha nuca, foi como um pássaro bicando, duro e não particularmente agradável. Com Rooke...

Deus...

Parece que uma corrente elétrica afiada e furiosa está passando pelo meu corpo. Não consigo parar de tremer. Ele me morde, prendendo os dentes sobre a minha pele, e gemo, todo o meu corpo ficando flácido.



“É isso”, ele fala. “Isso é o que eu estava esperando.” Ele levanta minha saia, e por três longos segundos suas mãos estão em minhas coxas, correndo sobre o material fino das minhas meias. Ele olha para baixo, aparentemente fascinado pelo fato de eu estar até usando-as, um leve olhar de surpresa em seu rosto, e então ele as está rasgando, lutando para solta-las. Ele solta a seda e depois cai de joelhos na minha frente.

Lentamente, com profunda concentração marcando sua testa, ele remove o que sobrou das minhas meias, primeiro a da direita e as desliza pelas minhas pernas uma de cada vez. Eu não consigo controlar minha respiração. Minhas mãos não param de tremer.

Ele corta todo o meu pensamento quando empurra minhas coxas e enterra seu rosto entre minhas pernas.

“*Oh... meu... Deus.*” Ainda estou usando minha calcinha, mas isso não está impedindo Rooke de ir lá. Seus dentes rasgam e puxam as rendas caras que estou usando, e minha cabeça literalmente gira.

“Você é fodidamente incrível”, ele rosna. “Porra, Sasha. Você cheira como...”

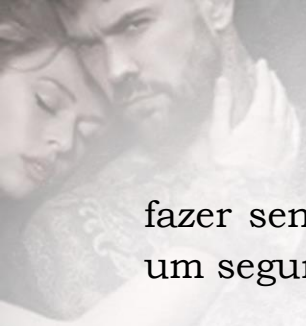
Eu me encolho. Não quero cheirar como algo. Cheirar como qualquer coisa é ruim.

“Você cheira a sexo”, ele termina. Quero objetar, pará-lo lá, mas ele está preso por algo que não consigo compreender. Sua camisa se estica nas costas enquanto ele se inclina para baixo, e então puxa minha calcinha para o lado, seus dedos me explorando, esfregando, empurrando para dentro...

“Caralho!”

“Estamos chegando a essa parte”, ele rosna. “Paciência, linda Sasha. Paciência.”

Não quero ser paciente. A paciência é para pessoas que fazem sexo todos os dias e estão entediadas com isso. Esta é uma experiência totalmente nova para mim. Sinto como se estivesse esperando por isso a minha vida inteira, para um cara me tocar, me



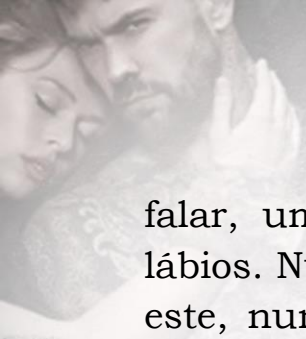
fazer sentir o jeito que Rooke está me fazendo sentir, e esperar mais um segundo para ele estar dentro de mim é um maldito crime.

Ele desliza os dedos mais para dentro de mim, enrolando-os um pouco, e todo o meu corpo sacode quando ele atinge um ponto não familiar e sensível que faz meus dedos enrolarem. “Oh *merda*! Puta merda...” Ele para o que está fazendo e eu quase lhe dou um soco na cabeça. Ele rasga minhas roupas íntimas pelo meu corpo, entretanto, levantando minhas pernas com força para que possa jogar a renda de lado, e então olha para mim, a boca ligeiramente aberta, a língua molhando o lábio inferior, um sorriso escandaloso se espalhando pelo rosto e eu travo. O homem é sexo. Sexo puro, não adulterado e sem filtro. Do jeito que ele anda, ao jeito que veste suas roupas, a tinta que marca seu corpo... tudo sobre Rooke Idlewild Blackheath grita: “FODA-ME!”

Lentamente, e com o olhar mais inacreditável em seus olhos, ele estende a língua e traça um movimento ascendente entre as minhas pernas. Parece que fui atingida por um raio. Não sou mais eu mesma. Não estou mais nem mesmo habitando meu próprio corpo. Sinto como se estivesse flutuando em cima de um mar sem fim que se estende para sempre em todas as direções. Sinto que tenho que ficar absolutamente parada. Caso contrário, me afogarei. Sua boca funciona sobre mim, sua língua sacudindo e lambendo meu clitóris de uma forma perita ele deve ter uma enorme quantidade de prática nisso e minhas pernas parecem como se estivessem prestes a sair de debaixo de mim. Preciso me estabilizar. Preciso segurar em algo.

Enterro meus dedos no cabelo de Rooke, me esfregando descaradamente em sua boca. Ele geme —não o som de um cara simplesmente aproveitando alguma coisa. A maneira como ele geme é o som de alguém completamente perdido em um momento de prazer, tão varrido por ele que nem sequer percebe que está fazendo algum barulho em primeiro lugar. Minha pele se arrepia.

Rooke é um cara enorme. Ele é tão musculoso que é como se pudesse enfrentar Connor McGregor do MMA. Sua pele é uma rede de tatuagens que dizem “não mexa comigo”. Quando ele abre a boca para



falar, uma ladainha de arrogância e charme se derrama em seus lábios. Nunca me dei permissão para imaginar um momento como este, nunca em um milhão de anos imaginei que deixaria acontecer mas se tivesse imaginado isso, teria imaginado suas costas pressionadas contra a parede comigo de joelhos, dando prazer a ele com minha boca. Nunca teria sonhado que ele estaria tão concentrado em fazer eu *me* sentir bem.

E *porra,* me sinto bem.

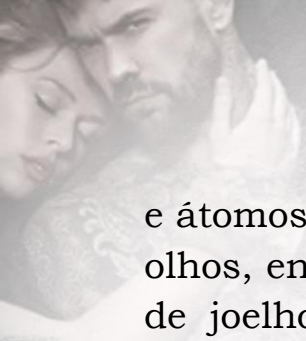
Meu vestido ainda está amontoado ao redor dos quadris. Rooke o empurra ainda mais para o alto, em seguida, desliza os dedos de volta para dentro de mim. Ele usa a língua e os dedos ao mesmo tempo, e não consigo mais me segurar. Eu preciso gozar. Preciso gozar ou vou arrancar todo o cabelo do cara de sua cabeça.

Posso senti-lo se construindo...

Balanço à beira do orgasmo, me equilibrando na corda bamba entre a loucura e sanidade. Rooke tem que saber que estou prestes a entrar em uma espiral de esquecimento. Ele está em sintonia comigo, capaz de sentir o quão perto estou de gozar. Ele me fode com os dedos, acariciando o interior da minha buceta em um movimento "venha aqui" enquanto passa sua língua sobre mim, e é o suficiente.

Começa no fundo da minha pele: uma sensação de formigamento, quente e fria ao mesmo tempo. Os músculos dos meus braços e pernas travam, e o formigamento se espalha entre minhas omoplatas, a parte inferior das costas, minhas nádegas e minhas pernas. Isso me atinge com força, voltando para dentro em seguida, um momento de puro sentimento onde estou cega e surda, completamente perdida. Acho que grito. Acho que afundo no chão. Acho que minhas costas estão em níveis dolorosos enquanto Rooke continua a lamber e acariciar e me foder com os dedos até que não aguento mais e estou implorando para parar.

Só que ele não para. Continua, até que sinto outra onda de prazer intenso se construindo e construindo, varrendo sobre mim como um tsunami. Não há mais nada de mim. Sou apenas partículas



e átomos, soltos e arruinados. Quando finalmente retorno e abro meus olhos, encontro-me colocada de costas no chão, ofegante, e Rooke está de joelhos entre as minhas pernas, me observando com um olhar muito sério em seu rosto. Ele não é arrogante agora. Não está sorrindo nem um pouco.

“O que — o que foi? Você está bem?” Ofego.

Ele fecha os olhos e desvia o olhar por um segundo; quando me enfrenta, ele sorri, mas é um estranho sorriso alienígena que não o vi usar antes. “Não, eu não estou bem”, ele responde.

Oh Deus. Oh, puta merda, ele odiou me comer. Foi a pior experiência da sua vida. Uma onda de vergonha rola na boca do meu estômago. Agarro a bainha do meu vestido, tentando puxar para baixo do meu corpo, para cobrir a minha humilhação, mas Rooke me agarra pelos dois pulsos.

“Nem pense nisso, Connor. Nunca puxe essa merda comigo, ok?”

“Que merda?”

“Essa besteira, oh eu odeio meu corpo. Você é fenomenal.”

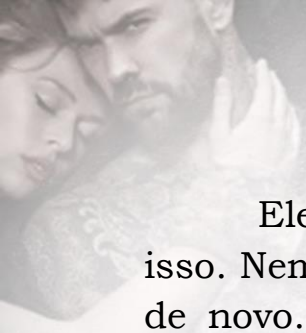
“Mas você acabou de dizer…”

“Eu disse que não estava bem e não estou. Estou fodido. Completamente e cem por cento fodido.”

“Do que você está falando?”

“Vou ter que sair do meu trabalho. Não vou ter tempo para trabalhar mais. Acabei de encontrar meu novo passatempo favorito, e sinto que não vai sobrar tempo para mais nada. Jesus, Sasha... Fazer você gozar é incrível. A maneira como sua cabeça inclinou para trás. A maneira como suas coxas se apertaram em volta da minha cabeça. O jeito que meu nome soou quando estava ofegando como um fodido mantra. Só ouvi uma vez, e não posso viver sem isso agora. Então sim... eu não estou bem.”

“Rooke…”



Ele balança a cabeça, me interrompendo. “Não quero ouvir isso. Nem uma palavra. Você é linda pra caralho. E vamos fazer isso de novo. Você sabe disso e eu sei disso. Não minta para si mesma e *não* minta pra mim.”

Eu ia ser autodepreciativa, ia dizer a ele que não achava uma boa ideia fazer algo assim novamente. Fecho minha boca, sentindo minhas bochechas queimarem. Sinto que há um fogo dentro de mim, me comendo viva, e não é nem de longe uma sensação tão assustadora quanto deveria. Parece excitante, mais do que qualquer outra coisa, e estou prestes a me atirar nas chamas.

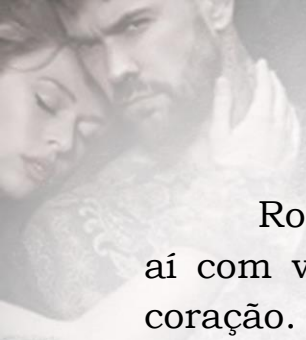
“Você está pronta para o que vem a seguir?” Pergunta Rooke.

“Isso depende”, respondo desconfortavelmente. “Isso depende do que vem a seguir.”

Ele se endireita, ajoelhando-se corretamente. Seus dedos começam a abrir sua camisa agilmente, deslizando os botões pelos buracos, o tempo todo olhando para mim com um olhar sombrio e sinistro em seus olhos. “Eu vou te foder e vai isso mudar tudo. Nada será o mesmo novamente. O sol não vai iluminar seus dias daqui em diante. *Eu vou*. A gravidade não vai manter seus pés no chão. *Eu vou.* Você não vai querer comer ou dormir sem mim. Cada segundo gasto longe de mim será um segundo desperdiçado.”

A raiva arrepia a base do meu pescoço. Enrolo minhas mãos em punhos, pronta para batê-las contra seu peito o mais forte que posso. “*Por quê*?” Digo baixinho. “Porra, Rooke. Por que você tem que dizer isso? Como você pode presumir...”

“Não estou presumindo nada. É só o que vem a seguir. E eu sei, porque é uma coisa recíproca, Sasha. Não é só você dando esse próximo passo idiota e maluco. Também darei. Posso sentir isso. Sei o que vai acontecer.” Ele retira a camisa dos ombros, e o material desliza de seu corpo. Seu peito é músculo sólido e esculpido, coberto de tinta masculina e intrincada. Seus ombros são largos; imagino como seria se agarrar a ele enquanto empurra dentro de mim e meus olhos quase rolam para trás na minha cabeça.



Rooke começa a desatar o cinto em sua cintura. “Vou estar bem aí com você. Você será meu sol. Minha lua. Minha gravidade e meu coração. Estou disposto a deixar isso acontecer. A questão é: você quer isso? Ou... uma pergunta melhor. Você quer arriscar *não* ter isso? Isso é real, Sasha. Você sente que é; eu sei que sente. E só porque é real, não significa que não seja assustador. Não significa que não vamos discutir ou discordar. Significa apenas que pode ser incrível se deixarmos.”

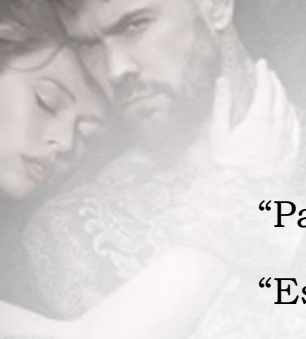
Como ele pode falar assim? Não entendo o que está pensando. Nós mal nos conhecemos. Haveria tantos obstáculos a superar se pensássemos em estar juntos da maneira que ele está descrevendo. Não seria apenas difícil. Seria quase impossível. Ainda assim... olhando para ele agora, posso ver com que firmeza acredita no que está dizendo. Aço pisca em seus olhos. Sua mandíbula está cerrada e trancada, cada centímetro dele sólido e imóvel.

“Vou perguntar de novo, Sasha. Você está pronta?”

Meu coração está na garganta. Não sei como posso concordar com o que está dizendo, mas há essa parte de mim que quer jogar a cautela ao vento. P*osso* concordar com ele. Qual o pior que pode acontecer? As coisas não funcionarem e seguirmos caminhos separados? Ele partir para outra e começa a foder uma recepcionista de vinte e um anos? Isso não seria o fim do mundo. Nenhum de nós morreria de coração partido. Isso pode... maldição, pode até ser *divertido*.

Engulo, empurrando a voz de aviso na parte de trás da minha cabeça. “OK. Sim. Estou pronta. Estou pronta para o que vem a seguir.” Mas mesmo quando estou dizendo as palavras, sei o quão louca estou sendo. Rooke é a pessoa mais intensa que já conheci. Não haverá como me afastar dele. Não haverá nenhum movimento para qualquer um de nós.

Espero que ele caia sobre mim como um animal raivoso — posso dizer pelo olhar de seus olhos que ele quer — mas não o faz. Ele sobe com dolorosa lentidão até meu corpo, até que esteja em cima de mim, seus joelhos de cada lado dos meus quadris.



“Parece estar com medo”, ele sussurra.

“Estou.”

“Você *deveria* estar.” Ele se inclina tão devagar que sinto como se estivesse prestes a gritar. Sua boca fica cada vez mais perto, e todo longo segundo que passa me faz querer levantar e agarrá-lo. Não lhe darei a satisfação, no entanto. Simplesmente não darei. Quando ele finalmente me beija, sinto que estou caindo no chão. Ele tem o meu gosto. Ele realmente tem gosto de *mim*. Deveria estar horrorizada, mas não estou. É uma coisa tão íntima e pessoal. Isso realmente me excita.

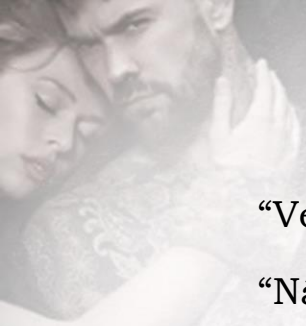
Vou enrolar meus braços em volta do seu pescoço, mas ele me impede. Levantando minhas mãos acima da minha cabeça, ele as prende facilmente em uma de suas enormes mãos. “Sinto muito sobre o seu vestido”, ele rosna.

“Você sente muito?”

Ele pega a alça do ombro e rasga, arrancando-a do meu corpo. Eu suspiro, um som de choque ecoando pelo corredor estreito. Rasga a outra alça também, arrancando-a do meu corpo em um movimento rápido e cruel que me deixa sem fôlego e ofegante. E não para por aí. Em três puxões rápidos, remove o vestido, dividindo o material na frente, destruindo-o em segundos. Eu me contorço debaixo dele, de repente, insegura de mim mesma. Ele é maluco. Não sei o que esperar. E pode ter me descoberto da maneira mais irritante, mas ainda tenho que dizer o mesmo sobre ele. Ele é tão estranho e desconcertante que fico tentando adivinhar cada vez.

Rooke se inclina para trás o máximo que pode sem liberar minhas mãos, e olha para todo o meu corpo. Meus seios estão expostos e a calcinha se foi, de modo que estou totalmente nua debaixo dele. Ele suga uma respiração aguda, dolorida, gemendo um pouco.

“Se você pudesse ver o que estou vendo agora...” Ele fala, seus olhos banqueteando-se com a minha pele nua.



“Vejo sim.”

“Não, você não vê. Você não vai se deixar. Nenhuma mulher realmente admite para si mesma o quão perfeita é. Se o fizesse, passaria cada momento do dia tocando sua buceta na frente de um espelho, completamente apaixonada por si mesma.”

Apenas a menção de me masturbar me faz corar. As pessoas não falam sobre esse tipo de coisa de uma maneira tão trivial. Simplesmente não falam. Não é educado. Nada sobre Rooke é educado, no entanto. Ele vê que minhas bochechas estão vermelhas e sorridentes, inclinando a cabeça para um lado. “Não negue”, sussurra. “Você se toca. Estaria se tocando agora mesmo se eu não tivesse te prendido.”

“Não, não estaria.”

“Sim, estaria. Porque eu pediria. Você faria para me deixar feliz.”

Não posso culpar sua lógica. Agora, acho que faria qualquer coisa para deixá-lo feliz, contanto que transe comigo. Eu me contorço debaixo dele, ansiedade lutando com minha excitação quando percebo o quanto estou presa. Poderia chutar e gritar, gritar e lutar, mas não tenho como sair dessa posição a menos que Rooke permita.

“Abra a boca, Sasha”, ele exige.

Abro sem nem pensar. Isso é tão novo para mim. Se alguém tivesse me dito ontem mesmo, que estaria permitindo que alguém me comandasse assim teria pensado que estavam loucos. Onde esse meu lado esteve escondido todos esses anos? Por que não sabia que gostava disso?

Rooke desliza seu dedo indicador e médio na minha boca, sondando atrás dos meus dentes, sentindo ao redor, abrindo mais a minha boca. É invasivo, mas altamente sexual. Suspiro quando ele se deita em mim, lambendo meus lábios, rasgando minha boca com os dentes. Balança seus quadris contra mim e não posso segurar. Inclino meus próprios quadris contra ele, criando a mais intensa fricção, e quase entro em pânico quando sinto o quão duro ele está novamente.



Risca isso. Ele está além de duro. Sua ereção é sólida como rocha. No momento em que me mexo contra ele, algo dentro dele deve estalar. Um grunhido tenso começa a se formar no fundo de sua garganta. Ele fica de pé, e então está se despindo, tirando os sapatos, soltando o botão de suas calças e chutando-as violentamente de suas pernas. Estou esperando roupas íntimas, mas não há nada. Ele está sem nenhuma. Seu pau se solta, e então estou congelada no lugar, olhando para ele como uma lunática. Ele é *enorme*. Estou falando, *você vai me colocar no hospital com essa coisa* enorme. Rooke se abaixa e me pega em seus braços, como se eu fosse leve, um enorme sorriso de merda no rosto.

"Não se preocupe, linda. Não vai morder", diz ele.

"Você percebe que tenho um metro e meio? Não posso... De maneira nenhuma serei capaz de..."

"Você *vai*." Ele vai em direção da sala, abrindo a porta com um chute forte. Ele se deita no chão de costas, colocando-me em cima dele. "Vamos fazer assim por alguns minutos. Isso é tudo que você ganha, Sasha. Fica no controle por um momento enquanto seu corpo aprende a me aceitar. Quando estiver dentro de você, acabou. *Você é minha.*"

Uma emoção de pânico corre através de mim. Caro Deus, isso é pura loucura. *Como*? Como diabos estou destinada a...

Minha mente fica em branco enquanto o monto. Rooke me guia para o lugar e posso senti-lo quase me empurrando. Já estou molhada, realmente molhada, mas de jeito nenhum ele vai deslizar para dentro de mim. Os dedos de Rooke cavam nas minhas coxas enquanto eu lentamente, cuidadosamente me abaixo sobre ele.

"Porra, Sasha. *Foda-se*!"

Poderia dizer a mesma coisa. Minha cabeça balança para trás enquanto tento respirar em torno dele. Eu me sinto impossivelmente cheia. Acho que vou ter que parar, mas então Rooke se apoia nos cotovelos, e leva meu mamilo em sua boca. Ele coloca a mão entre os nossos corpos e começa a esfregar meu clitóris em pequenos círculos



apertados e de repente meu corpo está em chamas. Começo a balançar lentamente contra ele, perdida na sensação vertiginosa que está varrendo através de mim, e pouco a pouco meu corpo faz como Rooke disse que faria. Aprende a aceitá-lo.

No exato momento em que está dentro de mim, ele é fiel à sua palavra. E me vira de costas, um sorriso afiado cortando seu rosto. “Sinta-se livre para gritar.”

Ele empurra dentro de mim e ainda continuo. Há fogos de artifício explodindo dentro da minha cabeça. Ele está em toda parte, me cercando, dentro de mim, em cima de mim, suas mãos correndo por todo o meu corpo, meu cabelo, sua boca na minha. A maneira como ele me beija é vital, como se estivesse cheio da mesma necessidade desesperada que estou sentindo agora. A necessidade de consumi-lo, ser parte dele, fazer parte de outra coisa. Algo que ele e eu somos incapazes de ser, mas juntos...

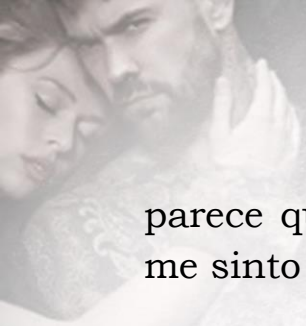
Ele me fode até que esqueço o meu próprio maldito nome. Ele é incrível. Ele angula seus quadris da maneira perfeita, de modo que toda vez que empurra em mim, esfrega contra o meu clitóris, trazendo-me cada vez mais perto do meu clímax a cada impulso. Seguro seus ombros, e é exatamente como imaginei antes: eu me sinto vulnerável, mas ao mesmo tempo segura.

“Você vai gozar para mim agora”, Rooke me diz, triturando as palavras diretamente no meu ouvido. “Posso sentir. Posso sentir você se apertando ao redor do meu pau. Você vai gozar em todo o meu pau, Sasha?”

“Merda. Oh meu deus, sim. Sim, eu vou gozar.”

“Boa menina. Boa garota, é isso. Mostre-me. Mostre-me como você é bonita quando goza.”

Meu orgasmo é exatamente como ser sugada de uma câmara para o espaço. Sinto que estou sendo arrancada do meu próprio corpo, da minha própria pele, e não consigo respirar. Cavo minhas unhas nas costas de Rooke e ele se bate dentro de mim, e então está rugindo, seus dentes cerrados quando goza comigo. Ele me esmaga contra ele, e



parece que estamos derretendo, desaparecendo de alguma forma. Eu me sinto entorpecida.

"Droga." Rooke rola, então estou de volta em cima dele. Ele ainda está dentro de mim, ainda duro, ainda me fazendo tremer toda vez que se contorce, o que parece entretê-lo. Ele passa uma mecha de cabelo para trás da minha orelha, depois pega tudo em suas mãos, segurando-a na minha cabeça. "Veja", diz. "Seu corpo sabe agora. *Sabe* que é meu. De maneira nenhuma você pode negar isso."



CAPÍTULO 15

SOCORRO

SASHA

Viver em Manhattan significa não conseguir aproveitar o horizonte com tanta frequência. Parece ser semelhante a viver na lua; todos os outros apreciam a beleza silenciosa, luminosa e fantasmagórica da sua casa, vendo-a de longe, e, no entanto, para você, a vista consiste em poeira, pedras e um pouco mais. Manhattan, por dentro, é a mesma que qualquer cidade: suja, superlotada e saturada com muitos sons, aromas e cores diferentes. É um lugar magnífico, no entanto. Há algo sobre esta cidade que a separa de todas as outras, algo que habita no ar e vive dentro do próprio concreto e metal que formam as fundações do lugar. Uma espécie de magia que até mesmo o tipo de pessoa mais insensível reconheceria instantaneamente ao pisar nos limites da cidade. A ideia de que as pessoas saem de Nova York, de que elas mudam de casa e se realocam para morar em outros lugares menores, sem qualquer mágica, me confunde diariamente.

Ainda fico maravilhada com os vendedores ambulantes. Meu sangue ainda zumbe com um arrepio de excitação toda vez que ando pela Broadway. O orgulho ainda está dentro de mim quando olho para cima, meus olhos percorrendo toda a altura do Empire State Building. E toda vez que passo pela entrada do museu, meu coração pula uma batida.

Ainda é cedo. Meu corpo dói além da compreensão pela forma como Rooke me contorceu em um milhão de posições diferentes enquanto fazíamos sexo na noite passada. Toda vez que os músculos doem, é a mais deliciosa lembrança das horas que passamos juntos. Não queria ter que ir trabalhar. Teria ficado feliz na cama e permitido que ele explorasse e usasse meu corpo no resto do dia como

ele achasse adequado, mas ele tinha um compromisso que aparentemente não podia ser perdido.

As únicas outras pessoas que já trabalham no museu são os guardas de segurança. Amanda, uma mulher de trinta e tantos anos que trabalhava no museu a quase tanto tempo quanto eu, verifica minha bolsa na porta da frente. “Bom trabalho, senhorita Connor”, diz para mim. “Sem armas. Sem bombas. Não há spray de cabelo. Você está pronta para ir.”

Diz a mesma coisa toda vez que checa minha bolsa, e eu sempre finjo rir, mesmo que essa farsa esteja acontecendo há anos. Sei de fato que ela diz a mesma coisa para todas as outras funcionárias que trabalham aqui. Aceito minha bolsa e entro no saguão principal do museu, mas só dou três ou quatro passos antes de parar.

A árvore de natal.

Sempre fico atordoada quando a vejo pela primeira vez. Não tinha ideia que eles a estavam montando tão cedo este ano. Fico admirada, estudando os altos e exuberantes ramos e as pálidas luzes douradas, brilhando lentamente. O rico cheiro de pinho inunda meus sentidos e, de repente, meus olhos se enchem de lágrimas. Época de Natal. Assim como qualquer outro menino de seis anos, dezembro era a época do ano favorita de Christopher. Andrew e eu costumávamos exagerar, decorando a casa, cobrindo cada quadrado do lugar com azevinhos e grinaldas, estátuas de quebra-nozes e neve falsa de uma lata. Desde que Christopher morreu, o Natal parece uma faca mergulhada nas minhas costas. As famílias estão em toda parte nesta época do ano, fazendo compras, comendo em restaurantes, visitando tias e tios, mães e pais, patinando no gelo no Rockefeller Center, fazendo fila para ver O Rei Leão. Odeio isso.

“Linda, não?” Amanda chama atrás de mim. “Eles estão orgulhosos esse ano.”

“Sim”, digo em voz baixa. “É realmente adorável.” Corro para o meu escritório, segurando minha bolsa com tanta força que perco toda sensibilidade na minha mão.



***

Pensamentos de Christopher, correndo de meias e cuecas, seus ombros sacudindo com risadas silenciosas, Andrew correndo atrás dele, dedos esticados, tentando prepará-lo para a escola.

A noite passada foi feliz. Durante doze horas inteiras, não estava pensando no acidente. Não me debati em um poço profundo de dor, arranhando as paredes, tentando segurar alguma coisa, para me manter em pé. Rooke levou tudo isso embora. Nunca teria pensado que era possível, mas aconteceu. Ele me segurou por um momento. Suas mãos no meu corpo, sua boca na minha pele, a sensação dele dentro de mim... não havia espaço para mais nada durante aqueles momentos. Havia apenas nós dois, os fantasmas do meu passado longe, maravilhosamente ausentes.

Agora, porém, eles voltaram, espreitando nas bordas da minha mente. Christopher comendo seu cereal matinal na mesma mesa em que nos sentávamos durante o clube do livro, brincando com seus dinossauros de plástico. Christopher sentado no meio do degrau da escada, cantando uma canção que aprendeu na escola enquanto eu lia a correspondência. Christopher assistindo televisão, boca aberta em alegria silenciosa, chutando os pés contra a base do sofá. Christopher, tentando ensinar a menina ao lado como soletrar seu nome em linguagem de sinais. Cada momento alegre é uma adaga no meu coração.

Cuidadosamente abro a gaveta de cima da minha mesa, meus lábios pressionados, incapaz de respirar enquanto removo o pequeno envelope de dentro. Tenho feito isso sempre, parece, mas agora sei que não posso mais. Tenho que encarar o passado, e isso significa que tenho que encarar Andrew. Minhas mãos estão tremendo enquanto abro o papel.



Cara Sasha

Já faz um tempo, eu sei. Desculpe-me, tenho mantido distância, mas você sabe... Isso só parece piorar as coisas quando falamos. Provavelmente já deveria ter dado esta notícia, mas sou sempre o covarde. Espero que me perdoe, mas simplesmente não consegui reunir coragem para dizer as palavras em voz alta para você.

Kim e eu tivemos um bebê. Posso imaginar como esta notícia provavelmente está fazendo você se sentir, e sinto muito, realmente. Pensei em guardar isso para mim e não contar a você, mas pareceu um pouco enganador. De qualquer forma, nós o chamamos de Christopher.

Paro de ler, o papel tremendo violentamente em minhas mãos. Eles... o que? Eles fizeram o que, porra? A caligrafia do bilhete de Andrew fica borrada quando meus olhos se enchem de lágrimas. Ele tem outro filho? E ele o chamou de Christopher? Que diabos?

Já sei que você acha que sou um monstro. Kim e eu sentimos que era a coisa certa a fazer, no entanto. Não estou tentando substituí-lo, Sasha. Nunca faria isso.

Isso é exatamente o que o bastardo está fazendo. Como não pode ver isso? Como pode não ver que conviver com outra mulher (que parece muito semelhante a mim), ter um filho com essa mulher e nomear aquela criança com o nome do nosso filho está definitivamente tentando substituí-lo? Como ele pode ser tão cego? Tão fodidamente doloroso?



Tenho certeza de que uma pequena parte de você, no fundo talvez, ficaria aliviada em saber que Christopher não é surdo. Tivemos inúmeras consultas no hospital e, até onde os médicos podem dizer, nessa idade, ele parece ter audição totalmente funcional. Ele é um bebê brilhante e feliz, Sasha. Ele ajudará a curar as feridas do passado para mim. Com o tempo, talvez...

Amasso o papel e arremesso através da sala. Minha visão está cintilando de um jeito assustador e perigoso. Sinto que preciso quebrar alguma coisa, machucar alguma coisa, me machucar. Como ele pode dizer isso? Como ele pode colocar as palavras no papel? É muito pior do que dizer em voz alta, porque ele teve que usar uma caneta, escrevê-las para que elas existam para sempre. Ele acha que ficaria aliviada por seu novo filho não ser surdo? Isso faz parecer que fiquei desapontada que *nosso* filho era. Sua deficiência nunca foi motivo de vergonha ou tristeza para mim. Isso o tornou especial. Christopher estava transbordando de felicidade todos os dias de sua vida. O fato de ele ser surdo nunca o detinha. Isso me faz sentir suja por dentro, que Andrew…

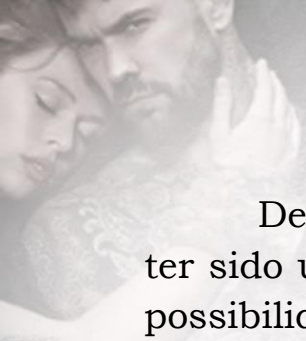
Crrrrrrrrrrrack!

Ainda estou na minha mesa. O som alto, abrupto e explosivo que acabou de soar, cortando o silêncio denso do museu ainda está ecoando pelo corredor do lado de fora do meu escritório. O que *foi* isso?

Ele vem novamente, mais alto desta vez...

CRRRRRACKKK!

O que diabos está acontecendo agora?



De repente estou inundada de pânico. Um tiro? Pode realmente ter sido um tiro? A parte lógica e sensata do meu cérebro recusa essa possibilidade quase que instantaneamente, e ainda assim o resto de mim está começando a tremer. Um tiro de arma. Alguém disparou uma arma dentro do museu. Alguém tem uma arma aqui. Por quê? Por que alguém...

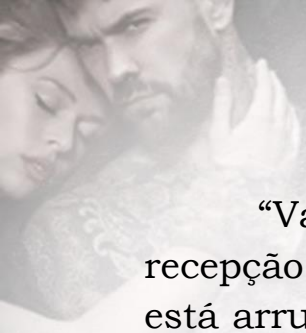
"Olá? Tem alguém aqui embaixo?" Pergunta uma voz profunda e rouca. A quem quer que a voz pertença não pode estar longe da porta do meu escritório. Uma vez que o museu está aberto, o burburinho das principais áreas de exposição pode ser ouvido nas seções de administração do prédio muito bem. É tão alto que você mal consegue ouvir a si mesmo às vezes. Agora, porém, com o museu ainda a uma hora de sua abertura, você pode ouvir um alfinete cair. O som de botas lentamente avançando pelo corredor do lado de fora do meu escritório envia uma emoção de adrenalina e ansiedade através de mim.

"Olá? Tem alguém aqui embaixo..."

Seguro minha respiração. *Não faça um som, não faça um som, não faça um som...*

O corredor se enche com o quebrar de vidro. Bato minhas mãos sobre a minha boca, me forçando a ficar quieta. Um segundo estilhaço de vidro quebrando vem, mais perto desta vez. Então um terceiro. Percebo que são as janelas de vidro fosco nas portas do escritório. Alguém está quebrando um de cada vez.

"*Foda-se.*" Caio sobre minhas mãos e joelhos, embaixo de minha mesa. Não consigo entender o que está acontecendo. Há alguns momentos, estava lendo, aturdida pela insensibilidade e frieza do coração do meu ex-marido, e agora, do nada, parece que alguém está andando pelo museu com uma arma nas mãos. A voz que acabei de ouvir pedindo ajuda não parecia ter vindo de uma pessoa em perigo; parecia que vinha de alguém imerso em um jogo muito divertido de gato e rato. Soava zombeteiro e sinistro. Cada instinto que tenho está me pedindo para me esconder do dono daquela voz.



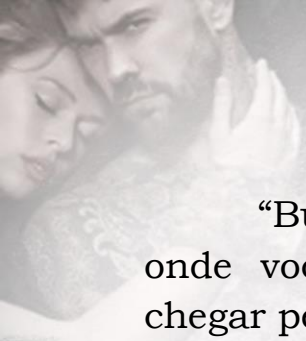
“Vamos lá, querida. Eu sei que você está aqui. A mulher na recepção disse que você era a única outra intrometida no prédio. Você está arruinando a minha merda”, a voz sussurra. Posso ver uma lasca do painel de vidro fosco na minha porta do meu ponto de vista debaixo da minha mesa; tento não gritar quando a forma de uma figura alta e escura fica paralisada no outro lado.

“Dra. S. Connor”, diz a voz. “Porque acredito que você é a pessoa que estou procurando?”

Porra. *Foda-se, foda-se*. Tento pensar, tento escanear meu cérebro, lembrar o que tenho sob a minha mesa. Alguma arma? Qualquer coisa para me defender? Não. Não, não há nada. Nada nas minhas gavetas também. Ali comprou para mim uma minúscula lata de spray de pimenta para prender nas minhas chaves cerca de um ano atrás, mas era desajeitada e chata, então a tirei do chaveiro. O som de vidro quebrando preenche a sala, uma mão enluvada alcança o buraco na porta, procurando a maçaneta da porta. Não posso parar o choro assustado que escapa da minha boca. A porta nem está trancada. Quero dizer, por que iria trancá-la em um lugar como o museu? Deveria ser um lugar seguro. Deveria estar sob guarda vinte e quatro horas pela equipe de segurança. A porta se abre e um par de botas marrons empoeiradas aparece na minha linha de visão. O cadarço do sapato direito é vermelho, o que me parece estranho, já que o sapato esquerdo está amarrado com preto.

“Dra. S, preciso de um momento do seu tempo”, diz a voz. “Você pode me ajudar, ou vou ter que *persuadi-la* a me dar sua ajuda?”

N*ão* gosto do tom da voz deste homem. Estou além do medo. Como diabos vou sair disso? Minha bolsa está no chão ao meu lado, provavelmente caiu lá quando pulei para me esconder debaixo da mesa. Meus pertences estão espalhados por todo o chão — batom, escova de cabelo, espelho, pó compacto, caderno, uma caneta de prata que meu pai comprou quando me formei na faculdade. Meu celular também está ao alcance do braço. Agarro assim que o homem entra na sala, rosnando baixinho.



“Buceta idiota”, ele diz. “Você honestamente acha que não sei onde você está? Levante-se, cadela. Levante-se *agora*, antes de eu chegar perto e te arrastar pelos pés.”

Lentamente, dolorosamente devagar, saio de debaixo da mesa. Meu coração está martelando todo o meu corpo, meu pulso errático e enlouquecido. Só tive tanto medo como agora, outra vez na minha vida. Só conheci esse tipo de terror na fração de segundo antes do meu carro bater na água todos esses anos atrás, e sentir isso de novo agora é assombroso. Não posso reagir corretamente. Não consigo pensar direito. Tudo o que posso fazer é levantar e segurar minhas mãos no ar.

Silenciosamente rezo para que o homem usando a máscara de esqui preta na minha frente não me ache. Não encontre o celular que acabei de enfiar no cós da minha saia nas minhas costas. A para Ali, a primeira pessoa na minha lista de contatos. A primeira pessoa que pensei. A ligação foi completada? Eu teria chamado o 911, mas não havia tempo. Mal tive tempo de acertar o dígito número um o número de discagem rápida atribuído a minha amiga no teclado, seguido pelo botão de chamada.

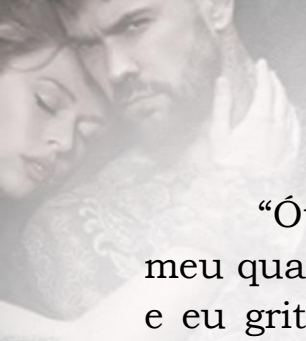
O homem mascarado dá um passo à frente e me pega pelos braços. Seus dedos estão apertados como um torno. Seu hálito cheira a café. “Você quer morrer?” Ele parece intrigado, como se estivesse realmente curioso sobre qual seria a minha resposta. Como se eu pudesse dizer sim, *não* quero morrer, por algum motivo desconhecido, inesperado. Balanço minha cabeça, incapaz de encontrar minha voz, e o estranho mascarado suspira pesadamente.

“Bom. Faça o que eu lhe disser e provavelmente não vou te machucar. Nós temos um acordo?”

“O que você quer?”

“Eu disse... *nós temos um acordo?*”

Pânico. Medo. Terror. Concordo. “Sim. Sim nós temos.”



“Ótimo. Não se mova.” Ele me dá um puxão forte e duro, e bato meu quadril contra o canto da minha mesa. Dor canta através de mim e eu grito, mas o cara da máscara parece não ser afetado pelo meu desconforto. Não consigo ver a expressão dele por trás da grossa e preta máscara de esqui de lã, mas tenho a impressão de que ele pode até estar sorrindo.

“Leve-me para os cofres”, ele me diz.

“Cofres? Não há cofres aqui.”

Minha cabeça balança para o lado quando ele me bate. Uma picada brilha dentro da minha cabeça, fazendo minha visão dançar, e meus ouvidos assumem um zumbido agudo. Tento colocar a mão na lateral do meu rosto, mas ele ainda me segura e minha mão para de repente. “Não seja idiota, cadela. Nós dois sabemos que este lugar é abastecido para as guerras com arte inestimável e merda. Agora me leve para os cofres.”

“Eu te disse. Nós não *temos* cofres. Não posso te levar a um lugar que não existe.”

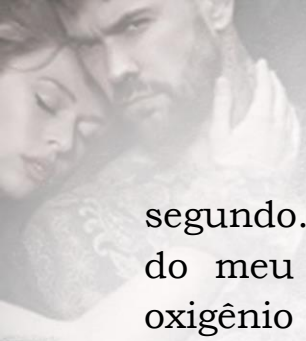
Ele se inclina para frente, pairando sobre mim, e estou tomada pela necessidade urgente e premente de encolher, para ficar o menor possível. “Você tem uma boca esperta. Não fique esperta demais, ok? Não quero ter que calar sua boca para sempre. Agora diga que sente muito.”

“O que?”

“Diga que você sente muito. Por mentir para mim.”

Olho para o espaço vazio e anônimo da máscara de lã sobre o rosto. Olho para o azul aguado de suas íris, os fios vermelhos de capilares quebrados em seus olhos, a crosta branca de saliva seca nos cantos de sua boca. Seus lábios finos e rancorosos que estão torcidos em linhas estreitas e raivosas. “Não posso.”

Não termino minha frase. Um raio me atinge na cabeça. Ou melhor, relâmpagos tomam conta da minha cabeça quando o homem me segura e me joga para trás contra a parede. Não posso ver por um



segundo. Um senso de peso do mundo inclinando se instala na boca do meu estômago. Posso ouvir o barulho estranho e molhado de oxigênio tentando entrar em meus pulmões e falhar.

Sua mão está em volta da minha garganta. Uma estranha sensação de formigamento se insinua ao redor dos lados da minha cabeça, sobre minhas bochechas, sobre minhas têmporas, quente, apertada, desagradável e assustadora. Tudo de uma vez. "*Diga que sente muito*", ele rosna.

"Eu sinto... sinto muito. Sinto muito. Sinto muito."

"Melhor. Muito melhor. Agora. Tire seus sapatos." Ele me solta e a onda de sangue na minha cabeça é vertiginosa. Lentamente, me abaixo, removendo o sapato preto primeiro do meu pé esquerdo e depois do direito. Estou com as minhas meias, tremendo apesar do calor bombeando das aberturas do chão.

"Vamos, doutora." O homem segura minha mão como se fosse meu amante. Ele me guia em volta da minha mesa desta vez, me puxando para o canto para que não me machuque novamente. Seu embaraço é estranho, dado o fato de que ele apenas bateu a minha cabeça na parede.

No corredor, meus pés com meias patinam no chão polido e escorregadio. O homem me empurra para a esquerda, grunhindo em voz baixa. "O que há lá embaixo?" Ele exige.

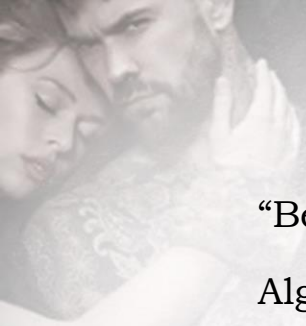
"A... a casa de máquinas. O sistema controla todo o museu. Bombas de água e... não sei. Unidades de ar condicionado."

Ele me gira ao seu redor, na direção oposta. "E desse lado?"

"O depósito. Peças antigas de exposição. Os servidores dos nossos sistemas de TI."

"E quanto ao dinheiro?"

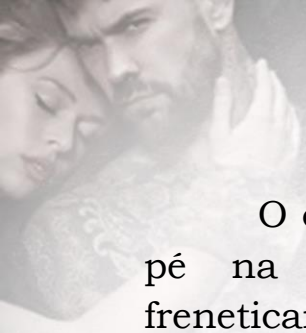
"Eles levam o dinheiro para fora do local todas as noites. Eles deixam no banco. Fazem o depósito noturno. Eles não guardam nada aqui."



“Besteira.”

Algo duro e redondo pressiona entre minhas omoplatas. O medo que experimento neste momento é traidor. Isso traz de volta a mim mesma, fazendo minha visão finalmente aguçar. É como se o mundo voltasse ao foco, ficando mais claro e brilhante de uma só vez. Ele não quer ouvir a verdade. Contar a verdade o deixa louco, o que faz com que me machuque. Não quero mais que ele me machuque, então seguro minha mão para cima, rapidamente falando antes que ele possa fazer qualquer coisa. “Andar de cima. No andar de cima, no quarto andar. Eles mantêm um pouco de dinheiro lá em cima. E algumas joias. Alguns dos artefatos egípcios que foram emprestados pelo museu do Cairo.” O museu nunca teve nenhum artefato emprestado do Cairo. Nunca houve uma exposição egípcia aqui. O item mais valioso em todo o edifício são os restos de dinossauros no piso térreo, provavelmente a mais famosa de todas, mas não há como ele sair daqui com uma tíbia de T-Rex, e não tem como ele fazer qualquer dinheiro, mesmo se conseguisse escapar com isso. Talvez ele saiba disso. Talvez não. Ele fica quieto por um momento e depois diz: “Vou te contar um segredo, doutora. Aquela guarda no andar de baixo? A bonita com os óculos? Cortei sua garganta da orelha à orelha do caralho. Ela sangrou por todo o chão. Assisti enquanto morria. Ela não fez o que lhe foi dito, então te conto isso para lhe ensinar uma lição. Quero que você saiba disso, porque preciso que saiba o que vai acontecer com *você* se não fizer *o que* lhe for dito. Você está ouvindo o que estou dizendo? Entende?”

O chão balança sob meus pés. Parece que estou no convés de um navio que está sendo lançado em uma tempestade violenta. “Sim. Te escuto. E entendo.” Gostaria de não ter lhe dito sobre o quarto andar agora. Não há rotas de fuga lá em cima. Não há saídas de emergência de fácil acesso e, a essa hora do dia, não haverá seguranças. Não há nada além de salas de reunião e mais depósitos. Posso ter assinado minha sentença de morte sugerindo que subamos lá. Foi simplesmente o primeiro lugar que veio à minha cabeça.



O cara me empurra de novo, para andar para frente. Coloco um pé na frente do outro, prendendo a respiração, pensando freneticamente. Posso sentir a tela do meu celular pressionando contra a pele nua das minhas costas por baixo da minha camisa solta. Escondido na minha cintura, sei que não vai a lugar nenhum. Não tenho nenhuma ideia se a ligação foi conectada com Ali, no entanto. E se isso acontecesse, não tenho ideia se ela pode ouvir o que está sendo dito. Há toda chance que ela ache que eu tenha discado no bolso e desligue. Há toda chance de que ninguém saiba o que está acontecendo aqui e que eu esteja prestes a morrer.



CAPÍTULO 16

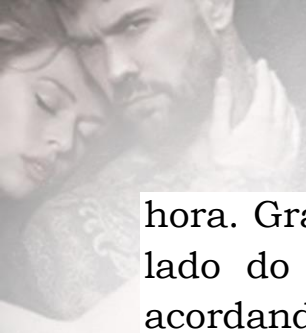
BOATO

ROOKE

Você se acostuma com o som de sirenes em Nova York. Eles fazem parte da paisagem sonora, uma marcação staccato ao ritmo da cidade. Lembro-me que logo depois que saí do reformatório, estava deitado na cama tarde da noite, tentando dormir, e não conseguia adormecer. Durante horas fiquei deitado, revirando e revirando, incapaz de descobrir o que estava me incomodando, me deixando no limite, até que veio: não havia nenhuma sirene. Sem ambulâncias. Sem polícia. Sem bombeiros. Um pesado manto de silêncio repousava sobre a cidade, do lado de fora da minha janela, e parecia que o tempo tinha parado de alguma forma, e tudo estava congelado nas ruas tranquilas abaixo da janela do meu quarto. Prendi a respiração e esperei. O mundo, apesar de tudo que apontava para um resultado mais sombrio, continuou a girar.

Foi assim que me senti quando acordei ao lado de Sasha e lembrei que tenho de me encontrar com a minha mãe esta manhã — como se uma sensação sombria e iminente de desgraça estivesse pairando sobre mim e por um bom motivo. Encontros com Sim Blackheath são sempre uma merda, no entanto. Além da merda. Se pudesse evitá-los completamente, faria, mas ela é uma maldita víbora. Ela gosta de interferir, e adora aparecer sem avisar para causar estragos na minha vida. Ridículo, mas que merda. Não há muito a ser feito sobre isso. Ladrões de carros também têm mãe. Quase rio alto quando penso em contar a ela sobre Sasha.

Há gelo nas tábuas enquanto atravesso a ponte do Brooklyn. Gelo nos suportes de metal grossos. O gelo endureceu como glacê, nos belos ganchos apertados ao redor dos suportes de aço que apoiam as luzes vitorianas escuras. Sob meus pés, o tráfego lentamente ressoa; progresso marcado a uma velocidade de dezesseis quilômetros por



hora. Grandes massas de vapor saem da boca das pessoas e, do outro lado do rio, em Manhattan, um coro melancólico de sirenes está acordando Wall Street. Ao contrário daquela noite, depois que saí do reformatório, posso ouvi-las claro como o dia de hoje sobre o baque da música que estou ouvindo, as espessas almofadas dos meus fones de ouvido (supostamente) cancelando os ruídos e mantendo minhas orelhas quentes. Mesmo no início da manhã, e mesmo com o vento cortante arranhando a roupa das pessoas e abrindo caminho pelas costas das jaquetas, há turistas plantados diretamente no meio da passarela, bocas abertas em concentração, enquanto tentam capturar o ângulo perfeito da ponte que se eleva sobre suas cabeças.

Paro no meio do caminho para fumar um cigarro. Quase desisto, talvez fume um cigarro por dia. Dois ou três, se estou particularmente estressado. Eu estou arrastando meus pés em direção ao meu destino, então perambular na ponte enquanto queimo meu cigarro Marlboro, parece uma maneira prudente de matar um minuto ou dois. Removo os fones de ouvido, deixando-os em volta do meu pescoço enquanto reviro meus bolsos procurando pelo isqueiro.

"... duas pessoas. Talvez três. Eles estão presos dentro do prédio desde às sete da manhã. Alguém viu o corpo deitado no chão no vestíbulo."

"Por que diabos alguém tentaria roubar o lugar? Não faz nenhum sentido."

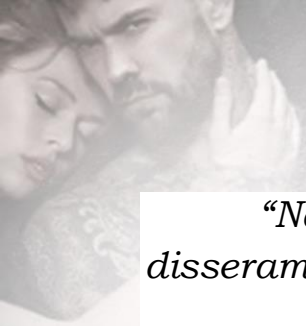
A conversa aumenta ao meu redor, quando acendo o isqueiro e seguro a chama pequena e tremulante até soltar a fumaça.

"... policiais em todos os lugares. A estrada está fechada."

"Meu encontro foi cancelado. Eles estão dizendo que há mais de um atirador lá."

Meus ouvidos ardem ao som disso. Atirador?

"Eu sempre disse que os museus são perigosos. Lotados. Tantas pessoas em todo o lugar. Um ataque terrorista em um lugar como esse criaria um caos completo."



"Não é um ataque terrorista, Mike. É só um bêbado. Eles disseram isso no noticiário."

"Sim. Certo. Eles não vão sair dizendo isso imediatamente, não é? Isso criaria pânico em massa. Eles nos contariam depois do fato. Ouvi dizer que encontraram na semana passada enormes tonéis de agente laranja em uma estação de metrô abandonada..."

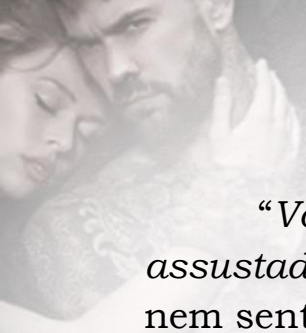
Os homens falando seguem em frente. Olho em volta, procurando os rostos dos outros pedestres caminhando pela ponte, e leva menos de um segundo para perceber que algo aconteceu. Algo ruim. Eu paro na frente de duas mulheres, mulheres de negócios, em casacos grossos com chapéus puxados para baixo sobre as orelhas, os ombros arqueados, protegidos contra o frio.

"Com licença. Vocês sabem o que está acontecendo? Todo mundo está falando..."

É quase como se estivessem à espera que alguém perguntasse. A mais alta das duas mulheres acena com entusiasmo. *"Algum psicopata invadiu o Museu de História Natural esta manhã e matou um dos guardas. Pode haver mais pessoas mortas no interior, mas a polícia não está se arriscando. Eles não estão deixando ninguém entrar, até que verifiquem o prédio inteiro."*

A mulher mais baixa e redonda com óculos embaçados, também acena. *"Eles mostraram, uma foto do pé do segurança morto, no noticiário. Havia sangue no chão em todos os lugares."*

Ela continua a falar, mas realmente não ouço o que está dizendo; é como se minhas orelhas estivessem cheias de algodão. O Museu? Alguém invadiu o museu? *O* Museu de Sasha? Palavras pulam dentro da minha cabeça. Palavras como agente laranja e atirador, terrorista e sangue. Minhas mãos estão frias e duras enquanto me dou um tapinha, procurando a forma familiar do meu celular em um dos meus bolsos.



"Você está bem? Senhor, você está bem? Você parece um pouco assustado." A mulher alta coloca a mão no meu ombro. Não posso nem sentir o contato através da minha jaqueta grossa.

"Sim, eu, uh... estou bem. Obrigada." Eu saio do caminho, me encostando no corrimão, enquanto tiro minha mochila dos ombros, continuando minha busca pelo telefone. Prendo a ponta do cigarro entre os dentes e faço com que minhas mãos funcionem, enquanto me atrapalho com os zíperes. Finalmente encontro. Eu vou para os contatos e busco o número de Oscar, em seguida, clico em ligar. Ele responde no quarto toque.

"Eles ligaram cerca de vinte minutos atrás", ele me diz. *"Disseram que o museu estava fechado e eu não deveria entrar no trabalho. Eu não tenho ideia do que está acontecendo lá, mas, os malditos repórteres estão agindo como se o lugar estivesse sitiado ou algo assim."*

Estou tão aliviado que ele está bem que por um momento parece que não consigo respirar. *"Eles sabem quem mais está dentro? As pessoas normalmente entram no trabalho tão cedo? Além da equipe de segurança?"* Estava apenas amanhecendo quando deixei Sasha para ir para casa e tomar banho, mas, ela estava vestida e parecia pronta para sair de casa. Ela não disse se estava indo direto para o trabalho, no entanto.

"Normalmente não", diz Oscar lentamente. *"Alguns funcionários gostam de entrar e fazer o trabalho antes que o local seja aberto ao público. É tão barulhento durante o dia, você sabe. Mas eu não acho que alguém estaria lá às sete da manhã. Eu duvido muito disso."*

"Oscar. A que hora Sasha normalmente vai trabalhar? Existe alguma chance de ela estar dentro daquele prédio?"

"Sasha?" Eu não mencionei Sasha ao meu avô desde o primeiro dia em que a conheci no museu. Ele deve estar realmente confuso agora.

"Sim. Sasha."



O rugido do silêncio do outro lado do telefone é ensurdecedor.

“Oscar. Vamos lá.”

“Ela vai muito cedo às vezes”, diz ele. *“Se há alguém lá, então... há uma boa chance de que seja ela.”*



CAPÍTULO 17

ESCAPAR

SASHA

Meu corpo parece estar sendo puxado em cinco direções diferentes. O chão de mármore está frio embaixo de mim, mas por alguma razão meu corpo parece muito quente. Escaldante, na verdade, como se estivesse deitada ao sol por muito tempo. Realmente deveria me lembrar de usar protetor solar. Andrew sempre diz que vou estragar a minha pele se não cuidar melhor de...

Christopher.

Onde está Christopher?

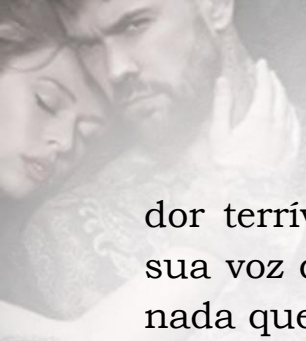
Abro meus olhos, e minha cabeça parece que está se despedaçando. Preciso de uma bebida.

Droga, *realmente* preciso de uma bebida. Minha língua está presa no céu da boca e... cobre? Por que minha boca tem gosto de cobre? Tento rolar de costas, mas meu corpo parece incrivelmente pesado. Sou feita de chumbo. Sou feita de pedra.

"Acorda, acorda, bela adormecida."

Tento virar a cabeça na direção da voz, mas não consigo controlá-la. Abro meus olhos em vez disso, estremecendo contra a luz brilhante que fere meus olhos. A luz se inflama e depois se apaga, não tão brilhante afinal de contas. Na verdade, o quarto em que estou é bastante escuro e cheira a algo seco, como papel ou papelão.

"Eu estava começando a pensar que você poderia estar morta", diz uma voz. Ouço um ruído de raspagem à minha direita, seguido por um som metálico *tilintando*. Com o canto do olho, vejo-o agachado ali, as costas contra a parede, algo brilhante e afiado cintilando em mãos sujas e calosas. Lembro então. Lembro de vidro despedaçando, e uma



dor terrível, esmagadora. Lembro de subir as escadas e da raiva em sua voz quando percebeu que não havia nada aqui para ser roubado, nada que valesse a pena para ele. Depois disso, tudo ficou, felizmente, nebuloso.

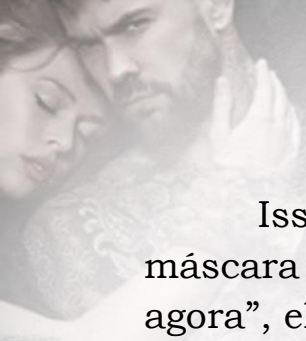
"Enquanto você estava dormindo, eu estava tentando decidir", diz o homem. Ele ainda está usando aquela máscara de esqui na cabeça, mas suas luvas já se foram e posso ver a mancha escura de uma tatuagem nas costas da mão dele. Algo grande e preto. Um brasão de armas? Um escudo de algum tipo? Não consigo entender o design, mas a forma da tatuagem é familiar para mim. "Eu tenho tentado decidir se vou deixar você viver", continua ele. Sua voz é medida e uniforme. Quase calma, embora uma pitada de loucura se esconda sob o tom de suas palavras. "Cadelas brancas e ricas, como você, têm casas grandes e muito dinheiro, no entanto. Eu cheguei à conclusão de que talvez isso não tenha sido uma perda total de tempo." Ele bufa; um som úmido e repulsivo, e vira o catarro no fundo de sua garganta. Ele cospe no chão e depois sussurra para si mesmo por um segundo. "Você sabe que há um jeito de sair daqui, certo? Uma porta dos fundos ou algo assim. Você precisa me levar para o seu lugar. Você precisa me dar seu dinheiro, Doutora. É a única maneira de ajudá-la."

"Ajudar... a mim?" Minha voz está entrecortada. Sinto que todos me quebraram em um milhão de pequenos pedaços.

"Sim. Existem regras nestas situações. Elas existem para manter uma linha clara entre a pessoa responsável e... a *outra* pessoa."

Ele não quer dizer vítima? Ele sabe que é o que eu sou, certamente? Ele não era tão tímido sobre isto, quando estava esmagando minha cabeça em uma parede no andar de baixo.

"Você estava destinada a me dizer a verdade," diz ele. "Você deveria fazer tudo o que eu dissesse, e deveria dizer a verdade. Dessa maneira, eu poderia ter o que vim buscar aqui e você poderia continuar em seu caminho alegre. Mas agora?"



Isso soa sinistro. Eu não gosto do jeito que soa. O cara da máscara de esqui faz um som de desaprovação. “Eu devo te matar agora”, ele me informa. “Eu realmente não consigo ver outra saída.”

“Não precisa me matar. Não se você não quiser.”

O cara da máscara de esqui suspira. “Claro que *quero*. Querer não é importante. Eu tenho que seguir as regras, mesmo que você não as siga. Quanto dinheiro tem em sua casa?”

“Eu não sei. Trezentos... trezentos dólares?”

“Trezentos? É isso?” O cara fica de pé, assobiando como uma cobra. “Você acha que posso salvar sua vida por meros trezentos dólares? Você está fodida, senhora. Bem e verdadeiramente fodida.” Ele parte em minha direção, e as biqueiras de suas botas de couro desgastadas preenchem minha visão. O pânico surge dentro de mim.

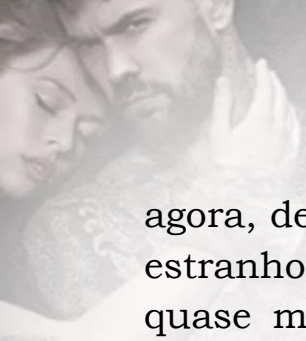
“Espere! Espere! Eu tenho... eu tenho o anel de noivado da minha mãe em casa. São dois quilates. Ele... ele deve valer pelo menos quinze mil. E tenho quarenta e sete mil dólares, na minha conta bancária. Posso pegar para você. Eu posso te dar isso.”

“Você acha que vale a sua vida? Quarenta e sete mil, e um pedaço de metal e pedra?”

“É tudo o que tenho.” Minha voz é baixa, tão tranquila, mas, ecoa no corredor do museu.

O homem da máscara de esqui não diz nada. Ele está em cima de mim, me olhando, aqueles olhos azuis frios e sem vida, me avaliando, e eu sei disso lá no fundo. Este é um momento crucial. É aqui que ele decide se vai me matar ou me permitir viver. Se eu disser a coisa errada, se olhar para ele do jeito errado, ele vai pegar a faca e vai enfiar no meu peito. Não haverá nada que eu possa fazer sobre isso.

Um pensamento me ocorre nos momentos que passam. Mais uma vez, estou diante da minha própria morte. A primeira vez, foi no meu carro cinco anos atrás, sentada no banco do motorista, esperando o nariz do meu carro bater nas águas frias e hostis do rio East. E



agora, deitada de costas, no chão do museu, olhando nos olhos de um estranho. Desta vez, porém, de repente não tenho medo. Sobrevivi, quase me afogando, apenas para morrer diariamente, toda vez que lembrava que meu filho não estava mais comigo. Se morrer hoje, não precisarei sofrer com a dor dessa verdade, toda vez que acordar de manhã. Não vou mais ter que ficar na porta do seu quarto, meus braços em volta do meu próprio corpo, enquanto tento me segurar, olhando para todas as coisas dele, sua coleção de carros e seus trens elétricos, suas roupas cuidadosamente dobradas empilhadas na ponta da cama, ou seu ursinho de pelúcia gasto, Javier, deitado de bruços nas tábuas do chão empoeiradas, na frente sua janela. Apenas irei embora e não haverá mais nada. Sem vergonha. Sem culpa. Sem solidão. Chega de dor. Apenas os braços acolhedores do esquecimento.

Fecho meus olhos.

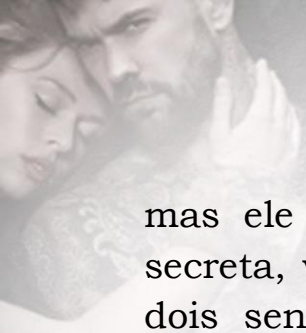
Minha morte não chega, no entanto.

“Eu suponho que é o que você vale, então”, meu atacante sussurra. “Pois os quarenta e sete mil dólares, não são suficientes para algumas pessoas. Mas, eu gosto de você, Doutora. É o suficiente para você hoje.”

***

Não posso andar direito. Não posso colocar peso na perna esquerda; toda vez que tento, uma dor aguda penetra minhas terminações nervosas. Não apenas as terminações nervosas da minha perna, mas de todo o meu corpo, rápida e perversa como um raio. É de tirar o fôlego em sua crueldade — tanto que, quase perco a consciência quando o cara da máscara de esqui me arrasta pelo braço no corredor.

“Você vai me tirar pela porta secreta”, diz ele, ignorando minha respiração difícil. Estou saltando e pulando, tentando acompanhá-lo,



mas ele parece desatento. “Uma vez que estivermos fora da porta secreta, você vai esperar fora de vista, enquanto chamo um táxi. Nós dois sentaremos atrás. Você vai fingir que sou seu amigo. Não vai tentar levantar nenhuma suspeita. Se fizer isso, tudo estará fora do meu controle. Eu não vou poder mais te ajudar. Entende?”

“Não há uma porta secreta. Há apenas a entrada da doca de carregamento e...”

“A entrada da doca de carregamento, então. A doca de carregamento.” Ele diz as palavras e é o fim. Não posso discutir com ele. Não posso sugerir outra opção. Algo não está certo com esse cara, eu posso dizer. Além de ser um criminoso violento, suspeito que ele também, esteja sofrendo de algum tipo de transtorno mental, que o faz se fixar nas coisas. Quando ele queria que eu pedisse desculpas, no meu escritório, era quase como se estivesse ansioso. Suas ações voláteis foram impulsionadas por alguma necessidade desesperada de que eu fizesse o que ele ordenasse. Ele não vai parar de falar sobre regras - regras que devo seguir e um conjunto completamente diferente de regras, que ele precisa seguir. E agora, puxando-me pelo braço, parece imperativo que chegássemos à doca de carregamento tão rapidamente, quanto humanamente possível.

Ele obviamente não sabe o caminho, então continuamente me empurra para fora na frente dele, me forçando a me apoiar na minha perna ferida, e toda vez que transfiro peso para ela, meu estômago se revolve. Vou vomitar em breve, e não vou poder me segurar. Já sei que ele não vai gostar disso.

Ele me mantém longe das janelas. Ele está à minha direita, enquanto fazemos um progresso dolorosamente lento pelas escadas, bloqueando a visão lá fora, então não consigo ver o que está acontecendo. Acho que talvez haja pessoas lá fora, reunidas nos degraus do museu. Não estou de relógio, e estou com muito medo de puxar o celular da cintura da minha saia para verificar a hora, então não tenho ideia de que horas são, mas é tarde. Tarde o suficiente, para que o museu esteja aberto agora. O fato de não estar me diz que barrou a entrada de alguma forma, e que outros membros da equipe



foram alertados para o fato de que algo desagradável está acontecendo dentro do prédio. A polícia sabe? Caro Deus, espero que sim.

Leva uma eternidade para chegar ao andar térreo. Meu quadril está doendo e minhas costas também. A lateral da minha cabeça também dói. Minha pele parece estranha; acho que talvez haja sangue seco na minha têmpora e mais para baixo, na minha bochecha.

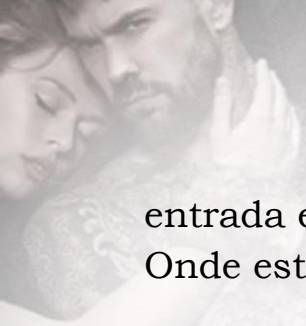
Onde está Rooke agora? Meu coração se revira no meu peito quando penso nele. Se ele estivesse aqui... Deus, não posso nem pensar nisso. Vou começar a chorar e preciso ficar o mais calma possível. Eu sei disso, no entanto. Se Rooke estivesse aqui, sei que teria colocado esse psicopata no chão.

Parece que um milhão de anos atrás eu cheguei ao museu e vi que a árvore de Natal tinha sido erguida. Quando vejo isso no saguão agora, meu coração tropeça em si mesmo. Lá, na base da árvore, Amanda, a segurança que checou minha bolsa mais cedo, está deitada no chão em uma piscina cremosa de sangue. Ela está de bruços, a cabeça torcida para um lado em um ângulo estranho, os olhos abertos e sem ver. Não consigo ver o pescoço dela, mas posso imaginar como deve estar. Acontece que não acreditava que o cara tivesse matado alguém até agora. Pensei que estava apenas tentando me assustar, mas vendo Amanda deitada assim, nitidamente morta, bate essa teoria fora da água. O medo frio se enrola em nós na boca do meu estômago.

Nunca sairei desse museu. Nunca sairei daqui viva.

“Depressa, mova-se.” O cara me cutuca nas costas, e um flash de dor ilumina o interior da minha cabeça. “Eu não gosto do jeito que ela está olhando para mim”, ele sussurra.

Olho em volta, esperando ver alguém aqui no andar térreo conosco, mas, não há ninguém. Um segundo depois, me ocorre: ele quer dizer Amanda. Ele não gosta do jeito que *Amanda* está olhando para ele. Exceto que ela não está olhando para ele, é claro, não está olhando para ninguém, porque ela está morta. Ele estremece, e é como se estivesse vendo seu corpo pela primeira vez, como se não tivesse nada a ver com seu estado atual de ser. Ele bloqueia a vista através da



entrada enquanto me leva na direção da loja de presentes. “Onde está? Onde está a doca de carregamento?”

Atrás de mim, o tapa de mãos na porta ecoa alto, quase me tirando o controle. “Ei! Ei, venha aqui!” Alguém grita. Um barulho alto irrompe do lado de fora, e o cara da máscara de esqui pula alto.

“Eles nos viram. Eles sabem onde estamos. É tarde demais.”

Balancei minha cabeça, sabendo o que tarde significa para mim. “Não é assim. Está escuro aqui. Eles só podem ver sombras se movendo. Eles não têm ideia do que está acontecendo. Vamos. Vamos antes que ela acorde.”

Ele balança para trás, segurando a faca na mão para mim, seus olhos se arregalam. “O que você quer dizer, *acorda?*”

Aponto para Amanda. “Quero dizer, ela está dormindo agora, mas se ficarmos aqui por muito mais tempo, vai acordar, e ficará muito chateada, não vai? Você não acha que ela vai ficar muito chateada?”

Um olhar maluco brilha nos olhos do cara. “Você quer dizer que ela só fingiu morrer?”

Este é um jogo perigoso para jogar, mas preciso testar minha teoria. Se esse cara está desequilibrado, talvez haja uma maneira de induzi-lo a me soltar. Olho para o corpo sem vida de Amanda e a tristeza toma conta de mim. Ela era uma pessoa adorável. Não merecia isso. “Sim. Acho que ela só fingiu”, digo com firmeza. “Acho que ela vai voltar em breve.”

Isso parece assustá-lo. Ele dá um passo hesitante em direção ao corpo de Amanda e depois parece pensar melhor. Engole com tanta força que posso ver o seu pomo de Adão, sob a lã grossa de sua máscara. “Eu sabia”, sussurra. “Eu *sabia* porra.” Girando, acho que ele vai agarrar o meu braço de novo, mas, em vez disso ele segura um punhado do meu cabelo, rosnando. “Você quer que ela acorde”, ele diz. “Você quer trabalhar com ela para me matar, sei que quer. Bem, eu também não morro, Doutora. Voltarei à vida também. Assombrarei

você por toda a eternidade se eu não sair daqui em breve. Estou começando a perder a paciência."

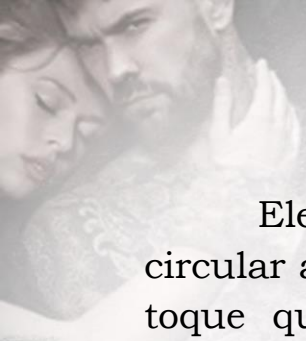
"Tudo certo, tudo bem, vamos embora. Não quero que ela acorde, prometo." Eu me movo o mais rápido que posso no saguão do museu, favorecendo o meu lado bom, enquanto me dirijo à entrada de serviço que leva ao cais de carga. O barulho do lado de fora, fica mais alto e mais frenético conforme nos afastamos da entrada, um som efervescente e turbulento, e quase grito por socorro. Não há nada que qualquer um deles possa fazer por mim. Com a faca tão habilmente presa em sua mão, sei que esse cara vai me esfaquear até a morte antes que eu possa dizer uma palavra.

Surpreendentemente, a doca de carregamento está deserta. Isso não faz sentido. Pensei que haveria pessoas aqui com certeza, mas não há ninguém. Uma pilha de caixas de papelão achatadas vazias se inclina contra um compactador de lixo. O invólucro de alguma guloseima do McDonalds gira em torno de um turbilhão de vento, preso no pátio estreito e sujo. Olho para cima, na esperança de ver um rosto em uma janela ou a sugestão escura de um franco-atirador em um dos telhados do prédio ao redor, no entanto, estamos sozinhos. Ninguém se escondendo nas sombras. Ninguém assistindo de cima. Só eu e o cara da máscara de esqui. Porra.

Ele me empurra para fora da porta e sobre o concreto manchado da doca de carregamento. Ouço alguma coisa — metal raspando em metal — e congelo. Estou com muito medo de me virar. "Vá para o compactador", o cara me diz. Ando para frente, prendendo a respiração. O cara da máscara de esqui me gira, agarrando meu pulso. Ele está segurando algo — um par de algemas enferrujadas e arranhadas. Elas parecem que foram usadas antes. Ele encaixa um lado dos punhos ao redor da alça de aço azul, que está soldada ao lado do compactador de lixo, então me dá um olhar severo.

"Se pedir ajuda, você morre. Compreende?"

Aceno.



Ele me empurra para mais perto do compactador, prestes a circular a outra algema no meu pulso, quando um agudo, e detestável toque quebra o silêncio. Meu telefone. O celular que ainda tenho escondido no cós da minha saia, debaixo da minha camisa. Posso senti-lo vibrando alegremente contra a pele das minhas costas, me avisando que tenho uma chamada recebida. O cara da máscara de esqui parece atordoado.

"Que *porra é essa*?" Passa as mãos pelo meu corpo, procurando pelo telefone. Quando encontra, parece que acabou de ser baleado no intestino. "O que é isso?" Sussurra. Segurando o telefone na minha frente, posso ver o nome de Ali na tela, claro como o dia. O cara da máscara de esqui balança a cabeça devagar, com os olhos sem piscar. "Sua cadela maldita. Teve isso em você o tempo todo? Teve isso em você a porra do tempo todo?"

Ele me dá um soco. Vejo seu punho chegando, mas estou paralisada pelo medo e não faço nada para evitar o golpe. Ele me atinge e parece que fogos de artifício explodem dentro da minha cabeça. Por um momento não consigo ver nada. Uma luz pura e branca preenche minha visão, seguida por uma escuridão vertiginosa que ameaça me engolir. Cambaleio para trás, minhas pernas saindo de baixo de mim. Não posso fazer nada para frear minha queda. Bato no chão duro, o cóccix primeiro, a parte de trás da minha cabeça se conectando com alguma coisa no caminho. Não posso entender a dor. Isso me deixa sem fôlego e confusa.

"Pensei que fôssemos amigos", o cara diz suavemente. "Pensei que você fosse mais esperta do que manter segredos de mim, Doutora." Ele está em cima de mim, então. Não posso vê-lo por um segundo, e o pânico se espalha como veneno através das minhas veias. Se não posso vê-lo, como posso me proteger? O terror frio e duro da faca pressiona meu pescoço. "A guarda de segurança lutou. Você vai lutar?"

Café amanhecido e cigarros: a respiração dele está rançosa. O fedor enche minha cabeça e tento me afastar disso. Ele me segura, no entanto. Não vai me soltar. Minha visão retorna em rajadas de luz



assustadoras, até que finalmente possa vê-lo claramente, novamente. Quase desejo não poder.

Ele aperta a faca e o aço afiado quebra minha pele. É como se precisasse do choque que isso traz, para me acordar de algum tipo de estupor. Grito. Grito tão forte e tão alto, que parece que o choro está sendo arrancado da minha garganta, arame farpado rasgando minha traqueia. O cara em cima de mim assobia. E me bate novamente.

Tenho que me levantar. Tenho que fugir.

Agora.

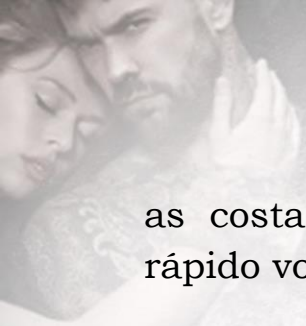
Se eu não...

Se eu não...

Se eu não...

Luto, procurando algo, qualquer coisa para me defender. À minha esquerda, as caixas de papelão estão balançando descontroladamente. O pé do cara está batendo nelas enquanto luta comigo e o movimento está prestes a derrubá-las. Coloco minhas mãos no peito dele e empurro. Ele mal se move. Rindo, pega sua faca e fatia lentamente sobre meu ombro, seus dentes a apenas um centímetro do meu rosto. Registro a dor, posso dizer que ele está danificando meu corpo, mas não posso realmente senti-lo. Não do jeito que deveria. Meu coração está subindo atrás das minhas costelas. Rapidamente, sem nem pensar, levanto meu joelho direito, batendo em seu corpo. Erro as bolas dele, mas a surpresa do movimento o derruba de lado. As caixas de papelão caem em suas costas, espalhando-se por toda parte, e aproveito a oportunidade. O empurro de novo, desta vez com força suficiente para conseguir tirá-lo de cima de mim. O cara não luta comigo. Ele está histérico, gritando e tossindo entre os seus risos maníacos.

Pulo para os meus pés, e ele segue o meu exemplo, ficando de joelhos primeiro, em seguida, de pé lentamente, seus olhos azuis pálidos fixos em mim. “E agora?” Pergunta ele, limpando o nariz com



as costas da mão. “Quão rápido você pode correr descalça? Quão rápido você acha que *eu* posso correr?”

Meus pés *estão* descalços. Minhas meias estão rasgadas e furadas, mal estão ainda no meu corpo. Olhando para baixo, vejo que estou coberta de sangue e não tenho ideia de onde está vindo. O cara dá um passo à frente, diminuindo ainda mais o pequeno espaço entre nós. “Você é de Sagitário?” Pergunta ele. “Minha mãe era uma sagitariana. Ela era como você. Arrogante. Ingrata. Ela não viu isso acontecer, também.”

Volto, sabendo que o movimento foi um erro. Estou literalmente me colocando em um canto. Não há rota de fuga atrás de mim. Sem saída. O compactador de lixo está à minha esquerda, e não há como fazer uma corrida para ele sem ser pega. Estou sem opções. Não sei o que fazer.

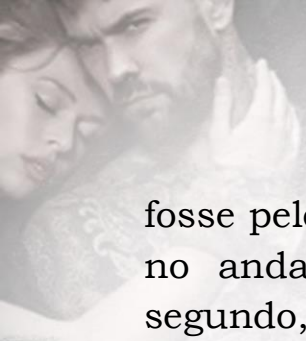
Ele se arrasta para frente em minha direção.

Dou outro passo para trás. Descontroladamente, olho em volta, procurando por algo que possa me ajudar. Nada mesmo. Então... vejo: uma longa vara de madeira, deixada no chão. Há um grande gancho de metal na ponta; já vi a equipe de zeladores usá-la, para empurrar o lixo no compactador quando está ficando cheio. É usada para abrir as janelas dentro do museu, as que são altas demais para serem alcançadas manualmente, ou mesmo usando uma escada.

Posso alcançá-la? Sou corajosa o suficiente para tentar?

Não é mais uma questão de coragem, no entanto. Tenho essa opção disponível, e tenho que usá-la, senão vou morrer. É simples assim. Eu me movo rapidamente. Salto, caindo no chão, e agarro a vara, tentando segurá-la. Sou alguns centímetros mais baixa. O cara da máscara de esqui também está se movendo. Ele corre para frente, presumivelmente vendo o que estou procurando, e tenta chegar primeiro.

Testemunhei esse momento antes, em inúmeros filmes. O momento em que o herói e o vilão, estão agarrando a arma que foi chutada para fora de alcance. Toda a situação seria ridícula, se não



fosse pelo fato de saber, que isso é sobre mim. Quando estava deitada no andar de cima, contemplando a minha morte, por um breve segundo, não fiquei com medo. Estou agora, no entanto. Estou com muito medo.

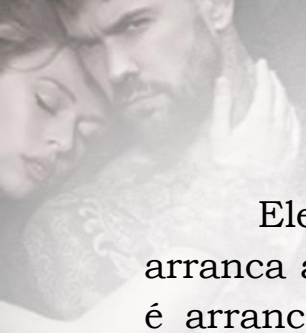
Eu avanço, chutando no chão, me empurrando para frente, e minha mão se fecha ao redor da madeira áspera e lascada da vara. O cara da máscara de esqui está quase em cima de mim. Viro de costas, levantando a vara com as duas mãos. Bato nele com isso. Atingindo o lado de sua cabeça, e sei imediatamente que o golpe não foi forte o suficiente. O cara da máscara de esqui inclina a cabeça para um lado, sorrindo sombriamente. “Você não sabe quando parar, não é?” Diz. “Simplesmente não sabe quando desistir.”

Suponho que esteja certo. Estou claramente vencida, mas algo dentro de mim se recusa a recuar. Rastejo para trás, para longe dele, ainda segurando firmemente na vara. Só paro quando minhas costas atingem a parede. O cara se aproxima pouco a pouco.

“Eu te digo o que. Eu vou te deixar me bater de novo. Uma boa tacada. Que tal isso?” Parando na minha frente, com as pernas bem abertas. Diversão afasta a pena, pelo pouco que posso ver de seu rosto. “Uma tacada muito boa e dura, e depois paramos de brincar um com o outro, Doutora. Nada de foder por aí. OK?”

Não consigo respirar. Ele espera que eu diga alguma coisa, me mexa, faça alguma coisa, mas, estou paralisada no lugar, a vara de madeira estendida na minha frente.

Ele dá outro passo à frente e meu corpo reage. Não estou mais no controle. Meus braços estão balançando, empurrando com toda a força que possuem, e sinto o momento em que o anzol bate nele. Nem sequer o acertei tão forte, mas o metal entra na lateral de sua têmpora e o ferro afunda em seu crânio, e há um momento... esse momento longo e terrível, onde ele apenas olha para mim, como se não pudesse realmente acreditar no que acabou de acontecer. Mal posso acreditar nisso eu mesma.



Ele cai de joelhos, piscando descontroladamente, e o movimento arranca a vara das minhas mãos. Bate no chão, e a máscara de esqui é arrancada de sua cabeça quando o gancho se solta, revelando a totalidade de seu rosto. Cabelo vermelho. Queixo pequeno. Um nariz, que parece grande demais para seu rosto estreito. Eu me proponho a ver cada um de seus traços, um por um, sem considerá-los como um todo. Não quero que o rosto dele me assombre. Nunca mais quero fechar meus olhos e vê-lo lá, esperando por mim. Quero que ele seja anônimo para sempre.

O sangue escorre livremente do amplo corte em sua têmpora. Não consigo ver quão profunda é a ferida, mas a quantidade de sangue que está perdendo é terminal. Ela *tem* que ser. Ele dá mais uma solitária e louca gargalhada, e então o sujeito tomba de lado na montanha de caixas de papelão, com o corpo rígido e travado.

Saio do meu choque. Eu me levanto e corro. Não sei quanto tempo levo para encontrar uma maneira de contornar o prédio. Não sei como aguento estar de pé. Não sinto dor quando tropeço e caio, abrindo as mãos e os joelhos. Não sei o que estou pensando enquanto passo pela esquina, na rua.

Experimento o alívio de um estranho me levantando do chão e oferecendo ajuda, no entanto. E sinto isso. Sinto o alívio de saber que não estou prestes a morrer.



CAPÍTULO 18

A QUEDA

ROOKE

5 anos atrás

Instalação de Segurança de Goshen

"Pegue ele, Viorelli! Porra, mate-o!"

Está chovendo muito lá fora, gotas de chuva martelando contra as janelas, o céu está sombrio e ameaçador, enquanto, Viorelli anda em volta do garoto russo, Misha, que foi trazido na semana passada. Misha cometeu algum erro estúpido, sentou-se em uma mesa, onde não deveria sentar-se, e Jared assumiu a tarefa de ensinar uma lição ao novato.

Assisto. Não me envolvo. Envolver-se, sempre que Viorelli está furioso, geralmente acaba mal para nós dois. Mantenho minha cabeça baixa e como minha comida. Todo mundo fica em um círculo, enquanto, Misha faz o melhor para se defender, contra o maldito psicopata. Eles cantam, vaiam, importunam. O braço direito de Jared, Osman, pega uma bandeja de comida e tenta acertar Misha com ela, e é quando todo o inferno realmente se rompe. Jared gira em torno de Osman, atacando-o com alguma coisa. Algo em sua mão. Algo afiado.

"Não preciso de sua porra de ajuda, idiota!" Ele grita.

Não vejo o que acontece a seguir. A multidão dá um passo gigante para trás. De repente, a sala está silenciosa e, em seguida, Misha está gritando em voz alta em russo.

"*Cala a boca, cara. Cale a boca, ele está bem!*"



Minha curiosidade leva a melhor sobre mim. Levanto. Não preciso me mover para ver o que aconteceu agora. No chão, Osman está deitado de costas, as mãos agarradas à garganta, e uma fonte de sangue jorra entre seus dedos.

"Levante-se, cara." Jared chuta Osman com a bota, mas Osman não vai a lugar nenhum. Suas mãos caem flácidas, descansando em cima do peito, seu corpo se contorcendo e pulando quando seu sistema nervoso é desligado.

Alguém na multidão grita, se espalhando, correndo para o outro lado da sala, e então todo mundo também grita e se empurra. As portas se abrem e vinte guardas entram na sala, escudos de proteção em mãos, armas desembainhadas. Jared corre para frente, no corpo a corpo, e agarra a chave de fenda pelo cabo, arrancando-a do pescoço de Osman. Ele vem direto para mim.

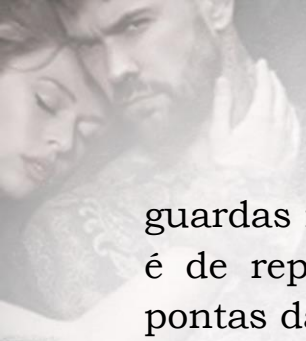
É como se tivesse visto a sua oportunidade e agora planeja me matar, também. Tenho esperado por este momento, entretanto, estou pronto para isso. Recuo, pronto para ir para a porra da guerra com ele. Quando me alcança, ele não ataca, no entanto. Empurra a chave de fenda para mim, os olhos estreitados em fendas. "Tome isso, Blackheath."

Na confusão, os guardas não parecem saber quem estão procurando. Eles pegam o bloco inteiro, uma pessoa de cada vez, jogando corpos para o chão. Mal posso ouvir Jared, sobre o caos que está se desdobrando ao nosso redor. Suas intenções são óbvias, no entanto. Quer que eu leve a culpa por ele.

"Você é louco", falo.

"Pegue a porra da chave de fenda, Blackheath. *Pegue isso.*"

Ele é realmente insano. Osman, provavelmente teria pegado a faca para ele. Que vergonha, ele apenas acabou de matá-lo com isto. Uma fileira de guardas se aproxima pela esquerda. Lentamente balanço minha cabeça, então dou um passo para trás, diretamente no caminho deles. É melhor ser fisgado e verificado, do que ser pego em qualquer lugar perto de Viorelli agora. Como esperado, os



guardas me atacam de todos os ângulos. Não luto de volta. Meu corpo é de repente iluminado com eletricidade, quando alguém aplica as pontas da Taser, uma arma de choque, na minha pele.

Desmorono; minhas costas curvadas, meus dentes rangendo juntos. Ainda posso ver, embora. Vejo os guardas agarrando Viorelli. Ele chuta e luta, atacando descontroladamente com a chave de fenda. Nenhuma chance de eles não saberem que foi o responsável pelo sujeito morto agora no meio do quarto. Tento não rir quando eles o derrubam também.

Tento realmente muito duro, mas é impossível.



CAPÍTULO 19

O MUSEU

ROOKE

"Rapaz, eu juro por Deus, se você não voltar, vou te eletrocutar na porra da cara, filho da puta. É isso que quer?"

Bato meu punho contra a barricada da polícia, que foi criada para definir um perímetro ao redor do museu, estou rosnando abertamente. Perdi minha bolsa em algum lugar, junto com meus fones de ouvido, mas, não dou a mínima para isso agora. Só me importo com Sasha. Não dou a mínima para mais nada. "Faça-me um favor, idiota. Tente, porra. Você acha que eu não fui eletrocutado antes?" A realidade é que fui eletrocutado, mais vezes do que me lembro. Os primeiros meses no reformatório foram difíceis. Não é preciso dizer que estava furioso por estar lá; toda vez que uma briga começava ou as crianças começavam a causar merda, eu estava bem ali, bem no meio disso tudo, desestressando. Meu corpo está bem acostumado com a montanha russa de uma arma de choque de duas pontas da polícia. Não é um passeio particularmente divertido, mas vou entrar na fila para essa merda o dia todo, se isso significar que vão me dar algumas informações sobre a situação dentro do museu.

O policial do outro lado da barricada estreita os olhos para mim. "*Não* me foda. Eu tive uma manhã de merda, e esta besteira, está piorando ainda mais. Vou levá-lo em custódia, se é o que quer."

Não quero isso. Se ele me levar embora, não poderei ver se é Sasha que está sendo mantida dentro do prédio. Tenho seu número de telefone — estava dentro do livro que ela deixou cair no museu — mas ela não está atendendo. Oscar tinha o número da casa dela, mas, também só está tocando, então, não tenho ideia de onde está. Ela poderia estar no Trader Joe fazendo sua compra semanal. Poderia estar em uma aula de ioga. Ou poderia estar ajoelhada, no chão com o



cano de uma arma cavando na base de seu crânio. O não saber está me deixando louco.

Corri pela ponte mais cedo. *Corri* pelas ruas de Manhattan até chegar em frente ao museu e forcei meu caminho através da multidão já considerável, esforçando-me para ver o que diabos estava acontecendo. Liguei para Jake e disse-lhe para trazer sua bunda aqui, mas ele não apareceu ainda. Me sinto preso. Sinto que minhas mãos estão amarradas nas minhas costas, e eu não posso fazer nada. Não sei por que estou cheio deste nível de pânico, mas é difícil respirar, e estou prestes a perder minha cabeça.

Sobre este policial.

Agora mesmo.

"Apenas me diga", ranjo. "Quem está dentro do prédio?"

"Eu *já* lhe disse. Nós não sabemos quem está dentro do prédio. Estamos tentando averiguar essa informação agora. Mas adivinha o quê? Mesmo *quando* soubermos quem está lá dentro, com certeza da porra, não vamos te dizer, garoto. Agora saia da barricada, antes que eu perca a porra da minha paciência."

Garoto. Criança. Se ele me chamar de uma destas coisas mais uma vez, vou destruí-lo. Eles precisarão de um conjunto fenomenal de registros dentários para identificá-lo quando eu terminar. Vou quebrar o nariz dele. Vou deixá-lo roxo. Eu vou...

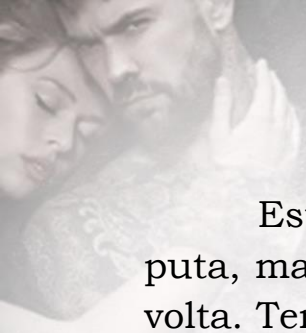
"Rooke! Rooke, cara, o que diabos está acontecendo?" Uma mão pousa no meu ombro. O contato me assusta, e giro, pronto para começar a me debater com quem está me tocando. É Jake. Ele levanta as mãos, cambaleando para longe de mim.

"Whoa, whoa, whoa, cara. Fica frio."

"Você conhece esse punk?" O policial pergunta.

Jake acena com a cabeça. "Sim. Conheço."

"Então faça um favor a ele e tire-o daqui antes que faça algo estúpido."



Estou prestes a saltar sobre a barreira e cabecear o filho da puta, mas Jake me agarra pela parte de trás da camisa e me puxa de volta. Tento me soltar, mas com tantas pessoas pressionando de todos os lados, empurrando com raiva em mim, é impossível. Deixo que me puxe de volta, através da multidão, rosnando obscenidades sob a minha respiração. Uma vez que estamos livres, Jake se volta para mim, olhando com uma intensidade furiosa. "Você é doido, cara? Tentando começar uma briga com um policial? Você tem um registro ou esqueceu-se disso? Faça uma merda dessas e não será o reformatório para você. Vai ser uma cadeia de garotos grandes, idiota."

"Uma prisão de garoto grande", repito. "Sim. Muito crescido. Não é minha culpa que esse cara é um idiota. Só pedi informações. Ele estava sendo um buceta."

"Ele não estava sendo um buceta. Ele estava sendo policial."

"Não é a mesma coisa?"

Jake revira os olhos. "É o trabalho deles proteger o prédio. O que você acha que aconteceria se deixassem cada um desses filhos da puta entrar para dar uma olhada? Acha que isso melhoraria ou pioraria a situação lá dentro?"

Olho para ele por um momento e depois solto o ar que estou segurando. "OK. Desculpe, você está certo. O que devo fazer, no entanto? Ela pode estar lá."

"Quem?"

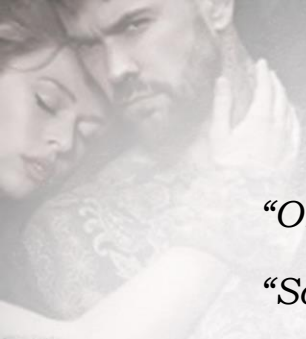
"*Sasha*." É irritante que já não tenha percebido isso. Ele sabe que ela trabalha no museu.

"Ahh. Certo. Sim, bem, você *sabe* que é ela lá dentro?"

"Não, não sei se é. Mas é."

"Por que você não se acalma? Pode ser um cara de merda lá dentro. Pode ser..."

"Lá está ela! Veja! Lá!"



“Oh meu Deus! Ela foi baleada!”

“Socorro! Alguém ajude!”

Gritos sobem ao nosso redor, afogando a voz de Jake. A adrenalina dispara pelo meu corpo e minhas mãos começam a tremer. “Que porra é essa? O que diabos está acontecendo?” Examino a área; é só quando as pessoas começam a correr, para a esquerda do museu, que vejo o que está acontecendo. Uma figura está ajoelhada, no chão, encostada a um idoso usando um casaco azul grosso. Ele está tentando sustentar a figura, mas, está sofrendo. Outro cara de terno corre para frente, largando a pasta no chão. Ela se abre, e maços de papel voam, girando para cima no vento, enquanto ele ajuda a figura — uma mulher — a ficar de pé.

Ela levanta a cabeça, o rosto coberto de sangue e é ela. É Sasha. Eu tinha razão.

“*Foda-se*.” Meu sangue é drenado da minha cabeça, reunindo-se de uma maneira doentia, em algum lugar no fundo do meu estômago.

“É ela?” Jake pergunta.

Eu concordo. “Tenho que chegar até ela. Merda. Ela está ferida. Ela está muito machucada.”

“Ela está legal, cara. Olha, os paramédicos estão com ela. Ela está bem.”

Dois caras correm para ela, maletas de primeiros socorros nas mãos, aliviando o homem de negócios e o cara idoso do fardo deles. Ao mesmo tempo, cerca de vinte caras com câmeras, avançam, tirando fotos e gritando perguntas. Os flashes de suas Canons e suas Nikons parecem tornar o dia sombrio e cinza, de repente branco brilhante. Sasha recua, levantando a mão, apertando os olhos, balançando a cabeça. Ela está pirando. A polícia se apressa de ambos os lados. Uma mulher loira, alta, vai até Sasha, conversando com ela enquanto os paramédicos a olham.

Quero apertar o pause. Quero parar tudo para que possa ir até ela, empurrar todo mundo para fora do caminho, pegá-la em meus



braços e levá-la embora. Ela parece aterrorizada e atordoada, como se simplesmente não fosse capaz de compreender o que está acontecendo.

"Não faça nada idiota agora", avisa Jake. Seus dedos cravam em meu braço novamente. Agora que estamos longe da multidão, seria bastante fácil dar de ombros e ir para lá, mas ele está certo.

Que utilidade tenho para Sasha agora? Não sou um médico, então, não posso cuidar de seus ferimentos. Não sou policial, então não posso questioná-la sobre o que aconteceu. Ou poderia, mas então o quê? Não tenho minha arma. Não posso invadir o museu, e ir encontrar os filhos da puta que fizeram isso com ela. Não posso entrar lá e prendê-los.

Eu não sou bom para ela agora.

"Qual é o hospital mais próximo daqui?" Jake pergunta.

"O hospital mais próximo?"

"Sim cara. Pense. Eles não vão mantê-la aqui por mais tempo do que precisam, não é? Vão levá-la para que seja examinada. Se formos ao hospital, você poderá conversar com ela lá."

Droga. Ele tem razão. Destruo meu cérebro, pensando.

"É o Monte Sinai, certo?" Pergunta ele.

"Não. Lenox Hill. Eles têm um departamento de emergência lá. É para onde vão levá-la. Greenwich Village, do outro lado do parque." Claro, nada é "apenas do outro lado do parque" em Nova York. O Central Park é enorme. Nós nunca vamos chegar antes de uma ambulância para o hospital a pé, nunca em um milhão de anos. "Precisamos de um táxi."

Jake já chegou a essa conclusão. Ele aponta para a rua. "O trânsito não vai voltar a circular aqui tão cedo. Vamos para Amsterdã."



***

Demora vinte e cinco minutos para chegar ao hospital. Quando chegamos, descobrimos que a ambulância já chegou, e que não, não nos será permitido ver a paciente. A enfermeira da recepção diz "a paciente" como se Sasha fosse algum tipo de alienígena, alguma aberração da natureza que está sendo investigada pelas autoridades locais, e que fôssemos loucos por pensar que talvez pudéssemos respirar no mesmo espaço que ela. Nos disseram que não podemos aguardar na sala de espera por ela. Um par de seguranças briguentos aparece, com as mãos em um par de Glocks, e somos levados para fora do prédio, onde uma multidão de repórteres já está montando seus equipamentos, luzes brilhantes de LED reluzem sobre o estacionamento, fazendo o dia sombrio e opressivamente frio, parecer na verdade com vinte e dois graus e ensolarado.

"Foda-se. Tem que haver outra maneira de entrar." Examino o perímetro do térreo, procurando outra entrada que possamos ter esquecido. Não parece haver uma, no entanto. Jake solta um profundo suspiro pelo nariz, os olhos brilhando de frustração.

"Cara. Você *não vai* voltar a esse edifício. Está pedindo por problemas. Por que não vem para casa comigo agora? Nós podemos ver o que aconteceu nas notícias? Ela parecia bem."

"Ela *não* parecia bem. Estava coberta de sangue. Jesus Cristo, homem..."

"Tudo bem, tudo bem. Porra. Não me foda. Só estou tentando manter você fora da cadeia aqui."

Esfrego minhas mãos no rosto, assentindo. "Desculpe, eu não gosto disso, no entanto. Não gosto de não saber o que está acontecendo."

Jake me dá um olhar longo e duro, me avaliando. Entendendo. "Eu nunca vi você assim", diz ele. "Você está me assustando. Apenas



respire fundo, ok? Não há nada que possamos fazer agora. Temos que ser pacientes e...”

Ouço uma explosão de estática atrás de mim — o som de um rádio policial. No reformatório, aprendi rapidamente que você parava e escutava sempre que ouvia aquele som. Frequentemente, isto significava que os guardas estavam sendo informados de que o diretor estava chegando para agitar as celas. Às vezes, significava que um amigo estava sendo devolvido à sociedade. Outras vezes, significava uma chuva de granizo, fogo, e merda estava prestes a cair sobre nós e estávamos prestes a ter nossos traseiro espancados.

“... Parece desorientada. Não pode realmente nos dar uma descrição clara. De qualquer forma, não há ninguém lá. O lugar estava vazio. Vasculhamos o lugar de cima a baixo.”

Eu me viro, procurando pela fonte da pequena voz que sai do rádio. A dois metros de distância, dois policiais estão de costas para nós, conversando baixinho um com o outro, com xícaras de café em uma das mãos e sanduíches de filés com queijo Philly, na outra. Eles nem parecem notar que estão transmitindo para todo mundo ouvir.

“Você acha que ela está inventando?”

“Não. O Capitão disse que ela estava histérica. Disse que matou o cara e seu corpo estava fora dos fundos do prédio. Oito caras vasculharam a área, no entanto. Havia sangue lá com certeza, mas poderia ter sido dela. Eles estão testando agora.”

“Tudo certo. Avise-me quando a levarem para casa. Enquanto isso, alerte todos os hospitais da cidade. Se ela acha que machucou esse cara, ele pode procurar ajuda médica.”



Minha mente está girando incontrolavelmente. Eles estão falando sobre Sasha, claro. Têm que estar. E ela acha que *matou* alguém? Foda-me. Estou em choque. O pensamento de ela ter que se defender até esse ponto? Isso me faz sentir como se estivesse prestes a vomitar. Estou tremendo, preenchido com um impulso instantâneo de adrenalina. Estou prestes a dizer algo a Jake, mas ele balança a cabeça, um olhar firme e imóvel no rosto. "Não vamos começar nossa própria caça ao homem, Rooke. De jeito nenhum. Nós vamos para casa. *Agora*."

Cerro meus dentes, assobiando sob a minha respiração. O cara me conhece. O cara me conhece muito bem.

De jeito nenhum vou para casa, no entanto. De. Maneira. Nenhuma. Porra.



CAPÍTULO 20

JACOBI

SASHA

"Cosméticos? Não tem a textura de cosmético. Também não parecem cosméticos." Que maneira estranha de descrever os ferimentos que sofri. Olhando para mim mesma, no pequeno espelho compacto que a enfermeira está segurando na frente do meu rosto, não consigo reconhecer o rosto me encarando no reflexo. Olhos inchados. Nariz inchado. Lábios rachados. Corte em ambas as maçãs do rosto. Os olhos são os mesmos, porém, esses estão definitivamente destruídos. Estão cheios de fúria e lágrimas, a cada vez que pisco.

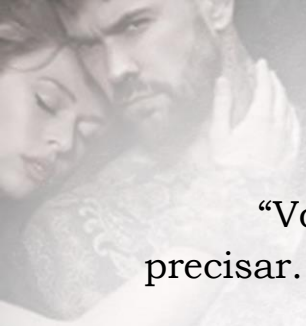
"Não se preocupe, senhorita Connor. Vai se curar muito bem em uma semana ou duas. Depois disso, ninguém jamais saberá que foi ferida".

Mas *eu* vou. Olho para longe do espelho, e ela o fecha, deslizando-o no bolso. "Suas costelas, por outro lado? Vão demorar um pouco mais para curar. Você é sortuda. Nada foi quebrado, mas, está incrivelmente machucada. Mover-se vai ser muito doloroso por um tempo. Então, não dirija, não corra, ou qualquer coisa assim. Os remédios prescritos para você, são demasiadamente fortes. Não opere máquinas pesadas, aeronaves leves, ferramentas elétricas..."

Levanto a mão, cortando-a. "Não vou fazer nada disso. Não preciso dos medicamentos."

A enfermeira arqueia uma sobrancelha cética, franzindo os lábios. "Mmhmm. Veremos isso agora. Está se sentindo bem agora, porque já está muito dopada. Assim que chegar em casa, e a morfina começar a perder o efeito, você estará com muita dor."

"Vou arriscar."



“Você levará seus remédios para casa, e tomará quando precisar. E quando os tomar...”

“Não operar nenhuma nave espacial, ônibus escolar ou empilhadeiras. Entendi.”

A enfermeira acena com a cabeça, colocando um frasco laranja de comprimidos na pequena mesa ao lado da minha cama. “Boa menina”.

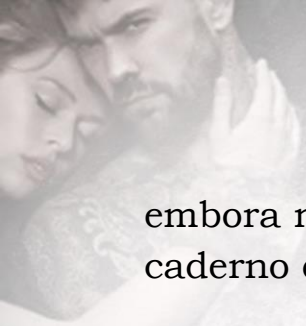
“Você terminou, enfermeira? Nós realmente precisamos terminar nossa conversa com a Sra. Connor.” Um detetive de meia-idade e grisalho está parado na porta do quarto do hospital — o detetive Jacobi. Foi quem me interrogou quando cheguei ao hospital. Eles o deixaram falar comigo, enquanto estava sendo avaliada, mas, quando foi agressivo, o fizeram sair da sala. Ele parece frustrado, como se eu estivesse propositalmente evitando responder suas perguntas, e está prestes a me prender e levar à delegacia. A enfermeira olha para mim — um olhar interrogativo.

“Se sente bem para conversar com esses idiotas agora? Não vão parar de vir aqui, até que conte o que sabe, querida.”

“Sim, tudo bem. Não me importo.” A verdade é que quero explicar o que aconteceu para o detetive. Estava ansiosa, para terminar de responder suas perguntas nas últimas três horas, mas em vez disso fui cutucada e examinada, e reexaminada e estou começando a me sentir um pouco violada. Ou *muito* violada, devo dizer. A enfermeira acena para o policial entrar e sai, fechando a porta.

O rosto do detetive Jacobi está marcado com mil linhas. Tenho a sensação, de que ganhou cada uma delas trabalhando em casos, estressantes e ingratos, que o deixaram amargo diante do público em geral. Olha para mim com desconfiança, se não hostilidade aberta. “Onde estávamos senhorita Connor?” Pergunta, sentado na beira da minha cama.

“Você estava no meio de me acusar de cortar a garganta de Amanda. Estava insinuando que a morte do meu filho, poderia finalmente ter causado um colapso nervoso.” Digo isso com calma,



embora minhas veias estejam queimando. Ele pisca e tira um pequeno caderno do bolso do paletó úmido; deve estar chovendo lá fora.

"Não te acusei de nada, Sasha. Estou tentando registrar os fatos. É meu trabalho avaliar seu estado mental."

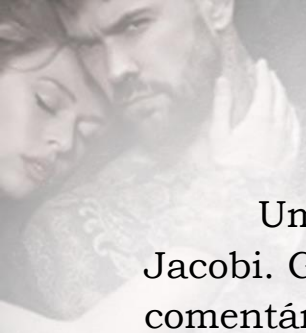
"Pensei que era o trabalho dos médicos avaliarem o meu estado mental", respondo. "Sinto muito. Não sabia que você era um psicólogo diplomado."

Ele bufa. "Por que não começamos novamente? Você me conta tudo o que aconteceu desde o momento em que chegou ao museu, e tentarei não dizer nada que possa te aborrecer. Combinado?"

Neste momento, pergunto-me, onde está minha simpática policial feminina. Onde está meu terapeuta de trauma. E me pergunto muitas coisas. Investi muito tempo na franquia de televisão CSI; nunca teria pensado que uma situação como essa aconteceria assim. Aqui estou, porém, sendo encarada pelo detetive mais conciso e hostil de Nova York.

Faço o que ele quer. Digo-lhe absolutamente tudo, desde que entrei pela porta da frente, até ver o bastardo da máscara de esqui pela primeira vez, quebrar o gancho na lateral da sua cabeça e correr para me salvar. Não deixo nada de fora. Entro em detalhes explícitos. Tento não chorar quando ele me pergunta se fui agredida sexualmente. Digo que não sei, que fiquei inconsciente por um longo período, e não tenho ideia do que aconteceu enquanto estava inconsciente, e sinto uma onda gelada de terror se instalar dentro de mim.

Ele faz mais perguntas: minhas meias foram rasgadas nos pés, mas, elas foram rasgadas entre as minhas pernas? Digo a ele, não, acho que não. Pergunta se estou dolorida em qualquer lugar que não seja minhas costelas e minha perna. Digo sim, estou dolorida em todos os lugares, porque estou. Meu corpo inteiro está dolorido. Até respirar dói neste momento. Até os dedos dos pés, me sinto sensível e comprometida, totalmente diferente de mim. Virar-me na cama é uma tarefa monstruosa, que parece incompreensível agora.



Uma hora se passa, e cada minuto entra no caderno de Jacobi. Grunhe de vez em quando, mas não faz nenhum outro comentário até terminarmos. É quando olha para mim, me trancando no local com olhos escuros e invasivos e diz algo que faz o pânico crescer ao redor da minha garganta, como um punho cerrado.

“Existe alguma chance de não ter atingido esse cara com tanta força como pensa que fez?”

Fico olhando para ele, estupidamente, tentando processar a pergunta. “Sim. Bati muito forte nele. Quero dizer, eu... eu vi o sangue. Havia sangue em todo lugar. E o gancho...”

“Viu o gancho realmente golpeá-lo?” Ele parece inseguro.

“Não apenas golpeá-lo, detetive. Ele afundou em seu crânio.”

Ele faz uma careta, fazendo uma anotação rápida disso. “OK. Parece que estamos em busca de um cara alto e psicótico, ruivo com um buraco no lado da cabeça, então. Deve ter se levantado e fugido, porque não conseguimos localizá-lo, Sasha. Não havia corpo para ser encontrado.”

Ele sai, sento e guardo esta informação. Sério? Como podem não ter encontrado seu corpo? Estava morto quando o deixei. Havia sangue por toda parte...

A enfermeira volta, uma hora depois, para me avisar que o médico quer me manter aqui por alguns dias, para observação, e que minha amiga Allison está me esperando, ansiosa para ver se estou bem. Outro policial vem me dizer que os detetives vão voltar amanhã para falar comigo, para ver se lembrei de mais alguma coisa sobre o “incidente” como eles estão chamando. O jovem garoto, com cicatrizes de acne, avisa para não falar com a imprensa, no caso de dizer algo que comprometa a investigação. A porta se abre novamente, e estou prestes a dizer à pessoa em pé na porta para, educadamente, se foder e me deixar sozinha, quando vejo quem é, e minhas palavras morrem em meus lábios.

Ele veio.



“Como você chegou aqui?” Sussurro.

Rooke fica parado ali, olhando para mim. Sua mandíbula está cerrada, os olhos cheios de uma calma assustadora que desmente o tumulto que está claramente no fundo. “O quão ruim é isso?” Ele pergunta baixinho.

“Em nenhum lugar tão ruim quanto parece.”

“Parece muito ruim”, ele rosna.

“Muito obrigada.”

Rooke não responde a minha tentativa de humor. “Quem fez isso?” Ele exige.

“Não sei. Algum cara ruivo. Acho que ele estava bêbado ou chapado. Não me disse seu nome.”

“Descreva-o.”

“Rooke, já passei por tudo isso com os policiais. Eles estão lidando com isto.”

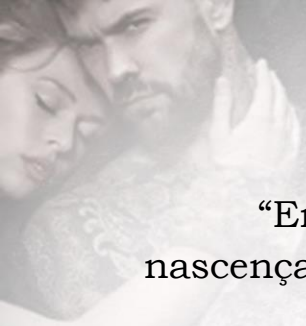
“Eles não vão lidar com isto. Eles vão estragar tudo. *Eu* não vou estragar tudo.”

É estranho. O alívio toma conta de mim, tão intenso e poderoso que sinto cada músculo rígido do meu corpo finalmente relaxar. O olhar no rosto dele diz tudo. Rooke vai sair e vai encontrar esse cara. Vai fazê-lo pagar pelo que fez. Eu me sinto segura de repente. Então, a realidade começa a penetrar. Ele não pode ir atrás desse cara. Não pode. Está com raiva agora, tão zangado que posso ver cada uma das veias em seus braços saindo de onde está apertando suas mãos tão firme, mas ele vai matar esse cara se o encontrar. Vai assassiná-lo e depois?

“Rooke. *Por favor.”*

“Diga-me tudo”, ele sorri. “*Agora*, Sasha.”

Eu sacudo minha cabeça. “Não.”



“Era ruivo. Tinha alguma marca de nascença? Cicatrizes? Tatuagens?”

E aí está. Tatuagens, Rooke deve ver minha expressão mudar, porque ele dá um pequeno passo para dentro do quarto. A tensão que emana dele é como o calor de um incêndio. Enche o pequeno espaço, sugando todo o ar para fora do cômodo. “*Diga-me*”, ele diz baixinho.

“Não sei o que era. Algo pequeno nas costas da mão dele. Parecia uma mancha negra. Estava desbotada e embaçada, como se a tivesse há muito tempo.”

Rooke acena devagar. “Algo mais? O que estava vestindo?”

“Tudo preto. Casaco preto, calça preta. Seus sapatos... espere, seus cadarços eram de cores diferentes. Um era vermelho, o outro preto.”

Mais uma vez, Rooke assente. “OK. Quão alto era?”

“Cerca de 1,83 m, eu acho.”

“Tinha um sotaque?”

“Não. Ele falava devagar. Como se estivesse realmente chapado. Isso é tudo.”

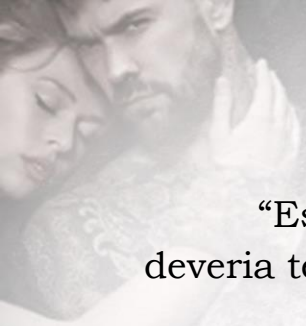
Rooke inala profundamente. Seus olhos viajam pelo meu corpo, examinando o dano, e de repente me sinto muito vulnerável. Não consigo decifrar o olhar no rosto dele. “Você está com raiva de mim?” Sussurro.

Algo quebra nele. Ele olha para longe, como se não pudesse mais suportar olhar para mim. “Por que diabos você acha isso?” Diz.

“Por que... você está me olhando como se estivesse quebrada. Está olhando para mim como se estivesse com nojo.”

“*Estou* enojado.”

Meu coração despenca no meu peito, meus pulmões sofrem dolorosamente.



“Estou com nojo de mim mesmo. Que não cheguei a tempo. Eu deveria ter impedido isto.”

“Como você saberia?” Ele está louco se pensa por um segundo, que é responsável por tudo isso. Ontem à noite foi a primeira vez que permiti que se conectasse comigo. Acha que deveria estar me seguindo, protegendo de agressores desconhecidos, 24 horas por dia, sete dias por semana? Isso é simplesmente ridículo.

Range os dentes; pressionando os lábios em uma linha infeliz e irritada. Ainda não olha para mim. “Ninguém deveria ter se atrevido a te tocar, Sasha. Ninguém deveria ter permissão para foder com você. Há consequências para um ato como esse. Consequências terríveis, e vou me certificar de que esse cara pague pelo que te fez. Eu não posso deixá-lo respirar porra. Eu *não vou.”*

“Rooke, por favor...” Tento me sentar, para alcançá-lo, impedi-lo de sair, mas é tarde demais. Uma parede de dor desaba sobre mim e afundo de volta na cama, ofegando com o choque disso. Rooke paira na porta, com a cabeça baixa.

“Descanse, Sasha. Voltarei para você. Não precisa se preocupar com isto.”



CAPÍTULO 21

BABACA, MAS NÃO UM IDIOTA

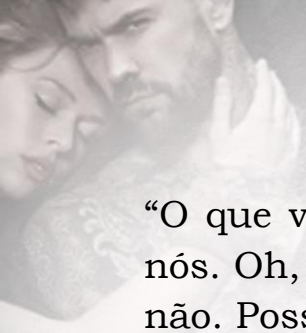
SASHA

"Eu nunca vou te deixar sozinha de novo. Nunca. Não esta noite. Não esta semana. Você está presa comigo, luz do sol." Ali pega as chaves da minha mão (recém equipada com uma lata nova de spray de pimenta) e abre a porta da frente da minha casa, pegando meu casaco e a bolsa, que ela levou para o hospital para mim, então me guiando para dentro. Eu a sigo, muda, porque não tenho nada a dizer. Ela está divagando desde que saímos do hospital, e não tenho energia para me envolver.

Entendi, ela se sente mal, mas, não deveria. Quando liguei para ela do museu, a ligação se conectou e ela ouviu o que estava acontecendo. Então, chamou os policiais e os alertou para o fato de que eu estava sendo agredida, mas de alguma forma parece pensar que não fez o suficiente. Eram dez e quarenta quando os paramédicos me levaram pela cidade até o hospital. Não é como se a polícia fosse quem me salvou, mas, quem diria que o cara da máscara de esqui não teria me perseguido e recapturado, se os policiais não fossem numerosos na rua? Quem pode dizer que ele não teria me matado, por bater na cabeça dele com aquele gancho de metal?

Não posso acreditar que não esteja morto. Simplesmente não posso processar a informação. Não posso acreditar em nada disso realmente. Já se passaram três dias desde que tudo aconteceu, e não consigo pensar em nada disto. Não vi ou ouvi nada de Rooke. Por sorte, não vi ou ouvi nada nas notícias *sobre* Rooke, também. Estou considerando isto como uma vitória.

Ali joga minhas chaves no prato da bancada no corredor, e me leva à cozinha. Sento-me lentamente no balcão, observando-a, enquanto se apressa ao redor da sala, em uma agitação de atividade.



“O que você quer, café ou chá? Também posso fazer um lanche para nós. Oh, espere.” Espia a geladeira franzindo a testa. “Talvez não. Posso ligar e pedir algo, contudo. Alguma comida tailandesa? Ou talvez uma pizza?” Ela normalmente, me enlouquecia por não ter comida na geladeira, mas eu acho que ela está me dando um tempo, devido aos acontecimentos recentes.

“Não estou com fome, Ali. Honestamente, só quero tirar um cochilo. Sinto...” Forço por uma palavra, *qualquer* palavra, que possa descrever o que estou sentindo agora. É como se estivesse arrebatando no ar.

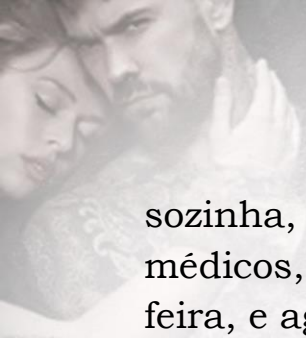
“Eu sei. Você deve estar exausta com essa coisa toda.” Ali sorri com simpatia, e quero gritar para ela ir embora. Ela não vai, no entanto. Não importa quantas vezes diga a ela que preciso de um tempo para mim mesma, que estou cansada de ser incomodada, cutucada e questionada se estou bem. Ela vai ignorar esses comentários e se recusar a sair, não importa o que aconteça, então não há sentido em dizê-las. Trinco meus dentes juntos, respirando devagar pelo meu nariz.

“Vou me deitar por um tempo. Talvez possa comer alguma coisa mais tarde.”

Ali acena com a cabeça. Se vira e começa a mexer no armário embaixo da pia. “Sem problema, querida. Vou fazer alguma limpeza ou algo assim. Você tem alguma roupa que precise ser dobrada?”

Posso não manter abastecida minha geladeira, mas meu lugar é sempre limpo e arrumado. E dificilmente tenho uma pilha de roupas amassadas, que precisem de cuidados, também. Se isto faz com que ela fique feliz, passar um espanador nas minhas prateleiras, estou bem com isto. Qualquer coisa por um momento para sentar sozinha no meu quarto, para que possa reunir meus pensamentos. Meu joelho machucado tem um espasmo, quando subo as escadas com dificuldade. Minhas costelas rangem, com dor, toda vez que respiro.

Meu físico dói; tudo parece derreter no momento em que fecho a porta do meu quarto, atrás de mim. Esta é a primeira vez que estou



sozinha, desde que consegui fugir pelo lado do museu. Enfermeira, médicos, amigos, fui cercada por pessoas o tempo todo, desde terça-feira, e agora que estou fechada dentro do meu quarto, sinto que posso finalmente me soltar.

Subo na cama, planejando chorar até dormir, mas no momento em que libero, o meu desespero segura minhas emoções, permitindo que tudo passe por cima de mim, estou entorpecida. Não há lágrimas. Não há medo ou preocupação. Há apenas uma sensação fria e pesada pressionando-me, pesando-me à cama.

Desmaio.

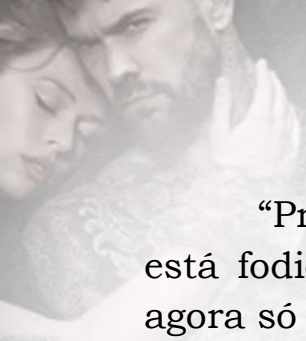
Acordo muito tempo depois, suando, em pânico e com medo. Meu atacante do museu atormenta meus sonhos toda vez que durmo. Ele segura as mãos em volta da minha garganta; usa seus punhos para me machucar; me lança escadaria abaixo e bate a cabeça contra o chão de mármore. Demora um tempo para acalmar meu coração frenético. Estou a salvo agora. Ele se foi e estou segura. Digo a mim mesmo isso, mais e mais, e finalmente consigo recuperar o fôlego.

Uma grande parte do tempo passou. Era de manhã quando chegamos em casa e, quando olho pela janela, vejo que a luz está desaparecendo no céu, já anoitecendo. Lá embaixo, posso ouvir conversa abafada e ininteligível. A televisão? Talvez o rádio? Enquanto ouço, percebo a constante subida e descida da voz de Ali, junto com a estranha palavra aqui e ali, e sei que ela tem que estar conversando com alguém.

“Eu sinto muito. Ela simplesmente não está... talvez em alguns dias... Não, ela não disse...”

A outra voz é mais difícil de entender. Mais profunda, com menos inflexão. Definitivamente um homem. Eu me levanto e me arrasto até a porta, e então abro a porta e vou na ponta dos pés para o corredor. Está escuro, exceto por uma fenda disforme da luz do andar de baixo, projetada para o teto.

“Você pode apenas dizer a ela que estou aqui?”



“Próxima semana, Rooke. Ela está completamente... bem, ela está fodida. Claro que está fodida. Ela passou por alguma loucura e agora só precisa de um tempo para descomprimir, ok?”

Há uma longa pausa. O silêncio é preenchido com o bater do meu coração e o nervoso empurrão e puxar da minha respiração.

“Não. Na verdade não está bem. Vou vê-la. Vou te levantar e mover, se você não sair do caminho, Ali.”

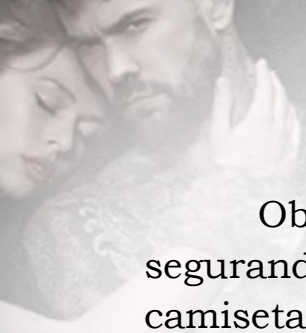
“Isso é muito rude!”

“E você acha que sou um cara educado?”

Quase rio alto. Pensei a mesma coisa sobre ele quando fizemos sexo. Há um silêncio espesso e posso imaginar o olhar no rosto de Ali. Ela não está acostumada com ninguém se opondo a ela, muito menos um cara. Ela parece ter a capacidade de obter resultados nos homens, não importa quem eles sejam. Rooke Blackheath não é um homem, no entanto. É um tipo de mito, que ninguém acredita realmente, até que vejam por eles mesmos.

Corro rapidamente pelas escadas, ignorando a pontada no joelho toda vez que desço um degrau. Ali parece que acaba de ser pega em flagrante roubando alguma coisa. E Rooke...

Está parado na porta. Um pó de neve repousa sobre os ombros de sua jaqueta de couro preta desgastada. Ele é tão alto. Não acho que realmente apreciei o quão alto ele é até agora, com a cabeça quase raspando o topo do batente da porta. Há uma pilha de livros presos contra o corpo dele, sob o braço esquerdo, e há uma bandeja contendo xícaras de café para viagem na outra mão. Que *normal.* Vapor sobe dos copos, nublando na entrada. Olho para os seus sapatos e percebo que o couro marrom avermelhado é mais escuro nos dedos, molhado onde ele anda pela chuva e pela neve. Posso sentir o cheiro dele de onde estou, no terceiro degrau da escada — notas de madeira e fumaça, mas estimulante. Cheiros frios e masculinos que parecem incríveis e fora do lugar dentro da minha casa.



Observo tudo isto. Entendo tudo, escaneando o jeito que ele está segurando o peso do seu corpo no lado direito, e o amarrotado em sua camiseta, e o jeito que seu chapéu está inclinado em um ângulo estranho em sua cabeça. Documento tudo, com uma intensidade feroz, prestando atenção a cada pequeno detalhe, porque não quero olhar para o rosto dele. Não quero olhar nos olhos dele. Estou aterrorizada. Se olhar para ele, não sei mais o que vou fazer. Não me conheço bem o suficiente mais, para manter minhas próprias reações. Esse homem vai me quebrar. Estive preocupada com ele. Preocupada que fizesse algo estúpido e se machucar. Agora ele aparece aqui, ileso, parecendo totalmente normal, e quero me jogar nele.

"Sasha?" Ali diz meu nome em desaprovação. Já sei que ela está prestes a me incitar de volta, para longe dessa situação e qualquer confronto que possa trazer. Não tenho problema em olhar nos olhos dela, então faço isso, engolindo em seco.

"Tudo bem, Ali. Você pode deixá-lo entrar."

Estou surpresa com o quão firme pareço. Falo em um tom que não tolera nenhum argumento. Ali deve ser capaz de ouvir isso; levanta as mãos, saindo do caminho. Em vez de falar comigo, ela enfrenta Rooke. "Se você a incomodar, juro por deus e todas as coisas santas..."

"Não se preocupe. Não vim aqui para causar atrito." Ele estende a bandeja de cafés para Ali. "O seu é o da esquerda."

Ela lhe dá um olhar estranho e curioso, mas estende a mão e pega o café da mesma forma. "Não vou perguntar como você sabia que eu ia estar aqui, e muito menos como gosto do meu café."

Rooke dá de ombros, dando um passo decidido e ousado dentro da casa. "Você é uma boa amiga. É assim que sabia que estaria aqui. Ou melhor, sabia que *alguém* estaria aqui. Eu sinceramente não tenho ideia de como gosta do seu café. É só preto, sem açúcar."

"E os outros dois?"



“Tem uma porrada de uísque neles.”

“Jesus Cristo, ela não pode beber uísque. Está medicada até os olhos.”

Dou um passo à frente, intervindo antes que Ali possa empurrá-lo de volta para a porta novamente. “Tudo bem, tudo bem. Não vou beber o café nenhum. Sem problemas. Rooke, venha comigo. Ali, eu não vou demorar muito, prometo.” Parto em direção à sala de jantar, apressando-me pela cozinha, sem olhar para trás para ver se Rooke está me seguindo. Seguro a porta da sala de jantar aberta e ele entra rapidamente atrás de mim. Fecho a porta, plantando minhas costas contra ela, palmas pressionadas contra a madeira. Rooke está ao lado da mesa de jantar, onde temos um clube de leitura a cada semana, onde ele se sentou e consumiu apenas uma tábua de queijos completamente sozinho, e não tenho escolha agora. Tenho que olhar para ele. Tenho que ver a intenção em seus olhos.

Meu coração parece anormalmente inchado dentro do peito, enquanto, nossos olhos se encontram. Rooke coloca os livros e os cafés na mesa e depois olha para mim, sem piscar, as pontas dos dedos da mão esquerda apoiadas na superfície da mesa. Seu rosto é uma confusão de emoções. Sua barba por fazer é quase toda uma barba agora, e há sombras sob aqueles olhos castanhos claros dele. Sua boca está torcida em um meio sorriso, mas está meio zangado.

“Você não está carrancuda”, diz ele em voz baixa.

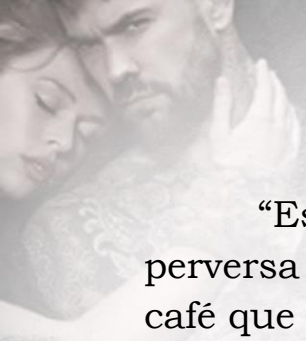
“Perdão?”

“Normalmente, quando você olha para mim, está de cara feia.”

“Eu não estou.”

“Ok.” Sua voz é tão profunda. É a voz de alguém anos mais velho e mais sábio, do que ele. O som disso faz minhas palmas ficarem úmidas. Minha garganta fica apertada de repente.

“Você está apenas concordando comigo para evitar uma discussão. Posso dizer.”



“Estou.” Sua boca se contorce, e um vislumbre desta confiança perversa cintila por trás de seus olhos. Estendo minha mão, olhando o café que ele trouxe. “Você vai me dar isso ou não?”

“Não.” Ele balança a cabeça ligeiramente. “Não se você estiver chapada com analgésicos.”

“Não estou. Não tomei nada. Disse a Ali que tomei apenas para calar a boca dela.”

Rooke sorri, um sorriso largo que me faz sentir estranha. “Fodona, embora se fosse você, estaria aproveitando essas pílulas. Você parece...” Ele se arrasta, seus olhos se movendo sobre o meu corpo.

“Como merda?” Ofereço.

“Como se precisasse de analgésicos.” Pelo menos não me diz que pareço terrível. Ele disse isto no hospital e admito que me importei.

“Sasha?” Diz baixinho.

Fecho meus olhos.

“Sasha, olhe para mim.”

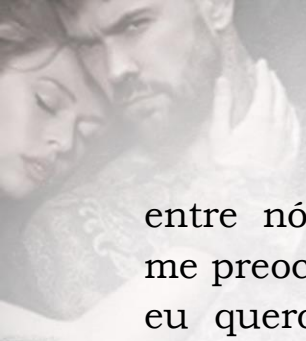
Abro os olhos e ele ainda está congelado, ainda olhando para mim, ainda pairando como um fantasma no outro lado da mesa. A neve em seus ombros derreteu agora, deixando listras molhadas na frente de sua jaqueta. “Estive preocupado”, diz. “Realmente, *realmente* fodidamente preocupado. Sobre você. Não fui capaz de pensar direito. Sinto muito pelo hospital. Deveria ter ficado. Não deveria ter saído assim. Só... não consegui lidar com isso.”

“Está tudo bem. Também sinto muito.”

Ele inclina a cabeça para um lado. “Por que você sente muito?”

“Porque sim. Esta coisa toda te fez pirar. Você não deveria ter sido...”

“Foda.” Ele balança a cabeça, rindo com raiva sob sua respiração. “Realmente não entende nada disso, não é?” Ele gesticula



entre nós, franzindo a testa em linhas profundas e infelizes. “Eu me preocupo com você. Estou intensamente atraído por você. Porra, eu quero você. Então, te ver saindo de uma maldita ambulância, coberta de sangue, e depois não poder ver você? Isto é mais do que perturbar meus padrões de pensamento, ok?”

Balanço de volta nos meus calcanhares. Sou uma bagunça quebrada. Ele não pode dizer isto apenas olhando para mim? Por que me quer assim?

“Você está bem agora?” Ele pergunta, rangendo os dentes juntos. “Pelo menos me diga isso.”

“Estou bem. Cansada. Ainda estou em choque, acho. Eu me machuquei toda, mas ficarei bem.”

Rooke dá um passo à frente. Está a apenas um metro de mim agora, mas, parece que ele está bem na minha frente, como se não houvesse espaço entre nós. É emocionante e assustador ao mesmo tempo.

“Sei que este é o pior momento, Sasha, mas preciso que faça algo por mim, ok?”

“Não sei. Depende do que...”

“Envie Ali para casa. Agora mesmo. Vou cuidar de você.”

“Deus, não posso. Ela vai ter a porra de um ataque.”

Ele dá um passo em minha direção, rosnando baixinho. “Não é um pedido. É o que vai acontecer. Ou vai lá e diz a ela ou eu vou. E vou usar uma linguagem muito mais dura, prometo isto pra você.”

Sinto que estou bêbada. Sinto que estou fora da minha mente. A perspectiva de dizer a Ali para ir para casa é horrível, mas é melhor do que o que acontecerá, se eu soltar Rooke nela. Deixo meus ombros caírem, então abro a porta.

“Espere aqui”, digo a ele. “Não se envolva.”

Ele levanta as mãos, um ato de rendição.



Ali está de pé no corredor, tentando parecer que não estava escutando há um segundo. Posso ver pelo olhar no seu rosto que ela ouviu o que ele acabou de dizer. Nem sequer me incomodo fingindo com ela. “Sinto muito amor. Sei que você quer ter certeza de que estou bem, mas...”

“Ele é bom para você?”

“O que?”

Ela revira os olhos. “Ele é bom com você? Te trata direito? É cuidadoso? Você se sente segura com ele?”

Estou atordoada. “Sim”, digo baixinho.

Ali apenas balança a cabeça, olhando para o chão. “Tudo bem então. Quero dizer, ele tem um metro e noventa e é forte como uma casa de tijolos. Se diz que ele faz você se sentir segura e te trata do jeito que deveria, então é claro que estou bem em ir embora. Ele está muito mais preparado para te proteger do que eu. Só sei que a intenção estava lá, ok? Recebo pontos por isso. E se ele espirrar de um jeito que você não goste...”

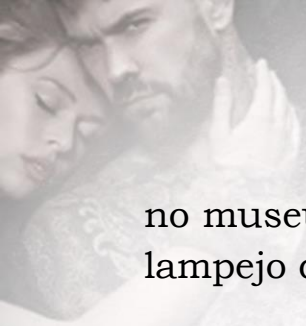
Eu a abraço, interrompendo-a. “Obrigada.”

Ela cuidadosamente me abraça de volta. “Está bem, está bem. Estarei por aqui amanhã com alguns mantimentos.” Espero com ela enquanto coloca sua jaqueta e seu estranho chapéu de lã listrado. Na porta da frente, ela coloca as mãos nos meus ombros e me olha nos olhos. “Amo você, garota. Você sabe disso, certo?”

“Sei.”

“Bom. Agora vá e seja fodida por aquele homem ridiculamente assustador. E não. Não quero mais detalhes depois; muito obrigada. Não acho que sou corajosa o suficiente para ouvir sobre isso.”

Rooke está encostado na parede quando volto à sala de jantar. Ali estava certa: ele é um cara assustador. Certamente não é alguém que teria olhado duas vezes antes de encontrá-lo



no museu. No entanto, não é força e escuridão. Há um pequeno lampejo de luz nele, também.

Seu rosto é um quadro em branco quando se vira e olha para mim, e me vejo tentando decidir, qual lado dele estou prestes a testemunhar agora. Essa pergunta é respondida no segundo que abre a boca.

“Dispa-se, Sasha.”

“O que?”

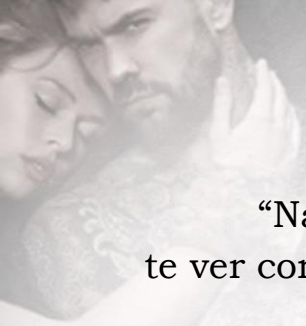
“Tira as roupas. Agora. Quero olhar para você.”

“Não acho...”

“Bom. Não ache, essa é a última coisa que precisa fazer. Agora seja uma boa menina e tire a roupa.”

Quando não me movo, ele arqueia uma sobrancelha para mim. A dor no meu corpo parece diminuir, substituída por outra coisa, então. Um fraco indício de necessidade. “Quer que eu faça isso por você, Sasha?” Pergunta.

Lentamente, balanço minha cabeça. Começo a tarefa atrapalhada. Demoro muito tempo para tirar a roupa. Levantar meus braços sobre a minha cabeça exige trabalho, inclino para deslizar minha calça jeans de cada uma das minhas pernas. Hesito na minha calcinha, sem saber se ele quer que continue. Quando olho para ele, vejo o quão estúpido foi esse pensamento. Claro, que me quer nua. Deslizo minha calcinha pelo corpo, chutando-a pra fora, e então tento soltar a alça do sutiã. No entanto, fisicamente não posso fazer isso. Minhas costelas vibram com dor, quando tento, e em um segundo Rooke está atrás de mim, sua respiração quente no meu pescoço, enquanto escova meu cabelo para fora do caminho com dedos cuidadosos, soltando-o para mim. Desliza as mãos sobre meus ombros, empurrando as alças para baixo, seu peito pressionando contra as minhas costas. Lentamente, tira meu sutiã e o deixa cair no chão.



“Na mesa”, sussurra no meu ouvido. “Deite na mesa. Eu preciso te ver corretamente.”

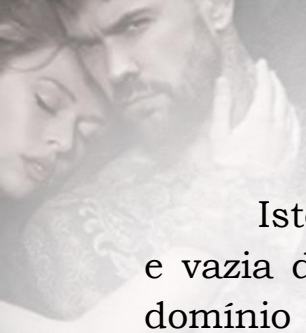
Já passei do ponto de discutir. Ele está tão inegavelmente no controle desta situação, que estou disposta a fazer o que me disser agora. Nem tenho energia para perguntar por quê. A madeira polida está fria debaixo da minha pele. Rooke está ao lado da mesa, esperando pacientemente enquanto recuo e deito. Quando estou no lugar, ele começa a andar em volta da mesa, inspecionando a miríade de hematomas verdes, azuis e amarelos que cobrem meu corpo. Começa no meu pescoço, angulando a mão por um segundo, em seguida, colocando o polegar contra uma das contusões na minha garganta. Combina a mão exatamente, com o local, onde o cara no museu me segurava pela garganta, e uma fúria fria e dura revolve seus olhos.

Em seguida, se move para o meu braço, fazendo a mesma coisa, inclinando a mão até que combine com as contusões. Entendo o que está fazendo, então. Está descobrindo como o meu atacante me agrediu, como me segurou e me prendeu, como me enganou, como me acertou, como abusou do meu corpo.

Eu me sinto pequena. Quero descer da mesa e terminar com este reviver macabro do meu ataque no museu, mas, Rooke está tão concentrado, tão obstinado agora, que sei, que não vai me deixar. Precisa fazer isto. Como disse, precisa ver.

O processo demora muito tempo; estou coberta de hematomas, cortes e arranhões. Quando termina com a frente, me faz rolar no meu estômago e passa, pela mesma coisa nas minhas costas.

Depois que termina, não diz nada. Ele me faz virar, e então ao invés de segurar suas mãos para os ferimentos, coloca sua boca em vez disto. É como se estivesse dizendo uma oração silenciosa, enquanto se move pelo meu corpo, beijando e acariciando, descendo do meu pescoço, por cima do meu peito, pelas costelas, estômago, coxas.



Isto não deveria ser sexual. Sou uma concha quebrada, surrada e vazia de um ser humano, mas o jeito que Rooke me toca tem um domínio sobre isto. É como se a cada beijo e a cada toque de sua mão, estivesse removendo a violência do meu corpo, substituindo-a por algo muito mais profundo. Uma conexão entre nós dois, configurada repetidas vezes. No momento em que me vira de costas e começa a acariciar minha pele, quebrada, estou ofegando, minha respiração vindo em pequenas explosões, minha cabeça nadando.

Este homem tem tanto controle sobre mim. Um poder tão delirante e inebriante. Meu corpo responde a ele de uma maneira que nunca responderia a mais ninguém. É incrível e assustador, e não sei como agir. Ele me levanta em seus braços e me leva para cima.

Minha respiração fica presa na garganta, quando ele quase me leva ao quarto de Christopher. “Não. Não aquele. Lá...” Aponto a porta do meu quarto, e ele entra sem outra palavra. Colocando-me gentilmente na cama, se levanta e começa a se despir. Sapatos primeiro. Camisa. Jeans rasgado. Não está usando cueca novamente. Ele tem o tipo de corpo que eu realmente não achava que existia no mundo real — músculos acumulados em cima do músculo que ele deve ter trabalhado, impossivelmente duro. Tatuagens estão por toda parte, sobre o peito, o estômago, os ombros, descendo pelos braços e pelas mãos, até o pescoço. É uma obra de arte, uma obra-prima de sua autoria. Eu me permito um minuto para aproveitar, muito intrigada para me envergonhar pela minha curiosidade aberta. Ele deve saber o que estou fazendo porque fica parado por um momento, ombros para trás, mãos ao lado do corpo enquanto me permite inspecioná-lo.

“Você é realmente indescritível”, sussurro

“Você também”, ele responde. “Você não precisa de um litro de tinta e mil agulhas para realizá-lo, no entanto. Você apenas... é.”

“Ainda seria incrível sem a tinta.”

Encolhe os ombros. “Talvez esteja certa. Essas tatuagens *são* eu de certa forma, no entanto. Tudo que fiz. Tudo pelo que passei.”



Mordo a junta do meu dedo indicador, franzindo um pouco a testa. “Vai me dizer o que elas querem dizer?”

Mais uma vez, encolhe os ombros. “Talvez um dia. Por agora...” Sobe na cama, e uma sensação de energia corre através de mim. Seu pau já está duro, roçando a barriga, e ele está olhando para mim como se estivesse olhando para um maldito cano de uma arma. Sem medo, entretanto. Inabalável e sem vergonha. Ajoelhado ao meu lado, leva sua mão direita, trabalhando para cima e para baixo o comprimento de sua ereção, seu olhar me enchendo da cabeça aos pés.

“Abra as pernas para mim, Sasha.”

Não há como dizer não a isto. Não acho que faria, mesmo que pudesse. Abro minhas pernas, puxando a respiração, tentando não entrar em pânico com muita força. Isso ainda é tão novo... e depois de tudo que aconteceu nos últimos dias... esta é provavelmente uma ideia horrível. Deveria estar em terapia ou algo assim, não prestes a ter sexo seriamente intenso com esse homem quente e louco. Mas eu paro? Não, eu não paro. Preciso sentir algo além de estar assustada, triste ou chateada. Preciso sentir isto. Preciso sentir suas mãos no meu corpo, me fazendo esquecer...

Exceto que ele não me toca. Pega a minha mão e guia para baixo ...

“Eu lhe disse que se tocaria para me fazer feliz, não é? Faça-me feliz, Sasha. Preciso saber como você se agrada. Preciso ver você gozar por sua própria mão.”

Isto não é o que eu tinha em mente. O jeito que acabou de falar me fez arrepiar, no entanto. Realmente quer estudar o jeito que me toco, como se fosse, da maior importância que ele entendesse como eu gosto, quando estou sozinha. “Ok”. Estou sem fôlego, a palavra mal sai, mas, Rooke me ouve muito bem. Senta em seus calcanhares, gentilmente guiando minhas pernas ainda mais abertas, enquanto, deslizo meus dedos sobre minha buceta. Estou molhada já. Mais que molhada. Estou tão excitada que fico surpresa e talvez um pouco envergonhada. “Deus...”



“Não faça isso”, Rooke ronrona; sua voz baixa. “Nunca se envergonhe do seu corpo. Especialmente quando posso ver como está trabalhando em você. Tem alguma ideia do que é para mim? Tem alguma ideia do que isto faz comigo?”

Mordo meu lábio. Ele estende a mão e pega minha outra mão, envolvendo-a firmemente em torno de seu membro. Está tão duro, que parece que deve ser doloroso para ele. Aperto muito delicadamente, e sua cabeça inclina para trás, fechando os olhos.

“Porra, Sasha. *Jesus*.”

Rosnando, remove minha mão, substituindo-a pela sua. “Não posso fazer isto”, ele diz. “Não posso nem mesmo ter você me tocando agora. Vou ferir você.”

Meus olhos praticamente rolam de volta para minha cabeça. Como pode dizer coisas assim para mim? As palavras apenas saem do final da sua língua como se não importassem, mas elas têm um efeito profundo em mim. Não pode me ter tocando-o? Vai acabar me machucando? Uma declaração como essa deveria me deixar com medo, especialmente depois de tudo que aconteceu, mas, a perspectiva de ele perder o controle por causa do meu toque, sendo duro comigo, com as mãos duras em mim, seus dentes, sua boca, seu corpo... Faz minha cabeça girar.

Lentamente, trabalho meus dedos sobre minha buceta, esfregando em pequenos círculos sobre o meu clitóris. Rooke assiste, fascinado. “Seu corpo é perfeito”, diz. “Suas mãos são as coisas mais sensuais que vi. Não consigo parar de olhar. Deslize seus dedos dentro de você para mim, Sasha. Mostre-me. Mostre-me como você se fode.”

Nunca uso meus dedos para me foder. Sempre uso meu vibrador. É estranho estar explorando meu corpo, realizando atos pela primeira vez enquanto Rooke assiste. Cuidadosamente faço como ele pediu, e estou com meu dedo indicador primeiro para dentro, seguido pelo meu dedo médio. Os olhos de Rooke estão vidrados, cheios de luxúria e necessidade. Morde o lábio inferior, gemendo quando começo a bombear meus dedos dentro e fora da minha buceta.

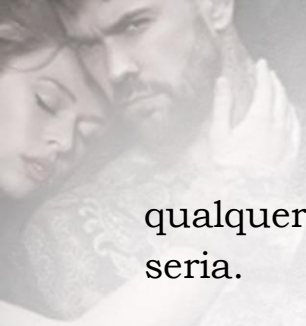


“Porra. Sério. *Foda-se*. Faça você mesmo para mim. Quero ver o momento em que você atingir o seu limite. Quero ver seu corpo tremer. Quero te ver arqueando as costas. Seus dedos se curvando. Venha, Sasha. Faça isso por mim.” Enquanto ele fala, trabalha seu punho para cima e para baixo em seu pau, seu aperto ficando cada vez mais forte. Os músculos de seus braços estão esticando, junto com os músculos de seus ombros. A respiração saindo em pequenas explosões afiadas. Ele está tão excitado agora. Posso ver a tensão no rosto dele. Quer me foder. Quer bater dentro de mim e me fazer gritar, mas está se segurando. Passou trinta minutos adorando meu corpo, me massageando, lamentando a dor que sofri. Ele está jogando seguro.

Normalmente não sou o tipo de garota que conduz no quarto, mas preciso que ele perceba algo. Preciso que perceba que quero que seja um pouco rude comigo agora. Estou tão cansada de pessoas pisando em ovos, ao meu redor. Estou tão cansada de pessoas olhando para mim com pena em seus olhos. Posso estar machucada e posso estar coberta por cortes e arranhões, mas, *não* estou quebrada. Estendo a mão e coloco minha mão sobre Rooke, meus dedos enrolando em torno de seu pau. Ele estremece no momento em que me conecto com ele, um olhar escuro e sinistro se formando em seus olhos.

“*Sasha...*”

“Rooke. Não. Por favor. Preciso de você para...” Não sei como terminar a frase. Preciso muito dele. Nunca deveria tê-lo deixado passar pela parede que eu construí, tão cuidadosamente, depois que Andrew foi embora, mas agora que deixei, seria uma tarefa impossível tentar voltar atrás. Ele me disse que era dele, e todas as minhas partes responderam a essa declaração. Eu *sou* dele. Ele *é* minha gravidade. Cada segundo gasto longe dele *é* um segundo desperdiçado. Quando estava deitada de costas no museu, aturdida e magoada, minha cabeça estava cheia de pensamentos sobre ele. Se desse a volta e saísse agora, ficaria arrasada. Sabia que seria assim. Protestei contra a ideia de formar



qualquer tipo de conexão com ele, porque eu sabia que era assim que seria.

"Diga-me", diz. "Me diga o que você precisa."

"Só... preciso de *você*."

"Sou um babaca, mas não sou um idiota, Sasha. Não vou te foder assim. Não vou."

"Por favor. Preciso de você. Quero você. Quero você dentro de mim. *Agora mesmo."*

Posso ver como é difícil para ele parar de agir. Apertando minha mão ao redor dele, ele rosna; o som ressoando profundamente em seu peito. "Se não soltar, Sasha..."

Que se lixe. Ele tem sido agressivo e arrogante o tempo *todo que o conheço, e agora se transformou em um cavalheiro? Não. Apenas não. Eu Me movo rapidamente, apoiando em um cotovelo para poder me inclinar para ele. Talvez não esteja esperando que aja de forma tão ousada, considerando* o meu estado maltratado. Não reage até que seja tarde demais, e sua ereção sólida como pedra está deslizando na minha boca.

"Jesus Cristo, porra", geme. "*O que... o... porra*?"

O prazer aumenta dentro de mim. O peguei de surpresa pela primeira vez. Seus músculos da coxa ficam tensos enquanto trabalho minha boca para cima e para baixo em seu eixo, meus olhos se fechando enquanto aprecio o gosto e a sensação dele. Sou boa nisso, sei que sou. Sei, porque todo o corpo de Rooke está tremendo, incontrolavelmente. Agarra meu cabelo de repente, rosnando como um animal enjaulado.

"Você está brincando com fogo. Quer que foda sua boca? Quer? Porque estou a três segundos de perder a cabeça, e então não há como voltar atrás. Não há como parar assim que acontecer."



Olho para ele, até o comprimento de seu corpo insanamente esculpido, e apenas olho para ele. Não preciso falar. Rooke mostra seus dentes em resposta, segurando meu cabelo ainda mais apertado.

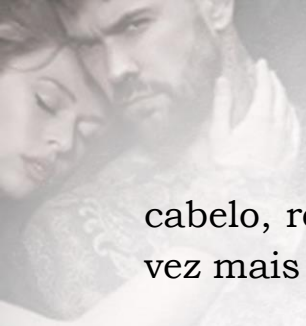
"Tudo certo. Quero sentir sua língua, Sasha. Não vou ser cuidadoso. Vou foder sua boca e você vai tomar tudo isto."

Levar tudo de Rooke à minha boca vai ser um desafio, com certeza, mas, estou tão excitada agora. Estou pronta para o que acontecer a seguir. Fecho meus olhos, mas Rooke gentilmente toca minha bochecha com a ponta do seu dedo indicador. "Olhos em mim, princesa. Não desvie o olhar. Quero ver o olhar em seu rosto o tempo todo. Quero que você veja meu pau deslizando em sua boca. Quero que *veja* o momento, assim como me sinto. Além de provar isto."

Deus. Li sobre este tipo de coisa no clube do livro — caras falando sujo, assumindo o controle de suas mulheres —, mas eu não tinha absolutamente nenhuma ideia de quão estonteante seria receber esse tipo de domínio. É viciante. É estranho e assustador, mas também é incrivelmente quente ao mesmo tempo. Rooke, balança seus quadris para trás, deslizando-se para fora da minha boca. Segurando o meu cabelo, mantendo-me no lugar, empurra na minha garganta novamente, até que mal posso respirar.

"Merda! Puta merda", ofega. "Estou tão profundo." Novamente repete a ação, retirando-se, em seguida empurrando de volta para a minha boca. "Não pare de se tocar, Sasha", ele comanda. "Quero suas pernas abertas para mim. Quero seus dedos na sua buceta. *Agora*. Faça isso por mim. Não me faça pedir de novo."

Sou dele para controlar. Poderia muito bem ser uma marionete em uma corda. Não tenho livre-arbítrio agora. Tudo o que tenho é o intenso desejo de agradá-lo, e farei isso por qualquer meio necessário. O olhar de Rooke é lançado entre as minhas pernas, me observando enquanto me fodo com meus dedos. Não posso tirar meus olhos do rosto dele, no entanto. Sua boca está aberta, lábios se separam ligeiramente. Sua testa está levemente franzida e há uma expressão de sombria concentração em seu rosto. Continua a enfiar-se profundamente na minha garganta, uma mão emaranhada no meu



cabelo, recusando-se a me deixar mover, e posso senti-lo ficando cada vez mais duro com cada movimento que ele faz.

"Deus, droga", ele geme. "Você vai me matar, Sasha. Vai me matar com essa sua boca."

Varro e giro minha língua, correndo sobre a cabeça de seu pênis, e ele estremece novamente, sacudindo violentamente. "Santa porra. Que merda." Ele quer. Quero tanto ele. O gosto dele é vertiginoso; não consigo ter o suficiente. Rooke finalmente me encara, acariciando sua mão livre pelo lado do meu rosto. "Você é tão perfeita", ele rosna. "Você é minha. É minha, porra. Não vou deixar mais nada acontecer com você. Não vou deixar ninguém mais te tocar. Prometo. Porra, estou chegando perto..." Sua cabeça balança para trás, e gemo. Ele é tão gostoso, não posso mais me conter. Bombeio meus dedos para dentro e para fora da minha buceta, alfinetes e agulhas frias e espirais abrindo caminho através do minha corpo. Posso sentir isso se construindo dentro de mim. Sei que vou se continuar fazendo o que estou fazendo, e neste momento nada nesta terra poderia me fazer parar.

Perto...

Perto...

Mais perto...

Quero fechar meus olhos. Quero afundar nessa euforia, permitir que me sobrecarregue e me envolva. Rooke me disse para não fazer isso. Mantenho meus olhos treinados nele, enquanto meu clímax bate em mim como a bala de uma arma. Grito, gemendo, me debatendo na cama, e Rooke reage na mesma moeda. "Porra. É isto aí, amor. É isto aí. Para mim. Todos os seus dedos por mim."

Seus movimentos se aceleram, seu pênis se afunda mais e mais na minha boca, e então fogos de artifício explodem na minha cabeça e ele também goza, tão forte que ruge, sua cabeça chutando para trás, costas se curvando para graus extremos, enquanto, se atrapalha em seu orgasmo. Engulo tudo. Não quero cuspir o gozo que ele deixa na



minha boca. Faz parte dele, uma parte vital dele, e quero dentro de mim.

"Puta merda." Ele engole em seco, soltando o meu cabelo. Deito de volta na cama, ainda olhando para ele, completamente atordoada pela fúria do que aconteceu entre nós. Rooke parece que também não pode acreditar.

"Dê-me a sua mão." sussurra. Levanto a minha esquerda, mas ele balança a cabeça. "A outra."

"Essa está coberta de..."

"*Dê para mim.*" Seus olhos estão tempestuosos, escuros e perigosos. Não está confuso agora. Levanto lentamente a mão direita, consciente do fato de que meus dedos estão escorregadios e molhados com a evidência do meu próprio orgasmo. "Acha que pode me engolir e não haveria consequências? Há consequências para todas as ações que você faz, Sasha. Isto é o que acontece quando você engole o meu gozo." Chupa meus dedos em sua boca, primeiro o dedo indicador e depois o dedo do meio. Seus olhos se fecham e ele lambe e suga, tomando cuidado para limpar cada um dos meus dedos. Se eu tivesse lido isto em um livro, poderia ter aceitado que seria quente e seguir em frente. Mas deixe-me dizer-lhe agora: Rooke Blackheath chupando seus dedos lisos e molhados, depois que você se fez gozar com eles, não é algo que pode seguir rapidamente na vida real. É a coisa mais erótica, sexual que já aconteceu comigo, e me delicio com isto.

"Sua buceta é minha, Sasha", diz em voz baixa. Seus olhos brilham, um pequeno e perigoso sorriso brincando nos cantos de sua boca. "Nunca me negue. Vou querer foder e lamber, e brincar com isso todos os dias. Se tentar me impedir, haverá consequências para *esta* ação também."



CAPÍTULO 22

O RITZ

ROOKE

"Não posso te dizer algo que não sei, cara. Sem essa! *Por favor*! Isto é doido, Rooke. Você me *conhece*. Lido com remédios e maconha. Não estou sendo pego com caras loucos que invadem museus."

Mike Maurízio, meu amigo e traficante de drogas, recua quando ergo o punho no ar. Meus dedos estão me matando. Não deveria ter usado minhas mãos nele, mas perdi a paciência. Tem sido um longo tempo desde que fiz isso. Eles ensinam a você muitas técnicas de controle da raiva no reformatório. Não acho que estava prestando muita atenção na época, mas em retrospectiva, algumas dessas técnicas devem ter trabalhado sua mágica em mim, porque faz anos desde que realmente perdi o controle.

Mike não se esforçou muito quando o joguei no porão sujo de sua mãe. Começo a sentir um pouco de remorso quando tenta se afastar de mim, mãos levantadas. "Você pode não trabalhar com pessoas como ele, Mike, mas você conhece receptadores e gosta de conversar. Os policiais disseram que esse cara queria roubar algo valioso do museu. Algo que poderia vender para ter lucro. Caras como este geralmente têm um comprador alinhado."

"Também li os jornais, cara. Esse cara era doido. Ele não tinha pensado em nada disso. Por que acha que teria um comprador alinhado?"

Este é realmente um bom ponto. Estou apenas enganando o Mike nesta fase, tentando assustá-lo para derramar qualquer coisa que possa saber. É uma tarefa fútil, estou ciente, mas estou no fim do meu juízo. Vasculhei a cidade enquanto Sasha estava no hospital, procurando pelo filho da puta ruivo que a machucou, e não tenho sido

remotamente bem sucedido em encontrá-lo. Encontrei cafetões e prostitutas, muitos viciados em metanfetamina e agiotas obscuros, traficantes, ladrões e vigaristas, mas não encontrei um cara ruivo, com um buraco no lado da cabeça.

Queria perguntar à Sasha, por uma descrição mais detalhada do bastardo, mais cedo, mas dei uma olhada nela e soube que ela não aprovaria isto. Seu belo rosto estava preto e azul. Lábio inchado e pesado, e parecia completamente exausta. Pedir a ela, para falar sobre o que aconteceu um pouco mais, era a última coisa que precisava. Provavelmente, não precisava de mim entrando em sua boca tão violentamente, mas merda. Ela assumiu. Poderia facilmente não ter tocado nela. Poderia tê-la deixado bem sozinha, mas eu poderia dizer que isso teria piorado as coisas. Ela precisava da liberação.

Seguro Mike pelo colarinho de sua camisa, empurrando-o em minha direção, quase o arrancando do sofá em que está sentado. “Diga-me onde levaria algo que desejasse vender, então. Algo raro. Facilmente reconhecível.”

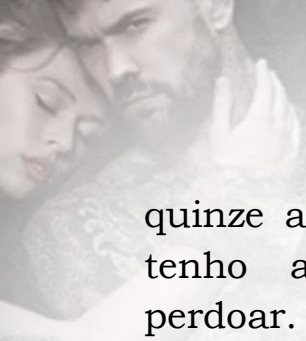
“Não sei. O Ritz, talvez? Arnold está pagando muito pelas coisas recentemente, não fazendo tantas perguntas como de costume. E mesmo que não tenha comprado nada, provavelmente terá uma ideia melhor de quem tem.” Solto Mike e ele passa o dedo pelo colarinho da camisa, franzindo o cenho. “Não precisava ser tão duro, cara. Agora minha mãe vai perguntar o que diabos tenho feito de novo. Tenho o suficiente acontecendo, sem você aparecer aqui, como uma pessoa louca, me batendo na cara sem motivo”.

“Você tem alguma maconha?”

“Quando *não* tenho maconha?”

“Ponto.” Caio no sofá ao lado dele, segurando minha cabeça em minhas mãos. “Desculpe cara. Estou mentalmente desgastado, agora.”

“Estou mentalmente desgastado todos os dias. Não saio por aí batendo nas pessoas.” Ele parece estar irritado, e realmente não o culpo. Graças a todos os medicamentos que fez uso, nos últimos



quinze anos, ele tem uma memória de cinco segundos. Tudo o que tenho a fazer é sentar aqui o tempo suficiente e vai me perdoar. Vasculhando uma pequena caixa de joias de madeira apoiada no braço do sofá, Mike tira um baseado e acende, enviando uma nuvem de fumaça sobre nossas cabeças.

"Você é tão gueto", o informo. "Você não ouviu falar de cachimbo?"

Ele segura uma lufada de fumaça; seu corpo começa a sacudir e solta, tossindo. "Nunca ouviu falar em pedir gentilmente, idiota? Teria dado esta informação, sem que precisasse me atacar primeiro."

Pego o baseado que me oferece e dou uma profunda tragada nele. "Você já... apenas... perdeu a porra da sua cabeça? Tipo, completamente perdido. Como se você não tivesse ideia de onde foi ou como recuperá-la?"

"Apenas uma vez. No acampamento de verão. Minha prima Brenda. Ela continuou flertando comigo e meu melhor amigo Damien. Eu a queria muito. Foi a primeira criança em nosso ano, a ter peitos. Não eram peitinhos." Ele coloca as mãos na frente de seu peito, apertando a carne imaginária. "*Peitos* reais."

"Urgh. Bruto. Sua prima?"

"Ei, quando você tem doze anos, coisas assim não importam. Nem por um minuto. Você sabe, Brenda se transformou em uma cadela de classe-A. Provavelmente ainda a foderia agora, se a oportunidade se apresentasse."

***

Estou bem chapado quando saio da casa de Mike. O Ritz é na verdade uma joalheria pequena, abaixo de uma pensão no Harlem; tanto a joalheria quanto a pensão são dirigidos pelo mesmo cara — um homem armênio baixo e acima do peso, chamado



Arnold. Toda vez que digo o nome dele, penso nisto *Hey, Arnold!* Aquele personagem de desenho animado com a cabeça em forma de bola de futebol. Na realidade, Arnold, do Ritz, não se parece em nada com o personagem fictício, mas parece que não consigo quebrar a associação.

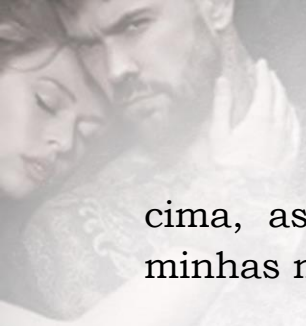
A alguns quarteirões de distância da loja, verifico o Rolex antigo no meu pulso, um presente dado a mim pela filha de um de nossos clientes que morreu no ano passado. O antigo dono do relógio vinha à loja de antiguidades há anos — anos a mais do que trabalhei lá — e entregou para Duke em seu testamento. Duke deu uma olhada no bracelete de couro marrom rachado e com brilho maçante no rosto e passou para mim sem pensar duas vezes. A peça deve valer cerca de quinze mil dólares, mas os gostos de Duke são um pouco mais caros e brilhantes.

São onze e quinze. Tecnicamente, Arnold já deveria estar fechado, mas, quando chego à esquina, na rua 125, quase não me surpreendo ao ver que a luz ainda resplandece na escuridão, escapando entre as fendas das persianas. Não bato na porta. Eu me certifico de tocar a campainha — em uma explosão curta e aguda para ter certeza de que ele sabe que é um dos seus regulares.

Dentro, muitos cães começam a latir; eles batem seus corpos na porta reforçada com as barras de aço, rosnando como selvagens. Depois de alguns instantes, a cabeça redonda de Arnold aparece do outro lado do vidro. “Você sabe, de onde venho, é considerado muito azar quando um corvo aparece na frente de sua casa”, diz. O ouço perfeitamente, mesmo com o barulho que os cães estão fazendo.

“Ainda bem que sou uma torre e não um corvo, então.”

Arnold acena com esse comentário, desbloqueando uma série de trancas do outro lado da porta. “Torre. Corvo. Eles são um e o mesmo para mim. O que você está fazendo aqui tão tarde?” Chuta um dos cachorros, espantando-o para que possa abrir a porta. Apesar de todos os seus ferozes latidos e estalos, correm para mim, pulando em



cima, assim que conseguem contorcer-se pela abertura, lambendo minhas mãos e ofegando.

“Estou à procura de alguém.”

“Não lido com pessoas. Lido com *coisas*. As coisas são mais fáceis de controlar. Chá?”

“Não, obrigado.” Entro na loja e Arnold começa a tarefa laboriosa de fechar todas as trancas de novo. O interior da loja cheira a canela e cravo, como as pequenas cigarrilhas pretas que Arnold fuma. Os balcões estão repletos de contrabando, provavelmente não visto durante o horário normal de funcionamento: armas de fogo, facas, um conjunto de socos ingleses. Uma barra de ouro repousa sobre uma pilha de faturas, como se fosse um peso de papel comum.

“Tem certeza de que não vai tomar um pouco de chá Lapsang Suchong?” Arnold murmura, mancando ao redor do balcão.

Enrugo meu nariz em resposta.

“Tudo bem. Se mudar de ideia, guarde para si mesmo. Já será tarde demais.”

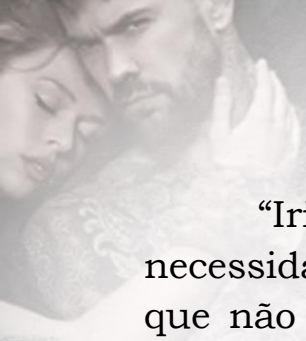
“Vou ficar bem.”

Arnold mede folhas de chá soltas em um coador prateado com mãos trêmulas e retorcidas. “Quem é essa pessoa que você está procurando?” Pergunta sem rodeios, ainda fazendo sua tarefa.

“Um parasita. O cara que invadiu o museu no outro dia. Sabe de quem estou falando?”

“Sei que alguém invadiu o museu no outro dia. Não sei mais nada, eu receio.”

Não sei se acredito nele. Está olhando para baixo, focado em não derramar folhas de chá em todos os lugares, e não posso conseguir alguma pista sem olhá-lo diretamente nos olhos. Eu me abaixo, inclinando-me pesadamente contra o balcão. “Ele machucou alguém. Um amigo meu. O que você faria se alguém machucasse um de seus amigos, Arnold?”



“Iria matá-los, é claro”, diz suavemente. “Entendo sua necessidade de encontrar essa pessoa, Rooke. Isso não muda o fato de que não posso ajudá-lo. Queria poder. Se pudesse te dizer um nome ou um endereço, ficaria feliz e gostaria de fazer você feliz. Especialmente quando é tão tarde da noite e gostaria de terminar meu inventário e ir para a cama. Mas como não tenho ideia de quem seja essa pessoa, lamento que tenhas de deixar a minha loja como um homem infeliz. Isso me magoa, realmente magoa.”

Ferir Arnold não é realmente uma opção. Não se eu não quiser me colocar de joelhos e largado no Hudson. Além disso, o cara é velho. Seria errado bater nele. Pelo menos Mike poderia ter lutado se tivesse a merda das pedras.

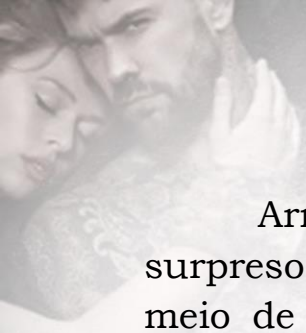
Não devo nada a Arnold, e você acha que isso me colocaria em suas boas graças. No entanto, se deve algo a Arnold, está em dívida com ele de mais de uma maneira. Não deve apenas dinheiro. Deve a sua fidelidade, está à sua disposição. Deve um favor, e ele cobra esses favores. Se não lhe deve nenhum favor, há um desequilíbrio de poder no relacionamento no que diz respeito a Arnold. Por alguma razão, ele provavelmente vai ajudá-lo se achar que você é igual a ele, o que significa que estou sem sorte nesta frente.

A única maneira que vou conseguir que um cara como Arnold, me ajude, é se tiver algo para penhorar com ele, ou vender diretamente para ele com desconto. Imediatamente penso no meu relógio, mas depois mudo de ideia. Sou sentimental sobre a coisa. Não tenho ideia do porquê, mas desistir, mesmo quando recebi isto, como um presente, parece errado de alguma forma. Não tenho mais nada de valor, então onde é que isto me deixa?

Arnold termina o ritual de fazer o chá e levanta a xícara de chá comicamente pequena à boca, soprando no líquido pálido no interior.

“Sua mãe veio aqui ontem”, ele diz suavemente. “Ela estava procurando por você.”

“Minha *mãe*?”



Arnold inclina a cabeça para um lado, indicando que estava tão surpreso quanto eu agora. A maioria das pessoas conhece Arnold por meio de negócios desonestos e travessuras dissimuladas. Foi assim que o conheci, pela segunda vez na minha vida. Na *primeira* vez que o conheci, era o antiquário de meu pai e um amigo da família. Passei verões aqui, catalogando as vendas de acervos que entravam e varrendo as prateleiras altas, que nunca haviam sido removidas antes. Depois veio o ensino médio e todo o caos que se seguiu com a puberdade, e Arnold simplesmente desapareceu do pano de fundo de nossa vida familiar. Era um tio amigável que simplesmente... desapareceu.

Na segunda vez em que o conheci, fui espancado violentamente, e um viciado maluco, estava tentando abrir minha cabeça com um cano de ferro, sobre um saco de dinheiro que eu estava transportando para Jericho. Dinheiro do carro. Dinheiro da máfia. Isto é, *o* dinheiro *de Arnold*. Toda nota de dólar manchada de sangue, que passa por mãos no subterrâneo de Nova York, acaba voltando para ele. É muito estranho que minha mãe viesse aqui procurando por mim. Não mencionei Arnold para ela há anos. Não tem ideia de que ainda estou conectado com ele agora.

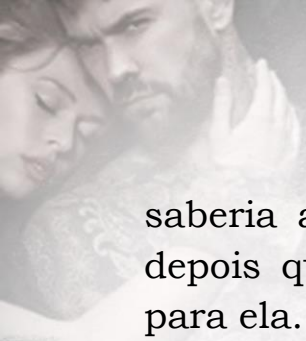
“Ela me trouxe este chá”, diz Arnold. “Estava perguntando se sabia como você estava se sustentando ultimamente. Disse a ela que não o via há muito tempo, é claro. Ela estava... incerta, digamos assim.”

“Ela sabe o que você faz aqui?”

Arnold me lança um olhar penetrante e frio. “Sabe que vendo joias? Que forneço serviços de cama e café da manhã para aqueles que precisam disso? Suponho que saiba. A placa acima da porta indica claramente estas coisas.”

“Tudo bem. Esta foi uma pergunta estúpida. Sinto muito.”

Arnold grunhe de acordo. “Sua mãe é uma designer de interiores. Corta as crostas dos sanduíches. A contagem de fios nos lençóis da sua cama chega aos milhares. Como uma mulher assim



saberia alguma coisa sobre os negócios obscuros que ocorrem aqui depois que o sol se põe? Pensei que talvez tivesse mencionado algo para ela...”

A maneira como termina sua frase é uma sugestão. Uma mortal. Se pensar por um segundo que estive correndo minha boca, ou mesmo acidentalmente proferindo seu nome em círculos, onde nunca deveria ser dito, sou um filho da puta morto. Balanço minha cabeça, rindo sob a minha respiração. “Não sou tão descuidado, Arnold. Você sabe que não sou.”

Olha para mim por um segundo, e então acena com a cabeça uma vez; curto e afiado. Um aceno decisivo. “Verdade. Melhor isto ter trazido à sua atenção, no entanto. É melhor que esteja ciente de um potencial problema no horizonte agora, e não depois.”

“Potencial problema?”

Arnold, mestre de dizer coisas muito barulhentas com o mais silencioso dos gestos, bate a ponta do dedo indicador contra a borda da xícara. “Bem, claro. É sua mãe, Jan. E não é sempre dever de um filho cuidar do bem-estar de sua mãe?”



CAPÍTULO 23

FELIZ ANIVERSÁRIO

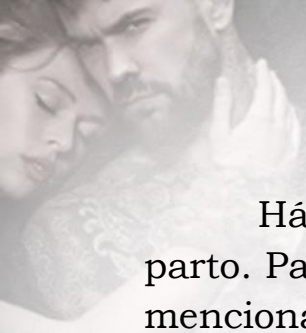
SASHA

Duas semanas depois

Quatorze dias. Quatorze dias podem mudar tanta coisa. Todos os dias, Rooke ficou comigo, cuidando de mim como disse que faria. Ele ocasionalmente vai para o trabalho e Ali vem. No segundo que está em casa, ele a faz sair e nós caímos na cama, agarrando o corpo um do outro como lunáticos, beijando, lambendo, acariciando, sugando... Eu me tornei intimamente familiarizada com cada parte de seu corpo, e ele com o meu. Ele me diz o que quer e eu faço sem questionar. Se diz que me quer de joelhos, eu estou lá. Se me disser para ficar parada, estou congelada no local. Se ele manda eu me foder com os dedos enquanto ele assiste, eu faço sem corar. Não tenho medo. À noite ele me segura em seus braços e durmo. Eu não sonho. Os pesadelos me deixam quando estou seguramente aninhada com a cabeça no seu peito. Eu mantenho a porta do quarto de Christopher trancada, e Rooke não faz perguntas.

Ele realiza o impossível: por um momento muito breve no tempo, contra todas as probabilidades, estou estranhamente feliz. Um dia chega logo, porém, onde ele simplesmente não pode ficar, eu minto para ele, digo que Ali está vindo, e ele vai trabalhar, e eu me preparo para a dor que estou prestes a sofrer.

Ainda mais que está perto do Natal, temo o dia 8 de dezembro. Eu temo que a data suba em mim mais do que temo o aniversário do acidente. Temo mais do que qualquer outra coisa no mundo. Neste dia, onze anos atrás, eu estava deitada de costas no corredor em casa, gritando em agonia quando meu garotinho veio o mundo. Hoje é o aniversário de Christopher.



Há algumas coisas que as pessoas não lhe dizem sobre o parto. Parteiras, médicos, novas mães... A primeira coisa que não mencionam é o despedaçar. Você pode literalmente sentir isso, seu corpo se partindo da maneira mais aterrorizante quando uma criança do tamanho de uma bola de boliche sai da sua vagina. A segunda coisa que não mencionam é a sua enorme necessidade de fazer cocô sobre si mesma. Andrew sempre disse que sabia sobre essa parte, eles cobriram isso nas aulas de preparação do parto que participamos, mas não conseguia me lembrar. Talvez eu tenha bloqueado a informação, apagado da minha memória, considerando-a muito angustiante para processar no momento. Eu certamente fiquei surpresa com o rumo dos acontecimentos quando estava em trabalho de parto.

A terceira coisa que as pessoas tendem a encobrir, ou pular inteiramente ao lidar com mães em breve, é o pânico. Você está tão animada quando vê aquela pequena cruz rosa se desenvolver no teste de xixi que comprou às 3 da manhã na farmácia que funciona a noite toda. É muito divertido comprar pequenas meias e macacões que dizem: “O anjinho da mamãe” neles. Colocar o berço e decorar o quarto é tão excitante que é quase demais para suportar. Mas a parte do parto? De empurrar? O desejo é tão forte, tão poderoso, tão inegável que te pega de surpresa. Eu não tinha ideia de que meu corpo poderia exigir algo de mim de tal maneira. Um vício é difícil de superar, mas com o apoio certo e uma dose saudável de fortaleza mental, ele pode ser superado. Não isso, no entanto. É tão urgente e vital quanto respirar. Quando as contrações me atingiram, vindo incrivelmente rápidas e fortes, eu tive que empurrar. Tive que abaixar, expulsar o minúsculo ser humano do meu corpo, e não tive escolha no assunto. Um pânico incapacitante me atingiu, então. Eu não estava pronta. Eu não estava preparada. Eu ia ser uma mãe horrível. Eu não deveria ter sido responsável por trazer outra vida ao mundo.

Todos disseram que as primeiras contrações eram terríveis. Foram as contrações mais longas, mais dolorosas, duras e difíceis da vida de uma mulher. Elas não deveriam se esgueirar em você quando menos está esperando por elas, um mês inteiro antes da sua data de parto, quando você está se preparando para encontrar sua

amiga para o café, e definitivamente não deveriam se transformar em dilatação total em menos de trinta minutos.

Eu não tive tempo para pegar minha mala de viagem. Minha bolsa de noite nem foi embalada corretamente. Andrew estava em um voo para San Antonio e não estava atendendo ao telefone. E a ambulância? Não deveria estar presa em noventa centímetros de neve a oito quarteirões de distância, incapaz de me alcançar.

Dar à luz talvez tenha sido a experiência mais assustadora da minha vida. Mais assustadora do que ser agredida no museu. Então, eu estava com medo apenas da minha própria vida. Estar sozinha e tentando passar por essa experiência foi assustador, porque não foi apenas sobre mim. E se algo desse errado? Ele estava respirando? E se ele tivesse o cordão umbilical enrolado no pescoço, cortando o oxigênio?

Eu suportei aquele breve momento de insanidade, dor e preocupação com um tipo estranho de clareza que me fez perceber que nada mais seria o mesmo quando terminasse, de um jeito ou de outro. E eu estava certa. Nada nunca foi.

Começo a beber as sete da manhã. Limpo uma garrafa inteira de Malbec, bebendo da garrafa enquanto sento no último degrau da escada de pijama, olhando para o piso em frente à porta da frente. Meu celular começa a tocar as oito — um número do Texas. Andrew, ligando para me checar, sem dúvida. Eu não conheço ninguém no Texas, e quem mais estaria ligando hoje entre todos os dias de qualquer maneira? Ele deve ter escapado por um momento, saiu pela porta dos fundos, longe de sua nova esposa, no quintal ou algo assim. Seu dedo está pressionado no ouvido para que possa ouvir melhor enquanto espera que eu atenda. Ele pensou no que eu vou dizer quando atender? Ele tem um roteiro preparado e pronto? *Oi Sasha. Como você está? Bem, espero...*

Duvido que chegou tão longe para ser honesta. Há anos ele tem ligado nesse dia, e nunca atendo. Ele só faz o que acha que é a coisa certa, ligando, e eu faço o que acho que é a coisa certa, ignorando o meu telefone a todo custo. O sistema funciona bem para nós dois.

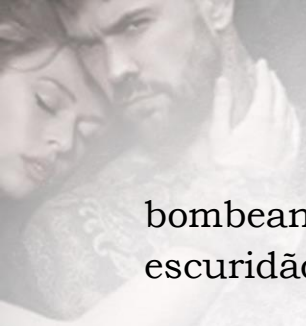


Abro uma garrafa de vodca às 9 da manhã. O corredor está girando quando estou a poucos centímetros de acabar com a garrafa. O doutor Hathaway perderia a cabeça se soubesse que eu estava fazendo isso de novo. Eu posso ouvir sua desaprovação soando em meus ouvidos quando coloco o gargalo da garrafa de vodca na minha boca e tomo outro gole longo e profundo.

"Você perdeu seu filho, Sasha. Beber vai trazê-lo de volta? Você já sabe o quão destrutivo é esse comportamento. Por que continuar andando em uma direção quando sabe que está indo mais longe da direção que você deveria seguir?"

Mas foda-se esse cara. A coisa sobre os terapeutas é que eles geralmente não estiveram com os tornozelos profundamente enterrados na miséria. Eles ficam com os pés molhados apenas observando a dor e o sofrimento de seus clientes. Eles geralmente têm famílias estáveis, felizes e saudáveis. Quadros emoldurados de seus filhos idiotas em suas mesas. Esposas ou maridos ligando quando as sessões se atrasam para ver quanto tempo levará até chegarem a casa. Eles não sabem o que é estar imerso na miséria, pois a superfície da água está a quilômetros de distância e você estar tão cansado que é apenas uma questão de tempo antes de afundar e se afogar. Hathaway não sabe que ir pelo caminho errado é a única coisa que mantém você vivo, às vezes, independentemente de quão inseguro e cheio de perigo esse caminho pode ser.

Ao meio-dia, estou tão fodida que nem consigo mais levantar a garrafa quase vazia de vodca. Deito-me de costas no chão, onde dei à luz, e rio pela maneira como a sala está se movendo de um lado para o outro. Meus ouvidos estão tocando como loucos. Em algum momento, acho que vou vomitar. Eu rolo de lado, meu corpo se curvando enquanto vomito, mas não me lembro se estou doente ou não. Eu desmaio. Deslizar para o esquecimento parece ser a opção mais inteligente para mim agora. Um som surdo de batida meio que me acorda algum tempo depois, o som do meu coração talvez, batendo no peito, lutando para funcionar sob o estresse de todo o álcool



bombeando em torno do meu corpo, mas o ignoro. Eu caio de volta na escuridão. Eu escorrego, escorrego, caio, caio...

Vidro quebrando.

Ar gelado, batendo nas solas dos meus pés.

Mãos em mim, me virando.

Vozes frenéticas, chamando meu nome.

"Sasha? Puta merda. O que é que você fez?"

Andrew, não no Texas... Andrew, aparecendo na minha vida novamente depois de todo esse tempo, gritando comigo, tão, tão desapontado de novo.

"Abra seus olhos, baby. Venha, abra-os para mim. Vamos. Você pode se sentar? Oh, Deus... que... *porra*?"

Eu gemo, tentando me libertar das mãos do meu ex-marido. Quem diabos ele acha que é invadindo aqui, tentando me dizer que porra devo fazer? Como ele se atreve a voltar aqui? Como ele ousa...

Meu estômago revira quando ele me vira. Flashes brilhantes de luz explodem atrás dos meus olhos. Tento abri-los, e tudo está embaçado, distorcido, entortado e fora de forma. O rosto de Andrew não parece certo. Seu cabelo é escuro. Os olhos dele são...

Rooke.

Oh Deus, não. Rooke invadiu minha casa, não Andrew. Rooke está curvado, trabalhando freneticamente em cima de mim, tentando me fazer sentar. Não posso respirar.

"Cacete, Sasha", ele sussurra. "*O que você fez?*"



***

"Faça uma troca de nossos regulares. Eu tive que esvaziar os estômagos de um bando de garotos de fraternidade na semana passada, mas não de uma dona de casa de trinta anos. Você acha que ela bebeu remédios? Ela é muito bonita. Parece que lutou contra Tyson ou algo assim."

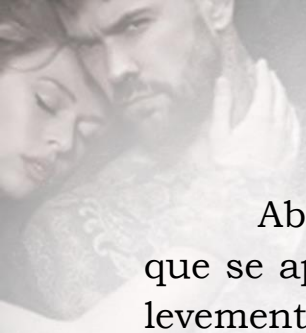
Eu posso ouvir as enfermeiras falando do lado de fora do meu cubículo. Posso ouvir uma série de coisas perturbadoras — o som de um monitor cardíaco, o som de uma criança chorando em algum lugar distante, um homem e uma mulher discutindo alto em russo em algum lugar mais próximo — mas as enfermeiras falando de mim é a coisa mais perturbadora que chega aos meus ouvidos.

"Quem sabe? Embora eu não ficaria tão surpresa se ela apenas bebesse desse jeito. Acontece com mais frequência do que você imagina. O marido está traindo, passa muitas noites no escritório "trabalhando". Não presta atenção a ela. As crianças são pequenas merdas ingratas, fazendo motim o tempo todo. Um drink de vodca parece uma boa ideia. Então, um segundo parece uma ideia ainda melhor. De repente você está desmaiada em seu corredor em uma poça de seu próprio vômito e seu sobrinho quebra a porta para tirar você do chão."

Ah. *Sobrinho*. Fecho meus olhos, na esperança de abafar o som da conversa, mas isso não ajuda. Parece que minhas veias estão cheias de água gelada. Estou com frio até os ossos e, ainda assim, minha pele está escorregadia de suor. Não sei há quanto tempo estou aqui ou o que realmente aconteceu para me internarem no hospital, mas tenho uma ideia bastante decente. Eu me lembro de Rooke me levantar do chão e me carregar em seus braços. Eu me lembro do som de vidro quebrado esmagado sob suas botas.

Então...

Escuridão.



Abro os olhos, ligeiramente assustada com a lembrança do nada que se apoderou de mim. A cortina ao redor da minha baía se contrai levemente, e metade do rosto aparece — um olho azul, uma narina e um pouco de batom rosa brilhante. O olho se abre e a cortina volta ao lugar.

"Ela está *acordada*", a enfermeira assobia. "Merda, você não acha que ela ouviu...?" Há um som arrastado, e a cortina está aberta, revelando um cara alto de seus quarenta anos usando um jaleco branco e uma camisa xadrez. Ele parece chateado. As duas enfermeiras o seguem até a baía, os olhos grudados no chão, as bochechas rosadas. Parece que acabaram de ser pegos fofocando sobre mim.

"Boa noite, senhorita Connor. Eu sou o doutor Elias Soames. Esta é a enfermeira Wheatley e a enfermeira Diddick. Tenho certeza de que você está familiarizada com elas agora."

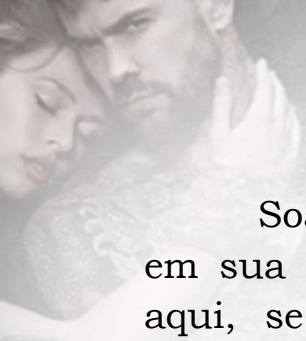
"Você poderia dizer isso." Minha garganta dói quando falo, crua, como se eu tivesse vomitado por horas e horas. O doutor Soames deve me ver estremecer, porque enfia a mão no bolso e tira uma pequena lanterna preta e se inclina sobre mim.

"Abra para mim", diz ele. Abro minha boca e ele franze a testa gentilmente enquanto me inspeciona. "Sim, infelizmente sua garganta está um pouco inflamada. Não é incomum quando você sofre uma lavagem estomacal. Diga-me, como você está se sentindo?"

"Como se tivesse acabado de ser atropelada."

"Bem, suponho que é isso que você ganha quando bebe demais. Seu nível de álcool no sangue estava perigosamente alto, Srta. Connor. Isso é algo que acontece regularmente?"

Oh deus. Isso não pode estar acontecendo. Eu quero puxar os lençóis sobre a cabeça e me esconder, mas isso não parece ser uma maneira particularmente adulta de lidar com a situação. "Não", eu digo. "Isso não acontece. Hoje é só... apenas é um dia particularmente difícil para mim, é tudo."



Soames acena de maneira profissional. “OK. Eu vou acreditar em sua palavra para isso. Por favor, saiba que há ajuda disponível aqui, se precisar, no entanto. Tudo o que precisa fazer é pedir ajuda. Agora, há um jovem na sala de espera que está perguntando por você pelas últimas seis horas. Nós o avisamos que seria melhor ir para casa e esperar que você ligasse, mas...”

“Está bem. Você pode deixá-lo entrar.” Eu adoraria que eles mandassem Rooke embora. Estou me sentindo tão humilhada agora. Como eu parecia, esparramada no chão assim? E em uma piscina do meu próprio vômito, não menos. Perfeito. Seria muito melhor se pudesse me esconder aqui por mais algumas horas, depois ir para casa e me esconder em minha vergonha por alguns dias antes de vê-lo novamente, mas se há uma coisa que sei sobre Rooke Blackheath, é que ele é um homem teimoso e persistente. Enquanto eu estiver aqui, ele não irá apenas para casa. Ele vai levantar o inferno até que seja preso ou possa colocar os olhos em mim, e não quero que ele entre em apuros. Não por minha causa.

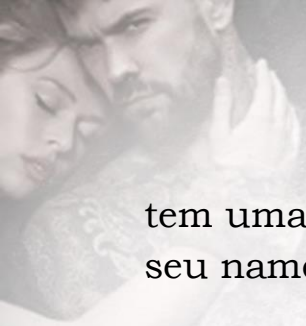
Soames lança um olhar ácido para uma das enfermeiras, que foge. A outra enfermeira parece perdida por um momento, e então vira de costas e sai também. Soames balança a cabeça levemente. “Por favor, aceite minhas desculpas por elas. O bate papo ocioso é mais frequente neste hospital do que o resfriado comum. Vou ter uma conversa séria com elas, prometo.”

“Está tudo bem. Tenho certeza de que elas estão apenas dizendo o que todo mundo está pensando de qualquer maneira.”

Ele recolhe minha ficha do pé da cama e rabisca algumas notas sobre ela, então a recoloca. “Nós vamos mantê-la aqui por mais uma hora ou mais. Quando seus fluidos estiverem de volta, você estará livre para ir para casa. Posso fazer uma sugestão, senhorita Connor?”

Tenho a sensação de que não vou gostar desta sugestão.

“Não deixe que o que as outras pessoas pensam afetá-la”, diz ele. “Há sete bilhões e meio de pessoas neste mundo e cada uma delas



tem uma opinião. A única opinião que importa para você é sua. E a do seu namorado, claro."

Eu dou-lhe um sorriso fraco. "Então *você* não acha que ele é meu sobrinho?"

Soames sacode a cabeça. "Um sobrinho não ficaria tão aterrorizado. Só uma grande quantidade de amor pode fazer um homem entrar em pânico desse jeito." Ele se vira, prestes a sair, mas depois parece pensar duas vezes, pairando na beirada da cortina. "Uma vez eu namorei uma mulher que era mais velha que eu. *Significativamente* mais velha. Todos disseram que nunca funcionaria. Eles nos deram seis meses. Um ano, no máximo. Fico feliz em dizer que estavam todos muito errados."

"Vocês fizeram funcionar?"

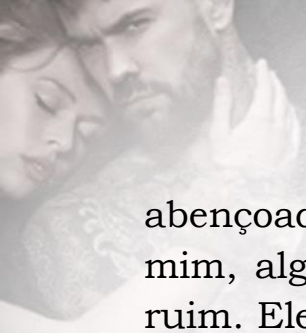
Ele sorri. "Estamos casados há quatorze anos."

Ele sai assim que Rooke chega. Soames estava certo: ele parece estar em pânico. Ele está pálido e curvado, sua arrogância habitual fugiu dele. Mal vê o médico enquanto passa por ele. Sentado na beira da cama, Rooke entrelaça os dedos no colo, olhando para as mãos. Ele suspira pesadamente. "Eu estive pensando", diz ele. "Enquanto estavam te tratando esse tempo todo, eu estava sentado na sala de espera, pensando."

"Parece estressante", sussurro.

"Sim. E como. Veja, nós estamos quase morando juntos há duas semanas, e eu me senti um merda. Eu sei de algo que não deveria saber. Você vai ficar brava quando eu te contar o que sei, e você vai me dizer que não quer mais me ver."

O medo afunda, pesado como uma pedra. Do que ele está falando? No entanto há apenas uma coisa que ele poderia ter descoberto que me faria reagir assim. Eu já sei disso. Eu só não quero admitir para mim mesma, porque isso significará que não haverá mais santuário em Rooke. Ele está separado de qualquer coisa relacionada ao meu passado esse tempo todo. Isso foi um alívio



abençoado. Quando olho para ele, não vejo alguém que tenha pena de mim, alguém que esteja potencialmente me julgando como uma mãe ruim. Ele é apenas um cara, e eu acabei por ser uma garota. Agora, embora...

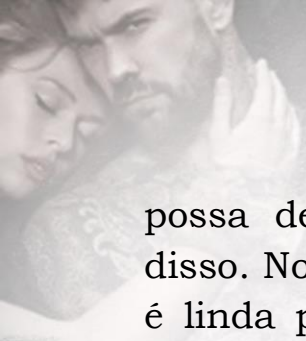
Rooke ergue a mão direita e soletra lentamente o nome de Christopher.

"Como você sabe fazer isso?" Pergunto em uma voz plana.

"Você pode aprender qualquer coisa no Youtube. O Google me contou o resto. Sobre você. Sobre o acidente. Sobre você perder o seu filho."

Um peso paira no ar. Você poderia cortá-lo com uma maldita motosserra. Nenhum de nós diz nada por um tempo, o que me dá tempo para compilar meus pensamentos. Ele está certo: minha resposta imediata ao fato de ele saber sobre meu filho é gritar com ele. Dizer-lhe que ele não tem o direito de saber disso. Dizer a ele que quero que ele vá, que deixe a minha vida e nunca mais me ligue ou apareça na minha porta de novo. Talvez seja isso o que eu teria feito há alguns meses. Até três semanas atrás. Desde que o conheci, porém, as coisas estão diferentes. Ele me desafiou tantas vezes a abordar minha vida de outra maneira. Para ir além do que acho que devo ou não fazer. E, mais que isso. Ele me mostrou que outras pessoas não são necessariamente sempre quem você pensa que são. *Eles* nem sempre estão de acordo com a ideia de sociedade que eles devem ter, ou como *eles* devem agir. Eu conto até dez muito lentamente na minha cabeça. Eu só cheguei a sete quando sinto seus dedos traçando o lado do meu rosto.

"Eu não estou dizendo que você deveria ter me contado. Estou dizendo que você *pode* me dizer", ele sussurra. "*Qualquer coisa.* Eu te disse a pior coisa sobre mim quando normalmente nunca diria uma palavra sobre minhas atividades extracurriculares. Eu queria que você conhecesse a parte mais sombria da minha vida, porque já sabia sobre a sua e não parecia certo, injusto, de alguma forma. Mas você me ouviu e não me mandou embora. Eu sabia que não iria, porque isso não é algo para o que você vire as costas, Sasha. Não há nada que



possa desligar isso agora. Essa coisa entre nós... você tem medo disso. No momento em que parar de temer e aceitar, poderá ver como é linda pra caralho. E no momento em que aceitar, também será o momento em que não terá que carregar essa merda por conta própria."

Eu sei que estou prestes a chorar. No segundo em que abro minha boca e tento falar, minha garganta se fecha e me engasgo com as palavras. Eu ainda tento, no entanto. "Não é tão fácil. Não é algo que eu possa passar para outra pessoa, então alguém pode carregar metade da carga para mim, Rooke. Isso está entranhado dentro de mim agora. Seria como tentar dar metade da minha alma."

"Eu vou tomar parte da sua alma", diz ele em voz baixa. "Me dê a parte ferida. Dê-me a parte que te machuca toda vez que respira. A parte que é tão pesada que você não acha que pode mais carregar. Eu vou cuidar disso para você."

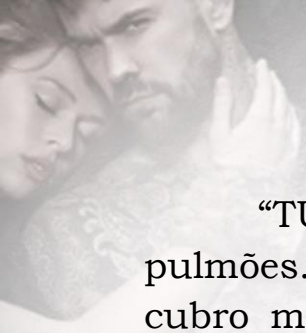
Eu me sinto como se tivesse sido atingida com algo duro e contundente. Rooke apenas olha para mim com um olhar firme em seu rosto, e posso sentir meus olhos ardendo, minha garganta se fechando. Ele quer dizer isso. Eu li em todas as suas linhas; ele carregaria minha dor se pudesse. Eu não tenho ideia do porquê, mas ele faria. Mesmo Andrew não poderia fazer isso por mim. Suponho que faz sentido que ele não pudesse — afinal, ele tinha sua própria dor para carregar. Kika, Kayla, Ali e Tiffanie tentaram ajudar com a carga, mas logo todas se curvaram sob a pressão daquela indiferença. Algo no jeito que Rooke está olhando tão fixamente para mim agora, o aperto cerrado de sua mandíbula e a posição de seus ombros, me diz que ele poderia fazer isso. Se eu o deixasse, se soubesse como, ele levaria cada uma das dores que eu possuo, até quase eu nem sentilas mais.

"Eu não posso fazer isso", sussurro. "É muito."

"Não tem que ser assim."

"Você não entende."

"Eu posso tentar. Você poderia me *deixar* tentar. O que tem a perder?"



“TUDO!” Eu respiro fundo e engasgo com o ar fluindo em meus pulmões. Deus, não posso lidar com isso. É tão difícil. É muito. Eu cubro meu rosto com as mãos; envergonhada de repente por estar chorando.

“Por que você perderia tudo?” Pergunta Rooke.

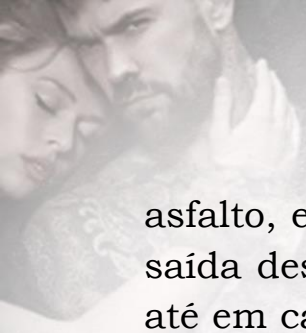
“Porque. Se eu confiar em você, se me tornar vulnerável, tenho que derrubar as paredes que passei construindo por tanto tempo. E se não der certo entre nós, se confiar em você e você me desapontar, ou se eu estragar as coisas, não há como ser capaz de colocar essa parede de volta. De jeito nenhum. Demorou muito para construí-la na primeira vez. Não tenho mais nada, Rooke. Sério. Eu não tenho mais nada.”

***

Eu odeio ser levada para fora do hospital em uma cadeira de rodas. Isso aumenta minha humilhação a graus insuportáveis. Parece que todo mundo está olhando para mim, observando, me julgando. Rooke está quieto há muito tempo. Ele está fervendo; eu posso sentir o aborrecimento e decepção saindo dele como o calor de uma calçada no verão, e isso está deixando as coisas realmente desconfortáveis. Eu disse a ele que não precisava parar e me levar de volta para minha casa, e ele apenas grunhiu. Ele falou com a enfermeira sobre os cuidados que eu poderia precisar em casa — muita água, muito descanso — e então me ignorou.

Está chovendo lá fora. Gotas de água grandes, gordas e pesadas, que explodem toda vez que batem na calçada. O céu parece sombrio e sério, muito parecido com Rooke, enquanto me ajuda a levantar e devolve a cadeira de rodas para um assistente perto da porta.

“Espere aqui”, diz ele. Ele não olha para mim enquanto corre para a chuva, presumivelmente procurando por um táxi. Eu o vejo ir, seu cabelo encharcando instantaneamente enquanto atravessa o



asfalto, e eu não posso deixar de olhar em volta, procurando por uma saída dessa situação. Se eu fugir agora, é improvável que ele me siga até em casa. Depois de me levantar do chão e me levar ao hospital, ele não deveria querer me ver nunca mais. Eu desaparecer seria a saída perfeita para ele.

Ele desaparece. Eu estico meu pescoço, tentando localizá-lo na chuva cada vez mais forte, mas ele é o único que desapareceu. *Ele é* o único que se escondeu no crepúsculo.

Afasto-me para trás, para longe da calçada, enquanto um sedan preto para na frente da entrada do hospital. A janela zumbe, e então Rooke salta do banco do motorista e dá a volta no veículo para abrir a porta do passageiro para mim.

Eu apenas olho para o carro e para ele, processando o fato de que ele tem um carro. “Você pegou isso?” Pergunto.

Ele inclina a cabeça, olhando para o carro. Ele está cansado, no entanto. Ele não está realmente vendo isso. “No sentido mais ilegal da palavra, sim”, ele confirma.

“O que isso significa?”

“Eu roubei de um dos seus vizinhos.” Ele fecha a porta, cortando meu suspiro horrorizado. Então sobe no banco do motorista e fecha a própria porta, prendendo o cinto de segurança no lugar. Rooke segura o volante com as duas mãos, os olhos voltados para frente. “Você não vai colocar o cinto de segurança?”

Eu continuo a olhar para ele com a boca aberta.

“Jesus Cristo, Sasha.” Ele se inclina e agarra meu cinto de segurança, puxando-o pelo meu corpo, tateando enquanto tenta colocar o clipe de metal no encaixe. Eu afasto o cinto de segurança dele, arrancando-o de suas mãos.

“Sério? Você está seriamente preocupado comigo quando o carro em que estamos é *roubado*?”

“Eu estava brincando. Porra. Este é o carro de Jake.”



“Quem é Jake?”

Virando-se para mim, seus olhos estão brilhando, cheios de fogo. “Jake é meu companheiro de quarto. Eu vivi com ele nos últimos quatro anos. Você saberia disso, mas não faz perguntas pertinentes sobre quem eu sou ou sobre a porra da minha vida. Você só se concentra na merda que não importa para ninguém além de você. Mas você vai, Sasha. Não vou deixar que entre em pânico. Eu estou bem, ok? Estou de volta, permitindo que você foda isso, esperando que você descubra essa merda em seus próprios termos. Se tiver que forçá-la a ver isso, eu vou. Você acha que não vou trancar você em um porão e fode-la até que possa finalmente ver o quão importante isso é? Você acha que eu não vou te manter refém até admitir como se sente? Que está apaixonada por mim? Que o jeito que te toco te excita além das palavras? Eu fui para a cadeia, Sasha, e é literalmente o pior lugar do mundo. É fedorento, você está preocupado em não ser estuprado vinte e quatro horas por dia, e a comida é suficiente para te fazer vomitar três vezes ao dia. Eu desprezei aquele lugar, mas estou disposto a arriscar a voltar, se isso significa que você vai sair dessa merda e apenas se comportar. Você me ouve? Você me entende?”

Em que ponto eu cedo? Ele fala essas palavras verdadeiras para mim e estou cega por elas. Não consigo ver qual caminho seguir. Estou confusa, perdida e com tanto medo das consequências de realmente me permitir me apaixonar por ele que empurro contra a própria ideia dela como uma criancinha, recusando-me a aceitar o inevitável. Entretanto, há mil maneiras de me machucar toda vez que pisar fora da minha porta da frente. Meu coração é um músculo resiliente agora. Foi uma surra tão grande, tive tantas experiências em lutar para me curar várias vezes, que pensei que não havia como me recuperar da dor que sentia e, no entanto, cada vez encontrava uma maneira de me curar, recuperar e continuar pisando naquela porta da frente.

Se ele me machucar, posso superar isso.

Se meu coração se partir novamente, o que é mais uma fratura entre uma teia de aranha de cicatrizes?



Rooke pressiona seus lábios juntos, narinas alargadas. Ele engole e seu pomo de Adão balança, agitando a tatuagem em seu pescoço. Há uma luz selvagem e indomável em seus olhos que me lembra uma tempestade no mar — distante, mas obviamente selvagem e perigosa na natureza. Ele não fala. Ele não se agita. Ele espera.

Depois de um longo tempo, respiro fundo e fecho os olhos. “Ok, Rooke. *Ok*. Você ganhou, eu vou te contar tudo o que quiser saber.”



CAPÍTULO 24

DEIXE PRA LÁ

ROOKE

Certa vez, quando eu tinha quatorze anos, entrei no quarto de Sim e Richard. Eles estavam fodendo. Ou melhor, eles estavam tendo *relações sexuais*. Minha mãe estava deitada de costas, olhos vagos e olhando para o teto, e meu pai tinha esse olhar de concentração em seu rosto que o fez parecer triste. Eles não me viram em pé na porta do quarto até que Richard terminou sua investida superficial e desabou no colchão. Sim virou a cabeça, e houve um breve momento em que estávamos conectados, ela estava me acompanhando e eu a estava vendo, a camisola de seda cor-de-rosa ainda enrolada nos quadris como uma vítima de estupro e ela parecia exausta. Abatida, parecia muito mais jovem do que durante as horas do dia, quando estava correndo, limpando, no telefone com suas amigas e me dizendo para manter meus pés longe da mobília. Ela era alguém que eu não reconhecia e, por um instante, senti pena dela. Então, a raiva rastejou em torno de seus olhos novamente, sua boca puxando para baixo em uma careta, e ela estava de volta. Sim. Minha mãe, irritada e desapontada comigo pela décima quinta vez naquele dia. Exceto que desta vez estava envergonhada também. Levei um tempo para descobrir o porquê: que ter alguém testemunhando a natureza mecânica e desagradável do amor que ela compartilhava com o marido significava que outra pessoa sabia que não havia amor verdadeiro em seu casamento.

Eu prometi então que quando fizesse sexo com uma mulher, eu me dedicaria ao seu prazer. Eu me certificaria de que ela *queria que* eu estivesse em cima dela. Eu me certificaria de que ela estivesse tonta em querer-me e tudo que eu tivesse para oferecer. Eu jurei que saberia como agradá-la.



Isso significa que saí e fodi um monte de mulheres para ganhar experiência? Sim. Isso significa que eu tive a minha bunda espancada por veteranos no ensino médio quando sai com suas namoradas líderes de torcida? Sim, porra. Quase todos os dias da semana, antes de ser despachado para o reformatório. Não me entenda mal, eu não era inseguro ou estúpido. Tinha um preservativo no bolso o tempo todo; sabia que na verdade tinha que se acostumar em vez de apenas ficar sentado ali. Como resultado, enquanto meus amigos estúpidos (incluindo Jake) estavam preenchendo prescrições de antibióticos para limpar a clamídia e uma série colorida de outras desagradáveis DSTs, meu pau estava em perfeito estado de funcionamento. Quando saí do reformatório, fodi meu caminho através de Nova York, aprendendo sobre as necessidades de uma mulher. É uma coisa linda, o corpo de uma mulher. Muito mais delicada e frágil do que qualquer relógio ou motor de carro em que trabalhei. No entanto, sei como e onde tocar. Onde lamber, onde beijar, onde excitar.

Sasha e eu sentamos em silêncio enquanto a levo para casa, as ruas laterais passam em um borrão. Os táxis amarelos tecem-se erraticamente pelo tráfego. A chuva cai tão forte que é quase impossível enxergar do para-brisa. Minha mente vagueia aonde vou beijá-la primeiro, enquanto passo pelos movimentos de mudança de marcha. Onde vou tocá-la. Quantas vezes eu vou fazê-la gozar. Quantas vezes ela vai gritar meu nome. Eu tenho um plano sólido no momento em que paro do lado de fora da minha casa.

Sasha estreita os olhos pela janela, olhando para o prédio ao nosso lado. “Esta não é a minha casa”, diz ela.

“Eu sei. Esta é minha casa. Sei que você está cansada. Sei que está doente. No entanto é hora de você vir aqui. Você ficará confortável. Você será cuidada. Nem pense em discutir comigo, ok?”

Ela parece perplexa por um segundo, depois balança a cabeça. “Eu não ia.”

Bem, há uma surpresa. “Tudo bem então.” Saio do carro e tiro minha jaqueta. Quando chego ao outro lado do carro, tenho levantá-la para proteger Sasha da chuva. Eu posso sentir a água escorrendo



pelas minhas costas, entre minhas omoplatas enquanto a levo lentamente até a casa.

"Qual apartamento é seu?" Ela pergunta. Seu cabelo está molhado. Apesar das sombras em seus olhos, assim como a ligeira contusão lá também, ela parece fodidamente fenomenal. Acho que é quando as pessoas são mais cativantes. Pelo menos a mais honesta delas. Ela não está usando uma pitada de maquiagem, está ficando encharcada, independentemente do meu melhor esforço, e está encostada em mim para se apoiar. Eu quero pegá-la e esmagá-la contra mim, segurá-la para sempre.

"Eu não tenho um apartamento aqui", digo a ela. "É tudo meu. O prédio inteiro."

"*O que*? Todo o...?" Ela olha para cima, seus olhos absorvendo o primeiro pavimento, depois o segundo, depois o terceiro e o quarto. "Que diabos, Rooke? Como você pode pagar isso?"

"Eu te disse. Eu sou um moleque rico e mimado. Meus pais me deram como uma herança em vida."

Ela pisca, parecendo tentar absorver a informação. "Uau. E eu pensei que meu lugar era exagerado. Então... apenas vocês dois moram aqui?"

"Só nós dois. E não se preocupe. Eu estou no último andar. Jake está dois andares abaixo. O som não viaja bem no Chez Blackheath."

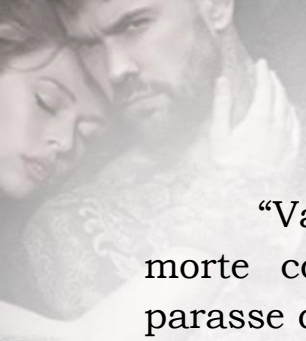
"Oh Deus", ela geme. "Acabei de sair de um gotejamento intravenoso. Minha perna quase quebrou recentemente e você vai me fazer subir quatro lances de escada?"

"Não. Eu vou te levar."

"Como no inferno você vai..."

Eu a interrompo quando me inclino e a pego rapidamente, levantando-a em meus braços.

"Rooke! *Coloque-me no chão!*"



“Vamos apenas entrar. Então você pode me espancar até a morte com seus punhos femininos. Agora eu apreciaria se você parasse de me bater.” Ela para de bater a mão no meu peito por tempo suficiente para eu pescar minhas chaves do meu bolso com uma mão.

“Pegue. Abra-a.”

Ela se abaixa e pega as chaves de mim, e então abre a porta e eu a levo para dentro. A casa está quente. Por um segundo, considero afundar no último degrau da escada e segurá-la em meus braços enquanto nós dois descongelamos. Ela está tremendo; minha jaqueta de couro no meio sobre seu corpo, a camisa colada ao peito. Sua calça jeans está encharcada também. Seria melhor levá-la para um banho quente e rápido.

Subo no primeiro andar e é onde Jake nos encontra. Ele está correndo para fora da sala de estar carregando seu estojo de violão e uma montanha de partituras, um pãozinho recheado na boca. Quando ele nos vê, abaixa o estojo do violão, prende a partitura debaixo do braço e tira o bagel dos dentes.

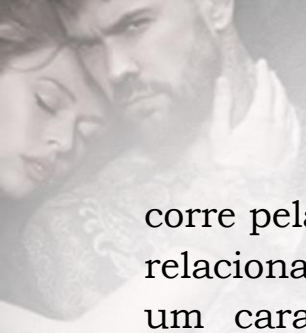
“Nós conversamos sobre isso”, diz ele, apontando para Sasha. “Nada de meninas sem teto na casa, Blackheath.”

“Cale a boca, idiota. Essa é Sasha.”

Jake revira os olhos. “Claro que é Sasha. Quem mais poderia ser?” Estendendo a mão, ele lhe dá um de seus sorrisos que é super desajeitado e super tímido. “Eu não vou perguntar por que ele está te carregando assim”, diz ele. “Eu provavelmente não quero saber.”

“Você definitivamente não quer”, ela diz baixinho, apertando a mão dele. Estou feliz que Jake não tenha se metido nisso. Mandei uma mensagem para ele e disse que ia estar no hospital, e também expliquei por quê. Ele é um filho da puta esperto. Ele sabe que eu chutaria sua bunda se a envergonhasse.

“Eu tenho um show hoje à noite. Eu não voltarei até tarde. Foi bom conhecê-la.” Ele me dá um olhar tenso enquanto desliza por nós e



corre pelas escadas. Ele não disse nada sobre o quão impraticável meu relacionamento com Sasha é desde que a merda caiu no museu. Ele é um cara teimoso, no entanto. Ele provavelmente acha isso uma loucura. Provavelmente acha que eu deveria ter deixado Sasha em casa para nunca mais falar com ela.

***

SASHA

Ele me leva até o próximo lance de escadas, contornando a sala de estar, direto para o quarto, me coloca cuidadosamente na cama. Eu olho em volta, surpresa.

"O que é?" Pergunta ele.

"Eu não sei. Eu só... eu imaginei que sua casa seria..."

"Uma casa de fraternidade repugnante?"

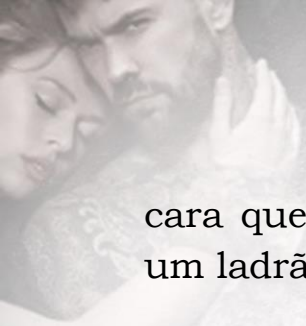
"Sim. Acho. Definitivamente não achei que seria tão limpo assim."

"Eu tenho vinte e três anos, não sou um bárbaro."

"Na verdade, você é uma espécie de bárbaro."

Ele sorri; aquele terrível e imprudente sorriso "foda-me" dele que faz meus dedos enrolarem dentro dos sapatos. "Você me *ama* desse jeito", ele me informa. "Você ama o perigo. Se eu não te assustasse um pouco, não estaria interessada. Não pode negar isso."

Ele tem razão; não posso. Eu não gosto de admitir algo assim, no entanto. Isso faz parecer que não estou bem da cabeça. Afinal, que tipo de mulher, de bom grado, quer ter um pouco de medo do cara com quem está dormindo? Que tipo de mulher quer sentir que toda a sua vida pode sair do controle a qualquer segundo agora, porque o



cara que ela permite continuamente em sua cama é um criminoso e um ladrão?

"Agora que você me tem aqui, presa em sua casa de solteiro, o que está planejando fazer comigo?" Pergunto.

Rooke arqueia a sobrancelha esquerda, a cabeça virada para um lado. "Você sabe exatamente o que estou planejando fazer, Sasha. Sabe, chegará um momento em que vou te foder e você não terá acabado de sair do hospital, certo?"

Seu comentário é como um soco no estômago. Fui hospitalizada mais do que qualquer pessoa deveria ser nas últimas duas semanas. Eu quero me defender, explicar a ele que isso não é normal para mim. Passei cinco anos sem ver o interior de um hospital antes do incidente no museu. Eu nem fui ver um clínico geral em todo esse tempo. Planejo dizer tudo isso, mas o celular de Rooke toca no bolso antes que eu possa formar as palavras. Ele pega seu celular e rapidamente lê a mensagem que obviamente acabou de receber. Franzindo a testa, coloca o celular de volta no bolso.

"O que é?"

"Nada. Apenas trabalho."

"Trabalho? A esta hora da noite? Eu não tinha ideia de que fazer relógios era um trabalho tão exigente." Percebo que cometi um erro assim que terminei de falar. Um olhar duro e vazio cruza o rosto de Rooke.

"Não esse trabalho. Meu *outro* trabalho."

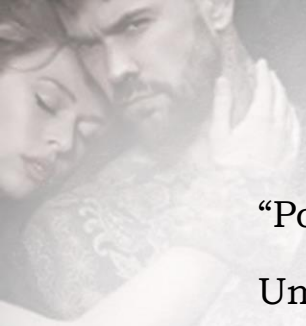
Minhas bochechas ficam vermelho escarlate. "Ah. O..."

"O trabalho de roubar carros, sim."

"Você não vai responder?"

Ele olha para mim, seu olhar firme. Inabalável. "Não. Eu não estou em condições de assumir este trabalho em particular."

"Por que não?"



“Porque isso exigiria que te deixasse agora, e não farei isso.”

Uma sensação agradável e estranha se enrola no fundo do meu estômago. Que porra está errada comigo? Estou animada e tonta que meu namorado está recusando o trabalho como grande ladrão de carros, a fim de cuidar de mim, porque bebi como uma estúpida e precisei de uma lavagem estomacal. Há algo muito, muito errado com esse cenário. Rooke sorri; um quase sorriso ‘daquele’ tipo. “Você está aceitando isso muito bem”, diz ele.

Se ele soubesse o quão bem…

“Estou claramente perturbada”, digo a ele.

Rooke balança a cabeça. “Se você estivesse perturbada, estaria me dizendo para aceitar o emprego. Você estaria me dizendo que viria para o passeio.”

Eu olho para ele, sem piscar. Esse era um comentário inútil, improvisado, ou ele estava fazendo uma sugestão velada? Estreito meus olhos para ele, tentando decidir. “Isso realmente *seria* louco.”

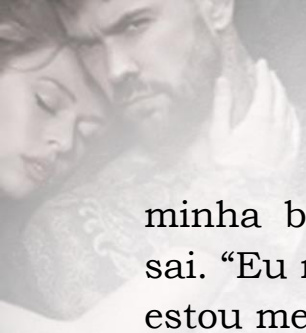
“Sim. Apenas uma mulher realmente foda iria impulsionar seu namorado louco.”

“Você quer aceitar o emprego, Rooke? Está me perguntando se vou com você para roubar um carro agora?”

Ele ri, pegando um pequeno relógio de bolso prateado da escrivaninha perto da janela. Ele abre e olha para o mostrador, depois levanta a cabeça e me olha nos olhos. “Sim. Estou. O que você diz, Connor? Você aceita ou é covarde?”

Não. De jeito nenhum, Rooke. Essa é categoricamente a sugestão mais estúpida, errática e perigosa que alguém já me fez. Eu trabalho em um museu, pelo amor de Deus. Sou uma curadora. Vou para a cama às dez e meia todas as noites. Eu não sou esse tipo de mulher. Eu apenas não sou…

Esses são os pensamentos que passam pela minha cabeça, chegando à minha boca, prontos para serem falados, mas quando abro



minha boca, uma sequência completamente diferente de sentenças sai. “Eu não sou covarde. Eu sou corajosa o suficiente e vou fazer isso, estou meio doente, caso você não tenha notado.”

Rooke fecha o relógio de bolso. “Você está certa. Você *está* doente. E estou apenas te zoando. Eu nunca vou ser a razão pela qual você se encontrará em perigo, Sasha. *Nunca*.”

Estou meio aliviada por ele não ter falado a sério. Também estou meio que chocada comigo mesma. O que diabos eu estava pensando? ”Isso significa que você vai parar de trabalhar para essas pessoas completamente?” Pergunto.

Ele fica muito quieto. E não fala nada por muito tempo. E então, muito calmamente, ele diz: “Você está me *pedindo*?”

“Não. Eu não estou. Não acho que estou.” Eu realmente nunca me fiz esta pergunta. Sei que ele está envolvido em atividades ilegais por um tempo agora. Por que não passou pela minha cabeça que deveria pedir a ele para parar? Por que não lhe perguntei se trabalhar em Williamsburg na loja de antiguidades será o suficiente para ele? Talvez seja porque eu olho para ele, mesmo agora, e vejo suas tatuagens e o zumbido silencioso de raiva que parece sempre estar lá, independentemente do seu estado de espírito, e sei que de maneira nenhuma este homem viverá uma vida normal. Uma onde ele acorda e vai trabalhar para consertar relógios, chega em casa, anota recados, leva o lixo para fora, assiste TV ou lê, e depois adormece às dez e meia como eu. Há uma escuridão dentro dele. A noite o domina, o fato é que é sua dona, ou pelo menos é dona de um bom pedaço dele. Sempre haverá um lado dele que precisa de rebelião e destruição. A verdadeira questão é, posso aceitar isso? Posso me fazer estar em paz com isso? E se puder, então como esse tipo de caos se encaixa na *minha* vida?

“Você está pensando demais”, diz ele em voz baixa. “Eu posso ver em seu rosto. Você está preocupada, tentando pintar imagens na sua cabeça. Não faça isso.”

“Como eu deveria parar?”

“Apenas... *deixe pra lá*.”



Apenas deixo pra lá? Ele não tem ideia de como seria impossível fazer isso. Eu tenho lutado por controle por tanto tempo agora, que renunciar a isso vai contra todos os instintos que possuo. A maneira como ele diz isso faz parecer tão fácil, como se deveria ser tão simples quanto respirar.

Isso nunca será para mim. Realmente nunca será.

"Você está reprimida", diz ele. "Você se segura. Você fica entre você e o que quer o tempo todo, quando pensa demais na merda, Sasha."

"Eu não posso."

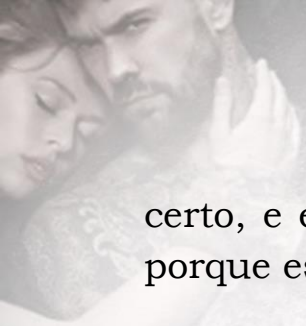
"Você pode, pegue agora, por exemplo. Você está me observando. Me checando. Você me quer, mas não vai fazer nada sobre isso, vai?"

Eu o tenho observado. Não sou uma idiota enlouquecida que baba e não consegue tirar as emoções de seu rosto, mas Rooke pega tudo, e quero dizer *tudo*. Se há alguma coisa que aprendi passando todos os dias com ele nas últimas duas semanas, é que ele é tão perspicaz para as mudanças no meu humor. Ele me lê como um livro. Muitas vezes sabe o que estou sentindo ou pensando antes mesmo de eu fazer algo. É frustrante e surpreendente estar em sintonia com outra pessoa assim. Suspiro, frustrada. "O que eu deveria fazer? Subir em seu colo e exigir que você me foda?"

"Sim. Isso é exatamente o que deveria fazer. Melhor ainda, não faça a exigência. Pegue o que quiser, Sasha. Apenas pegue, porra."

Assim como na loja de antiguidades, ele me dá um olhar que coloca uma pergunta: *Você é corajosa o suficiente? Vai aceitar o desafio?* Ele só gosta de me provocar e foder comigo. Eu sou incapaz de recuar quando faz isso e ele sabe muito bem disso. Desgraçado.

No entanto, não sei por onde começar. Ele é tão arrogante. Tentar lutar com o seu poder parece que é uma tarefa infrutífera. Ainda. Talvez valha a pena uma tentativa. Talvez ele esteja



certo, e eu consiga me dissuadir das coisas que quero, simplesmente porque estou preocupada com o que ele vai pensar ou sentir.

"Vamos, Sasha. Mostre-me. Mostre-me o que tem." Sua voz é carregada de sexo. Seus olhos assumiram aquela intensidade predatória que tem logo antes de fodermos e eu posso sentir que estou ficando úmida instantaneamente.

"Tudo bem, mas não diga que não pediu por isso."

Seu sorriso é fenomenal. "Estou pronto para você, Connor."

"Levante-se. Tire suas roupas e depois deite na cama."

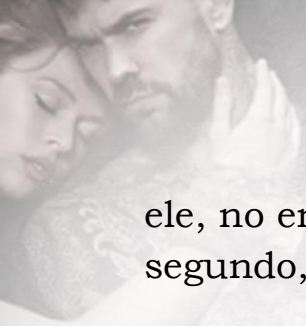
Ele não está nem remotamente envergonhado. Ele se levanta e se despe sem dizer uma palavra. Sua falta de constrangimento é compreensível. Ele tem que saber que ele é apenas... fodidamente ... *maravilhoso*. Ele parece um atleta profissional. Parece que passou anos treinando e esculpindo seu corpo para ficar parecido com isso. Ele é de tirar o fôlego.

Seu pau está ficando cada vez mais duro em segundos. Ele não se tocou, mas está obviamente ficando mais e mais ligado enquanto se deita na cama. Estou fazendo isso com ele. Sou responsável por sua excitação, e isso em si é uma coisa inebriante e poderosa. Eu nunca me senti assim antes. Nunca me senti como um ser *sexual*.

"Eu nunca teria esperado que entregasse as rédeas assim", digo a ele.

Ele parece divertido. "Por que não?"

"Porque ama estar no controle. Você ama ser dominante. Mandar em mim no quarto é a sua coisa favorita a fazer." Nas últimas duas semanas, ele não fez nada *além de* me dar ordens no quarto. Vê-lo entregar seu controle tão facilmente é realmente surpreendente. Ele arqueia as costas, seu peito levantando um pouco enquanto se alonga. Eu nunca vi ninguém tão confortável em sua própria pele. Sua confiança tem sido uma reviravolta desde o primeiro dia. Eu adoro vê-lo quando está nu. Parece errado que eu chegue a



ele, no entanto, como se eu fosse piscar e ele desapareceria a qualquer segundo, uma invenção breve e nebulosa da minha imaginação.

"Você é uma mulher crescida, Sasha. Você pode lidar com a responsabilidade. Eu tenho fé em você", diz ele.

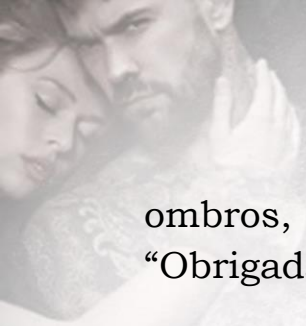
É uma coisa boa que ele tenha fé em mim, porque pessoalmente estou pirando um pouco. É fácil ser submisso. Ser submissa significa que tudo é cuidado. Tudo o que você precisa fazer é comprometer-se e entregar sua vontade. Estar no comando de uma situação como esta é uma enorme responsabilidade. E se eu não puder ligá-lo do jeito que ele me excita quando fazemos sexo? E se ele ficar entediado nos primeiros dez minutos e decidir que sou muito baunilha para ele?

Há muita coisa acontecendo quando me levanto da cama e lentamente tiro minhas próprias roupas. Rooke observa cada movimento que faço com foco total. Ele mal pisca quando saio da minha calça jeans, cuidadosamente deslizando as alças do meu sutiã para baixo sobre os meus ombros, contorcendo meus quadris quando removo minha calcinha.

"Seu corpo é incrível", diz ele em voz baixa. "Assistir você tirar suas roupas é a coisa mais sexy do mundo."

Aquela agente de auto sabotagem na minha cabeça quer minimizar esse elogio. Quer que eu me envergonhe e diga que ele está ficando bobo. Quer que eu diga algo autodepreciativo, dizendo que vou parecer estúpida se não fizer. Eu estou aprendendo muito sobre essa cadela na parte de trás da minha cabeça, no entanto. Ela não quer que eu seja feliz. Ela é a voz da negatividade, do desprezo e da derrogação. Ela não me levanta. Ela não me faz livre de qualquer maneira. Ouvi-la apenas termina comigo me sentindo danificada e indigna de amor e respeito. Eu confio no Rooke. Ele é incrivelmente inteligente e conhece sua própria mente. Não diz coisas levianamente. Ele é direto e é honesto. Não diria algo assim se não quisesse dizer isso.

Então foda-se. Eu escolho aquecer o calor de sua admiração, em vez de me proteger dele. A vida é muito curta. Levantando meus



ombros, angulando meu queixo um pouco mais alto, e sorrio. “Obrigada.”

Rooke se apoia em um cotovelo. Seus olhos estão brilhando, um sorriso enorme espalhando-se por seu rosto. Ele começa a bater palmas. “Sim. Minha namorada é uma fodida *mandachuva*.”

Minhas bochechas se avermelham, uma queimadura fora de controle se espalhando pelo meu corpo. “É isso que eu sou? Sua namorada?”

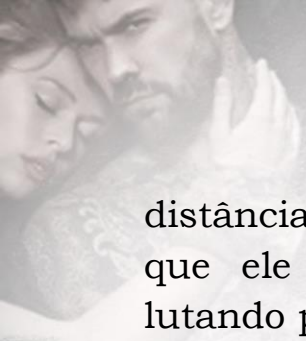
Ele acena sabiamente. “Temo que você não tenha escolha nesse assunto.”

“Uau. A maioria dos caras evita essa palavra a todo custo.”

“A maioria dos caras são idiotas, Sasha. *Idiotas*. Eles estão com muito medo do que estarão perdendo se se comprometerem com uma mulher. Estou muito consciente do que vou perder se não o *fizer* neste caso em particular.”

Ele constantemente me surpreende. Estou constantemente me perguntando o que eu fiz para convidar este homem estranho, maravilhoso e de outro mundo para a minha vida. Nós não funcionamos em papel. Na vida real, nossas vidas se encaixaram tão perfeitamente que mal posso lembrar como era o ser sem ele. Eu o conheço há menos de um mês e estou apaixonada. Não, é muito mais que isso. Longe, além de ser paixão. Estou com muito medo de admitir a verdadeira profundidade dos meus sentimentos, até para mim mesma.

Subo no final da cama e Rooke deita, não mais encostado no cotovelo. Eu não estou mais preocupada com isso. Com poucas palavras, ele me deixou calma. Agora, só quero que ele se sinta tão incrível quanto me faz sentir. “Não me toque”, digo a ele. “Não *me* toque até que eu diga que pode.” Ele coloca os braços ao seu lado, me observando enquanto lentamente rastejo até a cama. Seus olhos estão em chamas, seus lábios entreabertos. Seu pau está totalmente ereto agora, lutando contra sua barriga. Eu pairo sobre ele, escarranchando-o, nossos corpos a apenas alguns centímetros de



distância. Rooke morde o lábio enquanto olha para mim — posso dizer que ele gosta do que vê. Também posso dizer que ele já está lutando para não tocar em mim. Seus ombros ficam tensos quando me inclino para baixo, escovando minha boca sobre a dele. Meus mamilos roçam em seu peito, e tremo, uma onda de sensações se espalhando pelo meu corpo. Eu quero me abaixar, para moer todo o corpo contra o dele, mas se fizer isso, será um passo muito curto para deslizar sobre sua ereção e fodê-lo como um animal selvagem. Eu não quero que isso acabe logo. Agora que estou me sentindo um pouco mais calma, quero desenhar isso. Quero provocá-lo. Quero que ele esteja me implorando para deixá-lo gozar quando eu terminar com ele.

Desacelero um pouco, de modo que meu peito esteja frustrantemente perto de sua boca. “Abra”, comando.

Rooke me dá um sorriso divertido e selvagem que me avisa que provavelmente vou pagar por isso mais tarde. Eu vou levar sua punição de bom grado, no entanto. Eu pretendo merecê-la. “Lamba”, digo a ele.

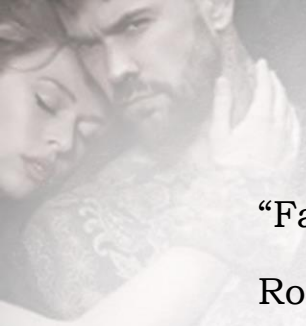
Sua língua se lança entre os lábios, e ele faz o que eu disse. Ele passa a ponta da língua sobre o botão ereto e rígido do meu mamilo, e tenho que chupar meu lábio inferior na boca. Ele é tão gostoso. Não é apenas sua aparência, ou a forma como os olhos castanhos claros dele permanecem fixos em mim enquanto ele gira a língua ao redor do meu mamilo. É o fato de que esse monstro está indo contra sua própria natureza para agradar-me agora. Isso é o que está me deixando louca.

“Morda”, digo a ele.

Um brilho perverso pisca em seus olhos. “O quanto você quer isso?” Pergunta ele devagar.

“Tão duro quanto você achar que eu posso aguentar.”

“Cuidado, Connor. Sei muito sobre a dor humana. Você pode aguentar mais do que pensa.” Há um desafio em sua voz que faz os cabelos da minha nuca se erguer.



“Faça. Eu posso aguentar.”

Rooke rosna, um som baixo e estrondoso de frustração. Cuidadosamente, ele prende meu mamilo entre os dentes e gradualmente, lentamente morde. A pressão é prazerosa no começo. Posso sentir a necessidade se construindo entre as minhas pernas, minha buceta ficando mais molhada e molhada. A dor se intensifica quando ele aplica mais e mais pressão, até que estou arqueando com a boca e rangendo os dentes. Eu nunca tive nada perfurado antes, mas imagino que ter um piercing no mamilo seria muito parecido com isso. A dor passa através de mim, uma dor que é espelhada no meu outro seio, e nas costas das minhas pernas, nas solas dos meus pés.

“*Ahhh!*”

Rooke não para. Ele continua a morder enquanto monto a onda de sensações. É vertiginoso. Posso pará-lo a qualquer momento, sei que posso, mas isso só torna mais difícil dizer as palavras. Ele acha que posso aguentar isso, então é o que eu faço. Eu levo. Quando ele finalmente para, estou segurando minha respiração e meus olhos estão bem fechados.

“Fodidamente bonito”, ele sussurra. “Você é linda pra caralho.”

“Chupe”, digo a ele.

Meu mamilo palpita quando ele o leva para dentro da boca. A dor é agridoce, temperando um pouco a dor aguda e penetrante de seus dentes há pouco, mas introduzindo uma nova e ardente dor agora. Enche minha cabeça, me envia em espiral por um profundo e escuro poço de sensações. Eu gentilmente balanço para trás um pouco, para que possa sentir seu pau entre as minhas pernas, esfregando-se contra a minha buceta. Estou tão ridiculamente molhada e ele ridiculamente duro. Rooke assobia, respirando fundo, seu corpo sacolejando embaixo de mim.

“*Foda-se.*” Sua voz está tensa. Eu aproximo nossos corpos e fecho minha mão ao redor de seu pau, guiando-o para que deslize contra o meu clitóris enquanto começo a balançar contra ele. Seus



olhos rolam para trás quando ele solta um suspiro irregular. “Você vai me matar, porra”, diz ele.

“Não. Eu vou me sentar no seu rosto e você vai me fazer gozar com a sua língua”, respondo. Eu o solto, subindo seu corpo antes que possa mudar de ideia. Eu me acostumei com o quanto ele gosta de comer minha buceta nas últimas semanas, mas nunca fiz isso antes. Eu sempre estive de costas com ele entre as minhas pernas. Eu me ajoelho sobre a cabeça de Rooke, e ele geme, xingando baixinho. Juro que poderia gozar só de ouvir esse som. No segundo em que sua língua toca meu clitóris, minhas costas estão curvadas e estou lamentando a posição. Parece muito bom. Muito perfeito. Vou gozar tão rápido assim, sei disso. Eu enrolo meus dedos em seu cabelo enquanto ele lambe e chupa. Ele estende a mão e me segura pelas coxas, me puxando com mais força para sua boca. Ele está quebrando as regras, mas isso é muito bom. Eu o deixo se safar disso.

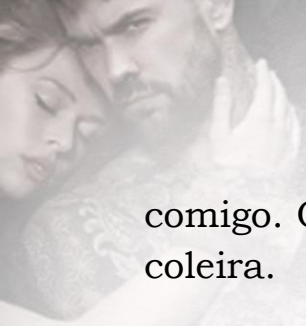
“Foda-me com os dedos”, ofego. “*Agora*.”

Ele rosna enquanto obedece. Sinto que estou nadando com tubarões agora. Tentando domar um leão. Indo cabeça a cabeça com um predador que é muito mais forte do que eu, facilmente capaz de me destruir. É emocionante e aterrorizante de uma só vez. Rooke desliza os dedos dentro de mim e o fogo que está queimando na boca do meu estômago está fora de controle.

“Jesus. Puta merda.” Minha mente se cala. Balanço contra o seu peito, tendo o meu prazer, assim como ele me disse para fazer. Quando ele desliza a mão para trás um pouco, seus dedos provocando, brincando sobre a minha bunda, eu não posso mais aguentar. Eu chego de volta e coloco minha mão sobre a dele, segurando-a no lugar, deixando-o saber o que quero.

Eu também o quero dentro de mim.

Rooke ressoa debaixo de mim, um som de extrema necessidade. Ele é gentil enquanto empurra um dedo na minha bunda, mas posso dizer que isso custa a ele. Ele quer ser duro



comigo. Quer muito me virar e me foder agora, mas ele tem uma coleira.

Com sua língua no meu clitóris e seus dedos em minha bunda e buceta, meu corpo parece uma lâmpada de Edison, um fluxo de eletricidade carregando e estalando através de um filamento que faz um loop e arqueia através do meu corpo. “Merda, Rooke. Merda!”

Ele também estaria xingando se não estivesse com a boca ocupada. Estou à beira de gozar quando me afasto dele. Preciso que ele esteja dentro de mim. P*reciso* disso mais que tudo.

Eu volto e afundo em sua ereção, fazendo o meu melhor para não gritar. Ter seus dedos dentro de mim é uma coisa, mas seu pau? Eu não sei se meu corpo será capaz de levá-lo facilmente. Eu sempre vou precisar estar seriamente excitada antes que ele tente me foder. Rooke descobre seus dentes enquanto balanço para frente e para trás, tirando meu prazer aqui também.

“Porra, Sasha. Você está tão molhada. Posso te sentir em cima de mim”, ele sussurra. “Isso é excitante demais.”

Sei que é apenas uma questão de tempo agora. Estou chegando cada vez mais perto de um penhasco, em direção a uma queda que é inevitável para mim e para o homem bonito abaixo de mim.

Estico isso embora, atrasando, provocando, atormentando... Toda vez que Rooke está prestes a gozar, pairo sobre ele, de modo que apenas a ponta do seu pau está dentro de mim, e ordeno que ele não o faça. Ele tem um autocontrole notável. Ele quer me possuir fisicamente. Quer me virar e me foder como um trem de carga. Quer tirar meu orgasmo tanto quanto quer gozar, mas toda vez que digo não, ele amaldiçoa e range os dentes, a cabeça para trás, o peito orgulhoso, os músculos em sua garganta trabalhando ao longo do tempo, e ele bate de volta.

Quando finalmente deixo que goze, ele ruge a plenos pulmões, os dedos cavando no colchão, o corpo flexionado e curvado, e não posso fazer nada além de gozar junto com ele. Assisti-lo se perder

daquele jeito me faria chegar ao mesmo lugar, não importa o que acontecesse.

Meu orgasmo me eleva, tirando o ar dos meus pulmões com sua ferocidade. Desmorono em cima dele, ofegante, hiperventilando, e Rooke envolve seus braços em mim. Sua estrutura inteira está se contraindo e tremendo, os olhos fechados, os lábios ligeiramente entreabertos. Quero ficar assim para sempre, encarando o prazer do rosto dele, ele ainda dentro de mim, seus pelos escorregadios no interior das minhas coxas, seu suor e meu próprio, tão salgado em meus lábios.

Adormecemos, enroscados um no outro. Eu não sei por quanto tempo estamos inconscientes, mas quando acordo, Rooke está sentado no final da cama. Seu rosto está na sombra, e me vejo querendo traçar meus dedos por baixo da sua frente enrugada, pela ponte do nariz, pelos lábios, pelo queixo, pela garganta. Ele é esculpido em pedra. Quando você olha para ele, não há nenhuma suavidade visível. Ele é um homem difícil de estudar sem sentir um leve vislumbre de pânico em seu intestino.

Suas tatuagens são um aviso. A Mãe Natureza tornou as mais perigosas de todas as suas criaturas coloridas, estampadas e hostis, uma precaução contra ataques, violência ou consumo. Se ele quis dizer ou não, Rooke realizou a mesma coisa com sua tinta. Foder com ele é inseguro e mal aconselhado. Interferir com ele é convidar tumulto e anarquia à sua porta. Eu vi o jeito que as pessoas olham para ele. Eles veem as tatuagens, bem como o seu tamanho formidável, e encolhem-se de volta para si, olhando rapidamente para outro ponto, antes que ele possa observá-los.

Eu já vi a tinta, no entanto. Eu me movi além do jeito que ele aparenta; o jeito que segura seu corpo, e o jeito que você se sente pregado na parede quando ele olha para você. Ele me mostrou uma suavidade que nunca teria esperado dele, e isso virou uma maré em meu coração. Eu acho que só ele teria sido capaz de tal coisa. Sua boca se torce em um tipo de sorriso muito pequeno e silencioso.

“Eu nunca tive ninguém aqui antes. Você é a primeira.”



Isso me surpreende. Eu teria pensado que seu quarto tinha uma porta giratória, dado o quão confiante ele parece com as mulheres. Eu realmente não gosto de pensar sobre isso, no entanto. Ainda mais surpreendente. Eu nunca tive ciúmes com Andrew. Nunca me preocupei com ele flertando com outras mulheres no trabalho, ou alguma coisa linda tomando conta dele. Eu apenas aceitei que ele estava comigo e foi isso. Se ele queria sair e trair, então isso significava que nosso relacionamento estava quebrado além do reparo e eu estava melhor sem ele de qualquer maneira.

Com Rooke, a ideia de suas mãos no corpo de outra mulher me faz sentir fisicamente doente. Até mesmo pensar nele com garotas no passado me deixa seriamente desconfortável.

“Por quê?” Pergunto. “Por que você nunca trouxe alguém aqui?”

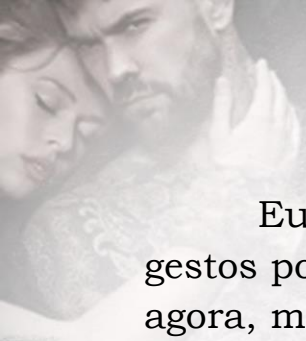
“Porque. Esse é o meu espaço. Posso pensar aqui. Posso ser real. Ter alguém aqui compromete isso.”

“Então por que você *me* trouxe aqui?”

Seu sorriso se torna torto. “Porque você é parte de mim, Sasha. Não importa aonde eu vá com você. Sempre posso ser real. E você também pode.” Ele faz uma pausa. “Me fale sobre ele. Diga-me as partes que mais sente falta.”

Ele está falando sobre Christopher. Eu disse a ele no carro que responderia suas perguntas, contaria qualquer coisa que quisesse saber. No entanto, isso não torna isso mais fácil. Não faz meu peito menos apertado quando me mexo em sua cama. Eu junto seus lençóis de cama em volta de mim, cobrindo-me, e abraço meus joelhos no peito.

“Ele era pequeno para sua idade”, digo baixinho. “Seus braços e pernas sempre pareceram muito longos para o corpo dele. Todas as outras crianças de sua classe estavam no meio de surtos de crescimento, mas ele parecia contente em ser pequeno. Ele adorava brincar. Amava animais. Queria ser veterinário.”



Eu olho para as minhas mãos. Eu não as usei para fazer os gestos por tanto tempo. Parece errado até mesmo pensar em fazer isso agora, mas aos poucos começo a fazer as formas que vêm correndo de volta para mim. Macaco. Elefante. Pato. Rato. Tigre. Dinossauro. Todos os animais favoritos de Christopher. Rooke observa intensamente, levando tudo para dentro. Fazer os sinais requer movimento e prática precisos. É estranho ver Rooke usar suas enormes mãos, sem dúvida intimamente familiarizadas com a violência, para imitar meus movimentos. Há uma graça inesperada nele que faz meu coração queimar dolorosamente no meu peito.

Estou impressionada com uma percepção estranha e triste: Christopher adoraria Rooke. Assim como o homem sentado na minha frente, meu filho sabia como as coisas funcionavam, especialmente as pessoas. Ele teria sido capaz de ver além do exterior rude e francamente assustador de Rooke e ver o homem por baixo.

Rooke o teria feito feliz.



CAPÍTULO 25

A ENFERMEIRA

ROOKE

JERICHO: Perguntei por aí. Talvez saiba algo sobre o cara do museu. Venha depois das nove.

Fodido. Filho. Da. Puta.

Estive encarando o texto de Jericho a noite toda enquanto Sasha dormia, e tenho tentado decidir o que fazer. Eu quis dizer o que disse a ela. Prometi a ela que mataria o cara que invadiu o museu e a colocou no inferno, e pretendo cumprir essa promessa. Eu só não sabia se dizer a ela que eu estou planejando era o melhor, no entanto. Não há como ela me deixar ir. De jeito nenhum.

Deitar na cama ao lado dela é um presente tão fodido. Eu a escuto respirar nas horas escuras da noite, e penso. Acho muito difícil. Existe uma maneira inteligente de lidar com isso, e há uma maneira idiota de lidar com isso. Pedi a Jericho semanas atrás para me ajudar a encontrar o filho da puta do museu, e agora ele acha que pode saber onde ele está. OK. Então eu vou lá, armas em punho, exigindo que Jericho entregue a informação para que eu possa encontrar esse filho da puta malvado e atirar na parte de trás da cabeça dele? Ou espero? Pergunto a Jake o que fazer? Vou ver Arnold, talvez veja se ele pode me encontrar alguma ajuda?

Eu me deito lá e a vigio. De madrugada, Sasha rola para o lado para que esteja de frente para mim, seus cabelos escuros uma massa de cachos soltos dispostos loucamente em torno de seu rosto pacífico, e eu apenas olho para ela. Ela é tão inesperada. Nunca em um milhão de malditos anos eu imaginaria sua existência. Não passei muito tempo imaginando como seria a mulher pela qual eu me



apaixonaria. Honestamente, uma parte de mim apenas assumiu que nunca me permitiria fazer algo tão estúpido quanto me apaixonar. Agora que ela está aqui, nua na minha cama, suas mãos se fecharam como se ela estivesse tentando lutar contra os demônios enquanto dorme, eu estou arruinado. Não estou pensando racionalmente. Eu quero protegê-la tanto que não consigo me concentrar em nada nem em ninguém, e meu sangue parece que está constantemente em uma fervura baixa enquanto viaja em minhas veias porque não consigo impedir que ela se machuque. Danos causados por outras pessoas, bem como por ela mesma.

Afago as mechas selvagens de seu cabelo tirando-as de seu rosto e estudo cada linha dela, memorizando-as: suas maçãs do rosto salientes; a ligeira e generosa subida ao nariz; os cílios espessos e escuros que lhe arregaçam as pálpebras; o beicinho inchado de seus lábios. Tento não ver as contusões, ou o lábio dividido. Vê-los só me deixa louco. Ela é tão frágil. Tão quebrável. Estou determinado a me certificar de que nada aconteça com ela novamente.

Às cinco e quarenta, saio da cama com cuidado para não acordá-la. Ainda está escuro lá fora, o mundo envolto em sombras. Quando olho pela janela, encontro tudo mascarado em uma espessa camada de branco, há neve até onde os olhos podem ver, edifícios, carros, caixas de correio enterradas e escondidas. Isso tornará a vida mais difícil para mim, mas não impossível. Coletando rapidamente algumas roupas do meu armário, recolho tudo o que preciso e enfio debaixo do braço, então me abaixo ao lado de Sasha e alcanço debaixo da cama. Minha bolsa está exatamente onde normalmente está. Bem ao lado está uma sacola de couro preta menor. Uma que normalmente não tiro com muita frequência. Agarro as duas pelas alças e caminho para fora do quarto, segurando a respiração, esperando que Sasha não acorde. Ela nem se agita. Lá embaixo, no andar térreo, coloco meu jeans, camisa térmica, jaqueta, uma jaqueta de chuva à prova d'água, e eu verifico minhas malas. Minhas ferramentas estão dentro da minha mochila, cada uma delas onde deveriam estar. Pego a pequena bolsa de couro contendo minhas facas de arremesso e coloco no bolso de trás. Da outra sacola, removo o Browning Buck Mark que eu tenho desde que

saí do reformatório. A arma é pequena. Nada especial. Há muitas peças mais impressionantes, chamativas e mais teatrais por aí que eu poderia ter comprado, mas não queria chamar a atenção para mim. Os gângsters preferem armas grandes. Eles preferem ostentar — uma arma que, pelo menos aos olhos deles, reflita seu status. Os traficantes de armas falam quando vendem uma peça dessas. Ficam de olho nas pessoas e demonstram interesse. Eu queria algo mediano e sem graça que faria o trabalho. Algo que não faria com que as pessoas me seguissem para ver o que eu fazia vinte e quatro horas por dia.

O carregador está cheio. A trava está no lugar. *Por agora.* Lá fora na rua, o carro de Jake está faltando. Ele levou com ele quando foi para fazer seu show na noite passada, e não trouxe de volta. Pode ser que ele esteja se protegendo da neve em algum lugar aqui. Pode ser que ele tenha ficado com uma groupie e teve seu pau molhado. De qualquer maneira, não posso pegar emprestado o seu carro.

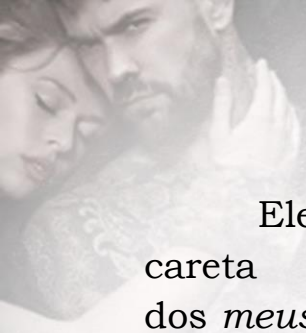
Viro minhas chaves no bolso enquanto desço a rua. Frio. *Tão* fodidamente frio. Eu não pareço sentir isso, no entanto. Estou entorpecido dos poros da minha pele até o porão da minha alma. Quando encontro um táxi e chego até a casa de Jericho, o sol é um disco prateado brilhando no céu, pairando no horizonte logo acima dos prédios.

A garagem não está aberta. Martelo meu punho enluvado contra o obturador, e Raul eventualmente aparece, sua boca em uma expressão sombria e virada para baixo.

“Você está atrasado. Nós pensamos que talvez tivesse mudado de ideia.”

Eu não falo nada. Passo silenciosamente por ele, rangendo os dentes. No interior, Jericho está de pé em cima do fosso de conserto de automóveis com um par de cortadores de parafuso na mão. A frente de sua camisa está encharcada de sangue. Seus olhos estão cheios de assassinato quando levanta a cabeça e olha para mim.

“Você tem lidado com meus problemas para mim, Jericho?”



Ele gruda um palito entre os dentes da frente, fazendo uma careta para mim. “Não, não, Cuervo. Este é um dos *meus* problemas. Vou lidar com o seu também, felizmente. Eu estou em um rolo.”

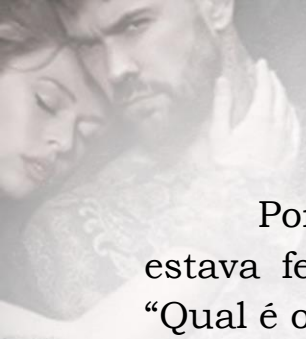
Eu não olho para o buraco. Seria mal aconselhado. Faz muito tempo desde que vi um cadáver — não desde que deixei o reformatório — e olhar um homem morto no olho agora só me faria questionar o que tenho que fazer a seguir. Eu não me importo com quem está lá embaixo. O negócio de Jericho é o negócio de Jericho. Preciso me concentrar em lidar com o meu. “Você sabe onde ele está?” Pergunto.

Jericho joga os alicates das mãos e cospe o palito na bagunça que fez no buraco. “Sei. Margot Fredricks. Você sabe quem é?”

“Eu ouvi falar dela. Ela é uma enfermeira ou algo assim.” Quando você está nessa linha de trabalho, às vezes se machuca e não pode simplesmente entrar no hospital. Ser remendado como um civil na rua. As pessoas fazem perguntas sobre tiros. Querem saber como você acabou com cinco facadas no corpo. Chamam a polícia quando parece que você quebrou oito ossos em sua mão porque espancou alguém até a morte. Então, pessoas como Margot existem. Pessoas com formação médica, que receberão dinheiro por debaixo dos panos em troca de tratamento.

“Meu amigo aqui estava segurando algumas informações que eu queria muito”, diz ele, apontando para o buraco. “Ele estava sendo teimoso e eu estava ficando um pouco empolgado. Ele precisava ser costurado enquanto eu continuava a conversa com ele, então Raul o convidou para ver Margot na noite passada. Parece que ela teve outro paciente. Um homem com uma lesão na cabeça. Algum ruivo de mau humor.”

“Ele tentou começar comigo”, Raul acrescenta. “Estava fodidamente louco. Quando vi a tatuagem nas costas de sua mão, soube que era o seu cara.”



Por que diabos eu não pensei nisso? Eu deveria. Sabia que ele estava ferido. Faz sentido que esse filho da puta procurasse ajuda. “Qual é o endereço de Margot?” Eu rosno.

Raul olha para Jericho, que acena com a cabeça. Enfiando a mão no bolso, Raul tira um pedaço de papel e entrega para mim. “Eu não sei se você vai tirar algo útil dele. Ele estava divagando todos os tipos de loucura antes de ficar duro comigo. Depois que o acertei na cabeça algumas vezes, ele parou de divagar por completo.”

Eu grunho, colocando o papel no bolso de trás do jeans. “Obrigado. Margot contou quem ele era? Ela sabia o nome dele?”

Raul acena apenas uma vez. “Casper. Ela disse que o nome dele era Casper.”

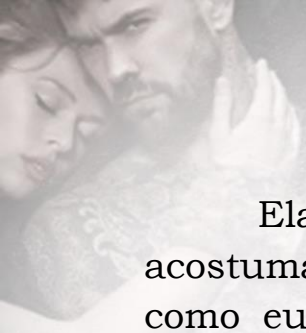
***

Margot Fredricks é uma mulher baixa e magra de quarenta e tantos anos. Ela parece assustada quando abre a porta para mim, como se estivesse esperando alguém, mas não eu. Ela olha para cima e para baixo no corredor repleto de seringas usadas e sacolas descartadas, nervosa. Irrequieta. “Posso ajudá-lo?” Pergunta. Ela tem a aparência assombrada e cansada de alguém que precisa fazer essa pergunta a estranhos perigosos pelo menos cinco vezes por dia.

“Jericho me deu seu endereço. Ele disse que você tinha alguém aqui. Alguém que estou procurando.”

“Eu não conheço nenhum Jericho. E moro aqui sozinha. Temo que você esteja no apartamento errado.”

Eu dou um passo à frente, estreitando meus olhos para ela. “Olhe para mim. Pareço com o tipo de cara para quem você deveria estar mentindo agora? Eu não estou com vontade de ser fodido. Convide-me para entrar.”



Ela parece confusa. Há uma borda dura em seus olhos, ela está acostumada a ser ameaçada. Está acostumada a lidar com pessoas como eu. Apenas o lado esquerdo do corpo dela é visível. Ela está segurando a porta meio fechada, a borda da madeira encostada em seu peito. Do outro lado da porta, ouço o som familiar de uma arma sendo armada. “Acho que você deveria sair agora. Eu não gosto de ser incomodada inesperadamente por estranhos que não têm hora marcada.”

Eu não vou embora. Não vou sair de jeito nenhum. Eu dou outro passo à frente, de modo que estou apenas a um pé dela agora. “E eu não gosto de bater em mulheres”, digo baixinho. “Acho que é um maldito pecado capital bater em uma mulher, na verdade. Isso não significa que não vou chutar essa porra de porta e forçar minha entrada no seu apartamento, no entanto. Isso não significa que não serei intimidador para conseguir o que vim procurar aqui. Você entende o que estou dizendo, Srta. Fredricks?”

“Você acha que eu não sei como me defender?” Um som baixo soa no corredor — a arma que ela segura na mão atrás da porta, batendo contra a madeira.

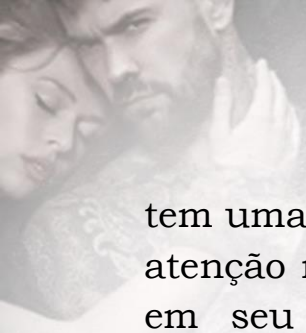
Ela é corajosa, tenho que reconhecer. Realmente corajosa. Ainda assim. Eu vim aqui para um propósito muito importante. Não vou embora até que tudo seja resolvido. “Afaste-se da porta”, digo a ela.

“Você é surdo? Você precisa sair. *Agora*.”

“Mova-se, ou eu mesmo vou te mover.”

Margot é uma mulher inteligente. Ela registra o tom na minha voz, e sabe o que está prestes a acontecer: estou prestes a perder minha paciência. Estou prestes a *realmente* perder minha cabeça, e ela está de pé diretamente no caminho da porta. Ela faz um som frustrado e irritado quando se move para trás, me permitindo entrar. “Diga a Jericho que ele não é mais bem vindo aqui. Diga-lhe para não enviar mais ninguém aqui novamente. Eu parei de lidar com a sua...”

“Eu não sou um garoto de recados. Diga-lhe você mesma.” Eu deveria estar um pouco mais consciente do fato de que esta mulher



tem uma arma, mas estou muito cheio de raiva para realmente prestar atenção nela. Ela não vai atirar em mim. Ela opera um hospital ilegal em seu apartamento. Precisa da renda e muito, ou não estaria correndo um risco tão grande. Não quer a polícia aqui mais do que eu. Avanço para dentro do apartamento, me movendo de quarto em quarto. Existe equipamento médico em todo lugar. Uma maca no corredor. Uma fileira de IV fica na sala de estar. Mesmo um monitor cardíaco equilibrado precariamente em cima da televisão.

"Não! Não vá lá, isso uma área estéril..."

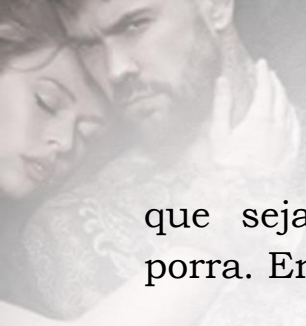
Eu forço uma porta, entrando. No interior, o espaço é imaculado, impecável e cheira a desinfetante. Eu estava esperando um quarto, mas este quarto poderia facilmente ser um Centro Cirúrgico em um hospital. Está totalmente abastecido com outro monitor cardíaco, o que parece um respirador, suportes de metal, com folhas de papel azuis cobrindo instrumentos cirúrgicos. Não há pessoas, no entanto. Nenhum Casper ruivo.

"Você está feliz agora? Que porra está *errada* com você? Eu lhe disse que não havia ninguém aqui!" Margot é uma bola de fúria enquanto entra no quarto atrás de mim.

"Onde ele está?" Exijo. "Onde está Casper?"

"Eu não vou dizer nada a você, idiota. Você não tem o direito de entrar aqui..."

Eu me movo rapidamente. Nem estou pensando. Eu fecho minha mão ao redor da garganta de Margot, e dou três passos gigantes, forçando-a a se mover comigo até que suas costas estejam pressionadas firmemente contra a parede. Seus olhos estão arregalados. Ela engole e sinto o movimento de sua garganta debaixo da minha mão. Ela está chocada. Paralisada, um coelho preso nos faróis. Eu me inclino um pouco mais para perto dela, então sou tudo que ela pode ver, cheirar e ouvir. Preciso que ela me entenda. Ela precisa realmente acreditar nas palavras que saem da minha boca em seguida. "Você *não* me teste e *não* abra a boca, novamente a menos



que seja para me dar a informação que eu estou procurando, porra. Entendeu?"

Ela acena com a cabeça.

"Estou procurando um homem chamado Casper. Ele *estava* aqui. Eu sei que estava. *Onde. Ele. Está. Agora*?"

"Ele saiu", ela sussurra. "Depois que o outro cara que Jericho mandou quase o matou ontem à noite. Eu não sei para onde diabos ele foi, mas estava furioso."

Eu solo o pescoço dela. Olhando para baixo, vejo algo me faz lutar para controlar minha raiva: um par de sapatos de couro curtido e batido. O cadarço direito é vermelho. O esquerdo é preto. Eu rosno sob a minha respiração. "A que horas ele foi embora?"

"Cerca de três horas atrás."

"Onde ele foi?"

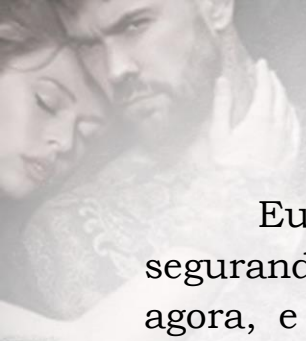
"Ele não disse. Estava reclamando e delirando sobre encontrar outro doutor. Eu disse a ele para não ir, que precisava descansar, mas ele não quis ouvir. Apenas continuou falando sobre esse doutor."

"Por que ele precisaria de outro médico se estava recebendo tratamento aqui?"

"Como eu deveria saber? Ele teve uma lesão grave na cabeça. Nada do que disse fazia sentido. Estava enlouquecendo em encontrar outro doutor desde o momento em que cambaleou pela maldita porta."

Eu a solto. Posso ver que está dizendo a verdade. Ela realmente não sabe onde ele foi. Nesse ponto, se soubesse, tenho certeza de que me contaria só para me fazer ir embora.

"*Foda-se*." Esfrego minhas mãos pelo cabelo, tentando lembrar como respirar. Ele esteve aqui. Ele *apenas* estava aqui, porra. Eu nunca deveria ter esperado. Deveria ter saído de casa ontem à noite, no momento em que Jericho mandou a mensagem. Fui fodidamente estúpido.



Eu me viro e os braços de Margot estão levantados. Ela está segurando sua arma em suas mãos, a arma que tenho ignorado até agora, e ela parece chateada. A arma está apontada para a minha cabeça e o dedo dela está pairando sobre o gatilho. “Eu realmente vou ter que pedir para você sair agora”, ela sussurra.

“Certo. Está bem. Eu vou...” Algo me ocorre, então, roubando minhas palavras. Algo me atinge no estômago com a força de um aríete, e estou quase dobrado com a força da minha realização. “O outro doutor”, eu digo. “Ele estava falando de alguém em particular? Mencionou um médico específico, pelo nome?”

A testa de Margot se enrola, como se não pudesse imaginar como isso poderia ser uma informação relevante. “Eu não sei. Sim, suponho que ele fez. Clark? Campbell? Carter? Eu não me lembro.”

Ahhh, porra. O medo percorre meu corpo, me arrepiando até os ossos. “*Connor*?” Pergunto.

“Sim, foi isso. Connor. Ele disse que ia encontrar o doutor Connor. Agora saia da minha casa.”



CAPÍTULO 26

VISITANTE SURPRESA

SASHA

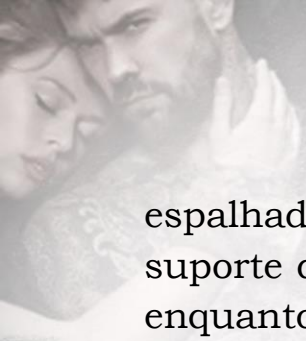
Acordar sozinha nunca é divertido, especialmente quando está na cama de outra pessoa. Rooke deixou um bilhete dizendo para ficar em sua casa e esperar por ele, mas sinceramente parece estranho estar lá sem ele, como se estivesse me intrometendo ou algo assim. Eu dou uma olhada lá fora e decido que tentar andar para qualquer lugar está fora de questão, então chamo um táxi e espero na porta da frente por trinta minutos até que o cara eventualmente apareça para me levar para casa.

Eu não estou com vontade de conversa fiada, então sento no banco de trás em silêncio, observando o mundo rastejar, tudo branco, tudo silencioso e pacífico, o som da cidade de alguma forma amortecido pela neve, e mantenho meus pensamentos para mim mesma.

Meu coração afunda em meu peito quando saio do táxi e vejo o painel quebrado na minha porta da frente. Eu esqueci que Rooke teve que quebrar a janela para entrar ontem. Se tivesse me lembrado, teria ligado para alguém, que viria para pelo menos reforçá-lo até que pudesse ser substituído. Do jeito que está, meu lugar está aberto e desprotegido há quase vinte e quatro horas. Qualquer um poderia entrar.

Tiro o spray de pimenta que Ali comprou. Não faz sentido chamar os policiais só para ver se alguém está lá dentro. A porta da frente fica afastada de tal forma que é realmente muito difícil de ver, então é improvável que alguém tenha notado o vidro quebrado, de qualquer maneira.

Eu destranco a porta com a minha chave apesar do buraco na janela e entro. “Olá? Tem alguém aqui?” A casa está fria. Há papéis



espalhados pelo chão do corredor; o vento deve tê-los soprado do suporte do telefone. Um som estranho vem da cozinha. Tenho cuidado enquanto ando pelo andar térreo, verificando a sala de estar e a sala de jantar para ter certeza de que estou sozinha antes de ir para a parte de trás da casa, na direção do som.

A torneira está aberta, a água vazando como louca. Um pano de prato molhado está no chão, junto com uma tigela de vidro transparente cheia de água escura. Eu sei que vomitei quando Rooke me encontrou. O chão do corredor está limpo agora. Rooke deve ter limpado a bagunça e deixado a torneira ligada quando a ambulância apareceu. Felizmente, a pia estava vazia, caso contrário, teria inundado e a água estaria jorrando sobre os azulejos pelas últimas vinte e quatro horas. Eu fecho a torneira e volto para casa, procurando por sinais de que alguém possa estar aqui.

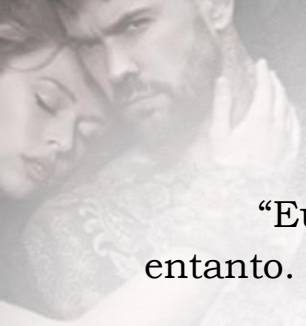
Não há nenhum. Nada foi movido. Nada foi roubado. Além da pilha de papéis do museu que está agora no chão do corredor, tudo está como estava. Eu chamo, checando lá em cima também, lata de spray de pimenta apertada na minha mão, mas não há ninguém lá.

Meu celular começa a tocar. Leva muito tempo para encontrá-lo no fundo da minha bolsa. É Rooke. Perco a ligação, mas meu celular começa a tocar de novo quase que imediatamente. Atendo, e barulhos altos de rua explodem na linha.

“Sasha? Onde você está? Você ainda está na minha casa?”

“Não, estou em casa. O que está errado? Aconteceu alguma coisa?”

“O cara que te atacou no museu. Casper. Seu nome é Casper. Ele está procurando por você. Ele sabe onde você mora?” As palavras estão confusas, todas soando juntas. É difícil entender o que ele está dizendo sobre os sons da cidade ao fundo — buzinas de carros berrando, sirenes soando. Meus membros de repente parecem muito pesados. Eu não consigo me mexer, como se meus pés estivessem cimentados no chão.



“Eu não sei. Acho que não. Ele poderia ter descoberto, no entanto. Há maneiras de fazer isso, certo?”

“Sim. Tem. Não fique em casa. Saia. Vá a algum lugar seguro, algum lugar com muitas pessoas. E me escreva e me diga onde está. Eu estou indo te encontrar.” Eu posso dizer que ele está tentando parecer calmo, mas há uma urgência clara em sua voz. Ele está preocupado, e se Rooke está preocupado, então *eu* deveria estar apavorada.

“Ok, eu vou. Estou saindo de casa agora.” Eu desligo, em pânico. Casper. Como ele descobriu o nome do cara? É para onde foi esta manhã? Para procurar esse cara? Meu estômago se aperta; bom Deus, por favor, não o deixe vir aqui. Eu não aguento. Não posso vê-lo novamente. Não sozinha, Deus, nem mesmo com Rooke. É preciso uma força monstruosa de vontade para me mover. Uma vez que convenço meu corpo a cooperar, de repente estou correndo, descendo as escadas, correndo em direção à porta da frente.

Quase lá.

Apenas mais alguns metros.

Piso em um pedaço de papel e derrapo, mas consigo manter o equilíbrio. Meu coração martela no meu peito, trovejando, fugindo do controle. Eu me agacho enquanto alcanço a porta da frente, então corro pelos degraus da casa, meus pulmões se arrepiam pelo frio.

Escorrego de novo, só que desta vez no gelo. Tropeço, lutando para agarrar alguma coisa, para ficar de pé, mas nada. Eu agarro o ar, e então há mãos em mim, agarrando-me, agarrando minha jaqueta. Eu grito, vivo de medo, viva de terror, tentando me libertar da pessoa que acaba de me pegar e me impedir de cair. Eu não posso, no entanto. Ele me aperta. Ele me puxa para cima, me aperta contra o seu corpo. Um cheiro familiar passa por mim, um cheiro que me atinge como uma parede de dor. Não é café envelhecido e cigarros embora. É a loção pós-barba de Tom Ford. São sete anos de casamento e um filho morto. É engano, decepção e trapaça. É meu ex-marido.



***

“O que você está fazendo aqui, Andrew?”

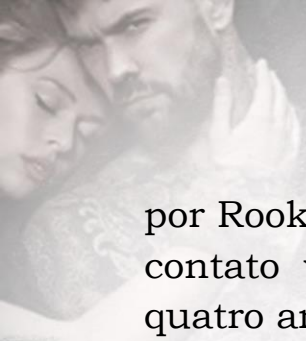
Eu ainda não me recuperei. Não posso retardar meu pulso errático; meu coração parece determinado a sair do peito a qualquer momento agora, e nenhuma respiração profunda parece estar ajudando. Andrew está na minha frente na calçada, parecendo muito com ele mesmo, o que quer dizer arrogante e patético de uma só vez.

“Por que você acha que vim?” Ele diz, com a frustração espessa em sua voz. “Você não respondeu à minha carta e depois bum! Eu te vejo no noticiário nacional, vítima de uma grave situação de reféns. Você não achou que eu ficaria preocupado? Não achou que eu gostaria de saber que estava segura? Porra, Sasha. Eu venho aqui e a casa está aberta. Eu estava prestes a chamar a polícia quando você sai voando do lugar como uma louca.”

Eu pressiono meus dedos na testa, fechando meus olhos. “Eu não tenho tempo para isso, Andrew.”

Ele me dá um olhar ferido agora. O mesmo que me deu na noite em que me contou que havia se apaixonado por outra pessoa e estava se mudando para o Texas para começar de novo. Como se *ele* fosse o cachorro chutado, e eu não tinha o menor sentimento de pena de mim mesma. “Eu sei que pode não acreditar, Sasha, mas me preocupo com você. Você era a mãe do meu filho.”

Eu escolho fingir que ele não acabou de dizer isso. Eu puxo minha jaqueta mais apertada ao redor do meu corpo, examinando a rua de cima a baixo. Não há sinais do cara que me atacou no museu. Isso não significa nada, então. Ele poderia estar pairando em uma porta em algum lugar, pronto para vir até mim no momento em que eu passar. Estou muito triste por Andrew estar aqui, mas droga. Andar com ele para encontrar um lugar seguro para esperar



por Rooke é melhor do que andar sozinha. Eu olho para ele, mantendo contato visual, provavelmente o mais longo que já fiz em três ou quatro anos. “Você realmente quer ter certeza de que estou bem?”

Ele tem a audácia de parecer ofendido. “Sim! Claro que tenho. Jesus, não sou um monstro.”

Ele *é* um monstro. Ele foi e teve outro filho e o chamou de Christopher; não pode ficar pior que isso. Eu apenas levanto as sobrancelhas. “Preciso ir para a casa de Ali. Você vem comigo?”

Dúvida cintila no rosto dele. Ali lhe falou tudo o que pensava quando saiu de Nova York. Eu posso imaginar o quão desagradável o pensamento de vê-la novamente deve ser. “Sério?” Ele enfia as mãos nos bolsos, deixando a ponta da cabeça para trás enquanto geme. “Certo. Mas não vou entrar.”

“Eu não te pedirei para entrar. Vamos.”

Eu não explico por que ainda estou mancando um pouco enquanto tento acelerar a caminhada para longe da casa. Não digo pra quem estou mandando mensagem enquanto envio a Rooke o endereço de Ali. Não lhe digo nada. Se lhe dissesse que provavelmente estamos em perigo agora, ele sem dúvida fugiria de novo. É assim que ele lida com seus problemas.



CAPÍTULO 27

ESCALAR

ROOKE

Eu recebo o endereço. É perto da casa de Sasha, a uma curta distância, por isso não deve demorar muito para chegar lá. Jake me liga enquanto estou atravessando a cidade em um Nissan Skyline roubado. Não é o carro mais discreto que poderia ter roubado, mas foda-se. Você faz o que tem que fazer.

Eu quase não atendo o telefone, mas um sexto sentido me diz que deveria. Eu tenho o hábito de nunca ignorar meu instinto. Meu amigo soa estressado quando aperto o botão de resposta verde. "Rooke? Onde você está cara?"

"Fazendo umas coisas." *Sobre matar um homem, porra.* "Você está bem?"

Eu giro o carro através de uma curva à esquerda, tentando me forçar a desacelerar. Se for pego agora, estou numa merda séria. "Bem. Um cara apareceu na casa. Ele estava perguntando por você. Eu o deixei entrar, e então ele começou a me dar uma surra. Ele está atualmente me segurando na mira de uma arma. Ele diz que gostaria que você voltasse para casa agora."

"*O que*? Que cara?" Uma lista de potenciais idiotas gira descontroladamente diante dos meus olhos. Pode ser uma das muitas pessoas, mas agora? Isso tem algo a ver com Casper. Jake faz um som de cuspir, depois um grunhido de dor ecoa pelo telefone.

"Ele diz... o nome dele é Jericho."

Que porra é essa? *Jericho*? Eu só o deixei há algumas horas atrás. Por que diabos ele estaria em minha casa, atacando



Jake? ”Coloque-o no telefone”, rosno. “Coloque ele no telefone *agora mesmo*.”

Há um farfalhar e, em seguida, ouço uma voz familiar e pronunciada. “Cuervo. Eu não sou um homem feliz. Tive que dirigir até aqui. Você sabe o quanto odeio dirigir.”

“Explique o que está acontecendo. Explique por que você está na minha casa, colocando as mãos no meu amigo.” Eu nunca fodi com ele antes. Nunca lidei com a merda dele. Ele cometeu um erro fodido comigo agora. Eu não me importo com o quão louco ele é; não me importo com quantas pessoas ele assassinou. Ele vai sangrar pra isso.

“Ah, você sabe. É tudo uma coincidência, na verdade. Eu gosto de uma boa coincidência.”

“Jericho...”

“Veja, você veio à loja antes e eu estava ocupado, não estava? Estava no meio de alguma coisa. Estava trabalhando em um cara no fosso. Ele me disse algo muito interessante depois que você saiu. Disse que te conhecia. Disse que passaram um tempo juntos no reformatório Goshen Secure Center. Imagine como fiquei chateado quando ele disse que você foi solto mais cedo... por trabalhar com os policiais.”

“Do que diabos você está falando? Eu nunca trabalhei com os policiais. Nunca.”

“Bem, isso é lamentável, Cuervo. Esse garoto parece pensar que você trabalhou. Ele sabia muito sobre você.”

Eu não vi ninguém de Goshen desde que deixei o lugar esquecido por Deus. Não tenho ideia de quem diabos ele está falando. Foi há muito tempo agora. Cinco anos, para ser preciso. Fiz um esforço para esquecer os ladrões, racistas e pequenos criminosos com quem compartilhei um espaço tão apertado e fechado naquela época. As pessoas entravam e saíam de lá todos os dias. Não há como lembrar de alguém especificamente

Minhas mãos reflexivamente apertam o volante do Skyline.



De jeito nenhum.

Deus, você tem que estar brincando comigo.

Eu mexo o nome através da minha mandíbula apertada, balançando a cabeça. “Jared Viorelli. *Jared fodido Viorelli*.”

“Ahh, então ele estava dizendo a verdade. Você *o* conhece.”

“Sim, eu o conheço bem. Ele é um maldito mentiroso, Jericho. Eu nunca trabalhei com os policiais. Eu me recusei a tirar a porra de uma faca dele depois que apunhalou alguém no pescoço com ela. Os guardas acharam isso nele. Ele foi transferido e enviado para Edgecomb.” Goshen era ruim, mas no início era uma instalação de reformatório. Edgecomb, por outro lado, não. É uma instalação correcional completa, e a permanência de Jared lá teria sido muito legal, para dizer o mínimo. “Por que diabos você está dando ouvidos a esse cara?”

Jericho fica em silêncio por um instante. “As pessoas geralmente são mais sinceras quando estão com os dedos cortados, meu amigo. É preciso concentração para mentir de forma convincente quando você está prestes a perder um polegar. Jared foi *muito* convincente.”

“Ele é um fodido psicopata. Se eu estivesse trabalhando para os policiais, por que eles não te teriam trancado agora? Eu tenho dirigido carros para você por anos.”

Jericho não diz nada. Ele está quieto por um longo tempo. Demasiado longo. “É melhor você voltar para casa, *hijo*. Preciso te olhar nos olhos.”

“Foda-se você. Eu não posso voltar para casa. Você sabe que não posso. Estou no meio de alguma coisa.”

“Então seu amigo morre. Apenas por precaução, entende.” Ele desliga.

Eu não posso deixar Jake morrer. De jeito nenhum eu posso deixar qualquer coisa acontecer com Sasha também. Eu mando um texto, perguntando se está segura, perguntando se pode ficar sentada

por algumas horas. Eu odeio fazer isso. Odeio tentar priorizar meu amigo e a mulher por quem estou apaixonada, mas tem que ser feito.

Sasha: Eu estou bem. Na Ali agora. Eu não fui seguida.

Eu: Tem certeza?

Sasha: Positivo estava com alguém e estava de olho.

Não sei o que isso significa, mas não tenho tempo para fazer perguntas. Demoro trinta minutos para redirecionar e voltar para casa. O trânsito é um pesadelo, mas o Skyline é agressivo e eu também. Faço meu caminho pela cidade, não me importando mais com os policiais. Deixe-os tentar e me pegar. Apenas deixo que tentem.

Não há carros estacionados na frente da casa, mas não há surpresas. Jericho não é idiota. Ele deve ter estacionado seu carro a algumas quadras. Entro na casa, pronto para destruir o homem que machucou meu amigo, e imediatamente me deparo com quatro armas apontadas diretamente para minha cabeça. Parece que as pessoas estão realmente determinadas a me usar como prática de tiro alvo hoje. Jake está sentado no degrau do meio da escada, com a cabeça solta. Ele olha para cima e seu rosto está uma bagunça. Nariz quebrado. Olho roxo. Jericho está encostado no corrimão, digitando alguma coisa no celular. Ele não olha para cima. Não precisa. Por que precisa quando tem quatro de seus rapazes, quer dizer, filhos da puta, apontando suas armas para mim?

“Lugar legal que você tem aqui, Cuervo.” Ele toca, em seu telefone, respira e o coloca no bolso. “Estou feliz que voltou aqui antes de eu ficar entediado e quebrar as duas mãos da cadela.” Eu vejo o violão de Jake estilhaçado no chão. Jericho deve ter descoberto muito



rapidamente que ele era um músico. Quebrou seu instrumento para foder com ele. Melhor que ele quebrasse o violão do que as mãos de Jake, no entanto. Eu nunca teria me perdoado se ele perdesse a habilidade de tocar.

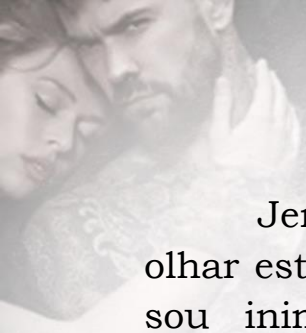
Minhas mãos estão coçando ao meu lado. Eu não me sinto assim há muito, muito tempo. Nem mesmo quando chutei a merda daquele viciado que estava tentando roubar meu pagamento. Quero ferir o filho da puta. Quero despedaçá-lo membro por um membro. As probabilidades estão contra mim, no entanto. Eu tenho que tentar jogar de forma inteligente.

“Quantos carros você acha que eu trouxe para você ao longo dos anos, Jericho?” Pergunto baixinho.

Um olhar de confusão atravessa o rosto de Jake. “Carros? Você realmente conhece esses caras?” Não deveria ser um grande choque para ele que eu faça isso. Ele sabe do meu passado. Sabe que eu dificilmente sou um cidadão modelo. Eu me levanto e me perco aleatoriamente por horas no meio da noite. Chego em casa sangrando, machucado e maníaco três noites da maldita semana. Ele é um pouco ingênuo, no entanto. Claramente mais que um pouco. Eu dou a ele um olhar de advertência. Um olhar: *mantenha a boca fechada*. Jericho encolhe os ombros, olhando para as mãos dele. Ele trocou a camisa de antes, mas suas mãos ainda estão cobertas de sangue. Há uma boa chance de que boa parte disso seja de Jake, mas aposto que o DNA de Jared Viorelli ainda está em torno de suas unhas também.

“Eu não pude contar, *hijo*. Faz algum tempo. Não guardo exatamente um registro dessas coisas, sabe?”

“Bem, eu tenho acompanhado. São quarenta e três. Quarenta e três carros. Quantos você acha que eu precisaria entregar a você para que os policiais fizessem uma prisão? Três? Cinco? Dez, talvez? Com certeza, porra, não precisaria quarenta e três. Aquele idiota brincou com você. E agora você está queimando pontes. Agora você está fazendo inimigos. Agora estou seria e fodidamente chateado.”



Jericho franze a testa, ambas as sobrancelhas juntas — um olhar estranho em seu rosto normalmente estoico e inexpressivo. “Eu sou inimigo de todos nessa cidade, Crow. E todas as relações comerciais terminam cedo ou tarde. É só uma questão de quando. E onde. E como. Eu admito... talvez eu tenha exagerado um pouco neste caso.”

“*Exagerou*? Vamos perguntar ao Jared se você *exagerou*. Eu vou matar esse filho da puta.”

“Eu tenho medo que isso seja impossível. O assunto já foi resolvido.”

Eu dou um passo à frente, meu pulso latejando nas têmporas, e os caras de Jericho, caras que abriram a garagem para mim incontáveis vezes, levantam suas armas um pouquinho mais, eriçando-se e mostrando os dentes.

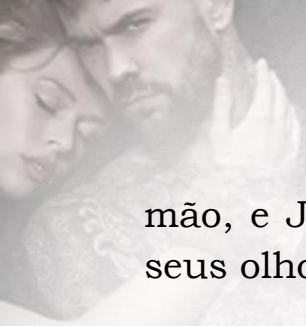
“Se acalmem”, assobio. “Eu não sou louco. Suponho que você destruiu todos os móveis da casa? Você achou alguma coisa para provar que Viorelli estava certo?”

Jericho balança a cabeça lentamente. “Eu encontrei cento e sessenta e três mil dólares debaixo de sua cama, no entanto. Poupando para um dia chuvoso, *hijo*? Sabe, esquivar essa quantidade de dinheiro pode parecer suspeito para algumas pessoas.”

Jake parece absolutamente atordoado agora. Cento e sessenta e três mil é uma merda de dinheiro. Entendi. “Isso importa?” Eu rolo meus ombros, estalando o pescoço. “Se você vai me matar, podemos continuar com isso? Se não, solte Jake. Ele dificilmente...”

No tempo que me leva par fazer uma pausa entre as palavras, a coisa mais estranha acontece. Jake, sentado no degrau com a boca aberta por um segundo, faz o impensável: ele fica de pé.

Os próximos três segundos são um borrão. De alguma forma, de algum lugar, Jake tem uma arma na mão. Um barulho ensurdecedor soa, e então um dos caras de Jericho está no chão, deitado em uma poça de sangue. Um momento passa. Jake olha para a arma em sua



mão, e Jericho e seus garotos olham fixamente para o cara no chão, seus olhos feitos de vidro.

"O que..."

Eu reajo. Não tenho escolha. Pego a arma que carreguei o dia todo, a que devo usar em Casper, e ela está na minha mão e estou puxando o gatilho. Um estalo de luz explode, branco e vermelho, e depois outro, e depois outro. Eles não são todos da minha arma. Eu estalo, dirigindo meu punho na garganta do cara mais próximo, que está girando, prestes a atirar em Jake. Ele cambaleia para longe de mim, a parte de trás de sua cabeça batendo na parede atrás dele. O espaço apertado dentro do corredor é uma confusão de corpos em movimento. Eu não posso dizer quem é quem. Alguém solta um som de dor, de surpresa, e depois há o som de outro corpo batendo no chão.

Outro tiro.

"*Foda-se*!"

Eu não sei de onde vem o choro. Pode ser Jake. Pode ser qualquer um dos outros homens. Tudo fica grudento, o tempo está diminuindo, minha visão se descontrolando pela fumaça e pelos braços e pernas, e vejo Jericho erguendo as mãos, mirando, prestes a atirar.

Eu venço o bastardo nisso.

Eu disparo; meu braço chutando para trás, e Jericho bate no corrimão, gritando.

É como se a realidade se encaixasse de novo, o tempo correndo para se recuperar, então. Todos se voltam para Jericho, que está caído no chão, soltando um suspiro angustiado e agonizante depois de respirar enquanto agarra seu peito.

Dois de seus homens estão mortos no chão. Os outros dois estão olhando para o chefe como se não pudessem compreender o que aconteceu ou o que deveriam fazer a seguir. E Jake...



Jake foi baleado também...

Ele segura uma das mãos em seu estômago, e o sangue escorre por baixo de seus dedos, grossos riachos de fluido carmesim escorrendo de seu corpo. Meu braço ainda está estendido, arma na mão. Jake também segura a sua na outra mão, um olhar de fúria fria em seus olhos.

"Corra, porra", ele sussurra.

"Você vai pagar por isso, *cabron*", um dos caras de Jericho. Alfonse. Eu acho que o nome dele é Alfonse. Sua irmã lhe traz o almoço na garagem todos os dias. Ele se inclina, pegando Jericho, mas eu o bloqueio.

"Não pense nisso, babaca." Se Jericho conseguir sair daqui, Jake e eu estamos fodidamente mortos. Alfonse e o outro cara atirarão na nossa cabeça assim que saírem da porta. Se tivermos o chefe deles e ele ainda estiver vivo, há uma chance de eles recuarem e esperarem para ver o que acontece.

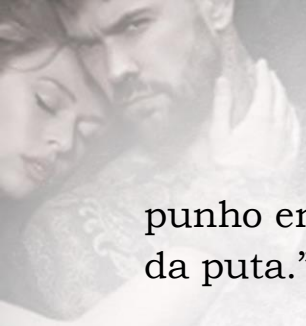
Alfonse cospe sangue em Jake. "É melhor deixar o estado, filho da puta." Ele aponta sua arma para Jake, depois para mim. "Nós temos você marcado."

"Vá", Jericho suspira. "Ele não vai me matar."

Ele tem muita certeza, agora. Eu realmente não vejo que tenho muita opção. Dificilmente vou contradizê-lo agora, no entanto. Alfonse e seu amigo passam por cima dos corpos de seus amigos mortos, e saem.

Tão fodidamente surreal. Quando a porta se fecha atrás deles, nós três trocamos olhares. *Como chegamos aqui? Isso foi realmente fodidamente inesperado. Para onde vamos daqui?*

O senso comum retorna muito rapidamente, no entanto. Eu passo sobre os homens mortos no meu corredor, e agarro Jericho pela garganta. Ele faz uma careta para mim, mostrando os dentes, a grade dourada ensopada e manchada de sangue. Eu não tento esconder meu



punho enquanto o puxo. “Acho que é hora de *você se* arrepender, filho da puta.”

Meu gancho direito o faz desmaiar.

***

Sangue na neve.

Deus sabe como ainda não há policiais ao longo da rua, mas o lugar está deserto. Uma mulher que anda com seu cachorro me observa carregando Jericho descendo os degraus da casa e sem piscar uma pálpebra. Jake está sangrando por todo o lugar; ele precisa de um médico e rápido. O Skyline está exatamente onde eu o deixei, estacionado diretamente em frente à casa. Jake abre a porta do passageiro traseiro, e eu coloco Jericho na parte de trás. Quase deixo seu corpo inconsciente quando vejo o que já está ocupando espaço no outro lado do console.

Uma cabeça.

Uma cabeça decepada.

Os olhos sem vida de Jared Viorello olham para mim, seu pescoço uma bagunça mutilada. Ele estava obviamente equilibrado no assento, mas o movimento de empurrar Jericho para trás empurra o carro e a cabeça cai, revelando sangue e tendões, ossos e tendões.

“Porra. *Eu...*” Dou um último empurrão em Jericho e fecho a porta. Do outro lado da rua, os amigos de Jericho estão encostados no parapeito de um andar. Alfonse aponta os dedos para mim — uma arma improvisada — e atira. “Uma hora. Se ele não estiver de volta na garagem em uma hora, você é um homem morto”, ele grita. “Suas garotas. Suas famílias. Seus amigos. *Todos. Fodidamente. Mortos.*”

Três segundos depois, Jake e eu estamos rodando através da neve em um Nissan roubado com um líder de gangue inconsciente e uma vítima de assassinato decapitada como carga.



“Quão ruim está isso?” Eu tento puxar as mãos de Jake de seu estômago, mas ele as segura lá com força. Ele está fantasmagoricamente pálido e tremendo.

“Tão ruim quanto você esperaria”, diz ele uniformemente. “Eu fui baleado no abdômen. Provavelmente estou morrendo. Você pode dizer.”

“Dizer o quê?”

“Eu nunca deveria ter agarrado a arma daquele cara. Eu deveria ter ficado sentado. Eu deveria ter...”

“Cala a boca. Agora mesmo. Cale a boca. Isso é comigo, não com você.” Eu soco o volante, rosnando baixinho. Isto não é bom. Isso é sério pra caralho. “Não se preocupe. Vou te consertar.”

Margot é a última pessoa que vai querer me ver agora, especialmente depois do encontro desta tarde, mas não há outras opções. Jake desmaia na jornada para a casa dela. Estaciono no terreno debaixo do prédio dela, e então puxo o corpo inerte de Jericho para fora do banco de trás e o levo para o porta-malas. Skylines não são conhecidos por seu espaço de armazenamento grandes; são necessárias três tentativas para fechar a maldita coisa. Eu tiro meu casaco e o jogo sobre o corpo de Jared, ainda no banco de trás, e depois levo meu melhor amigo para os elevadores. Seu ferimento a bala parece ter parado de sangrar agora, e tenho quase certeza de que isso não é bom. Ele provavelmente está sem sangue.

No quinto andar, fico de pé do lado de fora da porta onde estive praticamente há algumas horas atrás, e faço tudo de novo. Bato meu punho contra a madeira até que Margot abre. Ela olha para mim e balança a cabeça.

“Oh não. De jeito nenhum. *Você tem que estar brincando comigo.*”



CAPÍTULO 28

A PONTE

SASHA

Um bule observado nunca ferve. Quantas vezes ouvi isso durante a minha vida, e por que continuo olhando para esse maldito telefone celular? Eu fisicamente não posso me parar. Ele não ligou. Não mandou uma mensagem. Já faz três horas e não ouvi nada dele.

"Pode chorar em voz alta, Sasha, pare de saltar seu joelho. Você está me deixando nervosa." Ali coloca a terceira xícara de café que fez para mim na mesa de café, lançando um olhar de ódio para Andrew no processo. Ele está de pé na janela, olhando para a rua, de costas para nós, mas tenho certeza que deve ser capaz de sentir o fogo e o enxofre que Ali está enviando. Ele não disse mais que três palavras desde que chegamos aqui.

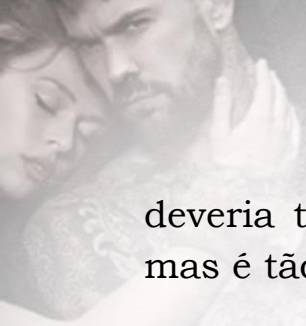
"Você vai me dizer o que está acontecendo?" Ali sibila. "O que diabos *ele* está fazendo na cidade?"

"Eu posso te ouvir, sabe. Eu vim porque estava preocupado com Sasha. Isso é um crime?"

"Um pouco tarde para mostrar seu lado sensível agora, não é?" Diz Ali.

Minha cabeça está girando e sinto-me mal do estômago. Estou enlouquecendo de preocupação. "Parem! Simplesmente parem, por favor. Jesus. Vocês estão me deixando louca. Vocês dois podem, por favor, apenas... O silêncio ensurdecedor seria melhor do que vocês dois brigando."

Ali se senta, me dando um olhar gelado. Ela está apenas tentando me proteger, eu sei, mas estou muito tensa agora. Eu não



deveria ter surtado. Deveria estar mantendo minha cabeça no lugar, mas é tão difícil quando...

Meu celular explode pra vida. Eu quase o deixo cair na minha pressa de responder, a adrenalina disparando como gasolina pelo meu corpo. “Olá? Rooke, Deus, onde você está?”

“Senhora Connor?” A voz do outro lado da linha não pertence a Rooke. Pertence a alguém muito mais velho, muito barulhento, se isso for humanamente possível. A esperança que acabou de inundar meu corpo se desintegra num piscar de olhos. “Senhora. Connor, sou o detetive Jacobi. Você pode se lembrar que nos conhecemos no hospital recentemente?”

Jacobi. Como eu poderia esquecer? Eu não posso esconder a decepção na minha voz. “Como posso ajudá-lo, detetive?”

“Achei que você gostaria de saber que apreendemos o homem que invadiu o museu e agrediu você. Seu nome é Casper Reins. Um ex-fuzileiro naval. Ele foi encontrado vagando pelas ruas nas primeiras horas da manhã, desorientado e gravemente ferido.”

Eu me inclino para frente, os cotovelos nos joelhos, prendendo o telefone contra o lado da minha cabeça, incapaz de piscar. “Você o encontrou? Ele está sob custódia?”

“Sim. Ele sofre de esquizofrenia severa. E você estava certa. Você o acertou muito forte de acordo com sua aparência. Ele foi internado no Monte Sinai esta manhã.”

“Estou em apuros?”

“Não. Você estava se defendendo. E ele admitiu ter matado a guarda de segurança. Ainda há alguns papéis que precisam ser...”

Ele fala do outro lado do telefone por um tempo, mas quem sabe o que diz. Eles o têm. O policiais tem Casper. O alívio que sinto é esmagador. Eu mal posso recuperar o fôlego. Não me preocupo mais que vou acordar no meio da noite e ele estará lá, parado ao pé da minha cama. Não mais olhando por cima do meu ombro.



Então, onde está Rooke?

“Senhora Connor? Eu não entendi bem isso.”

Eu devo ter feito a pergunta em voz alta. “Eu sinto muito. Não é nada, eu posso passar pela delegacia daqui a alguns dias? Estaria tudo bem?”

“Sim, apenas, por favor, não fale com a imprensa até que tenhamos feito uma declaração oficial.”

“Eu não vou falar.” Desligo e imediatamente verifico meu telefone. Nenhuma chamada perdida. Sem mensagens. Fecho meus olhos.

“Alguém poderia me dizer o que diabos está acontecendo?” Esta é a melhor voz autoritária de Andrew. O banqueiro de investimento, sua voz de *eu-ganho-seis-dígitos -no-Texas*.

Ali limpa a garganta. “Sasha está namorando um ex-presidiário de 23 anos com uma queda por romances.”

Eu poderia matá-la.

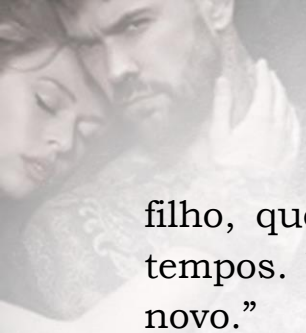
“O que? Isso é verdade?”

Abro os olhos e Andrew finalmente se afastou da janela e está olhando para mim como se eu fosse uma estranha. Eu sou uma estranha para ele agora. Nós compartilhamos um passado uma vez, mas agora somos pessoas diferentes. Nós não nos reconhecemos mais. De repente, estou impressionada com a terrível percepção de que nunca o amei. “Isso... isso é tão imprudente, Sasha”, ele repreende. “Honestamente, eu sabia que você estava lutando, mas isso é ridículo. Como você pode...”

“Foda-se, Andrew.”

“Perdão?”

“Eu disse, foda-se... Andrew. Saia Agora!” Ele pisca, suas pálpebras fechando, enquanto claramente tenta processar o que estou dizendo. “Volte para o Texas, volte para Kim. Volte para o seu novo



filho, que vou me recusar a chamar de Christopher até o final dos tempos. *Vá*. Eu não quero você aqui. Nunca mais quero ver você de novo."

Ali faz um som de asfixia quando menciono seu novo filho. Ela salta de sua cadeira, seus braços levantados como se estivesse entrando em ação, mas realmente não sabe o que deveria estar fazendo. "*Você tem outro filho*?"

"Você mudou", sussurra Andrew. "Você ainda está bebendo?"

Eu atravesso a sala e lhe dou um tapa no rosto. Cansei de falar com esse homem. Cansei de olhar para o rosto dele. Cansei de respirar o mesmo ar de merda que ele. Se ele não vai sair, então eu vou. Eu me viro e saio. Ali me chama, mas não paro. Eu deixo seu apartamento, e meu corpo parece muito mais leve. Andrew tem isso vindo há muito tempo, e o conhecimento de que Casper está sob custódia da polícia é quase o suficiente para me fazer chorar. Minhas costelas, meu rosto, minha perna... tudo parece quase de voltar ao normal. Tudo o que preciso agora é que Rooke apareça e realmente acredito que esse pesadelo está prestes a terminar.

Não tenho pressa para chegar em casa. Quando neva assim em Nova York, a cidade continua pulsando e zunindo, sempre seguindo em frente, acelerando ao ritmo de um tambor persistente. A batida do tambor diminui um pouco, no entanto. As pessoas parecem um pouco mais conscientes do seu entorno. Das outras pessoas na rua. Da fumaça, do vapor e do frio, do jeito que faz você se sentir vivo.

Ando devagar, lembrando das vezes em que voltei de lá com Christopher. Eu sempre me perguntei como ele percebia o mundo sem todo o barulho caótico; parecia-me, mesmo naquela época, que a vida pareceria muito mais calma sem as sirenes, os guinchos dos pneus, o barulho das pás dos helicópteros e a tagarelice dos vendedores ambulantes. Ele assistia, estudando as ruas e as casas ao seu redor muito intensamente. Ele realmente olhava para as pessoas, seus rostos e suas mãos. Ele via muito mais do que a maioria das pessoas.



Deus, sinto falta dele.

Estou quase em casa quando um Audi prata se ergue ao meu lado. Eu não acho nada a princípio, mas quando a janela zumbe e um cara de cabelos escuros se inclina, vejo que sua camisa está salpicada de sangue e realmente começo a pensar.

”Ah, senhorita Connor”, diz ele com uma voz fortemente acentuada. “Você é muito mais bonita do que a fotografia no verso de seu livro, *hermosa*.”

***

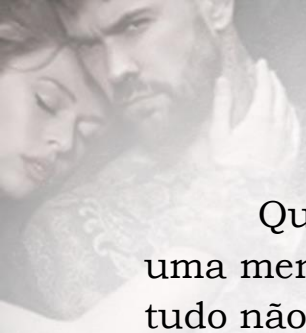
ROOKE

Jericho se foi.

Não é difícil abrir o porta-malas de um carro por dentro e ele trabalha com carros desde sempre. Se alguém conseguiria fugir do porta-malas de um automóvel, então é esse homem. Eu amaldiçoo quando fecho a porta. Haverá o inferno para pagar pelo que aconteceu esta tarde. Ele não vai me pegar dormindo, no entanto. De jeito nenhum. Se ele ainda não sangrou e morreu em um banco de neve em algum lugar, se de alguma forma voltou para a garagem, vou estar pronto para ele.

EU: Você ainda está na casa da Ali?

Não há indicação de leitura de Sasha. Nenhum pontinho que mostre que ela está digitando. Eu tenho uma sensação doentia e distorcida na boca do meu estômago e ela me diz que preciso encontrá-la. *Agora*.



Quando Ali abre a porta no endereço que Sasha me mandou uma mensagem mais cedo, posso ver pela expressão no rosto dela que tudo não está bem. “Onde ela está?” Eu exijo.

“Eu não sei. Ela teve uma briga com Andrew e...”

“*Andrew*?”

“Sim. Ele apareceu. Queria ter certeza de que ela estava bem depois de tudo com aquele cara. Os policiais telefonaram e disseram que o pegaram, ele está no hospital.”

Que porra está acontecendo agora? Eu estava destinado a lidar com Casper. Estava destinado a distribuir a justiça para ele, e agora a polícia o tem? Bem, foda-se. E, além disso, apenas participei matando dois membros de gangues, meu melhor amigo está sangrando até a morte em um hospital de mentira e não sei onde minha namorada está.

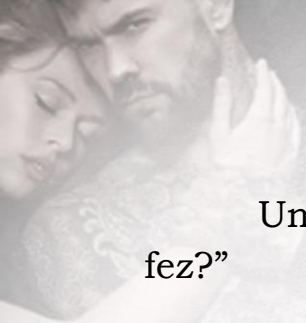
“Quando você a vir, diga a ela que estou com raiva dela”, Ali fala quando saio.

“Não”, murmuro sob minha respiração.

Quando volto para a rua, um carro da polícia está parado do lado do Skyline e há dois policiais ao lado do veículo, olhando através das janelas. Um deles está falando em seu rádio. Meu rosto é uma máscara em branco enquanto casualmente deixo o prédio de apartamentos de Ali e continuo andando pela rua passando por eles. É só depois que estou na esquina que me deixo ficar puto que minha condução se foi. E então quase meio quarteirão depois, quando o medo começa a afundar. Jared. Minha jaqueta está escondendo sua cabeça desmembrada no banco de trás. Ótimo.

Eu ligo para Sasha, mas o celular dela só toca. Eu a chamo de novo, o frio apunhala meus pulmões, meus pés congelando da neve. Eventualmente, ela atende. Só que não é ela que responde.

“Você está muito atrasado, Cuervo.”



Um medo indescritível me prende por dentro. “O que é que você fez?”

“Nada. Ainda. Mas quando chegar aqui, sua linda namoradinha estará longe.”

“Jericho, deixe-me falar com ela. Eu preciso falar com ela.”

“Eu precisava que você não atirasse no meu peito e me enfiasse no porta-malas de um carro esportivo de merda, mas veja como isso aconteceu. Nem sempre conseguimos o que precisamos, hein, Cuervo?”

“O que você vai fazer?” Bile está sobe na parte de trás da minha garganta, queimando, fazendo minha garganta fechar. Eu vou matá-lo. Se ele machucar um fio de cabelo na cabeça dela... Se ele olhar para ela errado...

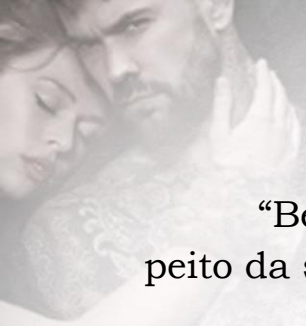
“*Rooke*!”

Ouço o grito de pânico de Sasha do outro lado do telefone; ela parece aterrorizada. Deus, eu quero voltar. Houve um momento esta manhã, pouco antes do sol nascer, quando estava deitado ao lado dela, nua, acariciando seus cabelos. Eu tomei uma decisão. Em vez de ficar na cama e curtir aqueles momentos tranquilos com ela, escolhi a raiva. Escolhi retribuição. Escolhi vingança. E agora, parece que essa decisão vai matá-la. Se eu tivesse ficado na cama com ela, nunca teria estado na garagem. Jared não teria sido capaz de dizer aquela mentira idiota e maldita, e Jericho nunca teria vindo me encontrar em casa.

Uma cadeia de eventos foi desencadeada pela decisão que tomei. Uma cadeia de eventos que nunca serei capaz de desfazer. Os dados foram lançados. As rodas para minha destruição estão em movimento. Se ela morrer...

“Se você quiser uma pequena aposta, é claro que isso sempre pode ser providenciado.”

Um silêncio estrondoso varre através de mim. Jericho e suas apostas. Ele sempre honra suas apostas, mas nunca é uma aposta justa. “O que está sugerindo?”



“Bem vamos ver. Você me atirou no peito, eu poderia atirar no peito da sua namorada também. Ver se ela morre.”

“Ou?”

“Ou eu poderia atirar no peito dela e empurrá-la da ponte do Brooklyn para o East River e me esquecer de ver se ela morre. Eu fiz algumas pesquisas sobre o seu lindo museu algumas semanas atrás, Cuervo. Você sabia que ela já deu um mergulho nesta ponte? Um milagre, eles chamaram. Ninguém sobrevive a queda. Ela estava no carro, no entanto. Deve ter amortecido o golpe um pouco. O que você acha que vai acontecer com ela sem isso?”

Deus. Ele a colocou na ponte. Eu não estou tão longe, mas quanto tempo levará para ele seguir com suas ameaças? Ele não pode empurrá-la. Droga, ele não pode. Ela não está destinada a morrer assim. Ela já passou pelo trauma uma vez, só para sobreviver. Jericho está certo; foi um milagre que ela sobreviveu. Ela não vai ter essa sorte novamente.

“Então. Sua amada, Crow. Você decide qual vai ser. Cabeça, só atiro e deixo na passarela. Ou eu atiro nela e a jogo água. É realmente com você. Estou esperando que escolha na cabeça, no entanto. Quem sabe? Talvez você consiga chegar aqui a tempo de salvar sua vida. Talvez alguém a encontre e chame uma ambulância.”

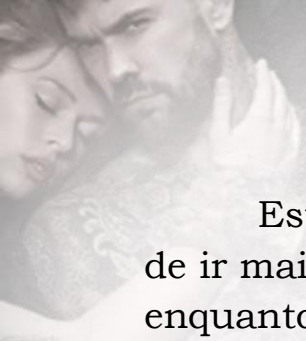
“Eu não vou escolher, filho da puta.”

Jericho faz um som desapontado. “Ahh, isso é uma pena. Você sabe como gosto de uma boa aposta. Não importa, no entanto. Está ficando tarde e estranhamente estou me sentindo um pouco tonto.”

Ouço a arma disparar. Ouço o grito.

A linha fica muda.

***



Estou correndo. Meus pés não conseguem aguentar meu desejo de ir mais rápido. Deslizo na neve. Buzinas de carros gritam para mim enquanto cegamente atravesso as ruas iluminadas com faróis. Tenho que chegar até ela. Tenho que chegar na ponte.

A ponte…

A ponte…

A ponte…

Meu coração está pronto para explodir quando chego no meu destino. De que lado eles estão? *Qual lado?* Quão longe eles estão? Jericho não teria abandonado seu corpo na água. Não, ele sabe que estou vindo por ela. Ele é certificadamente insano, mas também é um pragmático. Se ele puder se livrar de Sasha e de mim ao mesmo tempo, ele vai esperar. É mais limpo e menos bagunça para cuidar.

A neve está caindo tão rápido que, em vez de derreter instantaneamente como normalmente faria na ponte, ainda é espessa no chão. Um banco alto de neve foi montado ao longo da passarela. A noite se encerrou, e uma faixa de luz amarela vai em uma direção através da ponte, enquanto uma faixa de vermelho flui na outra.

"*SASHA*!" Eu não posso vê-la. Eu não posso vê-la em lugar nenhum. Ela tem que estar aqui. Há muitas pessoas ao redor. Jericho nunca atiraria em alguém em público, depois jogaria sobre as grades. Muito arriscado. Perigoso demais. Muito...

"*Rooke*!"

Ali estão eles. Apenas Alfonse e Jericho. Entre eles, encostada na grade, Sasha está presa, lutando como um animal selvagem, tentando se libertar. "Rooke, não faça! Não faça isso!"

Ela deve reconhecer o olhar selvagem e desgastado em meus olhos. Eu me sinto imprudente, como se não pudesse confiar em mim mesmo para não fazer a escolha errada agora. Meus punhos nunca me decepcionaram antes, mas essa situação é diferente; eu não posso entrar lá, dando socos. Cuidadosamente. É assim que preciso abordar

isso. Mesmo que cada fibra do meu ser esteja cheia de raiva, tenho que proceder com cuidado.

"Tempo recorde, Rooke. Você está um pouco sem fôlego, não?"

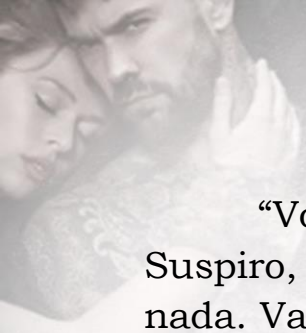
"E você está um pouco pálido, chefe. Você precisa se ajoelhar?" Eu não deveria desafiá-lo. Alfonse zomba. Quando olho mais de perto, vejo que ele está segurando uma faca casualmente contra o lado de Sasha, fora da vista dos carros que passam. Os olhos de Sasha estão arregalados. Ela parece tão assustada, mas não parece ser ferida. O tiro que ouvi no telefone deve ter sido teatral por parte de Jericho. Seu cabelo flutua ao vento, chicoteando em torno de seu rosto. Sua jaqueta está coberta de neve, espessa em seus ombros. Eles estão aqui a algum tempo.

"Eu não sou um homem irracional", Jericho diz pensativo. "Eu sou um bom católico. Acredito em perdão, quando é procurado a sério. O que você acha, Rooke? Você acha que pode me convencer de que está arrependido de como as coisas aconteceram antes? Que realmente se sente mal pelo que aconteceu com Michael e Mateo?"

"Eu duvido." Eu não estou jogando com ele. Ele não tem interesse em me fazer implorar pela vida de Sasha. Se eu o conheço, ele quer que eu faça uma oferta — negocie minha própria vida pela dela. Se é isso que ele quer, então ele pode tê-lo. Quanto a minha vida vale sem ela? Absolutamente nada. Eu ficarei feliz em me entregar, contanto que ele a solte. Ele pode atirar em mim no intestino e me deixar cair na água gelada abaixo, se é assim que tem que ser. Eu não confio nele para deixá-la viver, no entanto. Eu preciso vê-la se afastar disso.

E isso significa que provavelmente vou ter que lutar.

Jericho aponta para todo o tráfego chicoteando em um borrão confuso. "O que você acha, *hijo*? Você acha que algum deles vai parar para ajudá-lo? Você acha que eles podem até nos ver de pé aqui na ponte com toda essa neve no caminho? Está escuro. Está frio. Todo mundo quer chegar em casa para suas famílias, para seus jantares e suas camas quentes."



“Você não acha que isso ficou um pouco fora de lógica?” Suspiro, balançando a cabeça. “Deixe Sasha ir. Ela não fez nada. Vamos apenas apertar o botão de reajuste. Eu vou voltar a roubar carros para você. Você vai parar de tentar assassinar as pessoas que me interessam. É justo?”

Jericho apenas ri. “Nada como um botão de reajuste em nosso mundo, Rooke. Todos nós temos excelentes memórias e mentes suspeitas. Toda vez que olhar para você, vou estar me perguntando se você está me traindo. Eu vou sentir a queimadura no meu peito de onde atirou. E toda vez que eu olhar para você, vou ver este pequeno presentinho aqui e ficarei triste por não tê-la matado. Ou pelo menos tê-la fodido.”

“Ainda há tempo, chefe”, diz Alfonse, zombando. “Estupre a cadela. Faça-o assistir. Isso vai servir por matar nossos garotos.” Ele está tentando me fazer reagir, e eu quero. Realmente, fodidamente mal. Perder minha cabeça agora seria desastroso, no entanto. Em vez disso, lentamente viro a cabeça para olhar para ele, enviando-lhe um olhar carregado de promessas.

Eu vou te machucar.

Vou arrancar sua língua.

Vou te fazer sangrar.

Vou fazer você desejar nunca ter nascido.

Vou acabar com *você.*

Alfonse obviamente não está me levando a sério. Ele ri, pressionando a faca mais perto do lado de Sasha, e ela congela, ficando absolutamente imóvel. Minha linda, preciosa e quebrada Sasha. Ela parece que está preparada para o que vem a seguir. Ela está com medo, mas também há um olhar cansado e resignado em seus olhos enquanto olha para mim. É como se ela estivesse me dizendo que está tudo bem, que está bem com o que quer que venha a seguir. E *não está* tudo bem, no entanto. Eu *não* estou bem com o que vem a seguir.



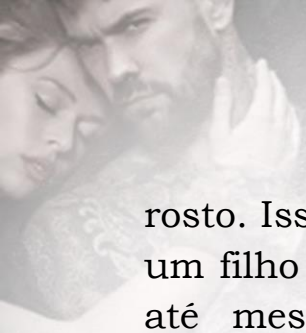
Eu não faço planos. Desde o meu décimo oitavo aniversário, recusei-me a olhar para além dos próximos dias da minha vida. O desconhecido sempre me atraiu, e além disso... qual é o objetivo de olhar para o futuro quando sua liberdade pode ser retirada a qualquer momento? As coisas foram diferentes com Sasha, no entanto. Eu me permiti espiar além da próxima semana. Do próximo mês. Do próximo ano, até. Eu me permiti imaginar uma vida com ela e é uma boa vida. Não vou desistir. Eu me recuso. Vou desistir de trabalhar para a elite do submundo de Nova York. Vou desistir do dinheiro. Eu vou desistir da emoção e da adrenalina. Vou desistir de tudo antes de sacrificar a chance de fazê-la feliz.

Sasha trava os olhos em mim e não desvia o olhar. Um plano se forma em minha cabeça durante os breves momentos em que estamos encarando um ao outro. É um plano horrível, mas vai ter que ser feito. Deixei minha arma no Skyline. Eu ainda tenho as facas de arremesso que tirei da minha mochila antes de sair de casa, no entanto. Eu só vou ter que esperar que minha mira seja boa.

"Estupro nem sempre é a resposta", diz Jericho, em tom de censura. "E Deus sabe onde sua buceta esteve, de qualquer forma. Parece um pouco ... usada." Ele passa a mão pela bochecha de Sasha, e ela recua, desgosto escrito em todo o rosto. Eu tenho sede por sangue e está me queimando. Eu nunca conheci tamanha raiva. Ele não deveria estar tocando nela. Não deveria estar falando sobre ela. Ainda assim, não dou ao bastardo o que quer. Eu respiro através da insanidade que minha raiva traz, e faço um sinal com a minha mão. Um sinal que sei que Sasha verá, que significará algo para ela.

Ela me mostrou esse sinal na minha cama na noite passada. Ela tinha os braços em volta dos joelhos, o cabelo uma cachoeira escura e ondulada de chocolate e canela e mel em volta do rosto, emoldurando sua tristeza. Dinossauro. Elefante. Macaco. Pássaro. Mas não apenas pássaro. *Esquivo*.

Seguro meus dedos indicador e médio juntos, em seguida, bato-os contra a ponta do meu polegar. Eu não seguro minha mão no



rosto. Isso seria óbvio demais. Sasha vê, no entanto. Os anos de criar um filho e falar a linguagem de sinais com ele a tornaram susceptível até mesmo ao menor movimento de mão. Ela olha para mim, chocada; ela entende o que quero que ela faça, mas não parece feliz com isso. Ela balança a cabeça lentamente, com lágrimas nos olhos. Eu permaneço firme. Ela está com medo, eu sei, mas é mais corajosa do que acha. Ela pode fazer isso.

Jericho olha para Sasha, sorrindo de forma sádica. “Eu poderia cortar seu rosto. Talvez isso amolecesse o golpe para você, Cuervo. Se ela estiver desfigurada, talvez você não dê mais a mínima para ela.”

“Eu vou usar essa lâmina em *você*”, digo sombriamente. “Vou cortar seu pau e jogar *isso* no rio. Então vou deixar Sasha enfiar aquela faca entre suas costelas, e vou sorrir enquanto ela assiste você morrer. Como *isso* soa?”

“Parece que você está sonhando comigo, meu amigo.”

“Acho que vamos ver, não vamos?” Eu me movo rapidamente. Nem Jericho e nem Alfonse estão prontos para a faca que eu envio arremessada pelo ar. O lampejo de prata gira de ponta a ponta através da neve que cai, e então está colando a lâmina primeiro na lateral do pescoço de Alfonse. Sasha faz como eu fiz sinal para ela e esquiva-se; ela não precisa que eu grite o comando. Jericho solta um grito de raiva e a agarra, mas ele é um perdedor de quarenta e cinco anos que bebe e fuma demais, e eu passo três horas por dia lutando boxe e correndo pelas escadas. Meu corpo bate nele e antes que ele possa alcançá-la, se choca contra o alto corrimão de metal atrás dele. Logo eu estou golpeando meus punhos cerrados em seu rosto, repetidas vezes, não parando quando quebro o nariz, ou até mesmo quando sinto a órbita do olho quebrar. Eu não paro até que pequenos fragmentos de osso estão realmente voando no ar, e Jericho está fazendo um som gorgolejante e nauseante no fundo de sua garganta.

“Rooke? Rooke, pare, *por favor.”* As mãos de Sasha estão em mim. Ela está segurando meus ombros, tentando me afastar do corpo



no chão. Ela grita. Quando me viro, Alfonse a segura pela garganta e a está levantando para que seus pés estejam chutando no ar.

Isso. Não. Vai. Acontecer. Porra.

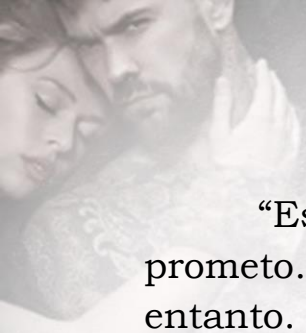
Eu vou para ele, mas não bato nele da mesma maneira que acabei de fazer com Jericho. Isso pode acabar com Sasha se machucando. Eu agarro a faca que ainda está enterrada na lateral do pescoço dele, e a puxo de seu corpo.

"Porra! Você acabou..." As palavras de Alfonse são interrompidas pelo sangue que está enchendo sua garganta. Ele é um grande filho da puta, no entanto. Ele não solta Sasha, e não cai. Eu o seguro pelo pescoço, e então dirijo a lâmina de volta ao seu corpo. Seu ouvido desta vez, no entanto. Eu bato a lâmina diretamente em seu ouvido. É como desligar um pouco de luz. Num segundo seu rosto é uma máscara de raiva, no próximo está em branco e ele está caindo de joelhos.

"Meu Deus. Puta merda. Oh meu Deus." Sasha cobre a boca com as mãos. Ela está em choque. Sua pele está branca como giz e seus dedos estão tremendo. Ela olha para cima e para baixo da ponte, as lágrimas escorrendo pelo rosto. "O que... o que fazemos..." ela gagueja. "Eu não sei o que devemos fazer..."

Eu a faço sentar e resolvo a situação. A iluminação aqui é tão fraca. O banco de neve, formando uma barrica entre a passarela da ponte e a estrada abaixo, é muito alto. Não penso nem por um segundo que alguém acabou de testemunhar o que aconteceu, mas tenho cuidado quando pego Alfonse pelos braços e o empurro por cima das grades. Sasha fecha os olhos enquanto me despeço de Jericho da mesma maneira.

"Isso não pode estar acontecendo. Isso não pode estar acontecendo. Isso não pode estar acontecendo." Ela recita isso várias e várias vezes enquanto me sento na neve ao lado dela. Há sangue por todo lado. Eu coloco meu braço em volta dela e a puxo para mim, apertando minha mandíbula.



“Está tudo bem. Tudo bem, baby, acabou agora. Eu prometo. Está tudo acabado agora. Não podemos ficar aqui, no entanto. Nós temos que nos mexer. Você pode andar?” Se ela não puder, vou carregá-la. Eu só preciso tirá-la desta ponte abandonada por Deus. Ela acena com a cabeça, no entanto. Fica de pé.

Demora muito tempo para voltar a minha casa. Quando chegamos, é para descobrir que a estrada está cheia de carros de bombeiros...

... e toda a minha casa está envolvida em chamas.



CAPÍTULO 29

SENTIDO E VISTO

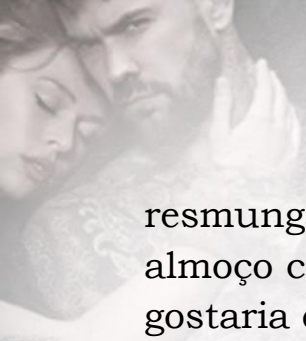
SASHA

"Você tem certeza de que está pronta para voltar ao trabalho, querida menina?" Oscar Blackheath está particularmente bonito em uma camisa de listras azuis e gravata borboleta hoje. Eu não consigo parar de encará-lo. Ele é o *avô* de Rooke. Isso não faz nenhum sentido. Eu viro as palavras repetidamente em minha cabeça, tentando entender como o velho é de alguma forma relacionado ao homem que deixei dormindo na minha cama esta manhã.

"Tenho certeza. Eu acho que é importante voltar. Eu estou entediada em casa de qualquer maneira. E eu não posso sair pulando nas sombras para sempre." Esta última afirmação é realmente muito boa. Rooke está trabalhando todos os dias na loja de antiguidades, tentando manter um senso de normalidade diante de toda a atenção que está recebendo dos policiais e dos bombeiros.

Honestamente, ele deveria estar recebendo mais atenção do que está. Ele me contou o que aconteceu lá com o homem que me sequestrou e me arrastou chutando e gritando para a ponte. Ele me contou sobre os dois cadáveres que deveriam ter sido descobertos dentro do prédio, mas não foram. Ele não tem ideia do que aconteceu com eles. Nenhuma ideia. É um mistério que assombra todos os momentos do meu dia. Eu sei que está incomodando Rooke também. Ele é tão duro e estoico como sempre, mas posso ver o conjunto firme de sua mandíbula toda vez que sua celular toca. Ele está apenas esperando. Esperando que algo aconteça, isso é um desastre para ele e para mim.

"Bem, eu não posso dizer que sinto muito por você estar de volta. Este lugar tem sido terrivelmente aborrecido sem você, minha garota." Oscar coça a parte de trás de sua cabeça, fazendo um som



resmungão sem compromisso. “Eu gostaria de convidá-la para um almoço comigo, mas tenho um compromisso anterior. Honestamente, gostaria de cancelar, mas...”

“Papai, aí está você.”

Oscar parece que foi atingido com mil volts. Ele se inclina para trás e sai do meu escritório para o corredor, virando-se para encarar uma mulher de aparência severa com uma expressão muito gelada no rosto. Seu cabelo castanho escuro, quase preto, está puxado para trás em um coque imaculado. Suas sobrancelhas são perfeitas. Seu vestido é Gucci. Sua bolsa é Prada. Os sapatos dela são Manolo Blahniks. Ela corre pelo corredor em nossa direção com uma graça que me faz pensar que deve ter sido uma modelo de passarela em algum momento de sua vida. “Eu estive procurando por você”, diz ela, dando a Oscar um beijo no ar na lateral de sua bochecha desgastada. “O porteiro do segundo andar disse que você estava em seu escritório, mas quando cheguei lá o lugar estava deserto.”

“Sim. Bem. Eu tenho que esticar minhas pernas de vez em quando. Ainda não quero fossilizar e juntar-me ao resto dos dinossauros.” Oscar parece perturbado por um segundo, depois sorri sombriamente. “Simone, esta é uma amiga minha muito querida, Sasha.”

A mulher vira seu olhar frígido para mim e quero me esconder debaixo da minha mesa novamente. Assim que vejo a cor dos olhos dela, percebo. Simone. Oh Deus. Ela arruma sua boca para o que geralmente pode ser descrito como um sorriso. “Ah sim. *Sasha*.” Ela me dá a mão para apertar. Seus dedos estão congelando. “Eu acredito que você conheça meu filho.”

Muito está sendo dito nessas poucas palavras curtas: ela sabe que estou *transando com* o filho dela. Minhas bochechas coram, fogo se espalhando pelo meu rosto. É meu primeiro dia de volta e tenho certeza de que não estou preparada para isso. Uma reunião com a mãe de Rooke não é algo que planejei para breve. Conhecer sua mãe sem ele é simplesmente aterrorizante.



“Conheço”, concordo, tentando manter meu queixo erguido.

Simone passa a mão logo acima do ombro de Oscar, e ele sorri levemente. “Papai, você poderia me fazer um favor e me dar um momento a sós com Sasha? Gostaria apenas de uma breve palavra com ela antes de sairmos para almoçar.”

Ele parece culpado pra caramba enquanto se arrasta pelo corredor. “Seja gentil com ela, querida. Eu gosto muito dela. Se você a eviscerar com essa sua língua afiada, ficarei muito descontente.”

O som da risada de Simone é como o toque de um minúsculo sino prateado. Uma vez que ele se foi, ela entra no meu escritório e o espaço de repente parece claustrofóbico. Ela aponta para a poltrona estofada no canto da sala, sobrancelhas até a metade da testa. “Posso me sentar?”

“Claro. Por favor.”

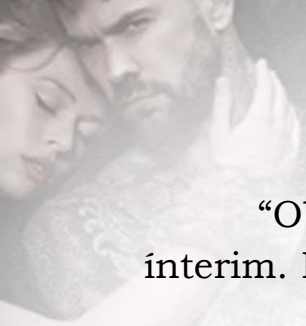
Ela dobra-se ordenadamente na cadeira, a bolsa repousa cuidadosamente em seu colo. Ela vasculha dentro do couro preto, um vinco suave marcando sua testa, até encontrar o que está procurando. Ela então segura uma única chave de prata para mim, unhas bem cuidadas piscando sob as luzes do teto. Mesmo as lâmpadas fluorescentes não podem fazer essa mulher parecer mal arrumada.

“Meu filho raramente atende seu telefone quando ligo para ele, Sasha. Eu queria saber se você poderia dar isso a ele. Não que isso seja muito bom para ele. Acredito que a casa dele está com falta da porta da frente hoje em dia?”

“E janelas. E escadas. E algumas paredes, na verdade.”

Ela encolhe os ombros de uma forma primitiva. “Uma vez que os responsáveis pelo seguro tenham fechado o caso no incêndio da casa, tenho certeza de que eles vão reformar muito rapidamente. Essas coisas podem levar tempo, no entanto.”

“Mmm.” Eu deslizo no meu bolso a chave que ela acabou de me entregar.



“Obrigada por permitir que ele fique com você nesse ínterim. Espero que ele não esteja te incomodando?”

“Ele não tem sete anos, Sra. Blackheath. Ele é um adulto. Estamos namorando. Ele definitivamente não está incomodando.”

Isso parece derrubar seu exterior calmo um pouco. “Sim. Bem. Eu não queria parecer obtusa. Me perdoe. Suponho que as mães sempre pensam em seus filhos como meninos, não importa quantos anos tenham.”

Ou quão alto sejam. Ou quantas tatuagens tenham. Rooke parece tão perigoso quanto é. Ela não pode ter perdido isso.

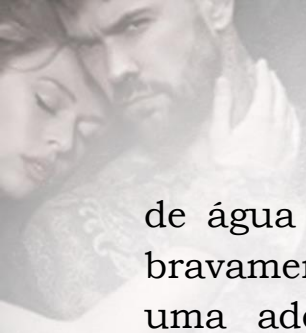
“De qualquer forma. Eu não quero te segurar. Eu só queria devolver essa chave. Foi muito bom te conhecer. Talvez em breve, Rooke a traga para casa e você possa encontrar a mim e meu marido de maneira formal.” Ela se levanta. Escova o vestido. “Enquanto isso, por favor, peça a ele que me ligue. Ele perdeu nosso café da manhã há algumas semanas, e eu estava começando a me perguntar se ele ainda estava vivo. Eu fiz uma visita, mas infelizmente ele não estava em casa na época. Por favor, diga a ele que espero que o serviço de limpeza que fiz em seu nome na semana passada não tenha passado dos limites.”

Inclinando a cabeça para um lado, ela repentinamente carrega uma semelhança surpreendente com seu filho. Ele frequentemente usa a mesma inclinação casual lateral da cabeça. “Foi realmente um prazer”, diz ela.

Seus saltos soam como tiros no piso enquanto ela sai atrás de Oscar.

***

“Limpeza?” Rooke franze a testa para a chave que entrego a ele quando chego em casa. Ele havia acabado de sair do banho. Grânulos



de água escorrem por suas costas, ombros, braços e peito. Eu luto bravamente, mas no final não posso me segurar. Eu me sinto como uma adolescente quando o vejo. Suas tatuagens são complexas, interligadas, tecidas por todo o corpo. São em sua maioria pretas, com um toque sutil de cor aqui e ali que acentuam a obra de arte. Seu corpo é gostoso pra caralho. Ele estava sorrindo quando entrei, um sorriso altamente sugestivo em seu rosto, mas agora parece estar preocupado.

"Eu não tinha ideia que ela tinha uma chave", diz ele em voz baixa. Sua estrutura trava inesperadamente, então, toda a expressão desliza de seu rosto. "*Foda-se.*"

"O que? O que é?"

"Serviço de limpeza? *De jeito nenhum.*"

"Penso que você vai ter que me explicar do que está falando."

"Serviço de limpeza. Pessoas como Jericho usam um serviço de limpeza. Os Barbieris também. *Ela* colocou fogo na casa. *Ela* moveu os corpos."

"*O quê*?"

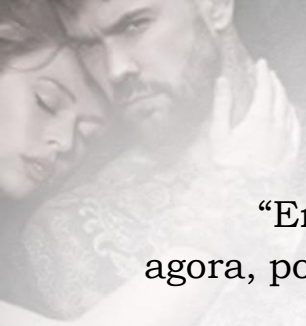
Ele se senta pesadamente, pressionando as palmas de suas mãos em seus olhos. "Deus. Tudo faz sentido. Tudo faz um sentido tão perfeito. Eu não posso acreditar nisso. Ela deve ter feito algo sobre o carro também."

"Que carro?"

"O que roubei e estava dirigindo pela cidade. Aquele com a cabeça de Jared Viorelli..." Ele quase diz alguma coisa, depois parece pensar melhor. "Deixa pra lá. Porra. Minha mãe descartou dois corpos e cometeu um incêndio criminoso. Meu mundo apenas mudou seu eixo um pouco."

"Isso significa que podemos parar de nos preocupar?"

"Sim. Sim, acho que sim."



“Então me leve para cima. Eu gostaria de alguma atenção sua agora, por favor.”

Uma sombra cai em seu rosto. Ele está quieto desde a ponte, e é óbvio o porquê. Ele não precisou explicar. Parece que isso pode ter mudado agora, no entanto.

“Sasha...”

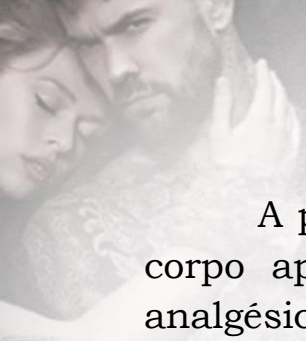
“Rooke, tudo bem. Eu não preciso ouvir isso. Eu não preciso do seu passe livre para sair da cadeia. Agora não. Nunca.”

Ele cobre meu rosto com suas mãos, inclinando-se para que sua testa esteja pressionada contra a minha. “Mas você deveria ter um. Você viu alguma merda naquela ponte. Eu adoraria dizer que não é quem eu sou, mas seria uma mentira. Isso é *exatamente* quem sou. O homem que matará sem pensar duas vezes para protegê-la. Isso faz de mim o cara que vai perder sua cabeça se alguém for rude com você? Sim. Isso significa que posso matar alguém por você? Mais definitivamente, sim. Eu não sou um ser humano fácil de estar por perto, Sasha. Este é o momento em que você pode me dizer que gostaria de ir embora.”

Eu gostaria? Acho que me fiz essa pergunta várias vezes nos últimos sete dias. Verdade seja dita, pensei sobre isso interminavelmente, e continuo voltando para a mesma resposta. Não, eu não quero me afastar disso. Assistir Rooke espancar um homem até a morte foi assustador, mas ele fez isso para me proteger. Devo ter ficado um pouco louca nas últimas semanas, porque algo que deveria me aterrorizar e me fazer querer correr para as colinas acabou me deixando segura e protegida. Quão fodido é isso?

“Como eu disse. Você pode guardar seu passe, muito obrigada”, sussurro.

Rooke fecha os olhos, respirando fundo. “Obrigado por isso, porra. Eu estava tentando descobrir como me impedir de te sequestrar e não estava indo bem.”



A porta da cozinha se abre e Jake aparece, os ombros rígidos, o corpo apoiado, uma xícara de café em uma mão e um pote de analgésicos na outra. Ele dá uma olhada para nós e finge fazer uma careta. “Jesus. Como um cara pode se recuperar com essa merda acontecendo? Vocês estão prestes a foder de novo, não é?”

“Você nem mesmo está bom para sair da cama”, eu lembro a ele.

“Sim, sim. Guarde isso para quando eu tiver três desses e não souber o meu próprio nome”, diz ele, segurando os analgésicos.

Eu tento não rir. “Estou feliz que ele está ficando melhor”, sussurro no ouvido de Rooke. Houve um segundo, logo depois que Rooke o trouxe de volta para cá, quando as coisas não pareciam boas. A temperatura de Jake estava nas alturas. Ele estava delirante, pálido como um fantasma e não conseguia parar de se levantar. Isso durou quarenta e oito horas preocupantes, e então nós acordamos na manhã seguinte e sua febre repentinamente cedeu e ele estava pedindo comida.

Rooke, meu corvo rei, envolve seus braços em mim e sussurra de volta: “Eu também. Mas ele precisa se masturbar e ir embora para que eu possa te foder na mesa.” Ele faz uma pausa, depois diz: “Além disso, tenho algo que quero te mostrar.”

Eu já ouvi isso antes dele. Suas sessões de mostrar e contar quase sempre acabam comigo de costas e sua cabeça entre as minhas pernas; dizer que sou uma fã dele é um eufemismo. “É isso, então?”

Ele me trata com o mesmo sorriso arrogante que me deu na primeira vez que o vi no corredor do museu. “Menina suja”, ele sussurra. “Isso é diferente. Eu posso te mostrar agora, se quiser?”

“OK. Certo.”

Com cuidado, Rooke levanta a mão direita, com a palma voltada para mim. Ele me olha diretamente nos olhos. Ele parece estar segurando a respiração. Dolorosamente devagar, ele abaixa o dedo do

meio e depois o dedo anelar, até que está apenas segurando o polegar, o dedo indicador e o mindinho.

Minha respiração fica presa na garganta.

Meus olhos estão tão doloridos que sei que vou chorar. Não há como evitá-lo. A última pessoa a sinalizar isso pra mim foi Christopher, antes de morrer. Cuidadosamente, espelho o sinal que ele fez com a mão e pressiono as pontas dos meus dedos nas dele, dedo indicador com dedo indicador, mindinho com dedo mindinho, polegar com polegar.

Rooke bufa pesadamente pelo nariz. Ele me beija suavemente, seus lábios patinando nos meus, me cutucando com a ponta do nariz. “Que bom que você não me deixou no vácuo, Connor”, ele sussurra baixinho.

Eu tento não deixar o momento me ultrapassar completamente, mas é difícil. O amor entre nós é fogo e gelo. É perda e é redenção. É dor e conforto. É tudo. Ter Rooke realmente me dizendo como se sente, especialmente do jeito que fez, é algo que vou lembrar para sempre, mas no final, a verdade é que eu já sabia. Afinal de contas, algumas coisas são sentidas e vistas muito antes de serem colocadas em prática.

Depois de tanto tempo, meu coração finalmente está se curando.

Pela primeira vez desde que emergi das águas frias do East River há cinco anos, sinto que posso finalmente respirar de novo.

